

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE TECNOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA CIVIL:  
ESTRUTURAS E CONSTRUÇÃO CIVIL**

**ANA PAULA SALES CAMURÇA PINHEIRO**

**MODO DE OLHAR:  
Metodologia para o estudo de moradias rurais**

**Fortaleza, 2011**

**ANA PAULA SALES CAMURÇA PINHEIRO**

**MODO DE OLHAR:  
Metodologia para o estudo de moradias rurais**

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Ceará.

Área de concentração: Construção Civil.

Linha de pesquisa: Habitação de Interesse Social.

Orientador: Prof. Dr. Luis Renato Bezerra Pequeno.

**Fortaleza, 2011**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca do Curso de Arquitetura

- 
- P718m Pinheiro, Ana Paula Sales Camurça.  
Modo de olhar: metodologia para o estudo de moradias rurais/Ana Paula Sales Camurça Pinheiro. – 2011.  
224f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Tecnologia, Centro de Tecnologia, Mestrado em estruturas e construção civil, 2011.
- Área de Concentração: Construção Civil  
Orientação: Prof. Dr. Luis Renato Bezerra Pequeno.
1. Habitação rural – Projetos e construção - Brasil . 2. Construção civil - Brasil. I. Título.

---

CDD 624.17

**ANA PAULA SALES CAMURÇA PINHEIRO**

**MODO DE OLHAR: Metodologia para o estudo de moradias rurais**

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Ceará.

Área de concentração: Construção Civil.

Linha de pesquisa: Habitação de Interesse Social.

Orientador: Prof. Dr. Luis Renato Bezerra Pequeno.

**Aprovada em 23 de Agosto de 2011.**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Luiz Renato Bezerra Pequeno – Prof. DSc. (Presidente)  
Universidade Federal do Ceará

---

José de Paula Barros Neto – Prof. DSc.  
Universidade Federal do Ceará

---

Daniel Ribeiro Cardoso – Prof. Dsc.  
Universidade Federal do Ceará

---

Denise Elias – Profa. DSc.  
Universidade Estadual do Ceará

Do povo,  
pelo povo,  
**para o povo.**

## AGRADECIMENTOS

Aos professores do Programa de Mestrado em Estrutura e Construção Civil da UFC, pelos conhecimentos compartilhados. De modo especial, ao Prof. Luis Renato Bezerra Pequeno, pelas descobertas, discussões e nortes, mas principalmente pela cumplicidade e parceria ao longo do caminho. Ao PET-Arquitetura/UFC, especialmente à Profa. Clarissa Sampaio e aos bolsistas Daniel Benevides, Renan Marinho e Teane Cavalcante, pelo encontro e apoio na pesquisa de campo. Aos professores do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFC, Marcondes Lima e Ricardo Bezerra, sempre disponíveis e solícitos durante esta trajetória. Aos professores do Programa de Mestrado em Geografia da UFC, particularmente aos Profs. Amaro Alencar, Levi Furtado e José Bozarchielo da Silva, pela possibilidade de intercâmbio entre as questões da engenharia, da arquitetura e da geografia. Ao Laboratório de Estudos Agrários da UECE, pelo apoio com os equipamentos para a coleta de dados. À Profa. Zulmira Bomfim, pela contribuição com os mapas afetivos.

Aos moradores da Lagoa Grande: Seu João e Dona Fátima, Francisco e Carlene, Martinha e Francisco, Marcleide, Dona Socorro, Seu Geraldo e Dona Liduína, Seu Manoel e Dona Lucinha, Seu José, Isa, Seu César, Seu Manuel e Dona Maria, Seu Ivan e Dona Ritinha, Seu Francimar e Dona Nilce, Dona Luíza (*in memorian*), Alex e Gercilda, pelas casas abertas, histórias contadas, lições aprendidas, cafés, merendas e almoços ofertados. Sou especialmente grata à Fatinha e à Dona Neusa, pelo acolhimento no seio da família.

À FUNCAP e à CAPES pelas bolsas concedidas para realização da pesquisa.

Ao Rodrigo Pinheiro, minha força e meu colo, pela sua presença na minha vida. À Dona Neide, mãe, acima de tudo. Ao Seu Camurça, pai, pelo acompanhamento. À Dona Toinha, vó, pelo exemplo. À Kel, irmã, pela paciência de escutar minhas leituras, pelo quarto cedido, por compartilhar a psicologia e pelo incalculável apoio logístico.

Ao amigo Davi Ramalho, pelas experiências compartilhadas. Aos amigos Rérisson Máximo, Cindy Braga, Débora Martins e George Lins, Tati e Guilherme Cantídio, Rosane Brito e Maximíria Holanda sempre interessados e ansiosos por este resultado.

À Deus, início e fim, para a sua glória.

"Só sei que **nada sei.**"  
(Sócrates)

## RESUMO

*Modo de Olhar: Metodologia para o estudo de moradias rurais* se insere na temática da moradia rural brasileira, uma vez que os estudos em torno da habitação popular têm priorizado o contexto urbano. Considera como problemática o estado atual da compreensão deste objeto de estudo, que se encontra fragmentada em seus aspectos específicos e dispersa em diversas áreas de conhecimento. Trata-se de uma temática ainda hoje pouco desenvolvida no campo científico. Por conta disso, esta pesquisa tem como objetivo geral o desenvolvimento de uma metodologia multidisciplinar para o estudo de moradias rurais, com o intuito de contribuir tanto para a melhor compreensão deste objeto como para o avanço da ciência, nesta temática. Para o alcance deste, foi estruturado um arranjo metodológico a partir da compreensão prévia tanto da moradia rural, com a identificação do *tipo como design* segundo os estudos de caracterização e diagnóstico e daqueles de caráter propositivo, como dos aspectos inerentes a este objeto, tendo como referência a sistematização empreendida por Malard (2005) e as características da autoconstrução segundo Pina (2004). O arranjo é composto por diferentes técnicas de pesquisa provenientes de diversas áreas, investigados na literatura científica e selecionados a partir da adoção de critérios. Em seguida, o arranjo estruturado foi aplicado em um caso, delimitado previamente, por meio do qual se pôde obter uma compreensão das moradias rurais da localidade estudada, que serviu de base para a análise do próprio arranjo proposto. A pesquisa gerou ao longo do seu desenvolvimento diversos produtos, dentre os quais se destacam a própria metodologia elaborada e a sistematização dos aspectos da moradia, que poderão ser utilizados em futuros estudos.

**Palavras-chave:** Moradia Rural. Arranjo Metodológico. Dimensões da Moradia.

## **ABSTRACT**

*Way of approaching: methodology for studying rural residences* which relate to the theme of Brazilian rural housing, considering that the previous studies have focused on the urban context. It aims on the problem of the present way of understanding the object of study, which is currently split into specific aspects and spread along different areas of knowledge. It consists on a theme yet not much developed in the scientific field. Consequently, the main goal of this research is to develop a method for studying rural residences with the purpose of contributing either for a better understanding of the object as for the progress of science itself. In order to reach the results, a methodological arrangement was structured considering the previous understanding of rural housing, including the identification of the *type as design* according to the studies of characterizing and diagnosis and those of proposing character, as well as the particular aspects concerning this object, taking as reference the systematization carried out by Mallard (2005) and the characteristics of self construction by Pina (2004). The arrangement consists of different research techniques that come from several science fields and are investigated into the scientific literature and chosen according to specific criteria. Afterwards, the arrangement was imposed on a particular case from which was possible to study the rural residences and it provided the basis for the analyses of the arrangement itself. The research generated many products along its development, specially the methodology itself and systematization of housing aspects, which can be used in future studies.

**Key-words:** Rural housing, methodological arrangement, residence measures.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Árvore da Habitação. _____	43
Figura 02 – Adequação do tronco Planejamento (MALARD, 2005) para o tronco Contexto. _____	45
Figura 03 – Adequação do tronco Construção (MALARD, 2005) para o tronco Modo de Fazer. _____	46
Figura 04 – Adequação do tronco Projeto (MALARD, 2005) para o tronco Feição. _____	47
Figura 05 – Adequação do tronco Uso. _____	48
Figura 06 – Sistematização dos aspectos da moradia. _____	49
Figura 07 – Exemplo de ficha de moradia, no banco de dados criado. _____	93
Figura 08 – Trajeto Fortaleza – Acarape Via CE-060. _____	110
Figura 09 – Estrada de acesso Côcos – Lagoa Grande. _____	110
Figura 10 – A paisagem no período seco. _____	110
Figura 11 – Ponte do Riacho do Simeão. _____	110
Figura 12 – Mapeamento da Vila do Justino. _____	111
Figura 13 – Casa vazia na Vila do Justino. _____	112
Figura 14 – Casa de veraneio na Vila do Justino. _____	112
Figura 15 – Ponto de comércio na Vila do Justino. _____	112
Figura 16 – Mapeamento do Cipó. _____	112
Figura 17 – Casa à venda no Cipó. _____	113
Figura 18 – Ponto de comércio no Cipó. _____	113
Figura 19 – Igreja católica do Cipó. _____	113
Figura 20 – Unidade Básica de Saúde da Família da Lagoa Grande. _____	113
Figura 21 – Escola de Ensino Infantil e Fundamental da Lagoa Grande. _____	113
Figura 22 – Unidade Básica de Saúde da Família, à época da construção (Nov/2010). _____	114
Figura 23 – Unidade Básica de Saúde da Família, no dia da inauguração (Abr/2011). _____	114
Figura 24 – Pontos de comércio localizados no entorno da escola. _____	114
Figura 25 – Milharal. _____	114
Figura 26 – Cajueiral. _____	114
Figura 27 – Pasto. _____	114
Figura 28 – Mapeamento do Centro – 1ª. Zona de Moradias. _____	115

Figura 29 – Mapeamento do Centro – 2ª. Zona de Moradias. _____	116
Figura 30 – Igreja católica da Lagoa Grande (Vista externa). _____	116
Figura 31 – Igreja católica da Lagoa Grande (Vista interna). _____	116
Figura 32 – Portão que dá "acesso" à lagoa. _____	116
Figura 33 – A lagoa no período seco. _____	116
Figura 34 – A lagoa no período de chuva. _____	116
Figura 35 – Mapeamento do Centro – 3ª. Zona de Moradias. _____	117
Figura 36 – Bar nas proximidades do campo. _____	117
Figura 37 – Quadra do Forró. _____	117
Figura 38 – Igreja evangélica. _____	117
Figura 39 – Mapeamento da Vila das Flores. _____	118
Figura 40 – Casa em construção na Vila das Flores. _____	118
Figura 41 – Casa em construção na Vila das Flores. _____	118
Figura 42 – Bar na Vila das Flores. _____	118
Figura 43 – Casa do Seu José: quarto do filho casado com acesso pela varanda. _____	121
Figura 44 – Casa do Seu José: espaço doado para casa do filho, após o nascimento do neto. _____	121
Figura 45 – Quintal da casa da Dona Marcleide (vendedora autônoma): criação de galinhas. _____	122
Figura 46 – Quintal da casa da Dona Isa (enfermeira): árvores frutíferas. _____	122
Figura 47 – Planta da casa da D. Isa conforme adquirida. _____	123
Figura 48 – Planta da casa da D. Isa após reforma. _____	123
Figura 49 – Planta da casa da Dona Marcleide conforme adquirida. _____	123
Figura 50 – Planta da casa da Dona Marcleide após ampliação: construção de novos cômodos. _____	123
Figura 51 - Interior de casas de alvenaria cerâmica, com acabamentos. _____	132
Figura 52 - Interior de casas de alvenaria cerâmica, sem acabamentos. _____	132
Figura 53 – Banheiros com revestimento cerâmico. _____	132
Figura 54 – Cozinhas com revestimento cerâmico sobre a pia. _____	132
Figura 55 – Casas de adobe, com acabamentos. _____	133
Figura 56 – Banheiros de casas de adobe. _____	133
Figura 57 – Pia externa em casa de taipa. _____	134
Figura 58 – Banheiro em alvenaria cerâmica em casa de taipa. _____	134

Figura 59 – Casa do S. Francisco, em Out/2010. _____	139
Figura 60 – Casa do S. Francisco, em Fev/2011 _____	139
Figura 61 – Planta embrionária de três cômodos. _____	140
Figura 62 – Planta embrionária de quatro cômodos. _____	140
Figura 63 – Planta embrionária de dois cômodos. _____	140
Figura 64 – Exemplos de ampliações da planta embrionária de três cômodos. _____	141
Figura 65 – Exemplo de evolução da planta embrionária de quatro cômodos. _____	141
Figura 66 – Casa em forma de cubo. _____	142
Figura 67 – Casa em forma de paralelepípedo. _____	142
Figura 68 – Casas com telhados de duas águas com caimentos laterais. _____	143
Figura 69 – Casas com telhados de duas águas laterais e alpendres lateral e frontal. _____	143
Figura 70 – Casas com telhados de duas águas laterais e alpendre frontal. _____	143
Figura 71 – Casas com telhados de duas águas com caimentos frente-fundo. _____	144
Figura 72 – Casas com telhados de duas águas com caimentos frente-fundo, com alpendres. _____	144
Figura 73 – Casas do tipo "porta e janela" _____	144
Figura 74 – Casas do tipo "com varanda". _____	145
Figura 75 – Alpendre de fundo. _____	145
Figura 76 – Alpendre lateral. _____	145
Figura 77 – Alpendre frontal. _____	145
Figura 78 – Casas do tipo "com alpendre", estando este em diversas configurações e localizações. ____	146
Figura 79 – Fachada principal da casa do Seu José, internamente dividida com a casa do filho. _____	146
Figura 80 – Salas de casas da Lagoa Grande. _____	147
Figura 81 – Sala de casa de dois cômodos. _____	148
Figura 82 – Quartos de casal de casas da Lagoa Grande. _____	149
Figura 83 – Quartos de filhos(as) de casas da Lagoa Grande. _____	149
Figura 84 – Cozinhas internas de casas da Lagoa Grande. _____	150
Figura 85 – Pia interna c/ instalação. _____	150
Figura 86 – Pia externa s/ instalação. _____	150
Figura 87 – Pia interna s/ instalação. _____	150
Figura 88 – Pia externa c/ instalação. _____	150

Figura 89 – Cozinhas externas de casas da Lagoa Grande.	151
Figura 90 – Salas de jantar de casas da Lagoa Grande.	151
Figura 91 – Banheiros de casas da Lagoa Grande.	152
Figura 92 – Depósitos de casas da Lagoa Grande.	153
Figura 93 – Corredores de casas da Lagoa Grande.	153
Figura 94 – Espaços externos.	154
Figura 95 – Casa-Comércio.	155
Figura 96 – Casa-Minifábrica.	155
Figura 97 – Coleta de água da chuva: calhas e cisternas.	155
Figura 98 – Diagrama das relações predominantes entre os "troncos".	161
Figura 99 – Diagrama da sistematização dos aspectos da moradia.	162

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Integração entre objetivos específicos, etapas e atividades. _____	21
Quadro 02 – Desenho do Arranjo Metodológico. _____	53
Quadro 03 – Categorização dos tópicos do esquema autogerador da narrativa. _____	65
Quadro 04 – Aspectos identificados por meio da Análise Parcial de Dados do Levantamento Físico. _____	72
Quadro 05 – Adaptação das etapas e dos instrumentos originais ao arranjo metodológico proposto. _____	74
Quadro 06 – Formas de utilização das fotografias em pesquisas qualitativas. _____	74
Quadro 07 – Questões da <i>projeção mental</i> no questionário proposto por Bomfim (2008). _____	77
Quadro 08 – Questões das <i>metáforas</i> no questionário proposto por Bomfim (2008). _____	78
Quadro 09 – Categorização das respostas no arranjo metodológico. _____	79
Quadro 10 – Exemplos de perguntas que podem ser utilizadas em entrevistas. _____	81
Quadro 11 – Exemplos de perguntas que podem ser utilizadas em entrevistas. _____	84
Quadro 12 – Classificação dos municípios de acordo com a produção de lavouras temporárias. _____	86
Quadro 13 – Informações constantes na ficha de cadastro do PSF. _____	88
Quadro 14 – Cronograma do mapeamento realizado. _____	89
Quadro 15 – Categorização dos tipos de elemento espacial de transição. _____	92
Quadro 16 – Informações inseridas e não-inseridas no banco de dados criado. _____	93
Quadro 17 – Relação entre técnicas de pesquisa e aspectos da moradia. _____	163
Quadro 18 – Arranjo metodológico redesenhado. _____	167

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Distribuição das moradias nas localidades da Lagoa Grande. _____	95
Tabela 02 – Moradias com relação ao tipo de elemento espacial de transição, no universo. _____	95
Tabela 03 – Moradias da localidade Centro, com relação ao tipo de elemento espacial de transição. _____	96
Tabela 04 – Moradias da localidade Cipó, com relação ao tipo de elemento espacial de transição. _____	96
Tabela 05 – Distribuição das moradias com relação ao tipo de elemento espacial de transição, na localidade Estrada. _____	96
Tabela 06 – Distribuição das moradias com relação ao tipo de elemento espacial de transição, na localidade Vila das Flores. _____	97
Tabela 07 – Distribuição das moradias com relação ao tipo de elemento espacial de transição, na localidade Vila do Justino. _____	97
Tabela 08 – Amostra composta por 15 unidades. _____	98
Tabela 09 – Amostra composta por 20 unidades. _____	98
Tabela 10 – Amostra composta por 25 unidades. _____	98

# SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>5</b>
<b>RESUMO</b>	<b>7</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>8</b>
<b>LISTA DE FIGURAS</b>	<b>9</b>
<b>LISTA DE QUADROS</b>	<b>13</b>
<b>LISTA DE TABELAS</b>	<b>14</b>
<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>16</b>
<b>2 JUNTANDO AS PEÇAS</b>	<b>22</b>
2.1 Estudo do <i>Tipo</i>	23
2.2 Do povo, pelo povo, para o povo	28
2.3 Moradias rurais brasileiras: o <i>tipo como design</i>	32
2.4 Dimensões da moradia	41
<b>3 ARRANJANDO</b>	<b>50</b>
3.1 O Desenho	51
3.2 Os Procedimentos	55
3.2.1 Leitura Espacial	55
3.2.2 Formulário e/ou Levantamento de Dados	57
3.2.3 Procedimentos de Acordo (Reports)	59
3.2.4 Entrevista Narrativa	61
3.2.5 Vestígios Ambientais	65
3.2.6 Mapa Comportamental	67
3.2.7 Levantamento Físico da Edificação	70
3.2.8 Mapa Afetivo	72
3.2.9 Entrevista Semi-Estruturada	79

<b>4 APLICANDO</b>	<b>83</b>
4.1 Delimitação do caso	83
4.2 Etapa 1	87
4.3 Seleção dos Entrevistados	94
4.4 Etapa 2	99
<b>5 O APRENDIZADO</b>	<b>108</b>
5.1 Moradias Rurais da Lagoa Grande	108
5.1.1 Zonas de moradia	111
5.1.2 As Famílias	118
5.1.3 Apropriação da Terra e Implantação da Moradia	121
5.1.4 A Economia da Construção	125
5.1.5 As Técnicas Construtivas e os Materiais	129
5.1.6 A execução	136
5.1.7 Identidade formal	142
5.1.8 A casa em suas partes	146
5.1.9 Juntando as partes	156
5.2 A Abrangência	160
5.3 A Síntese	163
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>168</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>170</b>
<b>APÊNDICE A: MATERIAL DE APOIO</b>	<b>175</b>
<b>APÊNDICE B: MAPAS GERADOS NA DELIMITAÇÃO DO CASO</b>	<b>197</b>
<b>APÊNDICE C: PRODUTOS GERADOS PELO TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS DA ETAPA 2</b>	<b>204</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A vinculação do tema *habitação de interesse social* ao contexto urbano é histórica, se iniciando com o próprio surgimento da preocupação com a precariedade das condições de moradia: no final do século XIX, quando se intensificam as atividades urbanas devido às transformações ocorridas nas atividades agrícolas (mecanização, modificação das relações de trabalho), gerando, nas cidades, “[...] uma aglomeração de trabalhadores mal-alojados que constituía uma grave ameaça à saúde pública” (BONDUKI, 1998. p.17).

Por conta deste vínculo, tanto políticas públicas como estudos científicos focaram prioritariamente a moradia social no contexto urbano (PICCINI, 1996), tendo isto se intensificado a partir da década de setenta, quando a população urbana ultrapassa a população rural. Deste fato, decorre a escassez de estudos voltados para a compreensão das moradias rurais, particularmente no que diz respeito àquelas das classes populares e, além disso, a desatualização de grande parte dos estudos existentes, produzidos principalmente nas décadas de 60 e 70.

Somente a partir da década de 90 é que surgem novas investigações a respeito da moradia rural, principalmente daquelas inseridas nos assentamentos e, portanto, no contexto da política de reforma agrária brasileira. Destes estudos, são predominantes as de caráter propositivo que, para o desenvolvimento das suas propostas, empreendem tentativas de compreensão da moradia rural na forma de diagnóstico. Estes, no entanto, são feitos de forma muito específica, limitados àqueles aspectos cuja compreensão se faz necessária para a elaboração da proposta intentada (ou um processo, ou um projeto de moradia, ou uma tecnologia construtiva, etc.), correspondendo, portanto, a uma compreensão fragmentada da moradia. Esta fragmentação ocorre também pelo fato de ser a moradia, em qualquer contexto, um objeto multidisciplinar, sendo interesse de diferentes áreas de conhecimento que focam este objeto de estudo ora de modo específico, investigando determinado aspecto, ora de modo mais abrangente, investigando um conjunto de aspectos e suas inter-relações.

Por todos estes motivos, a compreensão que se tem atualmente da moradia rural se mostra inadequada, uma vez que é proveniente de pouco estudos, muitos deles desatualizados, e de visões fragmentadas de certos aspectos cujas investigações

encontram-se dispersas nas diversas áreas de conhecimento. Desta forma, se faz necessário um esforço científico na busca de compreender a moradia rural brasileira enquanto objeto multidisciplinar, na sua atualidade, e a partir de uma visão sistêmica, abrangendo não somente o conjunto dos aspectos que lhe é inerente, mas também as inter-relações entre estes.

As constatações explicitadas acima se confirmam quando observamos os critérios de adequação de moradias, utilizados nos estudos do déficit habitacional. Na metodologia desenvolvida pela Fundação João Pinheiro (BRASIL, 2008b), o *Déficit Habitacional*, está diretamente ligado às deficiências quantitativas de estoque, enquanto que a *Inadequação de Domicílios* se refere às deficiências qualitativas, sendo habitações inadequadas aquelas que “não proporcionam condições desejáveis de habitabilidade, o que não implica, contudo, em necessidade de construção de novas unidades” (BRASIL, 2008b). Neste último, as moradias rurais não são contempladas, pois “Pelo conceito adotado, são passíveis de serem identificadas somente as localizadas em áreas urbanas” já que as áreas rurais “apresentam formas diferenciadas de adequação não captadas pelos dados utilizados”. (BRASIL, 2008b).

Se a compreensão que se tem atualmente das moradias rurais é insuficiente para a definição de critérios de adequação, inexistem bases tanto para o desenvolvimento dos estudos propositivos como para a implementação de políticas públicas, seja daquelas setoriais de habitação, seja das que acompanham a implantação de assentamentos. No entanto, atualmente tanto políticas como estudos propositivos e pesquisas participantes desenvolvem ações voltadas para a moradia rural em várias regiões do país, sem que tenha ocorrido, a nível teórico, uma continuidade ou um avanço na compreensão deste objeto de estudo na atualidade. Isto faz com que as pesquisas participantes, geralmente integradas com trabalhos de assistência técnica, empreendam um esforço extra na tentativa de caracterizar, por meio de diagnósticos, a moradia rural daquela localidade específica na qual atua, ao passo que as políticas públicas voltadas para a moradia do campo acabe reproduzindo as estratégias desenvolvidas para a moradia urbana<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> A necessidade de desenvolvimento do tema e a inadequação das políticas públicas voltadas para as moradias rurais foram ratificadas no *II Colóquio Habitat e Cidadania: Habitação Social no Campo*, ocorrido em maio deste ano, na Escola de Engenharia de São Carlos.

Por conta disso, fica claro que a compreensão da moradia rural deve se voltar para o estudo daquelas produzidas à margem das políticas públicas, e sem a intervenção de técnicos. Ou seja, deve-se buscar o estudo dos casos mais "puros", nos quais a moradia é produzida por meio da autoconstrução, sem assistência técnica, segundo as necessidades das famílias e de acordo com as suas condições e contextos. O estudo de tais moradias pode contribuir de modo significativo tanto para a formulação de políticas, como para o desenvolvimento de futuros estudos e para a atuação de pesquisas participativas e assistências técnicas, uma vez que, a partir destes casos de total desassistência, poderão ser percebidas as formas de autopromoção das moradias, quais as estratégias desenvolvidas pela família, o que é priorizado ao longo do processo, etc.

No entanto, antes do empreendimento de estudos para a compreensão da moradia rural, se coloca uma questão metodológica, sendo necessária a elaboração de uma metodologia por meio da qual se possa obter tal compreensão. Isto porque, como visto, os estudos são desenvolvidos de forma fragmentada, sendo aplicadas, em cada caso, técnicas distintas e com foco em certos tipos de dados, de modo bem específico.

Para empreender uma compreensão sistêmica e atualizada da moradia rural, se faz necessária a identificação do atual estado de compreensão deste objeto, ou seja, quais são as características da moradia rural brasileira segundo os estudos existentes, pois a partir desta compreensão poderá ser percebido o que permanece e o que se modifica nas moradias rurais, ao longo do tempo.

Além disso, o desenvolvimento de uma metodologia que possibilite a percepção não somente do conjunto de aspectos da moradia, mas também das inter-relações entre estes, pressupõe o conhecimento de quais são tais aspectos e relações, que se encontram dispersos nas diferentes áreas científicas. Se é por isso que se afirma que a moradia se constitui como um objeto multidisciplinar, entende-se que a metodologia para o seu estudo deve ter este enfoque, sendo composto por técnicas de pesquisa provenientes dos diferentes campos de conhecimento.

Por tudo que foi dito até aqui, esta pesquisa se insere no **tema** *moradias populares rurais*, estando delimitado àquelas produzidas por meio da autoconstrução não assistida, com o intuito de perceber como as famílias possibilitam a autopromoção das moradias nos casos de total desassistência, tanto por parte do Estado, como por parte de

técnicos. Diante do atual contexto de pluriatividade nas zonas rurais, o objeto de estudo não foi delimitado com relação a determinado tipo de público – geralmente especificado pelas atividades econômicas que desempenham – com o intuito de perceber os processos de autopromoção de moradias nas suas diversas circunstâncias.

A pesquisa tem como **objetivo geral** *contribuir para a compreensão da moradia popular rural enquanto objeto multidisciplinar, por meio do desenvolvimento de um arranjo de procedimentos metodológicos*, sendo necessária, para o seu alcance, a perseguição dos seguintes **objetivos específicos**:

- Identificar as características da moradia rural brasileira segundo a literatura científica existente;
- Investigar na literatura científica o conjunto de aspectos inerentes à moradia e suas inter-relações;
- Formular um arranjo metodológico multidisciplinar para o estudo de moradias rurais;
- Testar o arranjo formulado em um estudo de caso;
- Sintetizar o arranjo desenvolvido para a sua replicação em futuros estudos.

O planejamento dos procedimentos metodológicos para a realização desta pesquisa buscou a integração entre os objetivos específicos e as atividades desenvolvidas, estas organizadas em etapas. Os dois primeiros objetivos específicos correspondem à etapa **fundamentação**, realizada por meio de pesquisa bibliográfica. Inicialmente, buscou-se uma aproximação ao objeto de estudo do arranjo pretendido – moradias rurais autoconstruídas – com o intuito de perceber como é este objeto segundo a literatura científica. Isto foi feito a partir da revisão tanto de estudos de caracterização e diagnóstico, como daqueles propositivos, por meio dos quais pôde ser identificado o *tipo como design*<sup>2</sup> das moradias rurais brasileiras, na teoria. Em seguida, buscou-se a identificação dos aspectos inerentes à moradia, que correspondeu a uma categorização preliminar dos dados que deveriam ser obtidos por meio do arranjo. A etapa de fundamentação compõe o **Capítulo 2** desta dissertação.

---

<sup>2</sup> A discussão a respeito da noção de *tipo* é desenvolvida no Tópico 2.1.

O terceiro objetivo específico corresponde à etapa **estruturação**, que se iniciou com o levantamento de técnicas de pesquisa utilizadas em diversas áreas científicas para o estudo das moradias. Tomando como base os aspectos e as características das moradias, identificados na etapa de fundamentação, foram selecionadas as técnicas consideradas como adequadas para serem utilizadas no arranjo, tendo estas sido organizadas segundo os critérios *requisitos de aplicação, grau de intimidade exigido entre pesquisador e pesquisado, e nível de controle do pesquisador e do pesquisado sobre a aplicação da técnica*. Em seguida, o arranjo metodológico passou por uma sistematização, na qual foram elaborados os roteiros para os diversos momentos da pesquisa de campo e os materiais de apoio referentes a cada técnica. O **Capítulo 3** expõe o desenvolvimento da etapa de estruturação.

O quarto objetivo específico corresponde à etapa **aplicação**, que se iniciou com a delimitação do estudo de caso, realizada por meio da adoção de critérios relacionados com o objeto de estudo e de visitas às instituições relacionadas<sup>3</sup>. Foi realizada ainda uma visita de caráter exploratório à localidade selecionada, com o intuito de fortalecer os contatos locais e confirmar a viabilidade de realização da pesquisa de campo naquele local. Em seguida, o arranjo metodológico formulado foi aplicado na localidade selecionada, conforme procedimentos e recomendações sistematizados na etapa de estruturação. Na aplicação ocorreram coleta, tratamento e análise dos dados obtidos por meio da metodologia desenvolvida, tendo sido realizada em duas etapas, sendo a primeira com foco na escala da comunidade e a segunda com foco na escala da moradia. Entre estas, ocorreu a seleção dos entrevistados cujos critérios foram adotados com base nos dados obtidos na primeira etapa da aplicação. O desenvolvimento da etapa aplicação encontra-se exposto no **Capítulo 4**.

Obteve-se a compreensão das moradias rurais da localidade-caso, cuja análise teve como referência o *tipo como design* identificado na etapa de fundamentação, permitindo perceber as continuidades e rupturas entre as moradias estudadas e àquelas presentes na literatura científica.

---

<sup>3</sup> Notadamente a Delegacia Regional do Ministério do Desenvolvimento Agrário.

Finalmente, o quinto objetivo específico corresponde à etapa **síntese**, na qual foram realizados análise, ajuste e síntese do arranjo metodológico, correspondendo aos resultados da pesquisa. Inicialmente, é apresentada a compreensão das moradias rurais obtida por meio da aplicação do arranjo formulado, que serviu de base para a análise do arranjo, percebendo a sua abrangência no que diz respeito tanto aos diversos aspectos inerentes à moradia como às relações que o integram. Foi empreendida uma sistematização destes aspectos, em um diagrama onde estão apresentadas as interseções e as relações entre eles. O ajuste foi realizado a partir de um paralelo entre o arranjo estruturado e o aplicado, percebendo os pontos críticos e promovendo as adequações necessárias. A síntese propriamente dita, por sua vez, correspondeu ao redesenho do arranjo de acordo com os ajustes estabelecidos, correspondendo ao caminho recomendado para a sua replicação em estudos futuros. No **Capítulo 5** encontra-se exposto o desenvolvimento da etapa de síntese. Como forma de melhor demonstrar a integração entre as partes da pesquisa, o Quadro 01 apresenta uma síntese da relação entre os objetivos específicos, as etapas e as atividades da pesquisa.

**Quadro 01 – Integração entre objetivos específicos, etapas e atividades.**

<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Etapa</b>	<b>Atividades</b>
Identificar as características da moradia rural brasileira. Investigar o conjunto de aspectos da moradia e suas inter-relações.	1 Fundamentação	Pesquisa bibliográfica; Identificação do <i>tipo</i> ; Categorização dos aspectos.
Formular um arranjo metodológico multidisciplinar para o estudo de moradias rurais.	2 Estruturação	Seleção das técnicas adequadas; Organização do arranjo; Sistematização dos procedimentos; Elaboração dos materiais de apoio.
Testar o arranjo formulado em um estudo de caso.	3 Aplicação	Delimitação do caso; Seleção dos entrevistados; Aplicação (coleta e análise de dados).
Sintetizar o arranjo desenvolvido para a sua replicação em futuros estudos.	4 Síntese	Compreensão das moradias; Análise do arranjo; Ajuste do arranjo; Síntese

**Fonte: Produzido pela autora.**

## 2 JUNTANDO AS PEÇAS

O tema da moradia, qualquer que seja o contexto em que se insere, possui uma complexidade decorrente da diversidade de aspectos que lhe são inerentes. Por conta disso, não se trata de um objeto de interesse de um campo de conhecimento específico. Ao contrário, diversas áreas estudam a moradia a partir de múltiplas abordagens, que podem ser tanto de caráter específico, quando enfocam determinado aspecto, como de caráter geral, quando abordam as relações de um conjunto de aspectos. No caso das moradias rurais brasileiras, além desta fragmentação do assunto em diferentes campos de conhecimento, existe o agravante da escassez de estudos em torno deste objeto e ainda, da desatualização de grande parte dos poucos existentes, tendo em vista terem sido produzidos principalmente nas décadas de 60 e 70.

Diante desta realidade, o desenvolvimento da metodologia intentada pressupõe a compreensão desta complexidade, através da investigação tanto da diversidade dos aspectos da moradia e de suas inter-relações, como das características essenciais deste objeto, ou seja, do *tipo* da moradia rural brasileira, de acordo com a literatura científica. Desta forma, este capítulo tem o objetivo de identificar, através de uma revisão de literatura, as dimensões da moradia e o *tipo* da moradia rural brasileira presente na teoria. Para tanto, buscou-se compreender a noção de *tipo* utilizada atualmente nos estudos sobre o ambiente construído, particularmente aqueles relacionados com os espaços de moradia. Em seguida, sentiu-se a necessidade de discutir os conceitos *popular*, *vernacular* e *espontâneo*, utilizados na literatura científica para se referir às práticas do povo, tendo em vista que a idéia de *práticas do povo* encontra-se intimamente relacionada com a noção de *tipo* adotada.

Posteriormente, são revisados os estudos referentes às moradias rurais brasileiras, por meio dos quais foi identificado o seu *tipo como design*, tendo como base os estudos tanto de caracterização e diagnóstico como propositivos. No Capítulo 5, o *tipo* identificado é comparado com as moradias estudadas nesta pesquisa, possibilitando perceber as continuidades e rupturas no processo de produção de moradias rurais ao longo do tempo – o que permanece, o que se modifica.

Finalmente, por meio da revisão de estudos sobre a moradia foram identificados os aspectos e as dimensões inerentes ao objeto, que correspondem a uma categorização, ainda que preliminar, dos dados a serem obtidos por meio da aplicação da metodologia proposta.

## 2.1 Estudo do *Tipo*

O estudo dos tipos e tipologias remonta aos séculos XVIII e XIX, quando estudiosos da arquitetura buscavam os tipos e modelos dos "projetos ideais". Desde então, a noção de *tipo* tem se modificado a partir da contribuição de diversos teóricos e tratadistas, tais como Quatremère de Quincy, Durand, Viollet-Le-Duc, Ruskin, Carlo Aymonino, Giulio Carlo Argan e Aldo Rossi. Mais recentemente, a história desta evolução tem sido contada e discutida por diversos autores como Pereira (2008) e Pires (2008).

De acordo com Consigliere (2000) a história do estudo dos tipos pode ser dividida em três fases significativas. A primeira, com apogeu no século XIX, encontra-se representada nos escritos de Quatremère de Quincy, Durand, Viollet-Le-Duc e Ruskin. Para estes teóricos, a tipologia poderia ser aplicada a qualquer sociedade devido ao seu caráter atemporal em relação aos fatores históricos e universais. Nesta fase, destaca-se a distinção entre *tipo* e *modelo*, elaborada por De Quincy:

O modelo, considerado na execução prática da arte, é um objeto que deve se repetir tal qual é, o tipo, ao contrário, é um objeto a partir do qual cada um pode conceber obras que não se assemelham entre si. Tudo é preciso e dado no modelo; tudo é mais ou menos vago no tipo. (DE QUINCY, 1832, apud PEREIRA, 2008).

Ainda na concepção de De Quincy, o *tipo* é produto da ação humana, não existindo na natureza. A origem da invenção, por sua vez, é que constitui o *tipo*:

Em todos os países, a arte de fabricar regularmente nasceu de um 'germe preexistente'. Em tudo é necessário um antecedente; nada em gênero nenhum vem do nada; e isto não pode deixar de se aplicar a todas as invenções dos homens. [...] É como uma espécie de núcleo em redor do qual se aglomeraram e coordenaram em seguida os desenvolvimentos e as variações de formas de que o objeto era susceptível. Por isso chegaram até nós mil coisas de todos os gêneros e uma das principais ocupações da ciência e da filosofia, para entender as suas razões, é procurar a sua origem e causa primitiva. É a isso que se deve chamar tipo em Arquitetura, como em qualquer outro ramo das invenções e das instituições humanas [...] (DE QUINCY, 1832 apud AYMONINO, 1984).

De acordo com Pereira (2008, p. 57), "[...] a palavra tipo prestava-se para indicar tanto as formas e belezas ideais, como as categorias classificatórias dos edifícios e suas qualidades expressivas.". Desta forma, o estudo dos tipos, nesta primeira fase, estava relacionado a uma busca pelos projetos ideais, que correspondem aos originados a partir de um ato criador, ao invés daqueles que se constituem de uma simples cópia de uma arquitetura passada. Consistia, portanto, em uma crítica ao que a historiografia arquitetônica chama de *arquitetura de pastiche*. A utilização aleatória dos elementos presentes na arquitetura histórica, bem como a reprodução dos esquemas espaciais de cada *tipo* de edificação deveria ser substituída pelo estudo destes, com o intuito de encontrar a sua *origem*, a sua *causa primitiva*, a partir da qual novos esquemas e elementos pudessem ser gerados.

A segunda fase no estudo dos tipos, de acordo com Pires (2008), foi decorrente do Movimento Moderno, entre os anos de 1920 e 1950. Nesta fase, a noção de *tipo* também estava relacionada com princípios estéticos de composição arquitetônica e na elaboração de teorias formais, agora baseadas em princípios funcionalistas que originavam regras de análise e de classificação formal da Arquitetura.

De acordo com Montaner (2001), a produção arquitetônica do Movimento Moderno está associada à concepção de *tipo ideal*, teorizada por Max Weber no campo das ciências sociais, entendido como uma construção racional que atua como modelo de referência, aberto a atualizações progressivas em função da evolução de uma cultura ou sociedade. O *tipo ideal* desta fase é condicionado por um estilo internacional com três princípios formais: a) a arquitetura como volume e jogo de planos; b) o predomínio da regularidade e c) a ausência de decoração. A aplicação rigorosa destes princípios resulta nas "obras modélicas", a partir das quais são medidas a perfeição e a beleza das demais obras (MONTANER, 2001). Além disso, ao determinar a forma a partir da função, os modernistas atribuem o *tipo* quase como uma resultante matemática da materialização arquitetônica dum determinado programa tipológico ou função (PIRES, 2008).

A partir da década de 60, começa a haver uma série de questionamentos à prática modernista, ora por conta da destruição das formas urbanas pré-existentes, ora devido à remoção de comunidades, geralmente de baixa renda, quando da realização das operações urbanas. Além disso, uma maior consciência do patrimônio cultural e

ambiental levou a uma reação ao racionalismo tecnicista e a uma necessidade de retomada da arquitetura como expressão cultural e formal. É na busca por uma alternativa ao movimento moderno que os estudos do *tipo* da primeira fase foram retomados e desenvolvidos, agora com uma abordagem semiótica, tendo como referência autores de discursos teóricos de grande divulgação e aplicação na prática projetual, como por exemplo, Giulio Carlo Argan, Aldo Rossi, Carlo Aymonino, os irmãos Leon e Rob Krier e Ricardo Bofill (CONSIGLIERE, 2000).

Nesta terceira fase, que corresponde ao movimento pós modernista dos anos 70, Argan (1966) aprofunda teoricamente a concepção de De Quincy, definindo *tipo* como a confirmação de um esquema, a "redução de uma série de variantes formais a uma suposta estrutura comum", a idéia geral da forma do edifício (MONTANER, 2001). Além disso, começa a relacionar a *tipologia arquitetônica* com a noção de *composição*, sendo esta entendida como a associação de elementos arquitetônicos, feita com base em esquemas tipológicos.

A partir desta idéia, Argan decompõe a tipologia arquitetônica em dois níveis distintos, chamados de "tipo de definição espacial" e de "tipo de definição formal". O primeiro corresponde à organização e distribuição dos elementos arquitetônicos, independentemente da função específica do edifício, enquanto que o segundo são consideradas as formas gerais do edifício em conjunto, diretamente relacionadas com a função específica (ARGAN, 1966).

Desta decomposição, originam-se os esquemas de classificação tipológica a partir da função, quando um objeto particular é comparado com uma série de objetos da mesma família, e a partir dos elementos arquitetônicos constituintes do edifício, quando aqueles de maior clareza são isolados do todo da edificação, servindo para definir o seu tipo específico:

O tipo resulta de um processo de seleção em que se separam todas as características que se repetem em todos os exemplos da série e que, logicamente, posso considerar como constantes do tipo. (ARGAN, 1966, p. 34).

Posteriormente, Rossi (1982) enfatiza a importância das questões tipológicas na criação arquitetônica e urbana. Para este autor, a constituição do *tipo* ao longo da história da arquitetura se deu a partir da necessidade e da aspiração de beleza, estando por isso relacionado à forma e ao modo de vida. Ao estabelecer esta última relação, Rossi (1982)

acaba por ressaltar os aspectos culturais na noção de *tipo*, que poderá ser percebido em qualquer "fato arquitetônico":

Se o elemento típico, ou simplesmente o tipo, é uma constante, então é possível reencontrá-lo em todos os fatos arquitetônicos. É, pois, também, um elemento cultural e como tal pode ser encontrado nos diversos fatos arquitetônicos; a tipologia converte-se, assim, amplamente no momento analítico da Arquitetura (p. 79).

Desta forma, na concepção de Rossi, o *tipo* é correspondente aos elementos constantes, enquanto que a *tipologia* se refere à análise destes elementos, ou dos *tipos*. É importante ressaltar que essa constância dos elementos não significa o congelamento destes ao longo da história, mas está relacionada a uma certa cultura de um certo momento. É por conta desta relação com o tempo histórico que, para Pires (2008), a abordagem tipológica em arquitetura possui duas componentes, sendo uma referente ao processo histórico da arquitetura, e outra relacionada à concepção, sendo decorrente do processo imaginativo. Cada uma dessas componentes estará presente no processo de transformação de um *tipo*, conforme exposto por Consigliere (2000):

Quanto ao problema da produção e transformação de um tipo, ele possui um duplo sentido: O primeiro sentido corresponde à estrutura evolutiva dos fatos históricos (...). O segundo sentido representa uma TIPOLOGIA FORMAL e verifica-se na leitura dos fenômenos de diversos aspectos construtivos e de códigos, como paredes, tetos, etc., que não estão interligados num conceito socioeconômico. (p. 151).

Nos estudos recentes sobre o ambiente construído, particularmente naqueles com foco nos espaços de moradia, emprega-se essa noção de *tipo* da terceira fase. Nestes estudos, a busca de identificação de uma arquitetura característica de um período, uma cultura e um lugar específicos, é realizada através do que os autores chamam de *análise tipológica*, na qual são abordados aspectos funcionais e formais relacionados ao contexto histórico, social, econômico e ambiental. É o caso, por exemplo, dos estudos de Vaz (2002) e de Cardoso (2008) que, ao explicitar a noção de *tipo* considerada em seus trabalhos, fazem referência à visão de De Quincy, aprofundada pelos teóricos da terceira fase.

O tipo é uma abstração em que se identificam as propriedades espaciais comuns a uma classe de edificações. Não se trata, portanto, de um tipo ideal, nem de um tipo formal, mas de um padrão habitualmente produzido numa época. (...) O tipo é também uma estrutura que permite uma leitura do espaço, pois guarda valores diferenciados, que lhes foram atribuídos por diferentes grupos sociais. Assim, o tipo se constitui num elemento de uma cultura [...] (VAZ, 2002, p. 20).

Na idéia de Vaz (2002), existe uma correspondência do "germe preexistente" de De Quincy com os aspectos culturais, sendo estes, por sua vez, relacionados aos grupos sociais e aos espaços temporais. De tais relações resulta a noção de *tipo* como um "padrão habitualmente produzido numa determinada época" por determinado grupo social.

A noção de *tipo* como um resultado cultural também está presente também em Cardoso (2008), para quem o "padrão habitualmente produzido" (VAZ, 2002) é uma forma de *design* no qual o *tipo* se constitui como uma "produção coletiva", um "conhecimento compartilhado":

[...] verifica-se o tipo como uma forma de design. Mas não um programa ou um projeto imposto e determinado por alguém. Está mais próximo de algo cultivado, daquilo emerge, do vernacular, do que é próprio. Está mais próximo de um conhecimento vivo. Daquele saber que foi trazido pelos antigos mestres e pedreiros 'incultos' e adaptado ao novo ambiente de além-mar. Quanto a estes mestres, na realidade, foram meios à extensão de um tipo, de uma gramática de formação, enfim, foram veículos de uma Forma que se incorpora num objeto próprio de uma cultura. Portanto, o tipo não se trata de um plano a ser seguido rigidamente para a concretização de uma ou mais casas. Mas se traduz em princípios gerais conhecidos por todos, [...] um conhecimento partilhado por mestres-carpinteiros e proprietários e seus familiares e seus vizinhos [...] (CARDOSO, 2008, p. 41).

A partir dos autores aqui discutidos, destaca-se a noção do *tipo como design* ressaltada por Cardoso (2008), por se aproximar de um conhecimento vernacular, de uma tradição do modo de fazer, ou nas palavras de Vaz (2002), "de um padrão habitualmente produzido numa época" (p. 20). Tal idéia de *tipo* está presente nos estudos de caracterização e de diagnóstico, cujo objetivo consiste em compreender o objeto tal qual se apresenta na realidade, servindo de base para os estudos propositivos. Desta forma, se faz necessária uma revisão tanto dos primeiros como dos segundos, com o intuito de perceber qual é o *tipo como design* da moradia rural brasileira, segundo a literatura.

Antes, no entanto, se o *tipo como design* "Está mais próximo de algo cultivado, daquilo emerge, do vernacular, do que é próprio." (CARDOSO, 2008), se faz necessária não somente uma melhor compreensão do que vem a ser o *vernacular*, mas também uma discussão deste termo em paralelo com outros, como *popular* e *espontâneo*, que vêm sendo utilizados na literatura científica, às vezes como sinônimos, às vezes como fatos diferentes, mas sempre se referindo às práticas do povo.

## 2.2 Do povo, pelo povo, para o povo

Segundo Ferreira (2004a), o termo *popular* se refere àquilo que é “Do, ou próprio do povo, ou feito por ele” (p. 1600), sendo povo o “Conjunto de indivíduos que falam [...] a mesma língua, têm costumes e hábitos idênticos, uma história e tradições comuns.” (p. 1612).

Weimer (2005), no entanto, faz referência à origem do termo, do latim *populus*, que designava o conjunto de cidadãos que excluía tanto os patrícios (a quem estava designada a representação do senado) quanto a plebe (os despossuídos, menos afortunados). Desta forma, para o autor, o termo *popular* se refere àquilo que é próprio das camadas intermediárias da população.

Para ambos, o termo *popular* encontra-se relacionado com um público específico: o povo. No entanto, é no que se considera *povo* que encontramos uma contradição entre estes autores. A *plebe*, excluía por Weimar (2005) do que seria *popular*, significa, para Ferreira (2004), o próprio povo. Esta contradição é proveniente do fato de que Weimar (2005) utiliza um critério de hierarquia social para definir o *povo*, enquanto Ferreira (2004a) relaciona o significado deste termo a fatores culturais. É importante ressaltar o caráter de origem implícito na relação entre *popular* e *povo*, em ambos autores: o primeiro diz respeito àquilo que é feito ou é originado pelo segundo.

Quando combinado com o termo *arquitetura*, o caráter de origem se mantém, sendo a *arquitetura popular* aquela que é **produzida** pelo *povo*. No entanto, quando empregado em conjunto com o termo *moradia*, o caráter de origem é substituído pelo caráter de destino, sendo a *moradia popular* aquela que é **destinada** ao *povo*, não importando o ator responsável pela sua produção.

Para propor uma definição de *arquitetura vernacular*, Albernaz e Lima (1997-1998) fazem uma analogia com a utilização do termo *vernáculo* para se referir à língua nativa ou dialeto local. Desta analogia, o termo *arquitetura vernacular* se refere, segundo as autoras, às “construções de indígenas ou nativos, feita com materiais locais, de acordo com técnicas e padrões tradicionais” (p. 63), podendo também se referir, “por extensão”, à “[...] arquitetura tradicional e local feita sem a intervenção de arquitetos.” (p. 63). Segundo as autoras, a re-valorização da arquitetura vernacular se deve à uma “[...]”

reação contra uma aproximação elitista da história da arquitetura.” (p. 63), ao mesmo tempo em que os materiais característicos desta arquitetura “[...] vêm sendo usados em novos edifícios em oposição a materiais considerados impessoais, o concreto e o vidro.” (p. 63). Portanto, de acordo com Albernaz e Lima, (1997-1998), as construções vernáculas possuem um caráter local (seja pelo uso dos materiais, seja pela aplicação das técnicas tradicionais) e popular.

Coelho (2007, p. 32), por sua vez, afirma que o termo *vernacular* está relacionado diretamente “[...] com a cultura local, suficientemente preservada e com todos os detalhes oriundos da necessidade de adaptação ao meio ambiente.”. Desta forma, para o autor, as construções vernaculares possuem um caráter local (uma vez que são condicionadas pelo meio) e cultural que se preserva frente às influências de outras culturas.

Já para Marques; Azuma e Costa (2009), a arquitetura vernacular é “[...] todo o tipo de arquitetura em que se empregam materiais e recursos do próprio ambiente em que a edificação é construída, caracterizando uma tipologia arquitetônica com caráter local ou regional.”. Segundo os autores, a arquitetura vernacular é responsável por conferir identidade aos lugares, a partir das expressões e linguagens culturais:

Nessa arquitetura não são reconhecidos estilos arquitetônicos, mas a sua essencialidade tipológica e morfológica, compreendida como uma arquitetura comum, anônima que constitui a fisionomia da cidade, e se diferencia de acordo com as expressões e linguagens culturais, o que diferencia uma cidade e/ou região de outra. (MARQUES; AZUMA; SOARES, 2009).

Ripper & Silva (2009, p. 59) inserem a dimensão temporal para o emprego do termo arquitetura vernacular, que corresponde “[...] às formas desenvolvidas em um longo período de tempo por populações que habitam um determinado ambiente.”. Segundo os autores, a arquitetura vernacular se caracteriza pelo uso da matéria-prima disponível no local para construção das moradias “[...] necessárias para a subsistência do povo.”.

Em Ferreira (2004a, p. 2052), consta para o termo vernáculo três sentidos: “Próprio da região em que existe [...]”; “[...] linguagem pura, sem estrangeirismos; castiço [...]”; e “[...] idioma de um país [...]”. Percebe-se claramente, nos três sentidos, a referência ao lugar de origem.

A partir das leituras acima explicitadas, pode-se dizer, portanto, que as **construções vernaculares** são aquelas com **caráter local**, condicionadas pelo ambiente onde são edificadas, nas quais são empregadas técnicas tradicionais e utilizados materiais provenientes do próprio meio, produzidas pelo povo.

Para definir o que vem a ser *arquitetura espontânea*, Castelnuo (2003, p. 147) se utiliza do conceito proferido por Rasmussen (1998, apud CASTELNOU, 2003), para o qual a arquitetura espontânea é aquela que “[...] nasce organicamente, utilizando-se do material fornecido pelo entorno mais próximo – natural ou artificial – e de acordo com as técnicas conhecidas ou apropriadas empiricamente.”. Castelnuo (2003, p. 147) relaciona esta definição com a forma de apropriação do meio, que apresenta “[...] diferenças quando este é rural ou urbano, o que pode ser exemplificado através das favelas, mocambos e instalações de posseiros.” (p. 147).

Coelho (2007, p. 32-33) afirma que o termo *espontâneo* “[...] tem relação com a solução imediata dos problemas individuais e familiares de habitar ou morar.”. Para o autor, a *arquitetura espontânea*, apesar de ser realizada sem nenhum compromisso com uma cultura rígida, com regras ou convenções, sofre influências tanto de “[...] modelos arquitetônicos na moda [...]” como de relações culturais “que as pessoas levam em consideração, de maneira involuntária, na produção do seu espaço.”. Quando este espaço se trata da casa, o autor acredita que tais relações culturais são tão estreitas que a obra construída (casa) corresponde a uma tradução do indivíduo:

‘Espontâneo’ é um termo já largamente utilizado, mas se observarmos bem, veremos que o que é espontâneo não é fruto do mero acaso, e sim carregado de uma enorme quantidade de informações que fazem com que o Homem construa sua casa com aquilo que ele acredita dever ter dentro das suas possibilidades e prioridades. Uma maneira de produzir o espaço interno (individual) e urbano que pode não estar submetido às regras ditadas por um consenso técnico e social, mas que, em todo caso, responde a uma necessidade pessoal, familiar e, por que não dizer, do grupo. (COELHO, 2007, p. 33-34).

O autor exemplifica a afirmação citando os bairros espontâneos, nos quais o indivíduo que é externo a esta realidade percebe apenas uma desordem aparente. No entanto, tal desordem é fruto de uma ordem interna proveniente de valores culturais diferenciados que, quando aceitos pelo indivíduo externo, permite que este compreenda a complexidade de relações que vinculam o homem ao seu espaço e, conseqüentemente, a ordem interna que rege a produção deste (COELHO, 2007).

De acordo as leituras realizadas, percebemos que o termo *popular*, quando se referindo às construções que são produzidas pelo povo, abarca tanto o termo *vernacular* como o *espontâneo*. Estes últimos, diferem com relação ao uso dos materiais, já que o termo *vernacular* delimita o uso daqueles provenientes do ambiente, enquanto que em *espontâneo* são utilizados tanto os materiais naturais como industrializados. Além desta diferença, alguns aspectos estão presentes no conceito de *espontâneo*, mas não aparecem no conceito de *vernáculo*: a desobediência às regras e convenções; o não seguimento de uma cultura rígida; a influência de aspectos culturais que são externos ao construtor espontâneo, ainda que de forma inconsciente. Os demais aspectos estão presentes em ambos os termos, mas explicitados de forma diferente pelos autores: a cultura local do *vernáculo* corresponde às técnicas empíricas do *espontâneo*; as condicionantes do lugar do *vernáculo* corresponde à apropriação do meio no *espontâneo*. Percebe-se, que o termo *vernáculo* está mais relacionado às tradições, enquanto que o termo *espontâneo* é desvinculado desta, podendo receber influências diversas.

Tendo em vista que o intuito da pesquisa é compreender a moradia rural enquanto ambiente construído e o seu processo de produção, independente do material com o qual é feita e das influências (tradicional ou atuais) que interferem nas decisões dos construtores, ao longo do processo, não é possível classificar, neste ponto da investigação, o objeto de estudo como vernacular ou como espontâneo. Através da compreensão das moradias *populares*, cada unidade da amostra poderá ser classificada como uma ou como outra. Tal classificação (vernacular ou espontâneo) é, portanto, inerente ao processo de análise dos dados e, possivelmente, um dos componentes da conclusão da pesquisa. Desta forma, adota-se o termo *popular* para caracterizar o objeto de estudo, o que significa dizer que, dentro do conjunto *moradias populares* investigadas na pesquisa, poderão ser identificados os subconjuntos *moradias vernaculares* e *moradias espontâneas*.

Com relação à combinação do termo *popular* aos termos *arquitetura* e *moradia*, pode-se dizer que a mudança do sentido de origem (pelo povo), para o sentido de destino (para o povo), explicita as diferenças entre as próprias expressões formadas: a *moradia popular* (para o povo) se refere mais ao **produto** destinado ao povo, independente de quem o produziu, enquanto que a *arquitetura popular* (pelo povo), se refere ao **processo**, sendo este resultante da condição de quem a produz. Desta forma, considerando que na

pesquisa pretendida, adotou-se como unidade de análise as edificações produzidas **pelo povo e para o povo**, a investigação se volta para o estudo de *moradias populares* que são exemplares da *arquitetura popular*, indo contra ao que ocorre com aquelas que são produzidas *para o povo* por atores externos a estes (seja por meio de políticas públicas, seja com a participação de assistências técnicas), que não se enquadram como *arquitetura popular*.

O termo *popular*, por sua vez, é utilizado na acepção de Ferreira (2004a), considerando *povo* o “Conjunto de indivíduos que falam [...] a mesma língua, têm costumes e hábitos idênticos, uma história e tradições comuns [...]” (p. 1612). Isto porque considera-se que a definição de *povo* em Ferreira (2004a) é mais abrangente do que a adotada por Weimer (2005), já que o primeiro abrange os aspectos históricos e culturais, enquanto que o segundo utiliza apenas a estratificação social como referência.

Portanto, no âmbito desta pesquisa, entende-se a *moradia popular* como *arquitetura*, sendo aquela que é do povo, feita por ele, e para seu usufruto, sendo *povo* aquele conjunto de indivíduos com língua, história e cultura em comum. Tal moradia popular poderá ser identificada, a partir do seu estudo, como *vernacular* ou *espontânea*.

Findadas tais digressões, passemos para a revisão dos estudos da moradia rural brasileira, com o intuito de identificar o seu *tipo* conforme explicitado no Tópico 2.1.

### **2.3 Moradias rurais brasileiras: o *tipo* como *design***

Conforme explicitado no Capítulo 1, os estudos de caracterização e diagnóstico das moradias rurais são desenvolvidos em diversos campos científicos e com múltiplas abordagens, resultando em uma compreensão fragmentada deste objeto. Como agravante, dos estudos sobre a moradia rural, grande parte tem se voltado para a monumentalidade das fazendas e das estruturas produtivas, deixando de lado o vernacular e o espontâneo (WEIMER, 2005). Tal qual nas cidades, investiga-se sobre a arquitetura imponente e encobre-se a arquitetura da resistência. Além disso, parte daqueles que se voltam para as moradias rurais das classes populares encontram-se desatualizados, tendo sido produzidos principalmente até a década de 1970. Posterior a este momento, apenas a partir dos anos 90 é que se percebe uma retomada desse tema

na produção científica, influenciada principalmente pela política de implantação de assentamentos rurais.

Dos estudos produzidos desde então, poucos se concentram na necessidade de compreender a moradia popular rural, dentre os quais se destacam o de Piccini (1996) e o de Arruda (2007). Além destes, percebemos também uma contribuição significativa, dos estudos de Lemos (1996) e de Weimer (2005)<sup>4</sup>.

No entanto, são predominantes os estudos de caráter propositivo<sup>5</sup>, voltados principalmente para os assentamentos rurais criados por meio da política de reforma agrária, cujas investigações de caracterização e diagnóstico acabam focando a "casa institucional", ou seja, aquela promovida pelas instituições públicas, muitas vezes inclusive com a adoção de projetos modelos. A partir da crítica à "casa institucional" e da sua inadequação ao contexto à que se destina, são desenvolvidas as propostas, sejam relacionadas aos processos, às tecnologias ou ao projeto da moradia, com o intuito de adequar a atuação dos órgãos públicos ao contexto do campo e ao modo de vida das famílias. Desta forma, é nas propostas elaboradas por tais estudos que percebemos uma compreensão da moradia rural como se intenta nesta pesquisa, uma vez que os diagnósticos empreendidos por estes se volta para a "casa institucional", e não àquela à margem das políticas públicas, autopromovida, autoconstruída e não-assistida, objeto de estudo da metodologia intentada. Desta forma, o *tipo como design* pode ser identificado por meio tanto dos estudos de caracterização e diagnóstico, como pelas propostas recomendadas nos estudos propositivos.

Os estudos de caracterização e diagnóstico das moradias rurais brasileiras encontram-se nos campos da sociologia, antropologia, engenharia civil e arquitetura. No primeiro, destacam-se as investigações de caráter tipológico, como os desenvolvidos por Diegues Júnior (1960) e, posteriormente, por Costa e Mesquita (1978). Estes autores fazem um

---

<sup>4</sup> Lemos (1996) persegue a identificação de um *tipo* de casa brasileira a partir de uma abordagem histórica, enquanto que Weimer (2005) se volta para a compreensão da arquitetura popular no Brasil. A moradia rural brasileira encontra-se incluída em ambas abordagens.

<sup>5</sup> Entre os propositivos, encontram-se as pesquisas participantes desenvolvidas por grupos de pesquisa, notadamente o Grupo de Estudos em Reforma Agrária e Habitat (GERAH), vinculado ao Departamento de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (DAU-UFRN), e o Grupo de Pesquisa em Habitação e Sustentabilidade (HABIS), da Universidade de São Paulo – São Carlos (USP São Carlos). A atuação de ambos é caracterizada pela integração entre pesquisa e extensão, sendo esta última realizada na forma de assistência técnica aos movimentos sociais do campo.

apanhado dos tipos de moradias rurais brasileiras, sendo estes tipos definidos pelas características do meio geográfico e das atividades econômicas das regiões onde se localizam, e pela posição social de quem as realiza.<sup>6</sup> A diferença entre o trabalho de Diegues Júnior (1960) e de Costa e Mesquita (1978) está no fato de que o primeiro prioriza a investigação dos materiais utilizados por cada tipo, a partir da sua localização geográfica no país, enquanto que o segundo desenvolve um estudo com enfoque sócio-econômico e cultural, não abordando com profundidade o aspecto arquitetônico.

Por outro lado, tanto para Diegues Júnior (1960) como para Costa e Mesquita (1978), as moradias rurais brasileiras, independentes de seus tipos, possuem as seguintes características comuns: a) adaptação ao meio natural, principalmente no que diz respeito às condições climáticas e ao uso dos materiais; b) a impressão, na casa, da condição social de seus habitantes; e c) a influência do sistema econômico na sua organização espacial. Desta forma, à medida que, ao longo da história, novas regiões são povoadas, se intensifica a complexidade da estratificação social e surgem novas atividades econômicas, os tipos de moradias rurais se diversificam. Com relação a estes, não é nosso intuito enumerá-los e apresentá-los, uma vez que isto foi feito por Diegues Júnior (1960) e Costa e Mesquita (1978), mas sim compreender que neles estarão presentes aquelas três características comuns expostas anteriormente.

Os estudos tipológicos também podem ser encontrados no campo da arquitetura, particularmente em Weimer (2005) e em Lemos (1996). O primeiro empreende uma síntese das características gerais não da moradia rural, de modo específico, mas da arquitetura popular brasileira (da cidade ou do campo), na qual são apontadas: a simplicidade e a criatividade no uso dos materiais, que são decorrentes da condição social daquele que a realiza; a adaptabilidade ao meio, principalmente no que diz respeito às condições climáticas; e a forma plástica como resultado da técnica e dos materiais empregados, não havendo aqui, portanto, uma intenção plástica. No entanto, o próprio autor alerta que tal tentativa de síntese corresponde a uma "ousadia"

---

<sup>6</sup> Antes mesmo dos trabalhos de Diegues Júnior (1960) e de Costa e Mesquita (1978), os critérios *meio geográfico* e *atividade econômica* já eram há muito utilizados para delimitar a moradia rural enquanto objeto de estudo, como nas obras *A fazenda de café em São Paulo*, de Batista Filho (1952), *Fazendas de cacau na Bahia*, de Caldeira (1954) e *Habitação Rural na Região do Paraitinga*, de Schmidt (1949). No entanto, o mérito de Diegues Júnior (1960) e de Costa e Mesquita (1978) está na elaboração de um panorama geral dos tipos de moradias rurais presentes no Brasil até suas épocas, se valendo dos estudos de tipos específicos realizados anteriormente por outros autores.

empreendida apenas com o intuito de delimitar e precisar os limites da abrangência da arquitetura popular brasileira. Além disso, ainda que tenha apresentado os aspectos acima citados como *gerais*, estas não são as únicas características dessa forma de expressão, havendo outras de caráter mais específico a determinadas regiões ou grupos culturais.

Para Lemos (1996), por sua vez, as casas rurais brasileiras são originalmente uma adaptação da arquitetura vernácula portuguesa às condições locais, sendo tal adaptação variável segundo o pensamento do seu usuário, a disponibilidade de mão de obra e a oferta de materiais pelo meio ambiente. Tal fato, aliado à possibilidade de admissão de exemplares desconhecidos ao mundo português, é responsável pela falta de uniformidade na arquitetura rural. Para este autor, enquanto arquitetura vernácula, conforme visto anteriormente, a casa rural é "[...] feita pelo povo, [...] com seu limitado repertório de conhecimentos num meio ambiente definido, que fornece determinados materiais ou recursos em condições climáticas bem características." (p. 15).

No campo da antropologia, Beatriz Heredia (1979)<sup>7</sup> realiza uma análise da organização interna de unidades de produção camponesas, por meio da qual afirma que o espaço é organizado segundo duas dicotomias: a oposição *masculino x feminino*, que se encontra refletida tanto na distribuição como no uso dos espaços; e a oposição *espaço de produção x espaço de consumo*, na qual o primeiro se encontra especializado no roçado e o segundo na casa.

Ainda de acordo com Heredia (1979), o roçado corresponde à parcela de terra destinada ao cultivo, ao local de trabalho conjunto dos membros da família. Está geralmente situado atrás da casa e nele predominam as culturas de milho, feijão e mandioca, produtos responsáveis pela subsistência familiar. É um espaço de caráter masculino, onde o pai de família é responsável pelas tomadas de decisão.

---

<sup>7</sup> A referida autora realiza seu trabalho através do desenvolvimento de uma pesquisa etnográfica, com profunda imersão no campo e aproximação com o objeto de estudo, fornecendo de modo detalhado as suas observações e contribuindo de forma significativa para a compreensão das organizações espaciais das unidades produtivas camponesas.

A casa, por sua vez, corresponde ao espaço físico ocupado pela construção propriamente dita e pelo espaço livre em sua volta, este último chamado de terreiro. Aqui, a oposição *masculino x feminino* também se encontra refletida: quanto mais público o ambiente, mais de domínio do homem e menos da mulher, e vice-versa. A construção compreende sala, sala de jantar, cozinha e um ou dois quartos, com uma porta de acesso na frente, por onde se alcança a sala, de caráter público e masculino, e outra nos fundos, por onde se acessa a cozinha, considerada área íntima, onde só adentram pessoas muito próximas à família, sendo este o espaço de maior domínio da mulher. O terreiro, como a construção, é territorializado em frente e fundo, funcionando como extensão dos ambientes imediatos (sala e cozinha) e possuindo o mesmo caráter correspondente à estes: público-masculino; íntimo-feminino, respectivamente. Ainda que a oposição *masculino x feminino* esteja refletida de forma diferente nos ambientes da casa, esta como um todo é considerada espaço de domínio da mulher: é a esposa que dita sobre o seu funcionamento, manutenção e abastecimento, ainda que seja o homem (e o roçado) responsável pelos recursos para provimento das necessidades da família e, portanto, pela casa. As atividades que acontecem na casa não são consideradas trabalho, ainda que se possa criar bichos e produzir gêneros secundários. Aliás, em relação ao roçado, tudo na casa é menos importante (HEREDIA, 1979).

Ainda a respeito dos estudos de caracterização e diagnóstico, em Engenharia Civil e Arquitetura predominam aqueles com enfoque espacial, que se voltam para as questões referentes ao uso e à organização do espaço, em diversas escalas (da casa propriamente dita, do assentamento ou da localidade, por exemplo). Dentre estes, destaca-se o realizado por Piccini (1996) sobre as moradias rurais de uma comunidade rural do município de São Carlos, a partir de uma abordagem interdisciplinar que abrange a História, a Sociologia e a Arquitetura.

Tendo como foco a divisão e o uso dos espaços, Piccini (1996) percebe a existência de duas diferentes escalas para análise da moradia rural. A primeira, diz respeito ao espaço da moradia propriamente dita, de uso específico de uma determinada família, que corresponde aos ambientes internos e externos da moradia. A segunda está relacionada ao que chama de *núcleos de parentesco*, que são habitados por famílias ligadas por laços de parentesco, "[...] de forma que algumas casas são construídas dentro de um mesmo lote." (p. 107), e que são constituídos pelos espaços comunitários entre as famílias e por

diferentes edificações: casas, depósitos de materiais, galinheiros, armazéns e outros equipamentos destinados à criação de animais domésticos.

Com relação ao espaço da moradia propriamente dita, Piccini (1996) faz inicialmente uma análise do seu espaço exterior, localizado nas imediações da casa, "[...] onde a família exerce um sentimento de domínio e semiprivacidade." (p. 113), sendo tal domínio uma espécie de acordo tácito entre os membros da comunidade: "[...] o espaço interior da casa se projeta sobre os espaços muito próximos." (p. 113). Isto porque o espaço exterior possui relações íntimas com as atividades realizadas no interior da casa, sendo um importante apêndice para a realização destas, podendo se configurar na forma de alpendre, varanda ou quintal.

Na concepção de Piccini (1996), o alpendre é um espaço aberto, coberto, construído além das paredes principais externas, sem função estrutural, cujo telhado segue o desenho da casa, sustentado sobre pilares, que serve para diferentes usos como depósito, área de lazer e proteção contra as intempéries. Quando abriga objetos de uso diário, como fogão, geladeira e ferramentas, funciona como um apêndice da moradia, correspondendo a uma extensão do espaço interno da cozinha. Além disso, o alpendre pode ser considerado como um símbolo de *status* social e de progresso econômico.

A varanda, por sua vez, é um espaço aberto "[...] quase sempre em um ângulo da fachada principal." (p. 116), sendo coberta com o mesmo telhado da casa, fechada lateralmente pelas paredes da construção principal, com espaço mais reduzido que o alpendre, ocupando o lugar de um cômodo, com usos principalmente de lazer e descanso, não sendo exercido nela nenhum tipo de trabalho doméstico cotidiano. Já o quintal corresponde a um espaço totalmente aberto, onde existem outras construções menores, como galinheiro, depósito de ferramentas, tanque de água e varal (PICCINI, 1996).

No que diz respeito ao espaço interno da casa, Piccini (1996) realiza a sua análise a partir da identificação de três tipologias. A primeira corresponde às moradias que mantiveram a sua configuração inicial ao longo do tempo, nas quais o espaço interno é caracterizado pela planta quadrada, com os cômodos dispostos em forma de um "tabuleiro de xadrez", com os quartos dispostos ao redor dos ambientes de uso comum (sala e copa). A segunda é composta por aquelas moradias que permaneceram com o seu corpo principal, mas que passaram por modificações ao longo do tempo, que se

caracterizam mais pelas modificações sofridas do que pela forma como o espaço se configura. O espaço mutante, adaptado às modificações na estrutura familiar – uma filha que casa e sai de casa, por exemplo. A terceira tipologia, por sua vez, corresponde às construções mais recentes, que se caracterizam pelo que o autor chama de "[...] uma outra concepção do espaço visível através da distribuição do mesmo espaço e do seu uso com uma ligação mais estreita com 'modelos' alheios ao mundo rural [...]" (p. 133).

Dos estudos propositivos, destacam-se os desenvolvidos nos campos da Engenharia Civil e da Arquitetura, com foco nas técnicas construtivas, nos processos e na organização espacial. Os primeiros estão fundamentados principalmente nos conceitos de sustentabilidade, sendo recorrente o argumento de que, por conta do elevado impacto ambiental do setor da construção civil e da alta demanda habitacional, se faz necessário o desenvolvimento de tecnologias *mais sustentáveis* para a construção de moradias (EGAS; INO, 2007; BOHADANA; SATTTLER, 2007).

Quando voltados para o contexto rural, são considerados como *mais sustentáveis* os materiais e as técnicas construtivas que utilizam recursos naturais locais como matéria-prima, que demandem baixo consumo de energia no seu emprego e que não gerem resíduos, ou que possam ser reciclados ou re-incorporados ao meio ambiente (FARIA; SILVA; INO, 2006; BOHADANA; SATTTLER, 2007; EGAS; INO, 2007; EGAS; FARIA; SIMÕES, 2007). Como exemplos de materiais com estas características, Faria; Silva e Ino (2006, p. 3) citam "[...] a madeira de florestas plantadas, o bambu, a terra crua, as palhas e materiais reciclados ou reaproveitados.". Ao mesmo tempo, as técnicas construtivas que tanto atendem às condições de *mais sustentável* como empregam os materiais citados por Faria; Silva e Ino (2006) correspondem àquelas vernaculares, tais como os diversos tipos de taipa, o adobe, as técnicas de construção em palha e em madeira. Por conta disso, os estudos propositivos com enfoques tecnológicos voltados para a moradia rural buscam investigar o aprimoramento das técnicas construtivas tradicionais, tais como nos trabalhos de Lessa e Silva (2003), Ramos e Cunha JR. (2006), Soares; Silva e Pinheiro (2008), Bohadana e Sattler (2007) e Medeiros (2010).

Nos estudos propositivos com enfoque espacial, a fundamentação se dá por meio de uma crítica ao modelo de moradia promovida pelas políticas públicas, notadamente para os assentamentos rurais, geralmente com o argumento de que este modelo é alheio ao

contexto dos assentamentos e às necessidades das famílias, estando inadequado tanto no que diz respeito aos processos empregados, como às tecnologias adotadas, como à organização espacial implementada, seja na escala do assentamento, do lote ou da casa. É o caso dos trabalhos de Ferreira (2004b), Adeodato e Lima (2004), Cruz et al (2004), Coletti et al (2010), Camurça e Lima (2010), Medeiros (2010) e Borges; Medeiros e Cerqueira (2010).

Tais estudos correspondem às propostas de planejamento físico, organização espacial e projetos de equipamentos comunitários e moradias, e são desenvolvidos por meio de uma estrutura metodológica comum: a) fundamentação teórica, na qual são recorrentes os conceitos relacionados com a sustentabilidade, o desenvolvimento local e a permacultura; b) síntese diagnóstica do assentamento para o qual se propõe o projeto, englobando aspectos históricos, ambientais, sócio-econômicos e culturais, dentre outros, estando presente nesta síntese uma crítica à "casa institucional"; c) planejamento espacial, com a elaboração de diretrizes e estratégias; d) organização espacial, com o parcelamento do solo e a definição dos seus usos, bem como das infra-estruturas; e e) edificações, às vezes à nível de diretrizes e estratégias, como em Cruz et al (2004) e Ferreira (2004b), outras com desenvolvimento de projetos, como em Adeodato e Lima (2004), Camurça e Lima (2010), Coletti et al (2010), Medeiros (2010), e Borges, Medeiros e Cerqueira (2010).

Em tais estudos, o espaço é organizado a partir do que os autores chamam de *Núcleo Coletivo*, destinado aos equipamentos comunitários, à produção coletiva e à vida social, e de *Núcleos Habitacionais* ou de *Moradia*, que consistem no agrupamento dos lotes das famílias, onde ocorre a produção familiar. Com relação às infra-estruturas, é dada ênfase na questão do abastecimento e tratamento da água, ainda que sejam propostas soluções para o fornecimento de energia, implantação de vias, destino do lixo, etc. A adoção dos materiais e das técnicas construtivas reflete o pensamento daqueles estudos com enfoque tecnológico, priorizando a utilização de técnicas tradicionais como o adobe, por exemplo. Nos projetos de moradia, esta é composta não somente pela edificação em si, mas também pelo seu entorno imediato e por equipamentos de suporte às atividades de subsistência da família (como galinheiro). A casa é pensada de modo que possa ser construída pela própria família através da autoconstrução, e de forma evolutiva. Geralmente, seus programas contam com ambientes voltados para o armazenamento de

produtos e ferramentas de trabalho. Também é dada ênfase, no desenvolvimento do projeto, às condições de conforto, buscando uma adequação ao contexto climático.

Os estudos propositivos com foco no processo, a exemplo daqueles com enfoque espacial, se fundamentam na inadequação dos procedimentos adotados para a promoção da "casa institucional" e ainda, na necessidade de contribuir para a autonomia das famílias na gestão dos assentamentos (MEDEIROS, 2010; BORGES; MEDEIROS E CERQUEIRA, 2010). Os procedimentos abordados por esses estudos não se restringem à construção propriamente dita, mas também aos momentos anteriores e posteriores à esta, passando pelas etapas de planejamento, projeto, construção e gestão. São priorizados os procedimentos coletivos, nos quais há o intercâmbio entre os saberes técnico e popular, a tomada de decisões coletiva, a autoconstrução e a autogestão, ambas tecnicamente assistidas.

À luz dos estudos aqui expostos, e sob a ótica do *tipo como design*<sup>8</sup>, a moradia rural brasileira é produzida com materiais provenientes do meio, através de relações que são reflexos das práticas sociais e de trabalho, e tem em seu produto a impressão da condição social de seus habitantes. É, portanto, resultado do contexto social, ambiental e econômico nos quais está inserida (DIEGUES JR., 1960; COSTA; MESQUITA, 1978). É realizada por meio da autoconstrução evolutiva (CAMURÇA; LIMA, 2010; MEDEIROS, 2010; BORGES; MEDEIROS E CERQUEIRA, 2010), com a utilização de processos coletivos de planejamento, projeto, construção e gestão (MEDEIROS, 2010; BORGES, MEDEIROS E CERQUEIRA, 2010). Seus espaços encontram-se organizados e utilizados como reflexo das oposições *produção x consumo* e *masculino x feminino*, resultando na relação *casarocado*. A casa é composta pela edificação propriamente dita e seu entorno imediato (HEREDIA, 1979; PICCINI, 1996), que pode se apresentar na configuração de alpendre, varanda e/ou quintal, com níveis hierárquicos e aspectos funcionais diferenciados. A organização interna, por sua vez, é gerada a partir de uma *noção de espaço* que varia ao longo do tempo, podendo ser percebida de diferentes maneiras em construções com idades distintas (PICCINI, 1996).

Tomando como base tal *tipo como design*, as moradias rurais brasileiras são *arquitetura popular*, feita pelo *povo* e para seu usufruto. São ainda, originalmente, *arquitetura*

---

<sup>8</sup> Ver tópico 2.1.

*vernacular*, produzidas segundo as tradições e as condições do meio. No entanto, considerando a terceira tipologia identificada por Piccini (1996), pode-se dizer, de modo preliminar, que esta última categorização encontra-se em fase de transição: a arquitetura de início *vernacular* é substituída gradualmente pela *espontânea*, com o emprego de materiais, técnicas e concepções espaciais que são alheias ao meio.<sup>9</sup>

Ainda que, a partir destas sínteses, seja possível identificar alguns aspectos da moradia rural, é preciso avançar com a investigação para outros estudos referentes à habitação, com o intuito de obter uma visão mais abrangente tanto do conjunto dos aspectos como das dimensões inerentes ao objeto de estudo, tendo em vista a escassez e a desatualização das investigações em torno da moradia rural brasileira.

## 2.4 Dimensões da moradia

Já foi dito que, por conta da multiplicidade de aspectos que lhe são inerentes, a moradia corresponde a um objeto multidisciplinar, sendo investigada em diversos campos científicos, a partir de diferentes visões deste objeto. Na literatura científica, são frequentes as abordagens que consideram a moradia como o **resultado de um conjunto de aspectos anteriores** à ela, como o lugar onde se encontra (NORBERG-SCHULZ, 1980), o ambiente que a circunda (BAKER, 1989), a cultura (RAPOPORT, 1969), a condição social de quem a realiza (DIEGUES JÚNIOR, 1968) e as necessidades de quem a utiliza (VASCONCELOS, 2008). A influência destes aspectos implica na moradia como um resultado da interação entre o homem e a natureza (VASCONCELOS, 2008).

Outra perspectiva consiste na visão da moradia como **processo produtivo**, no qual se incluem as questões da técnica ou do modo de fazer (LE MOS, 1996) e sobre os atores e as relações sociais para a sua produção (MATOS, 2001). Em outros casos, a moradia é vista ainda enquanto **produto acabado**, sobre o qual são estudados seus aspectos morfológicos, espaciais e funcionais (MALARD, 2005).

Abordagens relacionadas com as **dimensões simbólicas e subjetivas** do ambiente construído também estão presentes na literatura científica. Segundo Castelnou (2003), são crescentes as discussões que tratam da importância de entender o espaço quanto

---

<sup>9</sup> Ver Tópico 2.2, no qual se discute a utilização dos termos *popular*, *vernacular* e *espontâneo*.

aos seus valores sentimentais e intuitivos. Para Malard (2002), o espaço arquitetônico pode ser considerado nos níveis simbólico, funcional e tecnológico, sendo a *boa arquitetura* aquela que contempla, de modo equilibrado, os três níveis. Elali (2006, p. 5) defende a inserção do conjunto da subjetividade do indivíduo no projeto de habitações populares:

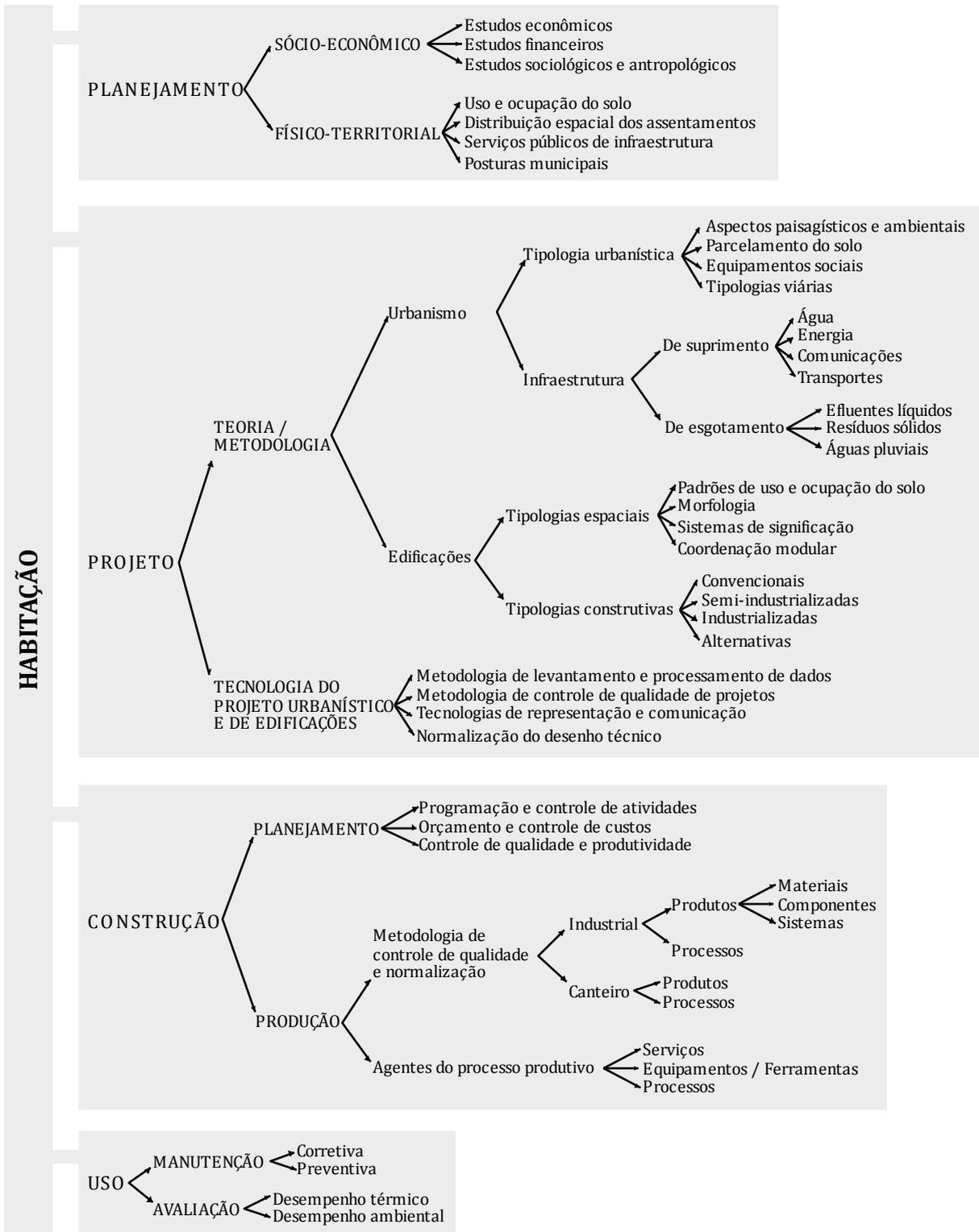
[...] mais do que alvenarias, a moradia é construída a partir de aspectos subjetivos que precisam ser decodificados para que se possa projetar e executar essas unidades de modo condizente com as necessidades e aspirações dos seus futuros ocupantes. (p. 05).

O desenvolvimento de uma metodologia para a compreensão da moradia a partir de uma abordagem sistêmica pressupõe a compreensão dessa complexidade de dimensões e, portanto a sistematização destes em uma rede de relações.

Uma tentativa neste sentido foi realizada por Malard (2005) a partir da discussão do conceito de qualidade, tendo como pressuposto o entendimento de que as pesquisas em habitação têm como fim a melhoria da qualidade e a redução de custos. Para a referida autora, a qualidade da habitação é definida por quatro categorias de fatores: a) Tecnológicos, que se referem aos materiais, componentes e sistemas construtivos empregados; b) Locacionais, referentes à articulação da moradia com os serviços, equipamentos e outras funções; c) Micro-Ambientais, relacionados às infra-estruturas de suprimentos e de saneamento, e d) Comunicacionais, que dizem respeito à dimensão simbólica do habitar.

Em paralelo, Malard (2005) parte da compreensão da moradia enquanto processo de produção, decompondo este em quatro "troncos" que correspondem aos momentos do processo: a) Planejamento; b) Projeto; c) Construção; d) Uso e Manutenção. Estes, por sua vez, são decompostos sucessivamente, formando o que a referida autora chama de "Árvore da Habitação", conforme apresentado na figura 01.

**Figura 01 – Árvore da Habitação.**



Fonte: MALARD, 2005.

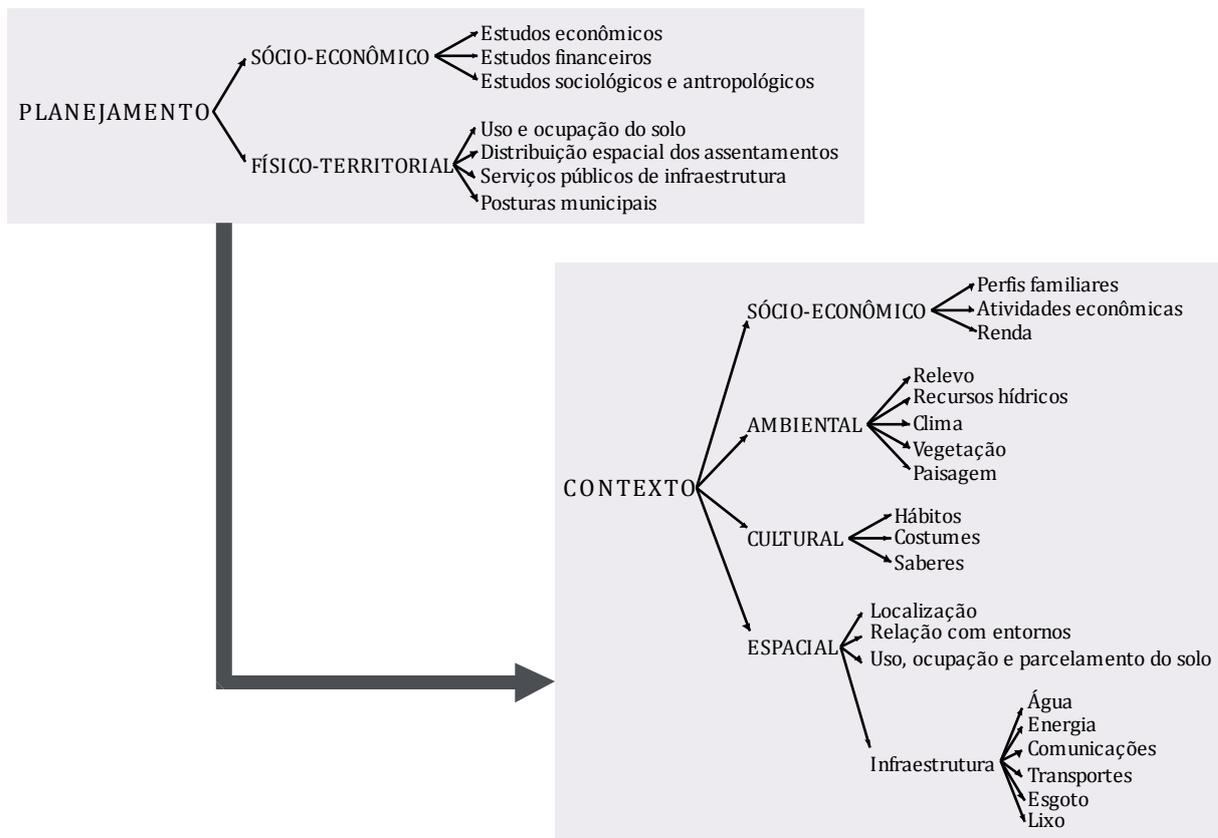
Observando tal sistematização, percebemos que se refere à diversidade de temáticas possíveis aos estudos em habitação, e que a categorização elaborada corresponde ao

processo formal de produção de moradias, conduzido por equipes de profissionais qualificados para tanto e no qual a definição da moradia é anterior à sua construção.

No entanto, o método intentado nesta pesquisa se volta para a compreensão de moradias produzidas à margem do processo formal vigente, através da autoconstrução não assistida, na qual inexistente o planejamento prévio das moradias (PINA ET AL, 2004), sendo estas muito mais um resultado das condições e dos processos empregados do que um objeto planejado. Além disso, por ser auto-gerida, sua produção não contempla procedimentos complexos de controle nem de processos, nem da qualidade. Tais fatos torna necessária a adequação da sistematização proposta por Malard (2005), no que diz respeito à categorização, e à própria organização da estrutura de "troncos" por ela empreendida.

A adequação se inicia pela modificação da estrutura dos troncos. O *Planejamento*, para Malard (2005), se refere às atividades ou reflexões "[...] que precedem – ou deveriam preceder – às ações de implantação de programas e projetos destinados ao financiamento, produção ou comercialização de habitações." (p. 04). Ou seja, corresponde ao ponto de partida, ao momento anterior, à uma espécie de preparação para a tomada de decisões sobre como será a moradia, e como será produzida. No entanto, conforme já dito, no âmbito desta pesquisa as moradias foram produzidas sem um planejamento, razão pela qual o "momento anterior" se refere a uma realidade pré-existente que condiciona tanto o seu processo produtivo como o objeto resultante deste processo. Por conta disso, o tronco *Planejamento* passa a se chamar *Contexto* (Fig. 02), se referindo às condições pré-existentes à moradia, e no qual são incluídos os aspectos culturais e ambientais, sendo que estes últimos estavam, na sistematização original, relacionadas ao tronco *Projeto*. Ao mesmo tempo, a categoria original *Físico-Territorial* também foi modificada, passando a se chamar *Espacial*, na qual as sub-categorias originais são re-escritas, surgindo *Localização*, *Relação com o Entorno* e *Infraestruturas*, estas últimas transpostas do tronco original *Projeto*.

**Figura 02 – Adequação do tronco Planejamento (MALARD, 2005) para o tronco Contexto.**

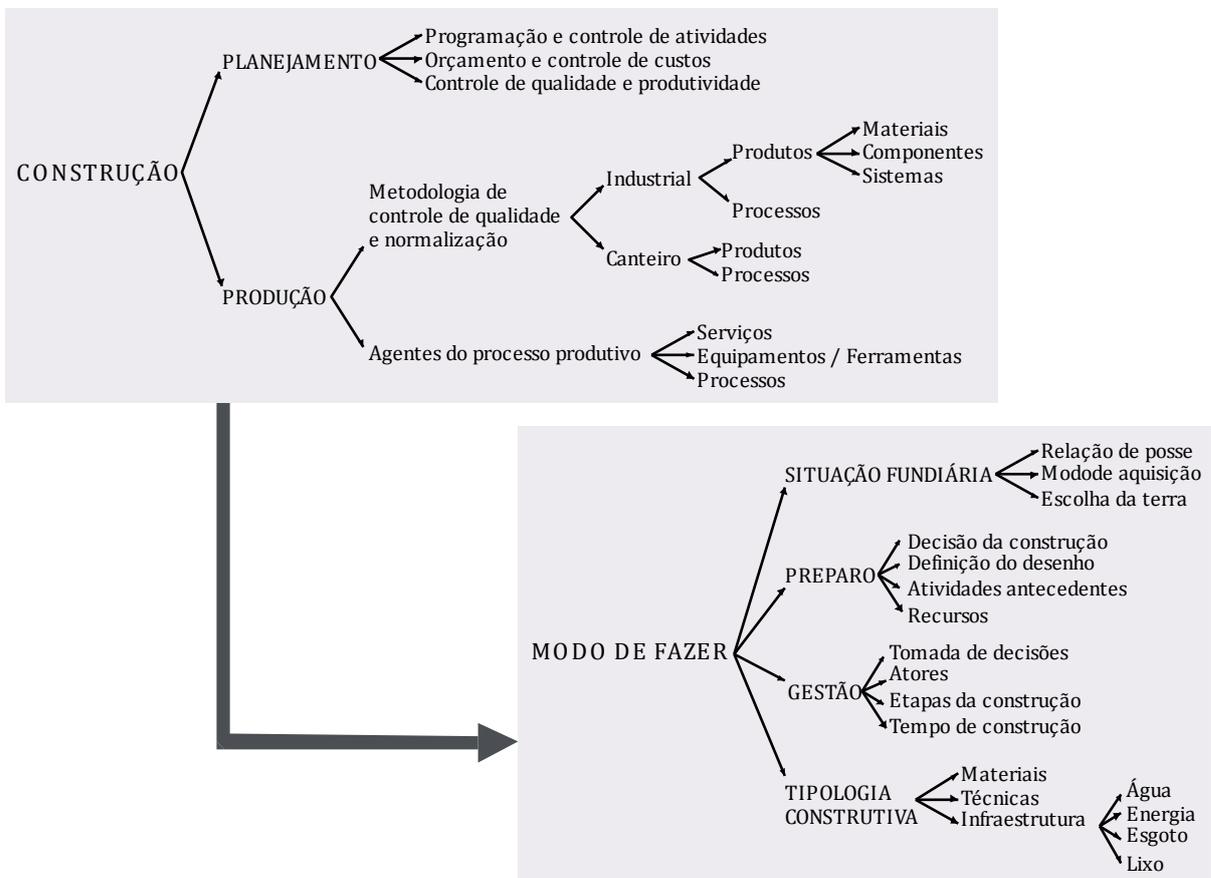


**Fonte: Elaborado pela autora.**

O tronco *Projeto*, na sistematização de Malard (2005), corresponde à definição prévia da moradia, enquanto que o tronco *Construção* se refere à produção desta. No entanto, a ausência de planejamento nas moradias autoconstruídas se reflete na ausência de projeto, fazendo com que estas sejam mais um resultado do processo do que um objeto previamente definido. Desta forma, a produção da moradia ocorre em paralelo à sua definição: à medida que é produzida, a casa toma forma e passa a ser compreendida por que a produz. Além disso, as moradias autoconstruídas são edificadas de forma parcelada, à medida que o morador consegue tanto recursos financeiros como humanos (PINA ET AL, 2004), fazendo com que uso e construção ocorram de forma simultânea. Por conta disso, se em Malard (2005) *Projeto, Construção e Uso*, ocorrem de modo subsequente, no âmbito desta pesquisa tais troncos se dão de modo simultâneo e se encontram intimamente relacionados. No entanto, para efeitos de sistematização e de readequação de categorias, optou-se por trabalhar com cada tronco em separado, estabelecendo os paralelismos e as relações entre eles posteriormente.

Na sistematização empreendida por Malard (2005), o tronco *Construção* encontra-se intimamente relacionado com processos de gerenciamento e controle da produção, fato perceptível através da observação das suas categorias, tais como *Programação e Controle de Atividades*, relacionada ao planejamento da construção, e *Metodologia de Controle de Qualidade e Normalização*, relacionada à produção da construção. No entanto, conforme explicitado anteriormente, tais processos desaparecem na autoconstrução de moradias, não fazendo sentido considerá-los no âmbito desta pesquisa. Interessa mais compreender o *modo de fazer*, abrangendo relações, materiais e métodos empregados, com o intuito de caracterizar o modo como as moradias são produzidas. Desta forma, o tronco *Construção* foi renomeado para *Modo de Fazer*, no qual estão inseridas as categorias *Situação Fundiária*, *Preparo*, *Gestão* e *Sistema Construtivo*. Esta última, foi transposta do tronco original *Projeto*, tendo sido melhor detalhada. A figura 03 apresenta a adequação do tronco original *Construção*, proposto por Malard (2005), para o tronco *Modo de Fazer*.

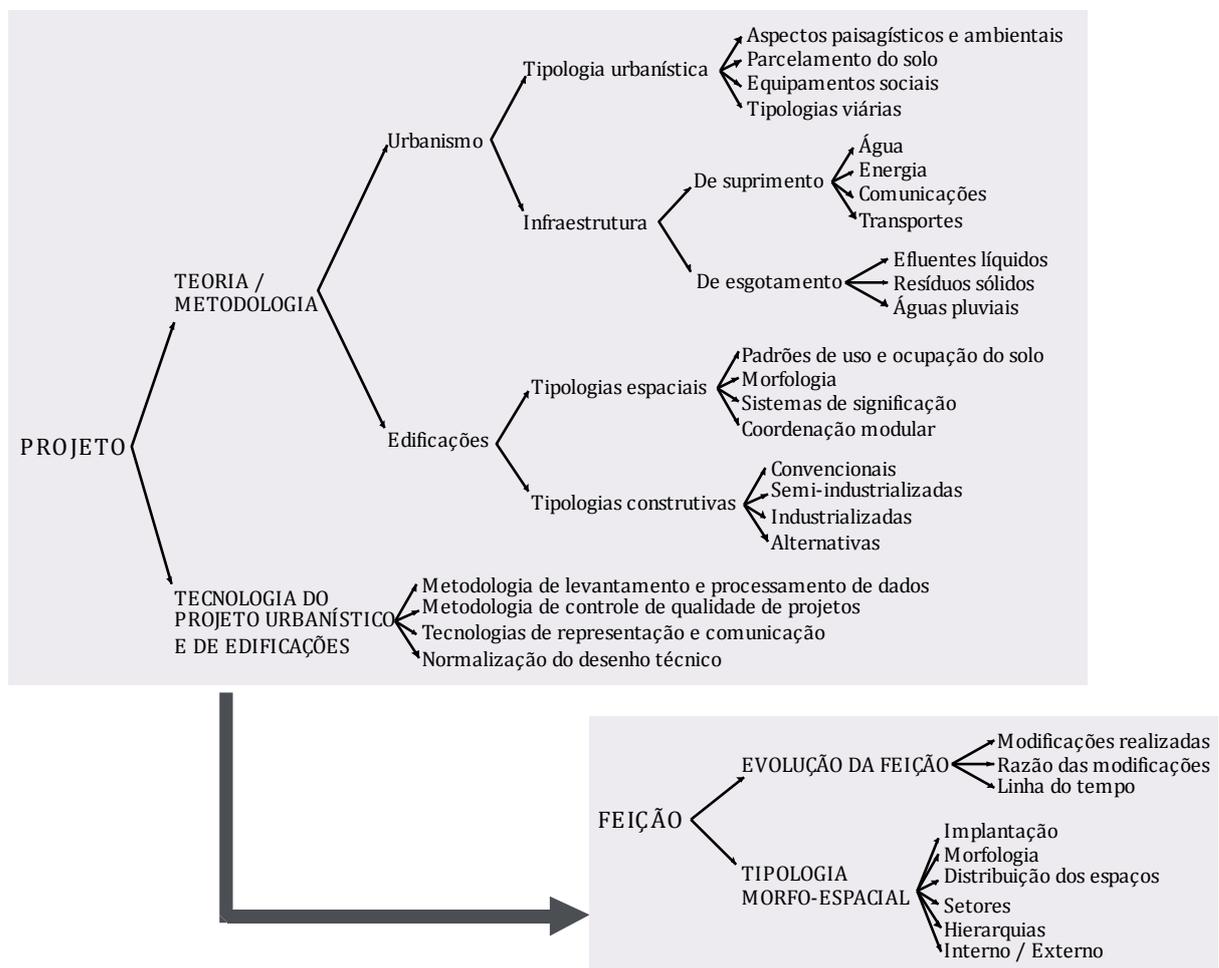
**Figura 03 – Adequação do tronco Construção (MALARD, 2005) para o tronco Modo de Fazer.**



Fonte: Elaborado pela autora.

O tronco *Projeto*, por sua vez, relaciona-se com a definição do objeto moradia, que no âmbito desta pesquisa, é resultante do *Contexto* e do *Modo de Fazer*, mais adquirindo uma feição do que sendo definida intencionalmente. Desta forma, o tronco *Projeto* passa a se chamar *Feição*, abrangendo seus aspectos espaciais e funcionais, além da sua modificação ao longo do tempo, tendo em vista o caráter evolutivo das moradias autoconstruídas. A figura 04 apresenta a adequação realizada neste tronco, na qual desaparece a categoria referente à tecnologia de projetos e são abordadas as características espaciais e evolutivas da moradia.

**Figura 04 – Adequação do tronco Projeto (MALARD, 2005) para o tronco Feição.**

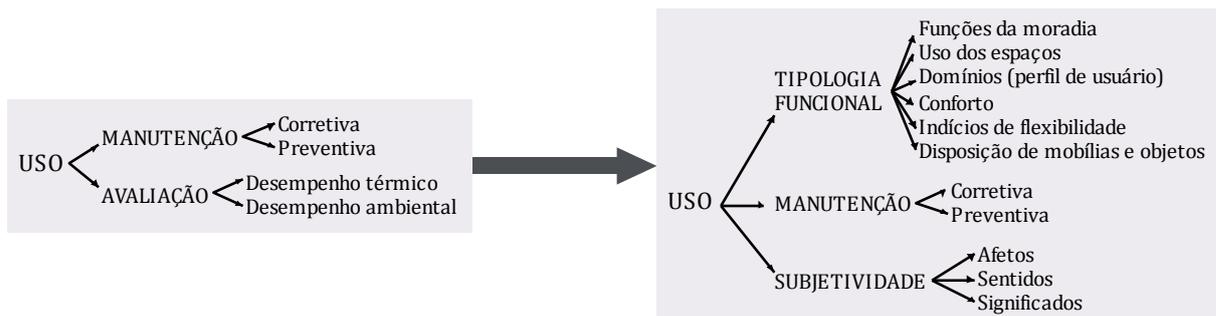


Fonte: Elaborado pela autora.

Na sistematização de Malard (2005), o tronco *Uso*, por sua vez, tem o caráter de algo *posterior*: a habitação foi planejada, projetada e construída, e passa a ser usada. No entanto, conforme explicitado anteriormente, devido ao seu processo evolutivo de construção, as moradias autoconstruídas são utilizadas de forma concomitante à sua produção. Portanto, no âmbito desta pesquisa, o *Uso* diz respeito não somente às ações

de manutenção da edificação, mas também às atividades cotidianas realizadas pelos moradores. Por outro lado, como o método pretendido objetiva o estudo do modo como as moradias se apresentam e da origem deste modo, não fazem parte da esfera desta pesquisa categorias de avaliação, como proposto por Malard (2005). Tais fatos resultaram na adequação do tronco *Uso*, conforme apresentado na figura 05.

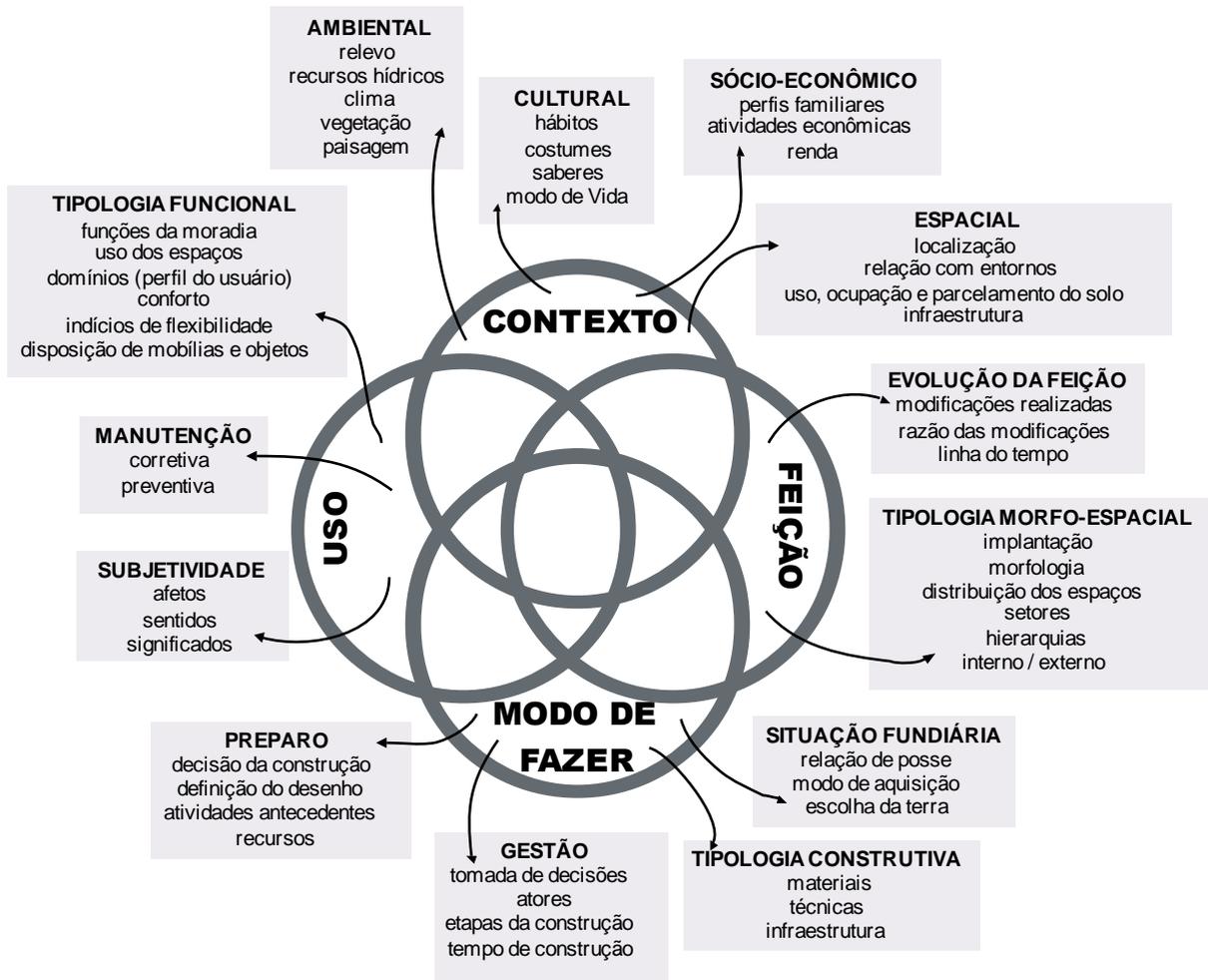
**Figura 05 – Adequação do tronco *Uso*.**



**Fonte: Elaborado pela autora.**

Ainda que as adequações acima expostas tenham sido estabelecidas em separado para cada *tronco*, estes encontram-se inter-relacionados, exercendo influências recíprocas entre si. Na árvore proposta por Malard, os processos se dão de forma linear, na qual não há (pelo menos no diagrama elaborado pela referida autora) relação entre os *truncos* estruturantes. Reconhecer tais relações somente será possível a partir da aplicação do método pretendido, quando poderão ser percebidas as diversas formas de interações entre os aspectos da moradia. Desta forma, imagina-se uma estrutura complexa, com interseções em diversos níveis, nas quais poderão, futuramente, serem alocadas as categorias ora sistematizadas (figura 06). Estas, por sua vez, não correspondem a um modelo "fechado", tendo em vista que a partir da pesquisa de campo, tanto poderão emergir outras categorias dos dados, como poderá ocorrer a aglutinação de algumas destas ora sistematizadas. As categorias foram mantidas, *a priori*, em separado para cada tronco, sendo relocadas para as devidas intersecções após a aplicação do método intentado, a partir da análise dos dados. A categorização dos aspectos da moradia, por sua vez, fornece as condições necessárias para que se iniciem as investigações com o intuito de estruturar o método, apresentadas no capítulo seguinte.

Figura 06 – Sistematização dos aspectos da moradia.



Fonte: Elaborado pela autora.

### 3 ARRANJANDO

Desde o início desta dissertação, o termo *arranjo metodológico* é empregado para se referir ao que se pretende construir nesta pesquisa, por remeter à idéia não somente de um conjunto de coisas, mas desse conjunto organizado em determinada ordem que serve de guia para a investigação e obtenção do conhecimento. De fato, *arranjo* é "arrumação; disposição" (TREVISAN, 2007). No ramo da matemática, é ainda "Ordem por que podem ser dispostos objetos [...], relacionando uns com os outros, de modo que cada grupo se distinga dos demais ou por um objeto [...], ou pela posição deles." (TREVISAN, 2007). Desta forma, o termo *arranjo* tem nele implícito a idéia de especificidade, tanto dos objetos que o compõem, como da forma como estão organizados e relacionados. Já o termo *metodológico* diz respeito à *metodologia* que, por sua vez, corresponde à "arte de guiar o espírito na investigação da verdade" (TREVISAN, 2007), a uma "caminhada que se faz para se ir além do conhecimento que se tem aqui e agora" (MARQUES ET AL, 2006). Nela está implícita a idéia de "caminho" que conduz ao alcance de um objetivo que, no caso do arranjo intentado corresponde, como já dito, à compreensão das moradias rurais. O *caminho* para o seu alcance é o próprio arranjo, sendo este, portanto, uma *metodologia*.

Também desde o início deste trabalho, tem sido dito que as moradias rurais têm como característica primordial a *multidisciplinaridade*, e que, portanto, esta também deve ser a natureza do arranjo pretendido. De fato, tanto a identificação do *tipo*<sup>10</sup> como a sistematização dos aspectos da moradia, apresentadas no capítulo anterior, ressaltam a complexidade disciplinar deste objeto de estudo. Compreendê-lo como um sistema pressupõe a integração das diversas áreas de conhecimento que o investigam, sendo esta integração a própria definição da *multidisciplinaridade* (TREVISAN, 2007).

O arranjo pretendido é, pois, uma *metodologia multidisciplinar*. Sua estruturação é apresentada neste capítulo que corresponde ao cerne da pesquisa, tendo em vista ser o arranjo o seu próprio objetivo geral. Inicialmente, é apresentado o desenvolvimento do desenho do arranjo metodológico, que corresponde à elaboração da metodologia

---

<sup>10</sup> Ver Tópicos 2.1 e 2.3.

proposta. Foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica, seleção das técnicas de pesquisa e desenho do arranjo propriamente dito.

Posteriormente, apresenta-se a sistematização dos procedimentos nele contidos e a elaboração dos materiais de apoio para a sua aplicação. A proposta, que corresponde ao arranjo planejado a nível teórico, foi elaborada tendo como referência a sistematização dos aspectos da moradia realizada anteriormente<sup>11</sup> e serviu de planejamento para a aplicação do arranjo, exposta no Capítulo 4.

### 3.1 O Desenho

Como ponto de partida para a estruturação do arranjo metodológico, foi realizada uma pesquisa bibliográfica referente às características da coleta e da análise de dados em estudos de caso qualitativos.

Segundo Godoy (2007), “A pesquisa qualitativa é multimétodo por excelência e utiliza variadas fontes de informação.” (p. 133). Para Yin (2001, apud GODOY, 2007),

[...] a coleta de dados no estudo de caso pode ser feita, principalmente, a partir de seis fontes de evidência – **documentos, registros em arquivos, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos** – que podem ser combinadas de diferentes formas. (p.133, grifo nosso)

Além destas é possível utilizar imagens paradas, imagens em movimento, o ruído e a música que as pessoas produzem e aos quais estão expostas (BAUER & GASKELL 2002). Os estudos de caso qualitativos podem, ainda, se utilizar de dados quantitativos para esclarecer algum aspecto da questão que está sendo investigada sem, no entanto, empregar tratamentos estatísticos sofisticados.

Godoy (2007) reúne as fontes de evidência citadas por Yin em três grupos principais: Observação; Entrevista; Documentos. No entanto, entende-se que a característica multimétodos da pesquisa qualitativa não se restringe (nem deve se restringir) a tais procedimentos. Técnicas específicas de determinadas áreas podem ser utilizadas, desde que contribuam para o alcance dos objetivos, e que gerem dados passíveis de análise e triangulação com aqueles obtidos por outras fontes de evidência.

---

<sup>11</sup> Ver Capítulo 2.

Com relação à análise dos dados, são encontrados diferentes procedimentos na literatura científica, não sendo possível apontar aquela que seja mais adequada para o estudo de caso qualitativo. No entanto, Tesch (1990, apud GODOY, 2007) aponta um conjunto de dez princípios que caracterizam a análise qualitativa como sendo um procedimento paralelo à coleta, com foco em conjuntos de partes dos dados que são categorizados a partir dos próprios dados, de forma aberta e flexível, que utiliza a comparação como principal ferramenta analítica e na qual a manipulação de dados qualitativos é uma tarefa eclética, sendo a marca registrada da pesquisa qualitativa o envolvimento criativo do pesquisador. Para Godoy (2007), o resultado da análise qualitativa é algum tipo de síntese de nível mais elevado. Apesar de muito da análise consistir em “quebrar em pedaços” os dados, a tarefa final é a emergência de um quadro mais amplo e consolidado.

Após as investigações sobre coleta e análise dos dados, foi realizado um levantamento das técnicas de pesquisa utilizadas em diversas áreas de conhecimento para o estudo do ambiente construído<sup>12</sup>. Em paralelo, realizava-se uma leitura exploratória com o intuito de conhecer, para cada técnica identificada, seus requisitos de aplicação, os papéis do pesquisador e do pesquisado e os tipos de dados possíveis de serem obtidos com a sua aplicação. A partir desta estratégia, foi possível descartar aqueles procedimentos que não se aplicassem aos objetivos, ao objeto de estudo ou ao público-alvo da pesquisa.

Além disso, devido à necessidade de captar aspectos subjetivos do pesquisado, que permeiam desde a sua cultura e saber acumulado, até o significado que atribui à sua moradia, foram priorizadas as técnicas de caráter aberto, informal, que proporcionam maior liberdade de expressão ao sujeito e menor controle do pesquisador, diminuindo a interferência deste naquilo que é particular ao primeiro. Por outro lado, sabendo do risco de não se obter, de forma espontânea, todos os dados desejados, buscou-se identificar técnicas com maior controle por parte do pesquisador, com o intuito de serem aplicados de modo a complementar os dados obtidos espontaneamente.

---

<sup>12</sup> Inicialmente, o levantamento foi realizado sem delimitações, através de buscas por palavras-chaves tais como *ambiente construído*, *moradia*, *habitação*, *usuário*, etc. Em um segundo momento, a investigação se concentrou nas técnicas utilizadas nas áreas Metodologia da Ciência, Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Gerenciamento da Construção, Psicologia Ambiental, Geografia e Antropologia, já que foram nestes campos que foram identificadas não somente abordagens qualitativas, mas também o foco na integração pessoa-ambiente, através da investigação ora dos comportamentos, ora das necessidades, ora das satisfações.

A partir destes procedimentos, foram identificados como adequados ao objeto de estudo, ao público-alvo e aos objetivos da pesquisa, os seguintes procedimentos investigativos: a) Formulário e/ou Levantamento de Dados; b) Leitura Espacial; c) Entrevista Narrativa; d) Vestígios Ambientais; e) Mapeamento Comportamental; f) Levantamento Físico da Edificação; g) Mapas Afetivos; h) Entrevista Semi-Estruturada. Para a condução da pesquisa de campo, soma-se a estes procedimentos a realização de acordos ou *reports* entre pesquisadores e pesquisados, com o intuito de manter transparente todo o processo da pesquisa para estes últimos.

Em seguida, as técnicas selecionadas foram organizadas de modo que a entrada dos pesquisadores em campo se desse de forma gradual, chegando como um completo estranho e saindo como alguém conhecido por toda a comunidade. Deste modo, a aproximação entre pesquisador e pesquisado também acontece de forma gradual, acarretando no estreitamento das relações de confiança e do grau de intimidade entre as partes, à medida que os procedimentos vão sendo aplicados. Por conta disso, a organização das técnicas foi realizada segundo as exigências do nível de intimidade entre pesquisador e pesquisado, a complexidade dos procedimentos e os requisitos para suas aplicações, gerando o arranjo apresentado no Quadro 02.

**Quadro 02 – Desenho do Arranjo Metodológico.**

<b>Etapas</b>	<b>Atividades</b>	<b>Visitas</b>	<b>Instrumentos Investigativos</b>
Etapa 1 Escala da Comunidade	Coleta de Dados	Visita 1 Contactar	Leitura Espacial (LEC) Formulário e/ou Levantamento de Dados
		Tratamento e Análise dos Dados	
<b>Seleção dos Entrevistados</b>			
Etapa 2 Escala da Unidade Habitacional	Coleta de Dados	Visita 2 Aproximar	<i>Report</i> ou Acordo Inicial Leitura Espacial (LEUH)
		Visita 3 Conhecer	Entrevista Narrativa Vestígios Ambientais Mapeamento Comportamental Levantamento Físico da Edificação
			Mapas Afetivos Entrevista Semi-Estruturada
		Visita 4 Aprofundar	
Tratamento e Análise dos Dados			

**Fonte: Elaborado pela autora.**

Como pode ser observado no Quadro 02, o arranjo possui duas etapas. A primeira corresponde à entrada do pesquisador em campo: tanto o pesquisador é estranho à comunidade como esta àquele. Por conta disso, o foco é mantido na escala da comunidade, buscando ter uma primeira visão do lugar, compreendendo a sua dinâmica e os seus contextos, as semelhanças e diversidades que se apresentam. Ao mesmo tempo, enquanto realiza os passeios pelo local, o pesquisador se deixa ser visto pelas pessoas, fazendo com que a sua presença comece a não ser mais considerada estranha, na medida em que se torna mais frequente. Além disso, a Etapa 1 é realizada com a companhia do contato do pesquisador na comunidade, deixando as pessoas mais à vontade para perguntar ao contato "quem é aquela pessoa" (o pesquisador), e "o que ele(a) está fazendo". Quando isto ocorre, devem ser fornecidas informações sobre o pesquisador e a pesquisa. Por conta da escala focada e da simplicidade dos procedimentos adotados, a amostra da Etapa 1 é constituída pelo próprio universo da comunidade, sem recortes – o todo.

A Etapa 2, por sua vez, corresponde ao contato do pesquisador com as famílias, passando a focar a escala da unidade habitacional. Por conta disso, sua amostra é um recorte do universo da comunidade, definida a partir dos dados coletados na Etapa 1<sup>13</sup>. Na Etapa 2 o pesquisador busca compreender as características das moradias abrangendo os seus diversos aspectos<sup>14</sup>, sendo composta por três visitas, nas quais a aproximação do pesquisador com o pesquisado acontece de forma gradual. A primeira é realizada com a companhia do contato do pesquisador na comunidade, sendo que as demais são realizadas apenas pela equipe pesquisadora.

A quantidade de técnicas adotadas no arranjo metodológico pode ser considerada elevada. No entanto, por se tratar da investigação de um objeto pouco estudado, é provável que surja a necessidade de obtenção de dados não previstos, e tal abundância de procedimentos amplia os tipos de dados possíveis de serem obtidos. Após a organização do arranjo, buscou-se aprofundar o conhecimento a respeito de cada técnica selecionada, percebendo seus pormenores e adequando suas aplicações à realidade da pesquisa e do objeto de estudo. O resultado deste processo é apresentado no tópico seguinte.

---

<sup>13</sup> Ver Tópico 4.3.

<sup>14</sup> Ver Tópico 2.4.

## 3.2 Os Procedimentos

A sistematização dos procedimentos consiste na descrição detalhada das ações para a aplicação do arranjo metodológico. Para cada técnica selecionada, foram realizadas três atividades paralelas: investigação dos procedimentos por meio de pesquisa bibliográfica, adequação da técnica para a realidade da pesquisa, do objeto de estudo e do público alvo, e elaboração do material de apoio para sua aplicação. Em seguida, o desenho do arranjo foi detalhado, abrangendo as técnicas agora fragmentadas em seus diversos passos, e foram elaborados os roteiros para a realização das visitas, que junto com o material de apoio de cada técnica compõe o Apêndice A deste documento.

### 3.2.1 Leitura Espacial

A leitura espacial é uma técnica de análise que associa a leitura verbal do espaço (dos elementos formais como infra-estruturas instaladas, edificações, parcelamentos, usos, composição populacional, dentre outros) à leitura não verbal (das imagens que assinalam as relações e realizações humanas, e seu campo de representações que modelam o cotidiano, expressas em intenções e conflitos) (MOURA & WERNECK, 2000).

No campo da Geografia, esta técnica é muito utilizada nos estudos cartográficos, associada a métodos de representação do espaço e de espacialização de dados. Já em Arquitetura e Urbanismo, a leitura espacial é empregada principalmente para a elaboração de diagnósticos de certo recorte espacial (uma rua, um bairro, uma cidade, etc.), de diversas categorias (social, ambiental, econômico, de organização espacial, etc.). Os métodos empregados tanto em Geografia como em Arquitetura e Urbanismo são muito semelhantes, e variam de acordo com a natureza do dado que se deseja obter. Em qualquer dos casos, a leitura do espaço sempre envolve a observação, sendo esta a sua característica mais marcante.

Em estudo sobre a melhoria de projetos habitacionais a partir de avaliações de pós-ocupação e da participação do usuário, Malard (2002) propõe a leitura espacial para averiguar os pré-requisitos aos quais um determinado projeto deve atender, estando vinculado às necessidades objetivas e subjetivas do indivíduo. O método é proposto na tentativa de superar as dificuldades de aplicação de entrevistas por parte dos arquitetos e adota procedimentos familiares a estes profissionais, tais como a elaboração de

croquis, o registro fotográfico, descrições e entrevistas informais, observações e anotações sobre comentários emitidos espontaneamente pelos usuários.

No caso deste arranjo metodológico, a leitura espacial se aplica a duas escalas distintas e intimamente relacionadas: a comunidade e a unidade habitacional. A primeira está focada na localidade estudada, sendo esta tomada como a parte em análise, inserida no todo que corresponde o seu entorno e as localidades vizinhas. A aplicação da Leitura Espacial na Escala da Comunidade (LEC) se dá na coleta de dados da Etapa 1<sup>15</sup>. Já a segunda escala tem como objeto de estudo o território particular das famílias. A parte em análise aqui passa a ser a unidade familiar, inserida no todo da comunidade. A Leitura Espacial na Escala da Unidade Habitacional (LEUH) é aplicada na coleta de dados da Etapa 2<sup>16</sup>. A abordagem destas duas escalas tem o objetivo de perceber a moradia rural enquanto sistema (no caso da aplicação da LEUH) e enquanto parte de um sistema (no caso da aplicação da LEC), conforme proposto por Santos (1985), abrangendo as relações interescares presentes no espaço estudado.

A LEC é o primeiro procedimento aplicado na coleta de dados, correspondendo, portanto, à entrada dos pesquisadores no campo. A partir deste procedimento, os pesquisadores apreendem a estrutura espacial da comunidade, os elementos constituintes desta estrutura, as características ambientais e de infra-estrutura, e os usos e fluxos presentes na utilização do espaço.

A LEC é realizada com a companhia de algum membro da comunidade, para quem se solicita que apresente o espaço aos pesquisadores, em um passeio. Estes últimos devem permanecer atentos aos comentários informais feitos pelas pessoas, e anotá-los no diário de campo. Recomenda-se evitar o uso de gravadores neste procedimento, para que as pessoas se sintam à vontade para emitir quaisquer opiniões.

Para a realização desta técnica, os pesquisadores devem estar de posse de foto aérea da localidade, na qual devem estar marcadas as edificações que, no momento da leitura, poderão ser codificadas e as anotações feitas em forma de legenda. Além disso, é importante ter disponível uma câmera fotográfica e um GPS durante todo o trajeto, para

---

<sup>15</sup> Ver Quadro 02, em 3.1.

<sup>16</sup> Idem 15.

que os pesquisadores possam registrar e/ou mapear o que julgarem necessário – edificações, infra-estruturas, paisagens, visuais, fenômenos, etc. Em paralelo à LEC, são realizadas pesquisas bibliográficas e junto às instituições para complementar as informações colhidas em campo, principalmente no que diz respeito às características ambientais, às infra-estruturas e à localização da comunidade. Findada a coleta, os dados obtidos por meio da LEC passam por uma análise interpretativa e são sintetizados no mapeamento da comunidade, acompanhado da sua síntese diagnóstica.

Já a Leitura Espacial na Escala da Unidade Habitacional (LEUH), é realizada na Visita 2, após o Acordo Principal. Através da sua realização, os pesquisadores apreendem os elementos presentes na unidade habitacional, bem como as relações entre estes e destes com o entorno imediato. Assim como na LEC, serão observados os aspectos referentes à organização espacial da unidade familiar, os elementos constituintes deste espaço, suas características ambientais, de infra-estrutura, de usos e de fluxos. A realização da LEUH deve ser acompanhada pelo responsável pela moradia, a quem se solicita que apresente a unidade familiar aos pesquisadores. Tanto as recomendações como os recursos necessários para a realização da LEUH são os mesmos que para a LEC: não utilizar gravador, registrar comentários espontâneos e estar de posse de foto aérea, câmera fotográfica e GPS. Também do mesmo modo que na LEC, os dados coletados na LEUH passam por análise interpretativa e são sintetizados em um mapeamento, desta vez da unidade familiar. Por meio da LEUH, os pesquisadores obtêm uma visão macro da unidade habitacional, que é aprofundada através da utilização dos instrumentos investigativos seguintes. O roteiro para a realização tanto da LEC como da LEUH encontram-se no Apêndice A.

### **3.2.2 Formulário e/ou Levantamento de Dados**

O formulário é frequentemente descrito como um questionário no qual o pesquisador faz as perguntas e anota as respostas do pesquisado (CRUZ E RIBEIRO, 2004). Trata-se de uma técnica de interrogação e, como tal, mostra-se bastante útil para a obtenção de informações acerca do que a pessoa “[...] sabe, crê ou espera, sente ou deseja, pretende fazer, faz ou fez, bem como a respeito de suas explicações ou razões para quaisquer das coisas precedentes.” (SELLTIZ, 1967, *apud* GIL, 1991, p. 90).

Segundo Gil (1991), este instrumento tem a desvantagem de não garantir o anonimato e de exigir o treinamento de pessoal. Apesar disso, o autor considera o formulário como uma das mais práticas e eficientes formas de obtenção de dados, por ser aplicável aos mais diversos segmentos da população e por possibilitar a obtenção de dados facilmente tabuláveis e quantificáveis, reunindo assim, as vantagens de outras duas técnicas de interrogação: o questionário e a entrevista.

Ainda de acordo com este autor, o formulário é mais eficiente para a obtenção de dados relacionados a fatos ou de caráter objetivo (sexo, idade, etc.). Já as perguntas referentes a sentimentos, crenças, padrões de ação e razões conscientes que os determinam são mais difíceis de ser respondidas adequadamente, além de exigir esforços redobrados na elaboração do instrumento e na análise e interpretação dos dados.

Por se situar, enquanto técnica de coleta de dados, entre o questionário e a entrevista, Gil (1991) recomenda que o formulário seja elaborado e aplicado de acordo com o que se recomenda para essas duas outras técnicas: a elaboração do questionário e a condução da entrevista. Para o primeiro, apesar de não existirem normas rígidas a respeito, o autor define algumas regras práticas dentre as quais destaca-se: empregar perguntas fechadas, claras e somente aquelas relacionadas ao problema proposto; evitar questões que entrem na intimidade do entrevistado; não sugerir respostas no enunciado da pergunta e considerar o sistema de referência e o nível de informação do entrevistado.

Com relação à condução da entrevista, o referido autor aponta duas etapas fundamentais: a especificação dos dados que se pretende obter e a escolha e formulação das perguntas. O autor alerta que, na primeira etapa, frequentemente comete-se o erro de colocar o problema de forma muito ampla, devendo este aparecer de modo mais específico. Já para a segunda etapa, apontam-se aspectos que devem ser considerados semelhantes e menos abrangentes do que aquelas regras para o questionário. Estas, por serem mais restritivas, foram as adotadas para a elaboração do instrumento para esta pesquisa, evitando-se a formulação de perguntas inadequadas.

No arranjo metodológico, a aplicação do formulário visa obter dados objetivos sobre as famílias e as moradias<sup>17</sup> que, em conjuntos com aqueles obtidos na LEC, possibilita o conhecimento dos perfis das famílias e das moradias do local de estudo. Como se tratam de dados simples, muitas vezes levantados por programas sociais, há a possibilidade da existência de um banco de dados que contenha as informações pretendidas para a localidade em estudo. Caso isto ocorra, o formulário pode ser substituído pelo levantamento de dados junto às instituições locais. Caso as informações constantes nos bancos de dados disponíveis não sejam suficientes para traçar os perfis das famílias e das moradias, formulário e levantamento de dados podem ser utilizados em paralelo, de modo a se complementarem.

Quando da necessidade de aplicação do formulário, esta deve ser precedida de uma rápida apresentação do pesquisador e dos objetivos da pesquisa ao entrevistado, a quem se solicita o fornecimento das informações desejadas<sup>18</sup>. Coletados os dados, estes devem ser cruzados com aqueles obtidos por meio da LEC e passar pela análise quantitativa, gerando os perfis das famílias e das moradias. No Apêndice A encontra-se o roteiro para realização do formulário e/ou levantamento, bem como o formulário propriamente dito.

### 3.2.3 Procedimentos de Acordo (Reports)

Os acordos (ou *reports*) entre pesquisador e pesquisado são frequentemente citados na literatura científica como parte integrante e fundamental na realização de pesquisas qualitativas (CRESWELL, 2007). Trata-se de uma espécie de “contrato”, através do qual o pesquisador se compromete com os motivos e objetivos da investigação, com o anonimato, com a logística e com a devolução das informações, desde o primeiro contato com o pesquisado (SIERRA, 1998 *apud* GODOI & MATOS, 2007). Estes procedimentos podem ser realizados tanto no início da fase de coleta de dados em campo (CRESWELL, 2007), como antecedendo a aplicação de um instrumento específico, como as entrevistas, por exemplo (GODOI & MATOS, 2007).

---

<sup>17</sup> Por exemplo: quantidade de membros e seus perfis (sexo, idade, ocupação), relações de parentesco, número de cômodos, tipo de construção, condições de saneamento e de abastecimento de água e energia elétrica, etc.

<sup>18</sup> O pesquisado não deve se sentir obrigado a participar da pesquisa, de modo que o formulário só deverá ser aplicado com o seu aceite. Em situação contrária, os pesquisadores não devem insistir, agradecendo de qualquer forma a atenção dispensada.

Creswell (2007) aponta os elementos essenciais do acordo, que se referem aos aspectos da pesquisa e aos direitos dos participantes. Quanto aos primeiros, devem ser explicitados os objetivo, os procedimentos e os benefícios da pesquisa para o pesquisado, enquanto que no segundo encontram-se os direitos de participar voluntariamente, de desistir a qualquer momento, de fazer perguntas, de obter uma cópia dos resultados e de ter a privacidade respeitada.

No caso desta pesquisa, e conforme visto no Quadro 02, a coleta de dados se fará em 4 visitas, organizadas em duas etapas. O acordo inicial corresponde ao instrumento que inaugura a coleta de dados da Etapa 2 tendo em vista que será neste momento que se iniciará o contato mais aproximado entre a equipe pesquisadora e os participantes da pesquisa, integrantes da amostra selecionada previamente, a partir dos dados obtidos na Etapa 1. Desta forma, é na ocasião do acordo inicial que se realiza o primeiro contato com as famílias participantes, devendo ser apresentados a equipe pesquisadora, a pesquisa (objeto, motivos, objetivos), os procedimentos (visitas, instrumentos) e os direitos do pesquisado (privacidade, interrupção, etc.). Neste momento, deve ser dada a opção ao pesquisado de participar ou não da pesquisa e, caso haja concordância, agendado o momento da realização da próxima visita.

Além deste acordo inicial, em cada visitas os pesquisadores devem recapitular, junto ao participante, os procedimentos a serem realizados naquele momento, se colocando à disposição para o esclarecimento de quaisquer dúvidas que o pesquisado possa ter. Em seguida, os pesquisadores devem confirmar tanto participação como a autorização do pesquisado para a realização dos procedimentos. Do mesmo modo, ao final de cada visita, o participante deve ser informado a respeito dos procedimentos a serem realizados na visita seguinte, sendo solicitada a confirmação de sua participação e o agendamento da sua realização.

A fim de evitar confusões entre o acordo inicial e as medidas acima descritas, chamamos o primeiro de Acordo Principal (AP) e as últimas de Confirmação Inicial de Acordo (CIA) e de Confirmação Final de Acordo (CFA), a serem realizados no início e no final de cada visita, respectivamente. Os roteiros para realização de cada procedimento de acordo encontram-se no Apêndice A.

A estratégia de aplicação desses tipos de procedimentos de acordo (AP, CIA e CFA) tem o objetivo de manter o pesquisado informado a respeito do processo do qual participa, ao mesmo tempo em que lhe é dada a oportunidade de concordar ou não com a continuidade desta participação. Isto se faz necessário para que a participação do pesquisado ocorra por livre e espontânea vontade, uma vez que a participação imposta pode causar desconforto e insatisfação ao participante, interferindo no seu comportamento e nas informações por ele prestadas.

No entanto, corre-se o risco da possibilidade de descontinuidades por conta de desistências dos pesquisados, inclusive em estágios avançados da coleta de dados. Para minimizar este risco, o acordo inicial é responsável pela exposição clara de todos os procedimentos dos quais os indivíduos irão participar, bem como das autorizações necessárias para certas ações dos pesquisadores (como entrar na casa para realizar o levantamento físico, por exemplo). Além disso, deve ser sempre enfatizada a importância da participação ao longo de todo o processo, ainda que o indivíduo possa interrompê-la a qualquer momento. Desta forma, antes mesmo da aplicação de qualquer tipo de instrumento, são fornecidas ao pesquisado todas as informações necessárias para que este possa tomar a decisão, de forma mais segura, de participar ou não dos procedimentos que se seguirão.

### **3.2.4 Entrevista Narrativa**

A entrevista narrativa é considerada uma forma de entrevista não-estruturada, de profundidade, com características específicas, sendo particularmente útil no caso de projetos que investiguem acontecimentos específicos. Conceitualmente, a idéia da entrevista narrativa é motivada por uma crítica de entrevistas do tipo pergunta-resposta, nas quais o entrevistador impõe estruturas através da seleção de tema e tópicos, do estabelecimento da ordem das perguntas e da verbalização destas com sua própria linguagem (BAUER E GASKELL, 2002). Desta forma, a entrevista narrativa é vista como o meio através do qual se pode chegar a uma versão menos imposta e mais válida da perspectiva do informante. Nela, as regras de execução se restringem ao pesquisador, que deve ter influência mínima.

A entrevista narrativa é utilizada estimulando o entrevistado a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social. O objetivo desta

técnica é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível (SCHÜTZE, 1977, *apud* BAUER E GASKELL, 2002).

Segundo Schütze (1977, *apud* BAUER E GASKELL), a narrativa segue um esquema auto-gerador, com três características principais:

- a) **Textura Detalhada:** O narrador tende a fornecer tantos detalhes dos acontecimentos quanto forem necessários para tornar plausível a transição entre eles, dependendo do ouvinte (quanto menos o ouvinte conhece o assunto contado, mas detalhes serão fornecidos). A textura detalhada também se refere à proximidade da narrativa aos acontecimentos: dá conta do tempo, do lugar, dos motivos, dos pontos de orientação, dos planos, das estratégias e das habilidades.
- b) **Fixação da Relevância:** De acordo com a sua perspectiva de mundo, o contador narra os aspectos do acontecimento que considera relevante. A explicação dos acontecimentos é seletiva e se desdobra em torno de centros temáticos que refletem o que o narrador considera importante.
- c) **Fechamento da Gestalt:** um acontecimento central mencionado na narrativa tem de ser contado em sua totalidade, com começo, meio e fim.

O pressuposto da entrevista narrativa é que a perspectiva do entrevistado se revela melhor nas histórias onde o informante está usando sua própria linguagem. Contudo, é importante lembrar que a narração segue um esquema autogerador, estando formalmente estruturada em 5 fases: Preparação, Iniciação, Narrativa Central, Questionamento e Fala Conclusiva.

A **Preparação** corresponde à fase inicial na aplicação de entrevistas narrativas, na qual o pesquisador deve buscar uma compreensão preliminar do acontecimento principal, criando familiaridade com o campo de estudo. Para tanto, a preparação pode implicar em investigações preliminares, leitura de documentos e anotações de boatos e relatos informais sobre algum acontecimento específico. A partir deste conhecimento inicial, o pesquisador monta uma lista de *perguntas exmanentes*, que refletem seus interesses, formulações e linguagem. Essas perguntas devem ser traduzidas em *questões imanentes* (linguagem do pesquisado) e ancoradas à narração (BAUER E GASKELL, 2002).

No arranjo metodológico, esta aproximação é feita nas Visitas 1 e 2, que antecedem a aplicação da entrevista narrativa, e nas quais são firmados os contatos iniciais entre pesquisador e pesquisado, e realizadas as leituras espaciais, permitindo o conhecimento inicial do campo de investigação e uma aproximação com o objeto de estudo e com o pesquisado. As questões exmanentes devem ser elaboradas a partir da análise dos dados coletados na fase de preparação (Visitas 1 e 2), enfatizando os pontos relevantes para a pesquisa e aqueles que demandem uma melhor compreensão.

Ainda na etapa de preparação, elabora-se o tópico inicial da entrevista narrativa, que deve fazer parte da experiência do informante, ser de significância pessoal e social ou comunitária, ser suficientemente amplo para permitir ao informante desenvolver uma história longa que, a partir de situações iniciais, passando por acontecimentos passados, levem à situação atual, e não deve referir datas, nomes ou lugares, deixando que tais pontos sejam mencionados pelo informante, como parte de sua estrutura relevante (BAUER E GASKELL, 2002).

No caso desta pesquisa, o tópico inicial se refere à história da construção da casa, com o intuito de obter uma narrativa deste processo, através da qual possam ser percebidas as práticas utilizadas, as dificuldades enfrentadas e os aspectos relevantes da produção da moradia, a partir da perspectiva dos autoconstrutores.

A **Iniciação** é uma espécie de acordo que corresponde à explicação, em termos amplos, sobre o contexto da investigação; à solicitação de gravação da entrevista; e à explicação breve sobre os procedimentos da entrevista narrativa (narração sem interrupções, fase de questionamento, etc.). Em seguida, o tópico inicial é introduzido, a partir do qual deve ser desenvolvida a narração (BAUER E GASKELL, 2002). No entanto, no arranjo metodológico, alguns dos tópicos da iniciação são abordados já na Confirmação Inicial de Acordo V3. Assim, esta etapa é composta apenas pelas explicações referentes ao próprio instrumento da entrevista, sendo seguida pela introdução do tópico inicial.

A **Narração Central** se inicia a partir da introdução do tópico inicial, e corresponde à narrativa propriamente dita. Quando começa, não deve ser interrompida até que haja uma clara indicação de que a história terminou. Durante a narração, o entrevistador deve se abster de qualquer comentário, emitindo apenas sinais não verbais de escuta atenta e encorajamento explícito para continuar a narração (“hmm”, “sim”, “sei”).

Durante a escuta, o entrevistador pode tomar notas para perguntas posteriores, se isso não interferir na narração. Quando o informante indicar o fim da história, pode-se investigar por algo mais: “É tudo que você gostaria de me contar?”; “Haveria ainda alguma coisa que você gostaria de dizer?” (BAUER E GASKELL, 2002).

Com o intuito de possibilitar ao pesquisador o máximo de concentração na narrativa desenvolvida pelo pesquisado, recomenda-se, no arranjo metodológico proposto, que não sejam tomadas notas nesta fase da entrevista. Isso é possível tendo em vista a realização, na visita posterior, de uma entrevista semi-estruturada. Desta forma, durante a transcrição da narrativa, o pesquisador pode apontar questões que necessitem um maior aprofundamento, e incluí-las no roteiro da entrevista semi-estruturada.

Os **Questionamentos** são iniciados quando a narração chega a um fim natural. É o momento em que as *questões exmanentes*, elaboradas na etapa de preparação, são traduzidas em *questões imanentes*, com o emprego da linguagem do informante, para completar lacunas da história. Os dados são registrados, além da gravação, em notas tomadas pelo pesquisador.

Para a realização dos questionamentos, Bauer e Gaskell (2002) indicam três regras básicas: não fazer perguntas do tipo “por quê?”, fazendo apenas perguntas que se refiram aos acontecimentos, como: “O que aconteceu antes/depois/então?”; perguntar apenas questões imanentes, empregando somente as palavras do informante, podendo se referir tanto aos acontecimentos narrados quanto a tópicos do projeto de pesquisa; não apontar contradições na narrativa, evitando a investigação da racionalização.

Após a elaboração das questões, cria-se a ficha de entrevista narrativa com os tópicos dos dados que se deseja obter. Durante a narrativa, o pesquisador deve marcar na ficha os tópicos que são abordados ao longo da fala do pesquisado. Desta forma, a realização dos questionamentos poderá focar naqueles tópicos que não tenham sido abordados pelo participante. A ficha elaborada para esta pesquisa encontra-se no Apêndice A.

A **Fala Conclusiva** corresponde a uma conversa informal e descontraída no final da entrevista, após desligamento do gravador. De acordo com Bauer e Gaskell (2002), as informações aqui obtidas podem ser muito importantes para a análise dos dados e interpretação contextual da narrativa. Durante esta fase, o pesquisador pode fazer

perguntas do tipo “por quê?” e avaliar o nível de (des)confiança percebido no informante para interpretação da narração no seu contexto. As informações são registradas em um diário de campo, sintetizando os conteúdos dos comentários informais, imediatamente após a entrevista.

As narrativas devem ser analisadas a partir do esquema autogerador apontado por Schütze (1977, *apud* BAUER E GASKELL), por meio da identificação da textura detalhada, da fixação da relevância e do fechamento da gestalt. Cada um destes tópicos produz uma categorização, conforme apresentado no Quadro 03.

**Quadro 03 – Categorização dos tópicos do esquema autogerador da narrativa.**

Fixação da Relevância	Identificação dos aspectos e fatos presentes na narrativa, que correspondem ao que o pesquisado considera relevante.
Textura Detalhada	Hierarquização dos fatos narrados pelo maior ou menor detalhamento. Identificação de tempos, lugares, motivos, pontos de orientação, planos, estratégias e habilidades.
Fechamento da Gestalt	Identificação do começo, do meio e do fim da narrativa.

**Fonte: Produzido pela autora.**

Além da análise pelo esquema autogerador, devem ser observadas as dimensões cronológica e não-cronológica da entrevista narrativa, apontadas por Bauer e Gaskell (2002). A primeira se refere à sequência dos episódios contados, e a segunda corresponde à configuração de um “enredo”, sendo este crucial para a constituição de uma estrutura narrativa, pois é através dele que pequenas histórias, dentro de uma história maior, adquirem sentido. Desta forma, a análise da dimensão cronológica informa a ordem seqüencial dos acontecimentos do processo de produção da moradia, enquanto que a partir da dimensão não-cronológica são percebidas as inter-relações entre os acontecimentos seqüenciados anteriormente. O roteiro para a aplicação da entrevista narrativa encontra-se no Apêndice A.

### **3.2.5 Vestígios Ambientais**

Os Vestígios Ambientais correspondem às marcas presentes no ambiente, decorrentes do seu uso e da sua ocupação. A observação desses vestígios enquanto técnica investigativa é utilizada por diversas áreas de conhecimento. Em Arqueologia e em Antropologia, por exemplo, o estudo de culturas, modos de vida, costumes alimentares e estágio de desenvolvimento de populações remotas passa a ser conhecido a partir da

investigação dos rastros deixados por estas populações no ambiente. Em Engenharia, as patologias dos edifícios são detectadas a partir da observação de “cicatrices”, como rachaduras e focos de umidade. Investigações policiais, por sua vez, são realizadas com base nas pistas deixadas na cena do crime.

Já no campo da Psicologia Ambiental, os vestígios ambientais são utilizados como objetos de pesquisa que buscam compreender a ocupação e o uso de um determinado local, permitindo inferir algumas das relações pessoa-ambiente. São por isso chamados de *vestígios ambientais de comportamento*, podendo ocorrer de duas formas: a) deposição, quando algo é acrescentado ao ambiente, como o lixo, por exemplo; e b) erosão, quando algo é retirado do ambiente, como por exemplo, um piso mais gasto em determinada área (PINHEIRO; ELALI; FERNANDES, 2008).

A utilização dos vestígios ambientais de comportamento consiste, portanto, na observação e análise de sinais ou marcas resultantes da ocupação de um local encontrados após o término das atividades dos seus usuários, correspondendo a uma espécie de “arqueologia do comportamento.” (PINHEIRO; ELALI; FERNANDES, 2008). Sua utilização não exige a construção de instrumentos sofisticados e os registros são feitos em uma caderneta de campo, ainda que se possa utilizar diagramas, desenhos e fotografias como formas de complementar os dados. A observação dos vestígios ambientais de comportamento não necessita de uma rigidez de horários, sendo mais importante o treinamento dos observadores para identificar e, na medida do possível, compreender os resíduos comportamentais presentes no ambiente, sua contextualização sócio-cultural e a relação com outros vestígios ali presentes (PINHEIRO; ELALI; FERNANDES, 2008).

No arranjo metodológico, a observação dos vestígios ambientais é utilizada para a obtenção de dados referentes ao uso dos ambientes e às características construtivas da edificação. Os pesquisadores fazem um croqui do espaço observado na folha de croqui, que contém, além de um espaço em branco para o desenho, um quadro onde são registrados os indícios de ocupação humana observados (caminhos, pegadas, resquícios de atividades desenvolvidas, disposição de objetos e mobílias, etc.) e informações referentes ao estado de conservação da edificação (acabamentos, patologias, etc.). As informações devem ser registradas com códigos alfabéticos (A, B, C...), e devidamente

localizadas no croqui elaborado previamente. A observação dos vestígios ambientais é realizada em paralelo com a entrevista narrativa, sendo aplicado, portanto, durante a Visita 3. No Apêndice A encontra-se tanto o roteiro para a observação dos vestígios ambientais como a sua ficha de aplicação.

### 3.2.6 Mapa Comportamental

O mapeamento comportamental é um procedimento investigativo utilizado no campo da Psicologia Ambiental e se destina a explorar a associação entre comportamento e ambiente (PINHEIRO; ELALI; FERNANDES, 2008). Segundo Lee (1977, apud PINHEIRO; ELALI; FERNANDES, 2008), a técnica se baseia na observação naturalística do ambiente e gera uma representação gráfica da ocupação humana em uma área, relacionando espaço físico e comportamento.

De acordo com Pinheiro; Elali e Fernandes, (2008), este procedimento investigativo costuma ser empregado em consultorias, prestações de serviço ou no início de um projeto de pesquisa mais abrangente, sendo por isso que o mapeamento comportamental não é facilmente encontrado na literatura científica. O estudo *Street Life Project* se destaca como uma das aplicações mais extensas dessa técnica, tendo sido publicado no livro *A vida social de pequenos espaços urbanos* (Whyte, 1980, apud PINHEIRO; ELALI; FERNANDES, 2008), que se tornou um clássico ao apresentar informações sobre a observação de espaços públicos em condições de utilização cotidiana.

A construção de mapas comportamentais inclui um diagrama da área observada, uma definição clara dos comportamentos observados, um horário ou esquema das vezes em que deve ocorrer o registro das observações, e um procedimento sistemático de observação, que inclua codificação e contagem, de modo a minimizar a dificuldade de registro das observações (PINHEIRO; ELALI; FERNANDES, 2008). De acordo com os referidos autores, o mapeamento comportamental pode ser realizado em duas modalidades, podendo estas ser utilizadas em conjunto, já que os resultados de cada uma são complementares. A primeira corresponde ao *Mapeamento Comportamental Centrado no Lugar*, utilizado em estudos com foco no ambiente. Nesta modalidade, observam-se as pessoas que passam pelo espaço em um determinado momento. A segunda corresponde ao *Mapeamento Comportamental Centrado na Pessoa*, utilizado em

estudos com foco nos indivíduos e seus comportamentos. Neste caso, busca-se observar os percursos realizados pelos sujeitos e os modos que estes utilizam o espaço.

Para o arranjo metodológico em desenvolvimento, o mapeamento comportamental será realizado na modalidade *centrado no ambiente*, uma vez que o objeto de estudo desta pesquisa é a moradia rural. Nesta modalidade, os dados são traduzidos em representações gráficas nas quais os diversos tipos de comportamento dos usuários são relacionados a seções específicas do espaço. Na preparação do mapeamento, exige-se a representação gráfica do local (em diagrama ou planta baixa), que deve ser feita de modo simplificado, mas abrangendo os elementos indutores de comportamento (uma porta, um bebedouro, etc.), e uma ficha de observação, pressupondo que as categorias comportamentais sejam previamente definidas, através de observações assistemáticas iniciais. (PINHEIRO; ELALI; FERNANDES, 2008). Normalmente, a ficha de observação se assemelha a uma tabela ou planilha de dupla entrada, que contém em um eixo os setores nos quais o espaço é dividido e no outro as categorias comportamentais estabelecidas previamente. Segundo Pinheiro; Elali e Fernandes, (2008), a complexidade ou simplicidade dessa ficha de observação será proporcional aos objetivos do estudo, mas deve-se buscar facilitar ao máximo o registro das informações durante a coleta de dados.

Ainda de acordo com Pinheiro; Elali e Fernandes, (2008), a coleta de dados exige, ainda, a definição do período de observação (em termos de dias, horários e similares) e da periodicidade do registro (a cada dez minutos, meia hora, etc.), dependendo do tipo de fenômeno estudado. De modo geral, os mapas centrados no lugar devem cobrir ao máximo os momentos em que a área esteja sendo usada.

No arranjo metodológico, a representação gráfica do local é feita na forma de croqui, elaborado na ocasião da realização de cada mapeamento. O espaço é setorizado de modo que cada setor corresponda a um cômodo ou ambiente (interno ou externo) da moradia. As fichas de observação<sup>19</sup>, por sua vez, não adotam uma categorização comportamental pré-definida. Pretende-se, com isto, evitar que os pesquisadores deixem de perceber certos comportamentos que, por ventura, não tenham sido categorizados anteriormente. Desta forma, a ficha para o mapeamento comportamental é a mesma utilizada para os

---

<sup>19</sup> Ver Apêndice A.

vestígios ambientais<sup>20</sup>, sendo composta por uma folha de croqui e um quadro onde devem ser registradas as informações geradas a partir da observação. Cada atividade ou comportamento observado deve receber um código numérico (1, 2, 3,...) que, por sua vez, deve ser marcado na representação gráfica para indicar especificamente o local onde ocorrem.

O período de observação é determinado por ocasião da realização do acordo principal, quando se faz o agendamento da visita 2. A recomendação de “cobrir os diferentes momentos em que a área esteja sendo usada”, por sua vez, torna-se inviável nesta pesquisa, tendo em vista que o objeto de estudo não é composto por uma única moradia, mas diversas. Realizar o mapeamento comportamental em diferentes períodos para cada moradia demandaria o emprego de grande quantidade de tempo tanto por parte da equipe pesquisadora, como por parte dos participantes da pesquisa. Por isso, para que os dados coletados não estejam “maquiados” por uma inadequação na aplicação do método, os pesquisadores devem buscar abranger os diferentes períodos nas diferentes moradias<sup>21</sup>. A consequência desta adaptação está no fato de que os dados e as análises não corresponderão ao comportamento de uma família em sua moradia, mas ao modo como as famílias daquela localidade se comportam em relação às suas moradias. Este fato não acarretará prejuízos para os objetivos da pesquisa, uma vez que as moradias estudadas e seus habitantes se inserem no contexto do objeto de estudo.

Segundo Pinheiro; Elali e Fernandes, (2008), a análise dos dados pode ser realizada de diferentes maneiras, geralmente envolvendo um tratamento estatístico simples com comparações dos percentuais de ocupação em função do seu tipo e do horário em que ocorrem. Isso possibilita a construção de tabelas, gráficos e plantas indicativas de diferentes usos do local em estudo, características dos usuários e horários das atividades, tendo como variáveis o espaço, as pessoas, o comportamento e o tempo.

No caso do arranjo metodológico proposto, a pergunta que se busca responder com a aplicação deste instrumento é “quem faz o quê e aonde?”. Desta forma, a análise dos dados estará baseada em três variáveis: pessoa, atividade e lugar. Para cada atividade

---

<sup>20</sup> Ver Apêndice A.

<sup>21</sup> Por exemplo, se na moradia A o mapeamento for realizado em um dia útil, no período da manhã, na moradia B deverá ser realizado em um dia útil, no período da tarde, enquanto que na moradia C será no fim de semana no período da manhã, etc.

observada, uma pergunta será respondida. A partir dos dados, devem ser criados quadros demonstrativos, tendo como variável fixa os setores do espaço observado. No arranjo metodológico, o mapeamento comportamental é realizado na Visita 3, em paralelo à entrevista narrativa. O roteiro para sua aplicação encontra-se no Apêndice A.

### **3.2.7 Levantamento Físico da Edificação**

O levantamento físico é uma ferramenta utilizada principalmente nos campos da Engenharia Civil e da Arquitetura e do Urbanismo que consiste na representação gráfica da edificação após a sua medição, sendo, portanto, inverso ao processo de projeto, já que se parte do edifício construído para a sua representação gráfica (MATEUS, 2009).

Ainda de acordo com este autor, o levantamento físico de edifícios pode estar voltado para diversas finalidades, como ações de conservação e restauro, realização de análises funcionais, formais, históricas e estruturais da edificação, elaboração de inventários e catalogações de bens patrimoniais construídos, avaliações imobiliárias, etc. A diversidade de fins para o qual é empregado faz com que o produto de levantamentos físicos varie com relação à escala adotada, ao rigor e precisão das medições, aos instrumentos e técnicas que utiliza e ao tipo de informações coletadas e registradas.

De acordo com as finalidades do seu emprego, o levantamento físico poderá estar focado em diferentes aspectos do edifício, tais como a sua forma e geometria e as deformações sofridas por estas, os materiais, componentes, técnicas e tecnologias utilizadas na sua construção, os elementos construtivos a sua lógica de articulação, o seu estado de conservação e a disposição do mobiliário em seu interior (MATEUS, 2009).

No arranjo metodológico, o levantamento físico se destina à coleta de dados que permitam analisar a articulação dos espaços, a sua funcionalidade e a forma de ocupação por seus habitantes. Além disso, objetiva-se conhecer aspectos referentes tanto ao saber construtivo local, no que diz respeito aos materiais e às técnicas utilizadas, como à tradição construtiva, no que se refere à forma e à organização espacial das partes da edificação. Para tanto, o levantamento é composto por informações a respeito da forma e da geometria do edifício, da sua divisão interna, dos materiais, das técnicas e dos elementos construtivos e da disposição do mobiliário, sendo este último registrado de

forma esquemática. É realizado na visita 3, após a entrevista narrativa. O roteiro para realização do levantamento físico encontra-se no Apêndice A.

O levantamento se inicia com a elaboração de um croqui da planta baixa da casa e do seu entorno imediato, em uma folha de croqui<sup>22</sup>. Em seguida, são feitas as medições horizontais dos cômodos, buscando identificar a localização exata dos componentes e equipamentos, tais como esquadrias, louças, bancadas, etc. Durante a realização destes procedimentos, os pesquisadores devem estar atentos para o surgimento da necessidade de realização de medições verticais. Quando isto ocorrer, devem ser elaborados croquis de elevações, cortes e vistas, e efetuadas as devidas medições. Além disso, à medida que os cômodos são adentrados pelos pesquisadores, estes deverão registrar a disposição do mobiliário no croqui da planta baixa.

Cada cômodo, componente, equipamento e mobiliário deve ser registrado por meio de fotografias. Tanto as características das esquadrias como materiais e acabamentos são registrados em quadros específicos<sup>23</sup>. Após as medições horizontais e verticais internas, os pesquisadores devem elaborar croquis de elevações, vistas e fachadas externas, registrando a forma e a geometria da edificação e a sua relação com elementos presentes no entorno imediato da casa. Estes devem ter suas localizações mapeadas e, no caso de anexos cuja função seja complementar o programa da moradia (um banheiro externo, por exemplo), deve se proceder ao levantamento físico destes.

Podem ser utilizadas trenas convencionais e/ou eletrônicas, além de GPS, lápis, câmera fotográfica e fichas de levantamento. Os dados coletados em cada edificação serão sintetizados na forma de maquete eletrônica da moradia, devidamente acompanhada de seus quadros de esquadrias e de materiais. Além disso, deve ser elaborado um fluxograma dos espaços que compõem a unidade habitacional.

A análise dos dados obtidos a partir do levantamento físico será realizada em duas etapas, cada qual com uma escala específica do objeto de análise. A primeira é chamada de Análise Parcial, e seu objeto corresponde a cada unidade habitacional, com escala de abordagem concentrada na parte do universo estudado. A segunda é chamada de Análise

---

<sup>22</sup> Ver Apêndice A.

<sup>23</sup> A ficha para aplicação do levantamento físico é composta por Folha de Croqui, Quadro de Esquadrias e Quadro de Materiais. Ver Apêndice A.

Total e tem como objeto o universo das moradias levantadas fisicamente. Desta forma, a escala de abordagem, neste caso, estará concentrada no todo do universo estudado.

A Análise Parcial dos Dados, do tipo interpretativa, é realizada com base na maquete eletrônica e nos quadros de materiais e esquadrias para cada moradia, identificando os aspectos apresentados no Quadro 04.

**Quadro 04 – Aspectos identificados por meio da Análise Parcial de Dados do Levantamento Físico.**

Volume e geometria	Relação entre largura, altura e profundidade; desenho da coberta; disposição de anexos e espaços de transição; composição de fachadas; etc.
Relação com entorno imediato	Espaços públicos, de transição e privados; aberturas; acessos; anexos.
Distribuição das funções da moradia	Setorização (social, serviço e íntimo); circulação interna; flexibilidade e modificações.
Orientação	Com relação aos pontos cardeais (condições de iluminação e ventilação); com relação aos elementos do entorno (via, anexos, vizinhos, etc.).
Sistemas construtivos	Estrutura; materiais; acabamentos; componentes; equipamentos; etc.;
Sistemas de infra-estrutura	Abastecimento de água; armazenamento de água; fornecimento de energia elétrica; destino de esgotos; destino do lixo.

**Fonte: Produzido pela autora.**

Concluída a Análise Parcial dos Dados para cada moradia levantada, será realizada a Análise Total dos Dados, que corresponderá a uma compilação interpretativa dos resultados da análise espacial, buscando identificar, para o universo estudado, os padrões e os desvios do modo como se desenvolvem e/ou se apresentam as moradias, no que diz respeito aos mesmos aspectos abordados na Análise Parcial dos Dados.

### 3.2.8 Mapa Afetivo

O mapa afetivo, enquanto instrumento investigativo foi proposto por Bomfim (2008) para facilitar a apreensão das sensações, emoções e sentimentos que, como parte de uma linguagem interior ao indivíduo, podem ser muitas vezes intangíveis como expressão exterior. A utilização da técnica tem o intuito de investigar as afetividades do indivíduo em relação ao ambiente a partir da vertente transacionalista, a qual

[...] não se restringe à visão da interação do indivíduo com o ambiente como um cenário, em que um interfere no outro, mas põe em evidência o entorno como uma dimensão da identidade dos indivíduos, em que interagem fatores psicossociais, sócio-físicos e histórico-culturais. (BOMFIM, 2008, p. 254).

A referida autora define mapas afetivos como representações do espaço, sendo este relacionado com qualquer território emocional. Ou seja, correspondem à:

[...] representações assentadas em sinais emotivos [...], elaborados a partir de recursos imagéticos (desenhos, fotos, objetos de arte). [...] são reveladores da implicação do indivíduo a um determinado ambiente. (BOMFIM, 2008, p. 258).

Os mapas afetivos são orientadores das estratégias de ação e avaliação dos níveis de apropriação (pertencer ou não pertencer a um lugar), apego (vinculação incondicional a um lugar), e de identidade social (valores, representações), utilizando imagens e palavras para formulação de sínteses ligadas aos sentimentos. (BOMFIM, 2008, p. 258).

Na proposta de Bomfim (2008), a aplicação dos mapas afetivos se dá em três etapas: **produção de desenhos** pelo entrevistado; **projeção mental**, que corresponde à tradução da dimensão afetiva do desenho; e **metáforas**, como recurso de síntese da relação entre os significados, das qualidades e dos sentimentos atribuídos ao desenho. As etapas de projeção mental e de metáforas são realizadas através da aplicação de um questionário cujas questões se relacionam ao desenho e ao ambiente em estudo.

No entanto, para o arranjo metodológico, a possibilidade do baixo nível de escolaridade da população estudada levou à realização de algumas adaptações<sup>24</sup> no método proposto por Bomfim (2008). Na primeira etapa, a *produção de desenhos* é substituída pela *produção de fotografias*, pois a falta de intimidade com uma máquina fotográfica pode ser considerada como uma situação normal, enquanto que a dificuldade na utilização de papel e lápis poderá causar desconforto e constrangimento ao participante. Pelos mesmos motivos, nas etapas *projeção mental* e *metáforas*, o questionário é substituído pela entrevista semi-estruturada, cujos tópicos se baseiam nas questões do instrumento proposto por Bomfim (2008). Tais adequações são apresentadas no Quadro 05.

---

<sup>24</sup> As adaptações realizadas foram discutidas com a autora da proposta metodológica dos Mapas Afetivos, Profa. Zulmira Bomfim, que considerou os motivos das adaptações como relevantes, já que a não consideração do nível de escolaridade da população pesquisada acaba por comprometer a validade dos dados coletados através do instrumento, em sua forma original. Acrescentou ainda que a substituição da produção de desenhos por produção de fotografias não traz nenhum prejuízo para os resultados, mas ressaltou que a realização da entrevista ao invés da aplicação do questionário pode interferir nas respostas, pelo fato de que estas serão fornecidas diretamente ao pesquisador. No entanto, para Bomfim, o desenvolvimento de uma aproximação gradual entre pesquisador e pesquisado por conta da realização das visitas que antecedem a aplicação dos mapas afetivos, acarreta no aumento gradativo da confiança e da intimidade entre as partes, contribuindo para que o participante se sinta à vontade para fornecer as respostas de modo espontâneo e sincero, no momento da realização da entrevista.

**Quadro 05 – Adaptação das etapas e dos instrumentos originais ao arranjo metodológico proposto.**

Instrumento Original (BOMFIM, 2008)		Arranjo Metodológico	
Etapa	Instrumento Aplicativo	Etapa	Instrumento Aplicativo
Desenhos	Produção de desenhos pelo participante	Fotografias	Produção de fotografias pelo participante
Projeção Mental	Questionário	Projeção Mental	Entrevista Semi-Estruturada
Metáforas		Metáforas	

**Fonte: Elaborado pela autora.**

No arranjo metodológico, os mapas afetivos são aplicados em duas fases, sendo a primeira correspondente à etapa *Fotografias*, realizada na Visita 3, e a segunda correspondente às etapas *Projeção Mental* e *Metáforas*, realizadas na Visita 4.

### 3.2.8.1 Produção de Fotografias

De acordo com Flick (2007), as fotografias como fontes de dados têm sua tradição na antropologia e na etnografia. Citando Mead (1963, apud FLICK, 2007), a autora aponta as vantagens da utilização de fotografias em pesquisas por permitir gravações detalhadas dos fatos, possibilitar a transgressão do tempo e do espaço, proporcionar uma apresentação mais abrangente das condições e dos estilos de vida, ficar à disposição de outras pessoas e poderem ser re-analisadas. Além disso, “As câmeras são incorruptíveis no que diz respeito à sua percepção e documentação do mundo: não se esquecem, não se cansam e não cometem erros.” (FLICK, 2007, p. 163). As fotografias, por sua vez, dão um formato específico ao mundo que apresentam, e revelam uma abordagem ao mundo simbólico do sujeito e de suas visões (FLICK, 2007). Ainda de acordo com esta autora, as fotografias podem ser utilizadas de quatro formas enquanto método de pesquisa, conforme apresentado no Quadro 06.

**Quadro 06 – Formas de utilização das fotografias em pesquisas qualitativas.**

Tipo I	O pesquisador mostra fotografias para uma pessoa em estudo, fazendo-lhes perguntas a respeito do material
Tipo II	O pesquisado é utilizado como modelo para as fotografias
Tipo III	O pesquisador pede ao pesquisado que lhe mostre fotografias sobre determinado tópico ou período
Tipo IV	O pesquisador observa o pesquisado enquanto este tira fotografias e conduz uma análise da opção temática que está sendo fotografada

**Fonte: FLICK (2007). Adaptado pela autora.**

Além dessas formas, as fotografias podem ser utilizadas no contexto das entrevistas. Neste caso, o pesquisado recebe uma câmera e lhe é solicitado que tire fotografias. As imagens resultantes são utilizadas como suporte para a entrevista, como meio para a produção de narrativas ou respostas, primeiramente a respeito da imagem gerada, partindo para a vida pessoal do pesquisado (FLICK, 2007).

Este procedimento foi utilizado por Wuggenig (1990, apud FLICK, 2007) em estudo sobre a importância na área da moradia. Neste caso, “as pessoas foram instruídas a utilizar uma câmera para documentar, em 12 fotos, suas formas de viver e o interior de seu apartamento” (p. 164). Ferrara (1993) utilizou um procedimento semelhante, em estudo sobre a percepção ambiental no contexto urbano, no qual foi solicitado aos participantes que tirassem 48 fotografias em torno de alguns temas básicos como habitação, trabalho, transporte, etc. Depois de reveladas, as fotos foram dispostas em painéis individuais para cada sujeito. Em seguida, os participantes foram convidados para um debate no qual, diante das fotos expostas, cada fotógrafo explicava sua produção e as razões de escolha das situações fotografadas.

Higuchi e Kuhnen (2008), por sua vez, apontam a utilização de fotografias como “um método frutífero na investigação das representações ambientais” (p. 195), uma vez que “este desvendar por meio da fotografia pode apontar aspectos relevantes para a compreensão da relação ser humano-ambiente” (p. 195). Para as autoras, as fotografias podem ser utilizadas através de duas técnicas: *ambiente fotografado*, quando uma série de fotos são apresentadas ao sujeito, a quem se solicita para narrar uma história a partir da foto apresentada (uma a uma), e *fotografando ambientes*, na qual são os sujeitos que produzem as fotografias a partir de um roteiro prévio fornecido pelo pesquisador, no qual pode constar um tema que direcione a produção fotográfica ou não.

A partir destes estudos, percebe-se que uma condição inicial para a utilização das fotografias como fonte de dados consiste em determinar se serão utilizadas imagens preexistentes ou produzidas pelo pesquisado. Neste último caso, fica nítida também a necessidade de instruções prévias, anterior à tomada de fotos, referente à utilização do equipamento e ao tipo de fotografia que se deseja: interna/externa, sobre um tema específico ou diversos temas, sobre uma categoria subjetiva (mais gosta/menos gosta), etc. Não fica claro, no entanto, os motivos das escolhas dos pesquisadores por um

determinado número de fotografias ou por certo tipo de roteiro. Já os temas, podem estar relacionados de modo amplo com o objeto de estudo, ou corresponder às categorias de análise, através das quais se utilizam procedimentos comparativos tanto entre as imagens produzidas como entre as narrativas geradas a partir destas.

No caso do arranjo metodológico, as fotografias são utilizadas como substitutos dos desenhos que seriam produzidos pelos sujeitos nos mapas afetivos. Desta forma, as fotografias devem ser produzidas pelos sujeitos e utilizadas como suporte para a entrevista que complementa a aplicação desta técnica.

O roteiro prévio, por sua vez, deve conter informações sobre o manuseio da câmera e instruções para a tirada de fotos. Para estas últimas, tomaram-se como referência as instruções para produção de desenhos nos mapas afetivos, as quais estão relacionadas diretamente ao objeto de pesquisa. No estudo desenvolvido por Bomfim (2008), por exemplo, sobre a afetividade dos sujeitos com relação ao ambiente urbano, a instrução consistiu na solicitação “*desenhe a sua cidade*”. Desta forma, no arranjo metodológico, a instrução para a produção das fotos corresponde à solicitação “*fotografe a sua moradia*”.

Podem ser utilizadas tanto câmeras analógicas como digitais. Para cada participante deve ser disponibilizada uma câmera, que deve permanecer em seu poder por pelo menos dois dias, permitindo ao fotógrafo a escolha do momento adequado para a produção das fotos. A câmera deve ser entregue no final da Visita 3, quando são fornecidas as informações referentes ao uso do equipamento e solicitado ao participante que tire 10 fotografias da sua moradia, ficando o fotógrafo livre para escolher o tipo de fotografia (interna ou externa, por exemplo). Ao final das instruções, agenda-se com o pesquisado o momento de recolhimento do equipamento, quando cada câmera recebe uma etiqueta identificando a unidade habitacional correspondente.

No caso de uso de câmeras analógicas, podem ser utilizados filmes coloridos de 12 poses que, após o recolhimento das câmeras, são rebobinados e também etiquetados para identificação. Os filmes são então levados a um laboratório especializado para a revelação das fotos, fornecendo instruções para que as fotos sejam recebidas em envelopes, separados e identificados por filme. Quando utilizadas câmeras digitais, as fotos são descarregadas em um computador e armazenadas em pastas nomeadas e separadas por unidade habitacional. Em seguida, as fotos são encaminhadas a uma

gráfica para impressão, fornecendo as mesmas instruções utilizadas para os laboratórios. Quando recebidas, cada foto deve ser identificada no seu verso, com o código da unidade habitacional. Após este procedimento, as fotos estarão prontas para serem utilizadas como suporte da entrevista, que se realiza na Visita 4.

### 3.2.8.2 Entrevista Semi-Estruturada

Conforme já exposto, no arranjo metodológico a entrevista semi-estruturada substitui o questionário utilizado por Bomfim (2008) na aplicação de mapas afetivos. É iniciada solicitando ao participante que, dentre as fotos por ele produzidas, escolha uma para falar a respeito. Em seguida, são realizadas as etapas de *projeção mental* e *metáforas*, tendo como orientação um roteiro elaborado previamente<sup>25</sup>, cujos tópicos se baseiam nas questões do instrumento original, proposto por Bomfim (2008).

De acordo com esta autora, a projeção mental corresponde a uma tradução da dimensão afetiva do desenho, na qual são aplicadas questões que relacionam subjetividade e imagem produzida pelo participante. As questões que compõem esta etapa no questionário proposto por Bomfim (2008) são apresentadas no Quadro 07.

**Quadro 07 – Questões da *projeção mental* no questionário proposto por Bomfim (2008).**

Significado da Imagem Produzida	Esclarece o que a pessoa quis representar com a imagem que produziu, considerando, para efeito de análise, o significado que a pessoa atribuiu à imagem, como forma de diminuir a interpretação do investigador com relação à imagem.
Sentimentos	É solicitado ao participante que descreva os sentimentos a respeito da imagem por eles produzida.
Palavras-Sínteses	Corresponde a uma síntese dos sentimentos provocados pela imagem produzida e pelos itens anteriores a este.
O que pensa do tema-instrução	No caso do arranjo metodológico, se refere ao que o pesquisado pensa da sua moradia. Este item visa captar respostas que não foram emitidas até este momento.
Categorias na Escala Likert	Consiste em afirmações baseadas nas dimensões levantadas em um pré-teste, voltadas para a avaliação dos respondentes em uma escala de 0 a 10. Abrange as categorias Pertinência, Contraste, Agradabilidade e Insegurança. Para cada categoria, são aplicadas variáveis que correspondem às afirmações citadas anteriormente.

**Fonte: BOMFIM (2007). Adaptado pela autora.**

No estudo de Bomfim (2008), a escala Likert foi formada a partir de quatro dimensões identificadas em um pré-teste, significando que, em uma primeira aplicação dos mapas

<sup>25</sup> Ver Apêndice A.

afetivos, o item *Categorias na Escala Likert* é suprimido do instrumento. No entanto, no referido estudo, isto ocorre pelo fato de que as investigações foram conduzidas a partir da aplicação única e exclusiva de mapas afetivos, enquanto instrumento de coleta de dados. Já no arranjo metodológico, a identificação das dimensões para formação da escala Likert pode ser realizada por meio da Entrevista Narrativa, instrumento de caráter informal e aberto, que busca captar informações tanto objetivas quanto subjetivas e com aplicação anterior aos mapas afetivos. Assim, mesmo em uma primeira aplicação, os mapas afetivos podem ser realizados em sua forma mais completa. Para cada unidade habitacional, são identificadas quatro dimensões. Em seguida, entre todas as dimensões elaboradas, identifica-se aquelas quatro que ocorrem com maior frequência, passando a adotá-las na escala Likert.

As metáforas são utilizadas para apreensão das relações entre significados, qualidades e sentimentos atribuídos ao desenho. No estudo de Bomfim (2008), que buscou apreender os afetos dos participantes com relação às cidades que habitam, esta etapa foi realizada a partir da solicitação aos participantes para estabelecer uma comparação entre a sua cidade e outra coisa qualquer, fazendo surgir assim, uma metáfora. Desta forma, o sujeito foi convidado a elaborar imagens da sua cidade, através da sua capacidade de fazer analogias e figurar o sentimento através da fala (BOMFIM, 2008). Além desta comparação, a etapa de Metáforas inclui ainda as questões apresentadas no Quadro 08.

**Quadro 08 – Questões das metáforas no questionário proposto por Bomfim (2008).**

Caminhos percorridos	Solicita-se ao sujeito que descreva os caminhos mais frequentemente percorridos por ele, permitindo visualizar a sua trajetória através das atividades cotidianas e explicitando nomes de lugares, locais de origem e de destino e elementos característicos que chamam a sua atenção durante o trajeto.
Participação em associações e em movimentos sociais	De caráter objetivo, no qual o respondente informa se participa ou não de alguma associação ou movimento social. O sujeito deve ainda informar qual a associação ou movimento do qual participa, se for o caso. Tais informações permitem perceber o comportamento do indivíduo em relação à sociedade em que vive, explicitando aproximação, isolamento ou conflito, por exemplo.
Características Sócio-Demográficas	Questão de encerramento do questionário proposto por Bomfim (2008). Refere-se às variáveis sócio-demográficas como sexo, tempo de residência, renda, profissão, origem, etc. No arranjo metodológico, estas informações são obtidas anteriormente ao mapa afetivo, através do formulário e/ou do levantamento de dados. No entanto, podem ser incluídas aqui informações complementares àquelas.

**Fonte: BOMFIM (2007). Adaptado pela autora.**

### 3.2.8.3 Análise dos Dados

A abordagem empregada para tratamento dos dados obtidos por meio dos mapas afetivos é qualitativa, a partir da análise de conteúdo e da análise do subtexto. Utiliza-se ainda um tratamento estatístico complementar, baseado na escala tipo Likert, empregada na etapa de Projeção Mental. Para a análise qualitativa, Bomfim (2008) propõe a categorização das respostas e a construção de um quadro-sintético. O Quadro 09 apresenta a categorização a ser adotada no arranjo metodológico, que tomou como referência a categorização empregada por esta autora em seu estudo.

**Quadro 09 – Categorização das respostas no arranjo metodológico.**

Dimensão	Categorização
Identificação	Unidade Habitacional; Origem; Tempo de residência.
Estrutura da imagem produzida	Mapa Cognitivo (Estrutura da Moradia) Mapa Metáforico (Expressão por analogia – objetos, por exemplo)
Significado	Explicação do respondente sobre a imagem
Qualidade	Atributos da imagem e da moradia, apontados pelo respondente
Sentimento	Expressão afetiva do respondente à imagem e à moradia
Metáfora	Comparação da moradia com algo pelo respondente
Sentido	Interpretação dada pelo investigador à articulação de sentidos entre as metáforas da moradia e as outras dimensões atribuídas pelo respondente – significado, qualidade e sentimentos.

**Fonte: Elaborado pela autora. Adaptado de Bomfim (2008).**

Deste processo de articulação dos sentidos, formam-se as imagens das moradias (contraste, atração, agradabilidade, rejeição, identidade, etc.) relacionadas com as qualidades e os sentimentos atribuídos pelo respondente. Posteriormente, se faz a análise quantitativa complementar com emprego da Escala Likert, composta por afirmações baseadas nas dimensões levantadas anteriormente. As afirmações são voltadas para a avaliação dos respondentes em uma escala de 0 a 10. É então realizada uma análise estatística, gerando médias para cada dimensão anteriormente levantada.

### 3.2.9 Entrevista Semi-Estruturada

A entrevista pode ser entendida como uma conversa orientada para um fim específico, freqüentemente combinada com a técnica da observação. Para sua realização,

pesquisador deve ter sempre um plano para que, no momento da sua realização, as informações necessárias não deixem de ser colhidas (CRUZ E RIBEIRO, 2004).

Em pesquisas qualitativas, procura-se realizar várias entrevistas, curtas e rápidas, conduzidas no ambiente natural e num tom informal. No entanto, podem existir situações em que o pesquisador tenha que optar por uma entrevista mais formal, chamada de *semi-estruturada*, que objetiva principalmente compreender os significados que os entrevistados atribuem às questões e situações relativas ao tema de interesse. Este tipo de entrevista é adequado quando o pesquisador deseja apreender a compreensão de mundo do entrevistado, sendo pertinentes quando o assunto abordado é complexo, pouco explorado ou confidencial. O pesquisador se orienta por um “guia de tópicos” que fornece uma linha mestra para as perguntas a serem formuladas, podendo ser aperfeiçoado ou modificado na medida em que vão sendo realizadas as entrevistas, em função da necessidade de se obter outros tipos de dados (GODOY, 2007).

Para a sua realização, Cruz e Ribeiro (2004) traçam os seguintes procedimentos: seleção de pessoas que tenham o conhecimento necessário para satisfazer as necessidades de informação; relação amistosa com o entrevistado, sem travar confronto de idéias; encorajamento do entrevistado para as respostas; deixar que as questões surjam naturalmente, evitando que a entrevista se torne um “questionário oral”. É recomendado que o registro seja feito por gravação direta por registrar todas as expressões orais, desde que autorizado pelo participante. A gravação pode ser complementada com anotações (durante a entrevista e depois dela) relativas aos aspectos relacionados com a forma de emissão da resposta dos sujeitos (gestos, posturas, expressões faciais, etc.) que desaparecem naquela forma de registro (GODOY 2007).

Bauer e Gaskell (2002) sugerem a elaboração de um *tópico-guia*, que consideram como parte vital do processo de pesquisa. Esclarecem que o tópico-guia

[...] não é uma série extensa de perguntas específicas, mas ao contrário, um conjunto de títulos de parágrafo. Ele funciona como um lembrete para o entrevistador, [...] um sinal de que há uma agenda a ser seguida, e (...) um meio de monitorar o andamento do tempo da entrevista. (p. 66-67).

Estes autores enfatizam que, como o próprio nome diz, trata-se de um guia, “e não devemos tornar escravos dele” (p. 67). O entrevistador deve estar atento para o

surgimento, ao longo das conversações, de temas que sejam relevantes para a pesquisa, mas que não estejam presentes no tópico-guia.

Isso deve levar à modificação do guia para subseqüentes entrevistas. Do mesmo modo, à medida que uma série de entrevistas for acontecendo, alguns tópicos que estavam anteriormente na fase de planejamento, considerados centrais, podem se tornar desinteressantes, [...] devido a razões teóricas, ou porque os entrevistados têm pouca coisa ou nada a dizer sobre eles. (p. 67).

Ou seja, embora bem planejado na fase inicial do estudo, o tópico-guia deve ser utilizado de maneira flexível e ajustado na medida em que se desenvolvem as entrevistas. No entanto, os autores chamam atenção para a importância da documentação de todas as modificações feitas, bem como das razões que as geraram.

Ainda de acordo com os referidos autores, a entrevista individual é uma conversação, e dura normalmente entre uma hora e uma hora e meia. Se inicia com “alguns comentários introdutórios sobre a pesquisa, uma palavra de agradecimento ao entrevistado por ter concordado em falar, e um pedido para gravar a sessão.” (p. 82). Inicialmente devem ser feitas perguntas simples, interessantes e que não assustem. Isso fornecerá o tempo necessário para a descontração do entrevistado. O Quadro 10 apresenta uma série de exemplos de perguntas, fornecidos pelos autores.

**Quadro 10 – Exemplos de perguntas que podem ser utilizadas em entrevistas.**

<b>Objetivo</b>	<b>Exemplo de Pergunta</b>
Convidando para fazer uma descrição:	Poderia falar-me sobre o tempo em que você...? O que vem à mente quando você pensa em...? Como você descreveria ... para alguém que não teria passado por isso antes?
Levando as coisas adiante:	Poderia dizer-me algo mais sobre...? O que faz você sentir-se assim? E isso é importante para você? Como é isso?
Provocando informação contextual:	Quando você ouviu falar sobre ... pela primeira vez, onde e com quem você estava? O que as outras pessoas que estavam com você disseram naquela ocasião? Qual foi sua reação imediata?
Projeções:	Que tipo de pessoa você acha que gostaria de ...? Que tipo de pessoa não gostaria de ...?
Testando hipóteses:	Daquilo que você diz parece que você pensa ... . Estou certo nisso? Que pensaria se ... e ...?
Do particular para o geral:	Na sua experiência, é ... típico de coisas/pessoas como essas? Poderia dar um exemplo específico disso?
Tomando uma postura ingênua:	Não entendo muito disso. Poderia dizer algo mais sobre isso? Como você descreveria isso para alguém que não conhece tal situação?

**Fonte: Elaborado pela autora. Adaptado de Bauer e Gaskell (2002).**

No arranjo metodológico, a entrevista semi-estruturada encerra a coleta de dados e objetiva complementar os dados obtidos através dos demais instrumentos, dando oportunidade ao pesquisador de esclarecer pontos confusos e dúvidas. Por conta disso, a elaboração do tópico-guia é realizada após a visita 3, para que a entrevista possa ser aplicada na visita 4. Além disso, o tópico-guia deve ser elaborado de forma personalizada para cada unidade habitacional, tendo em vista que estas diferem com relação aos dados faltantes<sup>26</sup>. Desta forma, o Apêndice A traz apenas um roteiro preliminar para a aplicação deste instrumento.

Após a sistematização dos procedimentos e a elaboração dos materiais de apoio, foram elaborados dois quadros-sínteses, sendo o primeiro correspondente ao redesenho do arranjo metodológico, considerando agora as diversas etapas de aplicação de cada técnica, e o segundo ao planejamento para a aplicação do arranjo redesenhado, no qual estão relacionadas as técnicas de pesquisa utilizadas em cada visita, com os seus respectivos modos de registro de dados, recursos necessários para a sua aplicação e os produtos gerados pelo tratamento dos dados obtidos<sup>27</sup>. Em seguida, deu-se início aos procedimentos para a aplicação do arranjo metodológico, conforme apresentado no capítulo seguinte.

---

<sup>26</sup> Por exemplo, enquanto para a unidade A faltam dados a respeito dos materiais, para a unidade B faltam dados a respeito dos atores envolvidos na construção, etc. É esta ausência de dados, específica para cada unidade habitacional, que compõe o tópico-guia personalizado.

<sup>27</sup> Os quadros estão presentes no Apêndice A.

## 4 APLICANDO

Neste capítulo, apresenta-se a experiência prática do arranjo proposto a partir da sua aplicação em um estudo de caso. Corresponde ao arranjo realizado, que difere do planejado pelo surgimento da necessidade de adaptações e mudanças, quando em campo. Esta etapa se iniciou com a delimitação do caso, que foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica, levantamento de dados secundários, adoção de critérios, visita às instituições relacionadas com o meio rural cearense e visita exploratória à localidade indicada.

Em seguida, tendo como base a sistematização dos procedimentos elaborada anteriormente<sup>28</sup>, foi realizada a aplicação da Etapa 1 do arranjo, compreendendo as atividades de coleta, tratamento e análise de dados. A partir dos produtos gerados nesta etapa, foi realizada a seleção dos entrevistados para a aplicação da Etapa 2 que, assim como a primeira, corresponde as atividades de coleta, tratamento e análise de dados.

A aplicação do arranjo teve como resultado a compreensão das moradias rurais da localidade estudada que, juntamente com a experiência prática de utilização da metodologia formulada, serviu de base para a análise do próprio arranjo. Tanto a compreensão obtida como a referida análise são apresentadas no Capítulo 5.

### 4.1 Delimitação do caso

Como ponto de partida para a delimitação do caso, tomou-se como referência as recomendações de Gil (1991), segundo o qual um resultado significativo obtidos neste tipo de delineamento sejam significativos, pode ser obtido por meio do estudo de certa variedade de casos cuja seleção não é feita mediante critérios estatísticos, mas através de algumas regras conforme apresentado no Quadro 11.

---

<sup>28</sup> Ver Capítulo 3.

**Quadro 11 – Exemplos de perguntas que podem ser utilizadas em entrevistas.**

Buscar casos típicos	Explorar objetos que, em função da informação prévia, pareçam ser a melhor expressão do tipo ideal da categoria.
Selecionar casos extremos	Podem fornecer uma idéia dos limites dentro dos quais as variáveis podem oscilar.
Tomar casos marginais	Casos atípicos ou anormais para, por contraste, conhecer as pautas dos casos normais e dos casos do desvio.

**Fonte: Elaborado pela autora. Adaptado de Gil (1991).**

Nesta pesquisa, a busca aos casos típicos se iniciou com a delimitação do universo abordado (Estado do Ceará). Com base no objeto de estudo e nos objetivos da pesquisa, foram adotados critérios e requisitos com o intuito de identificar, dentre os 184 municípios cearenses, aqueles com maior possibilidade de abrigarem casos relevantes para a pesquisa, conforme apresentado a seguir:

a) Zona Semi-Árida (ZSA): Corresponde ao critério ambiental. O requisito utilizado neste critério foi *municípios que fazem parte da Zona Semi-Árida Cearense*, que abrange 86,8% do território do Estado, e dela fazem parte 150 dos 184 municípios cearenses (81,5%)<sup>29</sup>. Foram utilizados os dados do trabalho *Nova Delimitação do Semi-Árido Brasileiro*, desenvolvido pelo Ministério da Integração, em 2004/2005 (BRASIL, 2005?)<sup>30</sup>.

b) Classificação da Taxa de Urbanização: Corresponde ao critério demográfico. Foi adotado como requisito *municípios classificados como rural*, que correspondem àqueles com taxa de urbanização inferior a 50%, significando a predominância da população rural com relação à urbana. 80 municípios cearenses encontram-se nesta classificação, (43% do total do Estado). Dentre os que integram a ZSA, 67 são classificados como rural (45% do total desta zona)<sup>31</sup>. Foram utilizados os dados da *Contagem da População*, feita pelo IBGE em 2007, a partir da consulta da base de dados *Ceará em Mapas*, do IPECE.

c) Tamanho Médio dos Imóveis Rurais: Critério relacionado com a estrutura fundiária do Estado. Foi adotado como requisito *municípios com menor tamanho médio de imóveis rurais*, que correspondem àqueles com melhor distribuição (e conseqüentemente,

<sup>29</sup> Ver Apêndice B.

<sup>30</sup> Anterior a este trabalho, o critério *precipitação média anual* era o único responsável pela definição da Zona Semi-Árida e dos municípios que dela faziam parte. Com a nova delimitação, foram acrescentados outros dois critérios: *índice de aridez* e *risco de seca*, o que acarretou na inclusão de 16 municípios cearenses na ZSA.

<sup>31</sup> Idem 32.

menor concentração) de terras, significando uma maior ocorrência de pequenos imóveis rurais. Possuem esta característica 88 municípios cearenses (48% do total do Estado). Com relação à ZSA, são 72 nesta condição (48% do seu total)<sup>32</sup>. Foram utilizados os dados do *Censo Agropecuário*, realizado pelo IBGE em 2006, a partir da consulta da base de dados *Ceará em Mapas*, do IPECE.

d) Tipologia dos Municípios: Relaciona-se com o grau de desenvolvimento dos municípios. Como requisito, foi adotado *municípios do tipo K*, que correspondem às “pequenas cidades em espaços rurais de pouca densidade econômica” (BRASIL, 2008a). Tal definição se relaciona com a *pureza* do objeto de estudo<sup>33</sup>. Deste tipo são considerados 75 municípios cearenses (41% do Estado) e 65 da ZSA (43%)<sup>34</sup>. A classificação utilizada foi elaborada pelo consórcio Via Pública/LabHab-Fupam/Logos Engenharia, em 2008, no estudo *Caracterização dos Tipos de Municípios*, que corresponde a um agrupamento dos tipos elaborados pelo Observatório das Metrôpoles em 2005 no estudo *Tipologia das Cidades Brasileiras* (BRASIL, 2008a).

e) Tipo Geoambiental: Critério ambiental adotado com o intuito de evitar que o caso delimitado se encontre em uma condição geoambiental particular, que não reflita a realidade do universo do Estado. Utilizou-se como referência o Mapa de Compartimentação Geoambiental elaborado pelo IPECE, com o intuito de identificar os tipos geoambientais predominantes no Estado do Ceará, tendo sido identificados 2: Tabuleiros Interiores e Sertões. Desta forma, adotou-se como requisito *municípios inseridos nas zonas dos sertões ou dos tabuleiros interiores*<sup>35</sup>.

A partir da aplicação destes critérios, obteve-se uma primeira delimitação do universo da pesquisa, sendo este composto por oito dos 184 municípios cearenses: Capistrano, Barreira, Milhã, Deputado Irapuã Pinheiro, Quixelô, Tarrafas, Potengi e Abaiara. A estes foi aplicado um sexto critério: *Produção de Lavouras Temporárias*, com o intuito de classificar os oito municípios delimitados em ordem decrescente de produção, sendo

<sup>32</sup> Idem 32.

<sup>33</sup> Ou seja, em municípios deste tipo, as características urbanas de moradia devem ter pouca influência na produção das moradias rurais. Além disso, acredita-se que o baixo grau de desenvolvimento acaba interferindo no acesso às políticas públicas, fazendo com que nestes locais haja uma maior frequência das moradias produzidas autonomamente, unidade de análise da pesquisa.

<sup>34</sup> Ver Apêndice B.

<sup>35</sup> Idem 37.

que os primeiros correspondem àqueles com maior atividade agrícola familiar<sup>36</sup>. Utilizou-se como referência o Censo Agropecuário 2008, elaborado pelo IBGE. A classificação resultante encontra-se apresentada no Quadro 12.

**Quadro 12 – Classificação dos municípios selecionados, de acordo com a produção, em toneladas, de lavouras temporárias (Feijão + Milho + Mandioca).**

Classif.	Município	Produção de Lavouras Temporárias (Feijão + Mandioca + Milho)
1º	Milhã	15.140 Ton.
2º	Barreira	11.004 Ton.
3º	Capistrano	9.314 Ton.
4º	Deputado Irapuã Pinheiro	5.964 Ton.
5º	Potengi	5.143 Ton.
6º	Tarrafas	4.319 Ton.
7º	Abaiara	3.310 Ton.
8º	Quixelô	2.302 Ton.

Fonte: IBGE, 2008. Quadro elaborado pela autora.

É preciso enfatizar que a adoção dos critérios teve como referência as características ora do objeto de estudo, dos objetivos da pesquisa e do público alvo. Desta forma, quaisquer dos oito municípios delimitados são relevantes como caso, tendo em vista terem sido identificados a partir do alinhamento dos critérios adotados aos aspectos da pesquisa. Por conta disso, após a delimitação foram adotados critérios de viabilidade e logística do estudo<sup>37</sup>, por meio dos quais foi possível identificar, junto às instituições relacionadas<sup>38</sup>, a localidade Lagoa Grande, distrito do Município de Barreira, como viável para a realização da pesquisa de campo. Na ocasião, obteve-se o contato da Agente de Saúde da localidade.

Posteriormente, foi realizada uma visita exploratória, com o intuito de conhecer a localidade e confirmar a possibilidade de realização da pesquisa no local. A pesquisadora foi recepcionada pela Agente de Saúde, a quem foram apresentados os

<sup>36</sup> Este tipo de cultura é característico da agricultura de subsistência e, portanto, de pequenos núcleos familiares produtores rurais.

<sup>37</sup> Por exemplo: distância da capital; condições de acesso e transportes; existência de liderança ou pessoa influente na localidade, com disponibilidade para auxiliar os pesquisadores nas visitas iniciais.

<sup>38</sup> Notadamente, a Delegacia Federal do Ministério de Desenvolvimento Agrário no Estado do Ceará e o Conselho do Território de Desenvolvimento Rural Sustentável do Maciço de Baturité.

aspectos da pesquisa. Em seguida, fizemos um passeio pelo Distrito da Lagoa Grande, quando a agente apresentou a localidade aos pesquisadores, e afirmou, de forma enfática, estar à disposição para contribuir no que fosse necessário:

[...] pois Ana Paula, pode contar comigo viu? No que você precisar... se quiser vir pra ficar mais tempo também, num tem problema não, pode ficar aqui em casa que a gente se ajeita..." (Agente de Saúde da Lagoa Grande, enquanto nos despedíamos ao final da visita. Informação verbal.)

A partir da realização da visita exploratória, ficou constatada a viabilidade de realização da pesquisa na localidade de Lagoa Grande (Barreira – Ceará), pelos seguintes motivos:

- a) A proximidade com Fortaleza e os meios de acesso permitem a realização de visitas diárias, com retorno no mesmo dia, quando necessário;
- b) O apoio da Agente de Saúde do local é interessante para a pesquisa, uma vez que se trata de uma pessoa que goza de grande popularidade e estima entre os moradores, que conhece de perto todas as famílias e que tem acesso facilitado à todas as moradias, por conta do tipo de trabalho que realiza;
- c) As moradias da Lagoa Grande estão distribuídas em cinco localidades, conferindo ao local diversas escalas periféricas (Capital – Município – Distrito – Localidades);
- d) As moradias da Lagoa Grande são produzidas através da autogestão, sem o auxílio de políticas públicas ou de assistência técnica.

Tendo sido adotado o Distrito de Lagoa Grande (Barreira – CE) como caso a ser estudado na pesquisa, foi dado início à aplicação da Etapa 1 do arranjo metodológico, conforme exposto a seguir.

## 4.2 Etapa 1

Conforme explicitado anteriormente<sup>39</sup>, esta etapa corresponde à entrada dos pesquisadores em campo, e tem como foco a escala da comunidade. Sua aplicação se iniciou ainda na visita exploratória, realizada quando da delimitação do estudo de

---

<sup>39</sup> Ver Tópico 3.1.

caso<sup>40</sup>, tendo em vista que na ocasião foi possível caminhar pela comunidade na companhia da agente de saúde do local, que apresentou as localidades da Lagoa Grande à pesquisadora. Durante o trajeto, a agente de saúde emitia comentários espontâneos, fornecendo informações de diversos tipos sobre o lugar: sobre as moradias, os equipamentos sociais, as famílias ou fatos inusitados, etc. Aquilo que era comentado, era também registrado em notas de campo. Tais acontecimentos permitiram à pesquisadora uma compreensão preliminar do modo como a localidade está organizada espacialmente, de como as moradias se localizam, da paisagem do lugar e dos equipamentos sociais presentes na comunidade. Esta visita também foi responsável por familiarizar a pesquisadora com as formas de acesso ao local<sup>41</sup>.

Ainda nesta ocasião, a agente de saúde informou da existência de um banco de dados constante do Programa de Saúde da Família (PSF), e que as fichas de cadastro das famílias da Lagoa Grande se encontravam em seu poder, por ser ela responsável pelo atendimento destas famílias. Ao examinar as fichas, identificou-se a existência de informações tanto referente às famílias, como referente às moradias, conforme exposto no Quadro 13.

**Quadro 13 – Informações constantes na ficha de cadastro do PSF.**

Dados sobre os membros das famílias	Código de cadastro da família; Nome; Data de Nascimento; Idade; Sexo; Se alfabetizado ou não; Ocupação; Doença / Condição
Dados sobre as condições de moradia	Tipo de casa (tijolo, adobe, taipa revestida, taipa não revestida, madeira, material aproveitado, outros); Número de cômodos; Se possui energia elétrica ou não; Destino do lixo (coletado, queimado, enterrado, céu aberto); Tratamento de água no domicílio (filtração, fervura, cloração, sem tratamento); Abastecimento de água (rede pública, poço ou nascente, outros); Destino de fezes e urina (sistema de esgoto, fossa, céu aberto)

**Fonte: Elaborado pela autora.**

Por conta da existência deste banco de dados, a aplicação do formulário pôde ser substituída pelo levantamento e tratamento das informações existentes, tendo em vista que estas possibilitavam o conhecimento do perfil das famílias e das moradias, seja através do uso dos dados como se encontravam, seja obtendo outras informações através de cruzamentos (densidade de pessoas por cômodo, por exemplo).

<sup>40</sup> Ver Tópico 4.1.

<sup>41</sup> Um ônibus partindo do Terminal Rodoviário Engenheiro João Tomé, descendo na Cidade de Acarape. Daí, uma lotação até a Comunidade dos Côcos, já no Município de Barreira, de onde se pega uma carona até a Lagoa Grande. Cerca de duas horas, todo o trajeto.

À parte esta visita exploratória, realizada ainda na fase de delimitação do estudo de caso, a coleta de dados da Etapa 1 (que corresponde à **Visita 1** do arranjo metodológico proposto) foi realizada em quatro dias. No primeiro, as fichas cadastrais do PSF foram fotografadas, frente e verso, tendo sido registradas 135 das 145 fichas existentes<sup>42</sup>. Em seguida, a pesquisadora optou por acompanhar a agente de saúde em seu trabalho, como oportunidade tanto para adentrar em algumas das casas, como para se familiarizar melhor com a localidade, antes de iniciar a realização da Leitura Espacial.

No segundo, terceiro e quarto dias, foi realizada a Leitura Espacial na Escala da Comunidade, sempre com a companhia da agente de saúde do local. Foram feitas observações de campo, registro fotográfico e de coordenadas geográficas, o que resultou no mapeamento de 113 moradias habitadas da Lagoa Grande<sup>43</sup>. O mapeamento foi feito por localidade, com a tomada das coordenadas geográficas na porta principal da moradia. Cada coordenada foi nomeada de acordo com a informação prestada pela agente de saúde: Casa da Maria Silva, Casa do João dos Santos... Em seguida, foram feitas duas fotografias de cada moradia, sendo a primeira da fachada principal e a segunda em perspectiva. Esse processo durava cerca de dois minutos, para cada moradia. Com o passar do tempo, a produtividade foi aumentando devido à maior familiaridade da pesquisadora com os procedimentos. As observações e anotações eram feitas enquanto se caminhava de uma casa ou localidade para outra. No Quadro 14 encontra-se a relação entre os dias, as localidades percorridas e a quantidade de moradias mapeadas.

**Quadro 14 - Cronograma do mapeamento realizado.**

<b>Dia</b>	<b>Localidade Visitada</b>	<b>Mapeamentos</b>
Segundo dia	Cipó	29 moradias
Terceiro dia	Centro e Vila das Flores	67 moradias
Quarto dia	Estrada e Vila do Justino	17 moradias

**Fonte: Elaborado pela autora.**

<sup>42</sup> Dez fichas estavam passando por atualizações na Secretaria Municipal de Saúde de Barreira, estando indisponíveis para consulta.

<sup>43</sup> A diferença entre o número de fichas cadastrais e moradias mapeadas se deve pelos seguintes motivos: a) Das 135 fichas registradas, 17 foram consideradas inválidas, ou por corresponderem a famílias de outra localidade, que também são atendidas pela Agente de Saúde da Lagoa Grande, ou por estarem desatualizadas e corresponderem à famílias que não moram mais no local; b) Como o cadastro do PSF é feito por família, nos casos de coabitação uma mesma moradia possui mais de uma ficha. Das 127 fichas válidas, 5 correspondem à famílias que coabitam com outras, o que resulta no total de 113 moradias habitadas na Lagoa Grande, desconsideradas as fichas indisponíveis para consulta.

Além do mapeamento, nesses três dias também foi realizado, com o auxílio da agente de saúde, o levantamento de outros dados utilizando as fichas cadastrais, tais como o apontamento dos casos de co-habitação, a estrutura familiar, (quem era o pai, a mãe, etc.), a identificação das fichas válidas e o cruzamento das fichas com o mapeamento realizado. Neste último, optou-se por manter o código da própria ficha cadastral para a identificação das unidades habitacionais, sendo que nos casos de co-habitação as unidades receberam o código da ficha correspondente à família principal. Cada moradia mapeada teve o seu código anotado na tabela de coordenadas geográficas, relacionando os dados com a localização e o registro fotográfico.

Durante a coleta de dados, o contato entre a pesquisadora e os moradores se deu de forma espontânea, aleatória e imprevista. Enquanto se caminhava na companhia da agente de saúde, todos que por nós passavam a cumprimentavam, e algumas vezes puderam ser percebidos certos olhares de desconfiança por conta da presença da pesquisadora, que andava fotografando tudo e operando certo aparelho estranho (GPS). Aqueles que se sentiam mais à vontade, perguntavam à agente de saúde do que se tratava. Ela respondia: "É uma pesquisa aí da Universidade...". Sempre se dirigiam a ela, nunca à pesquisadora. Esta só intervinha na conversa quando a pessoa queria mais detalhes: "E pra que é, isso aí?" "Pra gente saber como é que são as casas... A gente está estudando as casas rurais e viemos saber como é que são as daqui..."

Quando do mapeamento das casas, as mesmas perguntas eram feitas por quem nelas estivesse. Depois de responder, a pesquisadora sempre perguntava: "O(a) senhor(a) deixa eu bater foto da sua casa?" Nos poucos casos em que a pessoa ainda se mostrava desconfiada, a própria agente de saúde intervinha: "Deixa, ela quer só saber como é mesmo, num vai fazer nada não..." Ao que às vezes, em tom de brincadeira, respondiam: "Ah, bom... Pensei que era pra me dar uma casa nova..." Ao longo desse processo, percebeu-se a importância de deixar sempre muito claro às pessoas o que é a pesquisa, do que se trata e quais as intenções. Por conta desta preocupação, e com o auxílio das intervenções da agente de saúde, ainda que inicialmente alguns moradores se mostrassem desconfiados com o mapeamento, nenhum impediu de fato que os procedimentos desta etapa fossem realizados em sua moradia.

O tratamento dos dados se iniciou com a tabulação das informações levantadas a partir das fichas cadastrais. Foram elaboradas duas planilhas, sendo a primeira referente às famílias e a segunda referente às moradias. Na primeira, percebeu-se uma certa homogeneidade com relação à ocupação das pessoas economicamente ativas, com predominância de agricultores, tanto para o sexo masculino como feminino, havendo também um grande número de agricultores(as) aposentados(as). A diversidade dos perfis familiares se deve ao número de membros (que varia de 1 a 11), ao sexo do chefe de família e ao número de gerações (que varia de 1 a 3). Com relação às moradias, estas se apresentam de forma homogênea no que diz respeito às condições de infraestrutura<sup>44</sup> e heterogêneas com relação ao tipo de construção (tijolo ou adobe; taipa revestida; taipa não revestida) e ao número de cômodos (que varia de 1 a 15, predominando aquelas de 5 a 9 cômodos).

As coordenadas geográficas, obtidas por meio da Leitura Espacial, foram lançadas no *software Google™ Earth* e identificadas com o código das fichas do PSF, o que possibilitou a elaboração do Mapa de Ocupação da Lagoa Grande<sup>45</sup>. As fotografias foram organizadas em 3 pastas eletrônicas, cada uma correspondendo a um dia de Leitura Espacial, e nomeadas com o mesmo código das fichas. Tais procedimentos, aliados à manutenção do código do PSF, permitiram relacionar os dados das famílias e moradias com a localização e catalogação fotográfica. O tratamento dos dados permitiu ainda a inclusão informações como o número de gerações que compõem a família, a densidade e a localização da moradia, complementando aquelas existentes nas fichas do PSF.

Por meio da análise das fotografias, foi possível perceber que, à primeira vista, o aspecto marcante na diferenciação das casas é o elemento espacial de transição entre o espaço interno e o espaço externo, como uma varanda ou um alpendre, por exemplo. Mais do que o desenho da cobertura, da disposição das aberturas na fachada ou de certa relação de proporções formais, este elemento acaba conferindo às moradias uma série de características, seja com relação à forma, por conta da sua ausência ou presença e do modo como estão dispostos na edificação; seja conferindo certo *status* social, por conta dos seus tamanhos; seja com relação à idade da construção, já que casas mais antigas

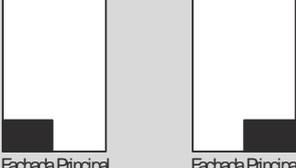
---

<sup>44</sup> Presença de energia elétrica; destino do lixo (queimado e/ou enterrado); tipo de tratamento de água (por cloração); tipo de abastecimento de água (pela rede pública); destino de fezes e urina (fossa).

<sup>45</sup> Ver Apêndice C.

tendem a ter estes elementos de forma mais completa. Por conta disso, foi elaborada uma a categorização tipológica das moradias a partir do modo como o elemento espacial de transição está disposto na edificação, gerando os tipos apresentados no Quadro 15.

**Quadro 15 – Categorização dos tipos de elemento espacial de transição.**

Tipo	Descrição	Esquema Gráfico (em planta)
A	Elemento espacial de transição ausente.	 <p>Fachada Principal</p>
B	Presença de elemento espacial de transição em uma fachada, de modo parcial.	 <p>Fachada Principal      Fachada Principal</p>
C	Presença de elemento espacial de transição em uma fachada, de modo completo.	 <p>Fachada Principal      Fachada Principal      Fachada Principal</p>
D	Presença de elemento espacial de transição em duas fachadas, de modo completo.	 <p>Fachada Principal      Fachada Principal</p>
E	Presença de elemento espacial de transição em três fachadas de modo completo.	 <p>Fachada Principal</p>

**Fonte: Quadro elaborado pela autora.**

Após o tratamento dos dados e a categorização tipológica, foi criado o *Banco de Dados das Moradias da Lagoa Grande*, através da utilização do *software Microsoft® Office Access 2007*, com o intuito de cruzar os dados levantados junto ao PSF com os dados obtidos por meio da Leitura Espacial. Para a montagem deste banco de dados, foram priorizadas as informações responsáveis pela diversidade dos perfis familiares e das moradias, não tendo sido utilizadas aquelas que se apresentam homogêneas. O Quadro 16 apresenta as informações utilizadas e não-utilizadas no banco de dados.

**Quadro 16 – Informações inseridas e não-inseridas no banco de dados criado.**

Informações inseridas no banco de dados	Informações não inseridas no banco de dados
Código da Unidade Habitacional	Nome
Quantidade de membros da família	Data de Nascimento
Quantidade de gerações presentes na família	Idade
Número de cômodos da moradia	Sexo
Densidade (Pessoa/Cômodo)	Se alfabetizado ou não
Sexo do chefe de família	Ocupação
Ocupação do chefe de família	Doença / Condição
Tipo de construção	Condições de infra-estrutura (presença de energia elétrica; destino do lixo; tipo de tratamento e abastecimento de água; destino de fezes e urina)
Localização	
Tipo de elemento de transição	

Fonte: Elaborado pela autora.

No banco de dados, cada moradia possui um cadastro, onde foram inseridos seus respectivos dados e as fotografias externas correspondentes. Além disso, foi inserido um campo de observações, no qual são inseridas outras informações relevantes a respeito da habitação (casos de co-habitação, por exemplo). A figura 07 mostra um exemplo de ficha de moradia do banco de dados criado.

**Figura 07 – Exemplo de ficha de moradia, no banco de dados criado.**

Moradias Rurais - Lagoa Grande

**Código:** F060

**N. Pessoas:** 4

**N. Gerações:** 2      **Sexo Chefe Fam.:** M      **Densidade (P/C):** 0,36

**N. Cômodos:** 11      **Ocupação Chefe Fam.:** Aposentado (agricultura)

**Tipo de Construção:** Tijolo / Adobe      **Localização:** Cipó      **Tipologia:** D

**Observações:**  
 Cohabitação (F061)



**Foto 1:**



**Foto 2:**



MODO DE OLHAR: Método para o estudo de moradias rurais
Ana Camurça Pinheiro

Fonte: Produzido pela autora.

A criação do banco de dados possibilitou a elaboração automática de relatórios diversos, cruzando os dados nele contidos. Através desta ferramenta, os dados estavam prontos

para serem utilizados para selecionar os entrevistados para a aplicação da Etapa 2 do arranjo metodológico, conforme apresentado a seguir.

### 4.3 Seleção dos Entrevistados

Referindo-se às pesquisas qualitativas, Bauer e Gaskell (2002) adotam a expressão *seleção dos entrevistados* ao invés de *definição da amostra ou amostragem*. Para os autores, estas últimas expressões carregam,

[...] conotações de levantamentos e pesquisa de opinião onde, a partir de uma amostra estatística sistemática da população, os resultados podem ser generalizados dentro de limites específicos de confiabilidade. Na pesquisa qualitativa, a seleção dos entrevistados não pode seguir os procedimentos da pesquisa quantitativa por um bom número de razões. (p. 67).

Dentre estas, encontra-se a própria finalidade da pesquisa qualitativa, que não corresponde à contagem dos fenômenos (opiniões ou pessoas), mas à exploração do espectro de opiniões, ou seja, das diferentes representações sobre o assunto em questão (BAUER e GASKELL, 2002, p. 68).

Ainda segundo os autores, enquanto que nas pesquisas quantitativas a amostra probabilística pode ser aplicada na maioria dos casos, não existe um método para selecionar os pesquisados das investigações qualitativas. “Aqui, devido ao fato de o número de entrevistados ser necessariamente pequeno, o pesquisador deve usar sua imaginação social científica para montar a seleção dos respondentes.” (BAUER e GASKELL, 2002, p. 70).

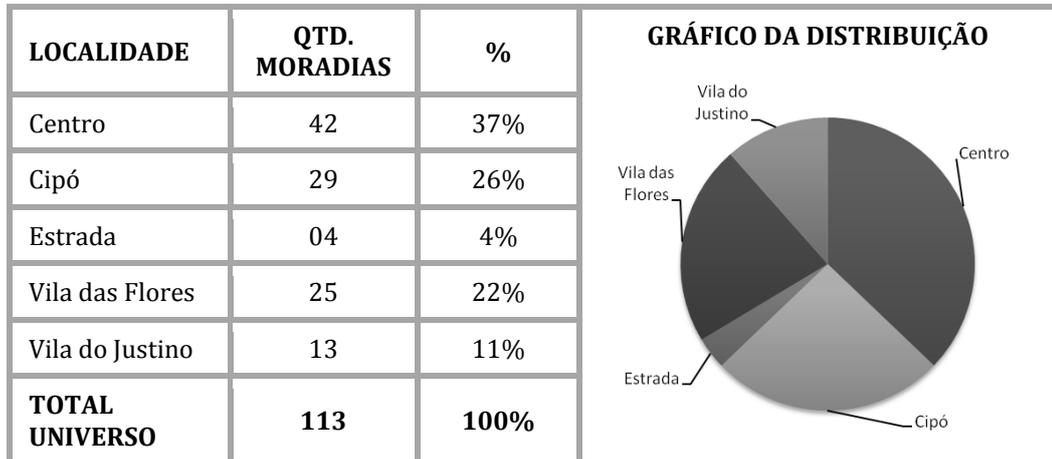
Para Godoy (2007), por conta dessa ausência de método, é importante estabelecer algum critério que informe quando encerrar o trabalho de campo.

Isto é possível através do esforço do pesquisador em conduzir, em paralelo, os processos de coleta e de análise dos dados, percebendo quando ocorreu a saturação destes, ou seja, o ponto a partir do qual a aquisições de informações se torna redundante. (GODOY, 2007).

Nesta pesquisa, a seleção dos entrevistados teve como premissa representar a diversidade das moradias no universo da Lagoa Grande, sendo este composto por 113 unidades habitacionais. Adotou-se a localização como variável fixa, com o intuito de conferir à amostra as diferentes escalas periféricas existente no local. Além disso, considerar a localização permite perceber se existem características da moradia que

sejam específicas de determinada localidade ou recorte do espaço estudado. Desta forma, buscou-se conhecer a distribuição das moradias nas localidades da Lagoa Grande, conforme apresentado na Tabela 01.

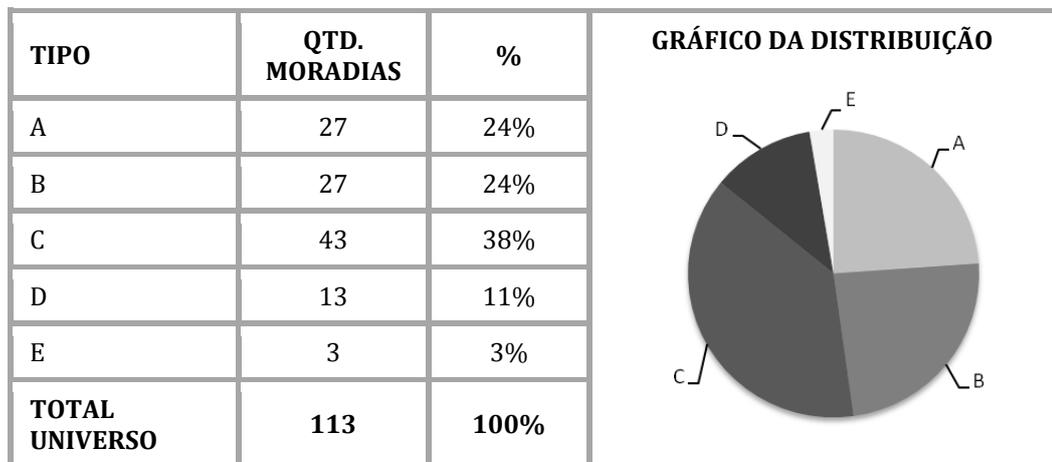
**Tabela 01 – Distribuição das moradias nas localidades da Lagoa Grande.**



Fonte: Elaborada pela autora.

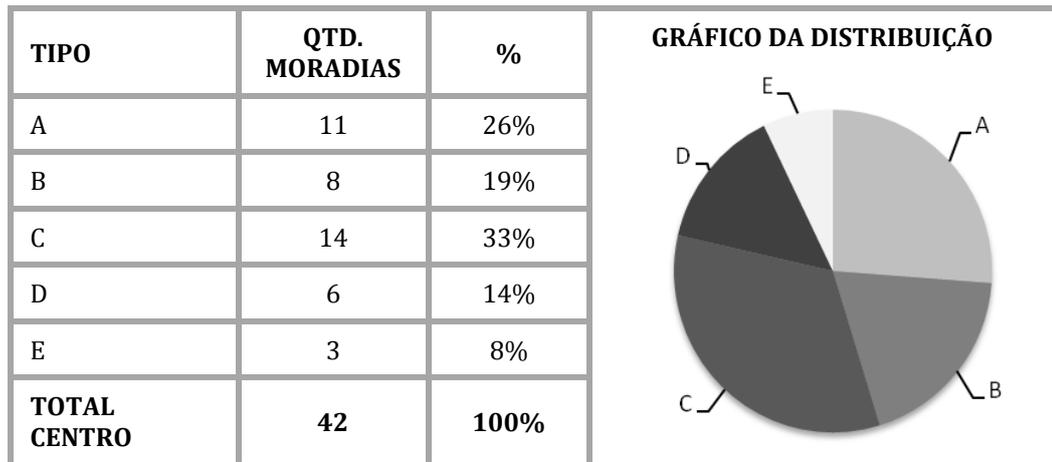
Em seguida, foi adotado como segunda variável o tipo de elemento espacial de transição, de acordo com a categorização elaborada anteriormente. A escolha desta variável se justifica pelo fato de que este elemento corresponde a uma representação de outros aspectos da moradia. Desta forma, buscou-se conhecer, tanto para o universo da amostra como para cada localização, a distribuição das moradias com relação ao tipo de elemento espacial de transição, conforme expresso na Tabela 02 a 07.

**Tabela 02- Moradias com relação ao tipo de elemento espacial de transição, no universo.**



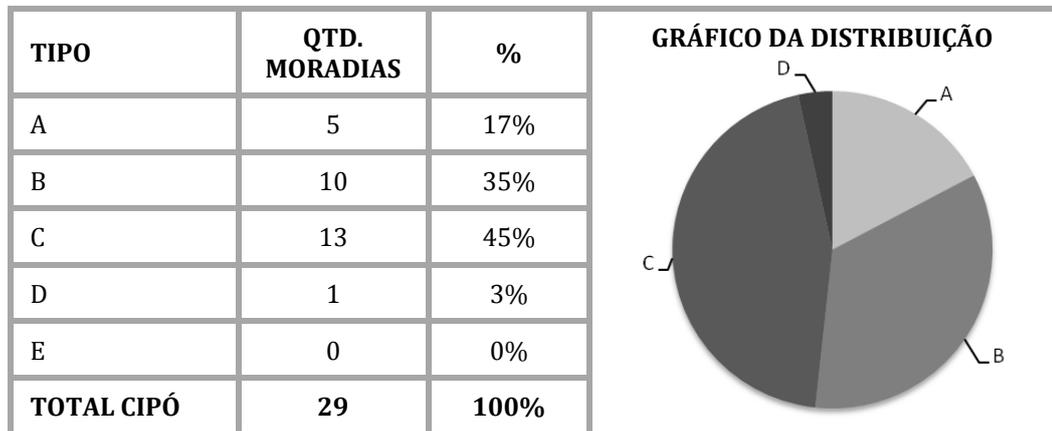
Fonte: Elaborada pela autora.

**Tabela 03 – Moradias da localidade Centro, com relação ao tipo de elemento espacial de transição.**



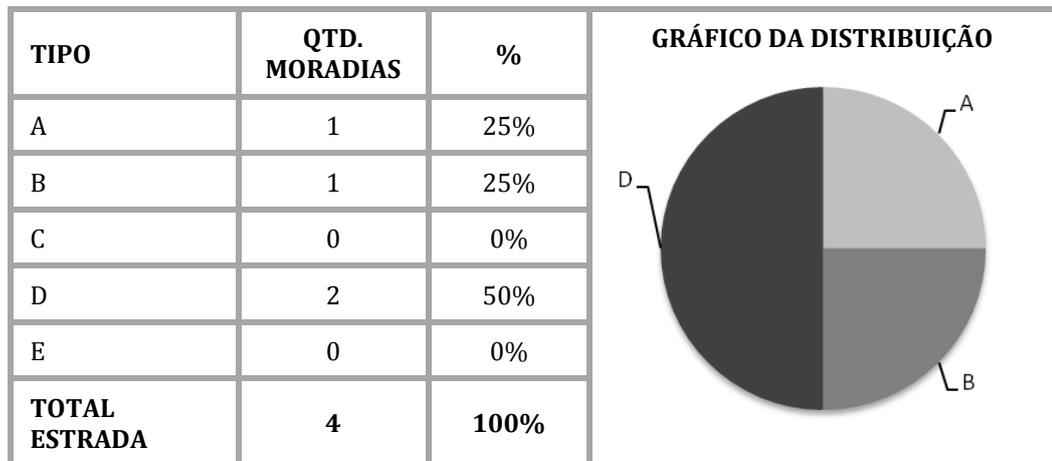
Fonte: Elaborada pela autora.

**Tabela 04 – Moradias da localidade Cipó, com relação ao tipo de elemento espacial de transição.**



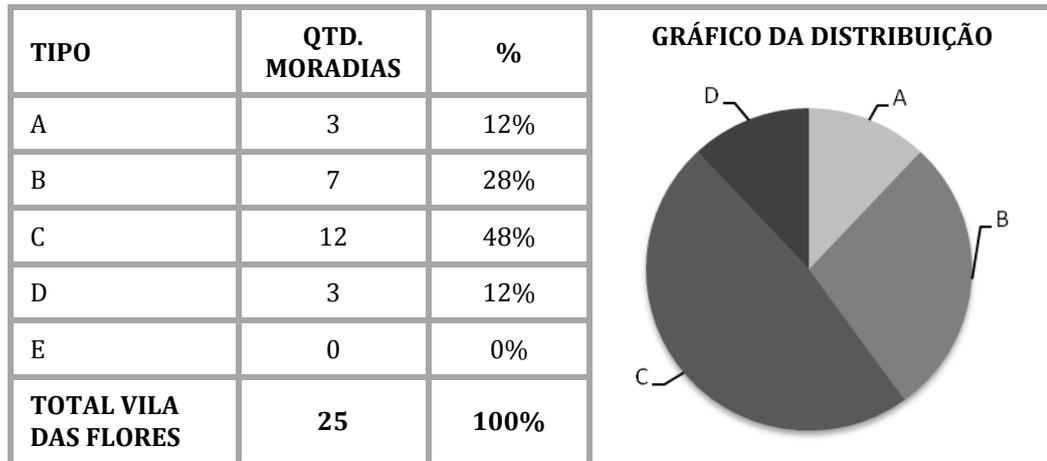
Fonte: Elaborada pela autora.

**Tabela 05 – Distribuição das moradias com relação ao tipo de elemento espacial de transição, na localidade Estrada.**



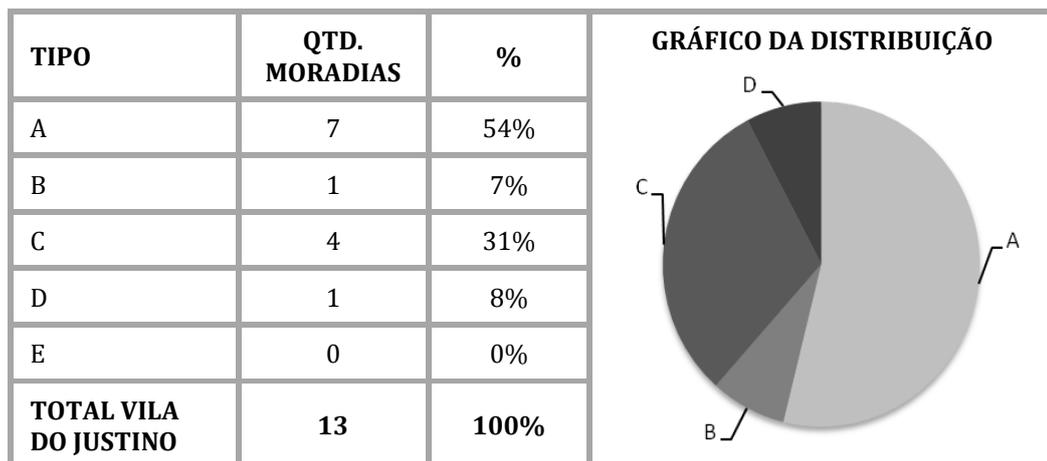
Fonte: Elaborada pela autora.

**Tabela 06 - Distribuição das moradias com relação ao tipo de elemento espacial de transição, na localidade Vila das Flores.**



Fonte: Elaborada pela autora.

**Tabela 07 - Distribuição das moradias com relação ao tipo de elemento espacial de transição, na localidade Vila do Justino.**



Fonte: Elaborada pela autora.

Conhecidas as distribuições das moradias por localização e por tipo de elemento espacial de transição, foram desenhadas três amostras (de 15, 20 e 25 unidades) para a Etapa 2, com o intuito de planejar a sua aplicação e devido à impossibilidade de prever o momento em que ocorrerá a exaustão dos dados. Para cada amostra, as unidades foram distribuídas obedecendo as relações percentuais presentes no universo. Por exemplo, das 15 unidades da primeira amostra, 37% deveriam estar localizadas no Centro, 26% no Cipó, e assim por diante. Do mesmo modo e no mesmo exemplo, dos 37% localizados no Centro, 26% deveriam ser do tipo A, 19% do tipo B, etc. Os desenhos das três amostras, resultantes deste processo, estão apresentados nas tabelas 08 a 10.

**Tabela 08 – Amostra composta por 15 unidades.**

TIPO	CENTRO	CIPÓ	ESTRADA	VILA DAS FLORES	VILA DO JUSTINO
A	1	1	0	1	2
B	1	1	0	2	0
C	2	2	0	0	1
D	1	0	0	0	0
E	0	0	0	0	0

Fonte: Elaborada pela autora.

**Tabela 09 – Amostra composta por 20 unidades.**

TIPO	CENTRO	CIPÓ	ESTRADA	VILA DAS FLORES	VILA DO JUSTINO
A	2	1	0	2	1
B	1	2	0	3	0
C	3	2	0	0	1
D	1	0	0	0	0
E	1	0	0	0	0

Fonte: Elaborada pela autora.

**Tabela 10 – Amostra composta por 25 unidades.**

TIPO	CENTRO	CIPÓ	ESTRADA	VILA DAS FLORES	VILA DO JUSTINO
A	2	1	0	2	2
B	2	2	0	2	0
C	3	3	0	1	1
D	1	0	1	1	0
E	1	0	0	0	0

Fonte: Elaborada pela autora.

A partir destas definições, foi realizada a seleção dos entrevistados tendo como premissa abranger a maior diversidade possível de outras características, tais como tamanho da família, tipo de construção, etc. Para cada moradia selecionada foi escolhida uma outra, para o caso de não aceitação da família em participar da pesquisa. De posse da seleção das moradias e com base na sistematização dos procedimentos investigativos<sup>46</sup>, a pesquisa prosseguiu com a aplicação da Etapa 2, conforme apresentado a seguir.

<sup>46</sup> Ver Capítulo 3.

## 4.4 Etapa 2

Conforme explicitado anteriormente, a segunda etapa do arranjo tem como foco a escala da unidade habitacional, e é responsável pela aproximação entre pesquisador e pesquisado. É composta por três visitas, sendo a primeira de **aproximação**, a segunda de **aprofundamento** e a terceira de **fechamento**<sup>47</sup>. Devido à quantidade de técnicas empregadas nesta etapa, percebeu-se a necessidade de que a coleta de dados fosse realizada por pelo menos mais uma pessoa, além da pesquisadora. Por conta disso, foi feito um convite de participação ao grupo do Programa de Educação Tutorial (PET) do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará (DAU-UFC)<sup>48</sup>, com o intuito tanto de obter auxílio para a realização dos procedimentos, como de abrir a oportunidade para estudantes de graduação de participar, na prática, de um processo de investigação científica em andamento. Na ocasião, foram apresentados os aspectos da pesquisa (tema, justificativa, objetivos, relevância, metodologia) e lançado o convite de participação, obtendo a adesão voluntária de três bolsistas. Para estes, foi realizado um *workshop* com duração de dois dias para apresentação da pesquisa e dos procedimentos e para o planejamento da Etapa 2<sup>49</sup>.

A aplicação da etapa 2 se iniciou com a realização das Visitas 2 e 3, planejadas de modo que, em cada semana, fossem realizadas ambas as visitas em dez moradias<sup>50</sup>. A **Visita 2** foi realizada com a companhia da agente de saúde da Lagoa Grande que, a cada casa que chegávamos, apresentava a pesquisadora ao responsável por aquela moradia. Em seguida, iniciava-se o acordo com a apresentação da pesquisa, ressaltando a sua intenção de aprender, com os moradores da Lagoa Grande, como são as casas rurais. Neste momento, se buscava explicar de maneira clara tanto os procedimentos que seriam realizados, como o fato de não ser intenção da pesquisa realizar nenhum tipo de

---

<sup>47</sup> Ver Quadro 02, no Tópico 3.1.

<sup>48</sup> Na ocasião, o PET-Arquitetura/UFC havia realizado um processo de seleção de bolsistas, os quais ainda não se encontravam envolvidos em trabalhos práticos de pesquisa e, ao mesmo tempo, estavam ansiosos por ter essa experiência. Desta forma, não foi necessário realizar nenhum processo seletivo, obtendo a adesão voluntária, de acordo com o entusiasmo e a disponibilidade de cada um.

<sup>49</sup> Foram abordados, de forma detalhada: a) os aspectos da pesquisa (tema, justificativa, objeto de estudo, objetivos, etapas de realização, relevâncias e contribuições); b) o arranjo metodológico desenhado (processos de estruturação e de delimitação do estudo de caso e apresentação da Localidade da Lagoa Grande); c) os procedimentos da coleta de dados (realização da etapa 1, processo de seleção dos entrevistados e procedimentos para a etapa 2); e d) planejamento da etapa 2.

<sup>50</sup> Nos finais de semana foram feitas as Visitas 2 naquelas dez moradias onde seriam realizadas a Visita 3 na semana subsequente.

intervenção na moradia do pesquisado, mas sim de apenas saber como ela é, como foi feita e como a família nela mora. Também era deixado claro que a pessoa não era obrigada a participar, e que a pesquisa só seria ali realizada com a sua autorização. Em seguida, era perguntado ao pesquisado se este havia compreendido do que se tratava o trabalho, se tinha alguma dúvida ou comentário, e se permitia que a pesquisa fosse realizada na sua residência. Quando solicitado, eram prestados esclarecimentos, após os quais geralmente se obtinha o aceite de participação<sup>51</sup>. Em seguida, era feito o agendamento para a visita 3, após o qual a pesquisadora agradecia e se despedia.

A Visita 2 teve uma duração média de 30 minutos, motivo pelo qual as dez visitas previstas para serem realizadas em um final de semana fora feitas em um único dia. Durante a sua realização, optou-se por não realizar a Leitura Espacial naquele momento. Isto porque, por ter sido feita nos finais de semana, em várias casas visitadas as pessoas se encontravam em momentos de lazer, com a visita de algum parente, ou realizando algum serviço de caráter esporádico, como consertar o carro ou limpar a caixa d'água. Desta forma, se preferiu realizar apenas o Acordo Inicial, com o intuito de não atrapalhar os afazeres dos participantes, já que isto poderia fazer com que a pesquisa fosse considerada por estes como um transtorno, desde este momento inicial.

A **Visita 3**, por sua vez, foi realizada sempre pela pesquisadora e pelo menos um bolsista do PET-Arquitetura/UFC. No início da visita, eram lembrados ao pesquisado os procedimentos que seriam realizados naquele dia<sup>52</sup>, confirmando a sua autorização para a realização dos mesmos. Em seguida, era pedida a autorização para gravar a conversa e iniciava-se a entrevista narrativa solicitando ao participante que contasse a história da construção da casa. Ao longo desta, havia apenas o incentivo à fala do narrador, sem serem feitas intervenções por parte da pesquisadora. Esta se mantinha atenta à história contada, apontando na ficha de entrevista narrativa os pontos tocados pelo pesquisado e tomando nota daqueles que necessitariam maior esclarecimento. Em paralelo, o bolsista elaborava croquis e realizava observações, a partir dos quais eram gerados os mapas comportamentais e de vestígios ambientais. Quando o narrador dava sinal de que havia

---

<sup>51</sup> Em poucos casos as pessoas se recusaram a participar, e quando isto ocorria, não havia uma insistência por parte da pesquisadora, mas apenas um agradecimento e uma despedida.

<sup>52</sup> Além dos procedimentos previstos para a Visita 3 (ver Quadro 02), a Leitura Espacial na Escala da Unidade Habitacional foi nela incluída por não ter sido realizada na Visita 2.

concluído a sua história, passava-se à fase de questionamentos, no qual a pesquisadora realizava perguntas tanto sobre os pontos confusos da narrativa, como sobre aqueles que não haviam sido contemplados na história contada. Em seguida, perguntava-se ainda se o entrevistado gostaria de falar mais alguma coisa a respeito da sua moradia, obtendo comentários informais sobre outros pontos considerados relevantes para o pesquisado, mas que não haviam sido questionados pela pesquisadora. O tempo de duração da entrevista narrativa foi bastante variável, por ser dependente da disposição do entrevistado para falar. O que se percebeu é que pessoas mais velhas tendem a contar histórias mais detalhadas, relacionando acontecimentos paralelos à construção da casa, enquanto que os mais jovens tendem a contar a história de uma forma mais resumida, fornecendo menos detalhes<sup>53</sup>.

Após a entrevista narrativa, era dado início ao levantamento físico da construção, solicitando ao participante que mostrasse a casa aos pesquisadores<sup>54</sup>. O gravador permanecia ligado, registrando a forma como o morador apresenta a sua moradia. Por vezes surgiam informações referentes ao uso<sup>55</sup>, e em outros casos podia-se perceber ora preferência de um cômodo e a falta de importância de outro (pela maior ou menor quantidade de detalhes fornecidos), ora a satisfação ou insatisfação do narrador com relação a algum aspecto de determinado ambiente (um revestimento novo, uma patologia aparente, etc.). Em seguida, se pedia autorização para realizar as medições<sup>56</sup>, sendo estas antecedidas pela elaboração dos croquis de planta e de pelo menos um corte transversal. Em paralelo às medições, eram feitas anotações referentes ao material, tamanho, tipo de abertura e de acabamento de cada esquadria. No final, cada cômodo era novamente percorrido e fotografado. Todo este processo, de apresentação, medição e registro fotográfico da moradia, também teve um tempo de duração variável, que depende tanto dos comentários emitidos pelo participante no momento inicial, como do tamanho da casa e da sua complexidade espacial.

---

<sup>53</sup> Na fase de questionamentos, por exemplo, as perguntas feitas para os mais velhos sempre geravam outras narrativas. Tudo que se responde é através da contação de uma história. Os mais jovens, por sua vez, fornecem respostas mais curtas e objetivas.

<sup>54</sup> Buscava-se percorrer toda a casa, e quando se percebia que o participante deixava de mostrar algum ambiente, sempre se perguntava: "*E aqui, o que é?*".

<sup>55</sup> Tanto com relação às atividades como aos usuários do espaço.

<sup>56</sup> Eram medidos os ambientes, a localização das aberturas e de equipamentos (como pias de cozinha) nas paredes, os desníveis de piso, as alturas de paredes que não chegavam até o telhado e aquelas relacionadas com o desenho da cobertura, além de pilares e peitoris de varandas e alpendres.

A Leitura Espacial na Escala da Unidade Habitacional foi realizada em paralelo com o levantamento físico, se iniciando na apresentação da moradia por parte do pesquisado. Durante o levantamento, eram feitas algumas anotações a respeito dos ambientes que se visitava. Com o encerramento das medições e do registro fotográfico interno, se passava para o exterior da casa, fazendo ali observações e também fotografias externas. No entanto, quando se chegava neste momento, já havia passado um tempo prolongado da presença dos pesquisadores na moradia, por conta da extensão da entrevista narrativa e do levantamento físico. Havia um receio de cansar o participante com a presença dos pesquisadores, fato que poderia ocasionar em uma futura desistência de continuidade da participação. Sentia-se, portanto, a necessidade de agilizar os procedimentos e, por conta disso, optou-se por não realizar o mapeamento com GPS dos anexos da moradia, processo que também seria demorado na maioria dos casos, devido às distâncias entre estes. Desta forma, dos procedimentos previstos para a Leitura Espacial na Escala da Unidade Habitacional, foram realizadas as observações e o registro fotográfico.

Após o levantamento físico, era dado início aos procedimentos referentes aos mapas afetivos, apresentando o equipamento fotográfico ao participante e ensinando as operações básicas: ligar, mirar o alvo da fotografia, bater a foto e desligar. A câmera era sempre deixada em modo de flash automático. Em seguida, era solicitado que o participante testasse o equipamento, ligando a câmera, batendo a foto e depois desligando. Sempre se mostrava ao participante a foto teste por ele batida como forma de estimulá-lo ao exercício solicitado, através da percepção da sua capacidade fotográfica. Em seguida, solicitávamos que o participante tirasse dez fotos da sua casa, do que quisesse dela, como se fosse mostrá-la, através das fotos, para alguém que não a conhece. A decisão do que seria mostrado para essa pessoa imaginária, ficava por conta do participante. Após as orientações e entrega do equipamento, era agendado o recolhimento da câmera, geralmente um ou dois dias depois. A Visita 3 se encerrava com a explicação dos procedimentos da Visita 4.

Ainda que para cada procedimento de forma isolada, os tempos de duração tenham sido bastante variáveis, as Visitas 3 tiveram uma duração média de duas horas. Por este motivo, poderia ter sido realizada em quatro moradias em um mesmo dia, ao invés de em duas como estava previsto. No entanto, como as visitas estavam previamente agendadas com os moradores, não pôde ser feita uma antecipação do restante das

visitas da primeira semana, tendo sido nesta visitadas dez casas, ao final das quais já se percebia uma saturação dos dados, possibilitando assim o encerramento da amostra naquele momento. No entanto, por conta dos aspectos subjetivos particulares às famílias, e considerando a possibilidade de descontinuidade de participação na pesquisa, foi adotada a amostra de quinze unidades, desenhada quando da seleção dos entrevistados, garantindo a manutenção da abrangência das diversidades. Além disso, correspondeu a um aumento de cinquenta por cento da amostra válida observada em campo, garantindo uma segurança na constatação da saturação dos dados. Foi realizado mais um dia de Visita 2, e mais dois dias de Visita 3, já que os agendamentos, desta vez, consideraram os tempos de duração observados na primeira semana. Portanto, as Visitas 2 e 3 foram realizadas em quinze casas, durante um período de dez dias.

A Visita 3 foi responsável pelo fornecimento de uma grande quantidade de dados e, por conta disso, a sistematização destes foi realizada com muito cuidado, tanto para que nenhuma informação fosse perdida como para que os pesquisadores tivessem uma facilidade para acessá-los posteriormente. Conforme dito acima, o tempo de duração das entrevistas narrativas foi bastante diversificado, variando de quinze minutos até uma hora e dez minutos. A maioria das conversas, no entanto teve um tempo de duração entre vinte e trinta minutos. Obteve-se no total aproximadamente cinco horas e quarenta minutos de entrevistas narrativas. Para preservá-las na íntegra, os arquivos de áudio armazenados no gravador foram transferidos para um computador. Em seguida, cada entrevista foi transcrita já de forma categorizada<sup>57</sup> de acordo com a sistematização das dimensões da moradia elaborada previamente<sup>58</sup>, permitindo o agrupamento de todas as falas do participante sobre determinado aspecto da moradia. Além disso, como na narrativa os eventos estão relacionados entre si, diversas passagens se referiam não somente a um aspecto, mas a diversos. Nestes casos, tais passagens foram copiadas nas categorias correspondentes, permitindo, ao final deste processo, perceber como os eventos estão relacionados, a partir da perspectiva do entrevistado. Ainda que este processo tenha resultado em uma grande economia de tempo com relação à transcrição integral das entrevistas, ele resultou no fracionamento da narrativa, fazendo com que se perdesse a sua continuidade e sequência. Por conta disso, através da audição das

---

<sup>57</sup> Ver *Exemplo de Transcrição Categorizada da Entrevista Narrativa* no Apêndice C.

<sup>58</sup> Ver Tópico 2.4.

entrevistas narrativas, buscou-se identificar tanto o seu esquema auto-gerador como as suas dimensões cronológica e não-cronológica, gerando a estrutura da narrativa<sup>59</sup> conforme planejado na estruturação do arranjo metodológico<sup>60</sup>.

Após a transcrição categorizada das entrevistas narrativas, puderam ser percebidos, para cada unidade habitacional, quais dados este instrumento foi capaz de fornecer, e quais aqueles que não foram contemplados pela sua aplicação. A partir disso, foram elaborados os roteiros para a entrevista semi-estruturada, de modo personalizado para cada unidade habitacional<sup>61</sup>, conforme planejado<sup>62</sup>.

Os levantamentos físicos, por sua vez, tiveram seu tempo de duração variável entre vinte e quarenta minutos, tendo sido a maioria realizada em torno de trinta minutos. O tratamento dos dados gerados por este instrumento correspondeu ao desenho das plantas no *software AutoCAD*®. A partir destas e das medidas verticais anotadas nos croquis, foram elaboradas as modelagens 3D das casas, utilizando o *software Google SketchUp*®, gerando as imagens em perspectiva isométrica para cada unidade habitacional. Em seguida, por conta da grande quantidade de reformas e ampliações que são empreendidas pelas famílias na produção da sua moradia, estes mesmos procedimentos foram realizados para cada etapa do processo evolutivo, a partir da utilização dos dados fornecidos na entrevista narrativa. Desta forma, pôde-se obter o levantamento físico não somente da atual feição da casa, mas de toda sua evolução ao longo do tempo. Foi elaborado ainda, para cada unidade habitacional pesquisada, um quadro de áreas das diversas etapas morfo-espaciais assumidas pelas casas. Os desenhos e os quadros foram sintetizados em pranchas<sup>63</sup>, que possibilitaram a visualização, para cada unidade habitacional, da evolução das suas formas, dos seus espaços e das suas áreas.

As fotos dos mapas afetivos, por sua vez, foram organizadas em pastas digitais separadas por unidade habitacional. Em seguida, foram encaminhadas a uma gráfica para impressão no formato 10x15, fornecendo orientações para que, tanto no momento

---

<sup>59</sup> Ver *Exemplo de Estrutura da Narrativa* no Apêndice C.

<sup>60</sup> Ver Tópico 3.2.4.

<sup>61</sup> Ver *Exemplos de Fichas Personalizadas da Entrevista Narrativa* no Apêndice C.

<sup>62</sup> Ver Tópico 3.2.9.

<sup>63</sup> Ver *Exemplo de Prancha do Levantamento Físico* no Apêndice C.

da impressão como na hora do corte das fotografias, fosse mantida a sequência entregue. As fotos impressas receberam em seus versos duas etiquetas, sendo a primeira de identificação da unidade habitacional correspondente<sup>64</sup>, e a segunda em branco, para ser utilizada no momento da aplicação do mapa afetivo na Visita 4.

As técnicas de vestígios ambientais e de mapeamento comportamental, por sua vez, se mostraram ineficientes no contexto do arranjo metodológico proposto. Além de terem fornecido poucas informações, estas puderam ser obtidas por outros meios, como as observações registradas em notas de campo e os registros fotográficos. Deve-se enfatizar que a ineficiência percebida não diz respeito às técnicas em si, mas ao modo como foram realizadas no arranjo metodológico proposto. Por terem sido aplicadas em paralelo às entrevistas narrativas, não houve uma sistematização do seu tempo de aplicação, uma vez que a duração daquelas é definida mais pela fala do pesquisado, do que por um controle do pesquisador. Além disso, o tempo de duração predominante das entrevistas narrativas entre vinte e trinta minutos não foi suficiente, na maioria das moradias pesquisadas, para a realização de observações mais aprofundadas, sendo isto agravado pelo fato de que vestígios ambientais e mapeamento comportamental tenham sido realizados ao mesmo tempo, pelo mesmo observador. Por conta disso, não foram realizados os procedimentos de tratamento e análise dos dados para estes instrumentos.

Após a preparação dos dados obtidos na Visita 3, deu-se início às atividades relacionadas à Visita 4, que corresponde ao fechamento da pesquisa de campo, por meio da aplicação dos mapas afetivos e da entrevista semi-estruturada. Nesta etapa, a pesquisa foi realizada em 11 das 15 casas visitadas anteriormente, pela impossibilidade de continuidade dos procedimentos em quatro moradias, por motivos diversos<sup>65</sup>.

A **Visita 4** se iniciava com uma breve explicação dos procedimentos e com a solicitação de autorização para gravar a conversa. Em seguida, a pesquisadora entregava ao

---

<sup>64</sup> Ainda que se tenha solicitado à gráfica a manutenção da sequência, no momento da identificação cada foto impressa foi conferida nas pastas digitais.

<sup>65</sup> Em um caso, o participante (um senhor bastante idoso) se recusou a produzir as fotos para o mapa afetivo, impossibilitando a aplicação desta técnica. Em outro caso, na ocasião da realização da Visita 4, a mãe havia falecido há poucos dias e, desta forma, a pesquisadora optou por não realizar os procedimentos com aquela família em respeito ao seu momento de luto, tendo sido feita apenas uma visita de pesar. Nos outros dois casos, as pessoas que haviam batido as fotos para o mapa afetivo estavam em tratamento de saúde, uma em Fortaleza e outra no Hospital de Barreira.

participante as fotos por ele produzidas, pedindo que escolhesse uma para falar a respeito. A foto escolhida era identificada no verso, utilizando a etiqueta em branco. Depois disso, era solicitado ao participante que colocasse as demais fotos na ordem da que mais gosta para a que menos gosta. Cada foto teve identificada em seu verso a posição na ordem estabelecida, sendo a foto 1 correspondente à que mais gosta. Em seguida, pedia-se que o participante ficasse observando a foto escolhida, sendo então iniciado o mapa afetivo, seguindo o roteiro elaborado<sup>66</sup>. Depois disso, era perguntado ao participante o que ele quis mostrar em cada foto ordenada. Encerrava-se assim a aplicação do mapa afetivo, passando então a entrevista semi-estruturada para complementação dos dados, realizando as perguntas conforme os roteiros personalizados<sup>67</sup>. A Visita 4 se encerrava com a explicação da pesquisadora sobre o fato de serem aqueles os últimos procedimentos da pesquisa junto à família, agradecendo ao entrevistado pela sua participação, tanto com relação ao fornecimento das informações, como pela autorização da realização dos procedimentos em sua moradia. Com relação aos tempos de duração, os mapas afetivos tiveram um tempo médio de vinte minutos, com pequena variação. Da mesma forma, a duração das entrevistas semi-estruturadas variou pouco, com tempo médio de sete minutos. Assim, a Visita 4 foi realizada em um tempo médio aproximado de trinta minutos.

Para cada unidade habitacional, os dados obtidos por meio dos mapas afetivos foram organizados em pranchas<sup>68</sup> compostas pela foto escolhida, pela transcrição das falas dos respondentes e pelas demais fotos ordenadas e suas explicações. Além disso, percebeu-se que, em diversos momentos, as falas dos respondentes nos mapas afetivos forneciam informações a respeito de outros aspectos da moradia, para além das dimensões subjetivas, foco deste instrumento. Por conta disso, as entrevistas dos mapas afetivos passaram pelo mesmo processo de transcrição categorizada<sup>69</sup> adotado para as entrevistas narrativas, tendo sido este procedimento adotado também para a entrevista semi-estruturada de complementação<sup>70</sup>.

---

<sup>66</sup> Ver Apêndice A.

<sup>67</sup> Ver Apêndice C.

<sup>68</sup> Ver *Exemplo de Prancha de Mapa Afetivo* no Apêndice C.

<sup>69</sup> Ver *Exemplo de Transcrição Categorizada do Mapa Afetivo* no Apêndice C.

<sup>70</sup> Ver *Exemplo de Transcrição Categorizada do Mapa Afetivo e Exemplo de Transcrição Categorizada da Entrevista Semi-Estruturada* no Apêndice C.

Após o tratamento dos dados, havia à disposição da pesquisadora uma grande quantidade de informações, de diversas naturezas, provenientes das diferentes técnicas aplicadas em campo. Para uma análise sistematizada, os dados foram tabulados em uma planilha<sup>71</sup> composta pelas categorias<sup>72</sup> no eixo vertical, e pelas unidades habitacionais no eixo horizontal. A partir da leitura dos documentos gerados, foram inseridos, para cada categoria, os modos como os eventos ocorrem<sup>73</sup>, e marcado, para cada unidade habitacional, aquele correspondente<sup>74</sup>. Este procedimento gerou como produto um quadro-síntese<sup>75</sup> de todas as informações obtidas na pesquisa de campo, por meio do qual puderam ser percebidas as relações entre os modos como ocorrem os diversos aspectos da moradia e relacioná-los. Por exemplo, observou-se ser comum a contratação de um pedreiro para as construções em alvenaria de tijolos cerâmicos, enquanto que nas de taipa ou adobe não há a contratação de mão de obra especializada. A percepção desta relação a partir do quadro se dá a nível hipotético, pelo método dedutivo: se, nas casas pesquisadas, todas aquelas construídas em alvenaria cerâmica contrataram um profissional especializado, então isto é válido para todas as casas em alvenaria cerâmica da Lagoa Grande. Após a formulação das hipóteses, se retornava aos dados tratados para buscar indícios de confirmação ou de negação destas e das relações estabelecidas.

Por meio de tais procedimentos, foram percebidas as inúmeras relações entre os diversos aspectos da moradia, permitindo compreender em qual intersecção do diagrama da sistematização das dimensões da moradia um ou outro deveria estar localizado. No entanto, com o intuito de facilitar a compreensão destas relações, tal discussão será feita após a apresentação da compreensão das moradias da Lagoa Grande, obtida por meio da utilização do arranjo metodológico desenvolvido. Do mesmo modo, é por meio desta compreensão que poderá ser empreendida a análise do próprio arranjo, não somente no que diz respeito às diferenças entre o planejado e o aplicado, mas também das consequências das adaptações realizadas para a compreensão intentada.

---

<sup>71</sup> Ver *Quadro-Síntese dos Dados* no Apêndice C.

<sup>72</sup> Ver sistematização das dimensões da moradia no Tópico 2.4.

<sup>73</sup> Por exemplo, com relação à forma de aquisição do terreno, foram inseridos os modos "compra", "troca" e "doação", por serem estas as formas utilizadas pelas famílias pesquisadas.

<sup>74</sup> Este procedimento foi feito para cada documento de tratamento de dados produzidos, além das notas de campo elaboradas pela pesquisadora ao longo de todo processo de coleta de dados.

<sup>75</sup> Idem 71.

## 5 O APRENDIZADO

A experiência da aplicação do arranjo metodológico, conforme descrita no capítulo anterior, possibilitou uma compreensão da Lagoa Grande e de suas moradias que se caracteriza pela complexidade da rede de relações que integram os diversos aspectos inerentes ao processo de autopromoção de moradias estudado.

Tal compreensão é apresentada na primeira seção deste capítulo, por meio do relato dos fenômenos percebidos, com o intuito de informar ao leitor a respeito das realidades e características do processo estudado. A seção se encerra com a análise da compreensão obtida à luz dos estudos discutidos no Capítulo 2, identificando as rupturas e as continuidades entre as moradias estudadas o *tipo como design* e a caracterização em *vernacular* ou *espontâneo*.

Em seguida, tanto a compreensão como a sua análise servem de base para a análise do arranjo, percebendo a diversidade de aspectos abrangidos e o modo que estão relacionados, culminando com o redesenho do diagrama elaborado no tópico 2.4.

Posteriormente, é feito um paralelo comparativo entre o método planejado e o aplicado, a partir do qual foi possível perceber as modificações realizadas, suas consequências e as contribuições de cada técnica utilizada.

Finalmente, são apresentadas as conclusões acerca tanto do arranjo, como do processo de autopromoção de moradias estudado, indicando possíveis direções para o avanço científico desta temática.

### 5.1 Moradias Rurais da Lagoa Grande

Para chegar à Lagoa Grande a partir de Fortaleza, pode-se tomar um ônibus da linha Fortaleza – Aratuba na Rodoviária Eng. João Tomé. A passagem, no entanto, deve ser comprada para Redenção, ainda que o ponto de descida seja a cidade de Acarape<sup>76</sup>. Este mesmo ônibus pode ser tomado, ainda em Fortaleza, em outros pontos da cidade.

---

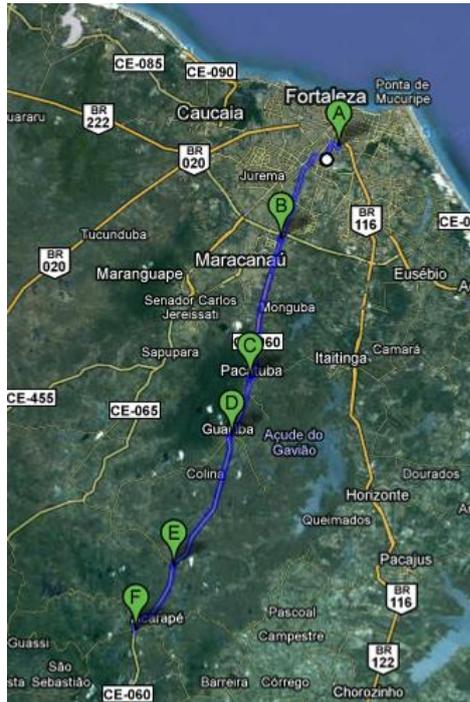
<sup>76</sup> Não se sabe o porquê deste fato, e os próprios funcionários da empresa responsável nunca souberam explicar, respondendo apenas que "Tem que tirar (a passagem) pra Redenção, porque não tem como tirar pra Acarape".

Inclusive, é maior o volume de passageiros que embarca fora da rodoviária, seja nos dias de trabalho, seja naqueles de folga. Às vezes, isso se deve à dificuldade de transporte até o terminal, nos casos em que o ônibus tem parada perto de casa, ou para economizar a taxa de embarque, que acaba saindo caro para aqueles trabalhadores que se utilizam desta linha diariamente. Seja como for, o fato é que o entra e sai de pessoas é intenso, e ocorre ao longo de todo o trajeto.

Utilizando este transporte, a viagem dura em torno de uma hora e meia até Acarape, tendo como principais paradas (Fig. 08) a CEASA, a Rodoviária de Pacatuba, o Terminal de Guaiúba, a localidade de Água Verde e, finalmente, o mercantil de Acarape que, justamente por conta das paradas dos ônibus intermunicipais, acaba servindo como ponto de moto-táxis e de "lotações" que cobrem tanto o trecho Acarape – Redenção como o trecho Acarape – Barreira.

As "lotações" são carros particulares que servem de transporte público, percorrendo trechos que não são cobertos pelos serviços formais. Por carregarem mais passageiros em uma mesma viagem, a "corrida" sai mais barata do que se feita em moto-táxi, podendo chegar a uma economia de até 70%. Ainda que representem um benefício para a população de pequenas localidades, porque facilita a locomoção e, conseqüentemente, o acesso à serviços, produtos e oportunidades, este tipo de transporte tem o problema de não oferecer a adequada segurança a seus passageiros, sendo constantes os acidentes em que se envolvem. Os carros geralmente estão em péssimo estado de conservação, tanto porque "rodam muito" como porque o que se ganha com este trabalho não é suficiente para custear a manutenção do veículo. Além disso, porque se ganha pouco, os motoristas acabam dirigindo de forma inadequada na ânsia de fazer mais viagens e, conseqüentemente, "carregar" mais passageiros em um mesmo dia. Ainda assim, por conta da economia, este é o tipo de transporte mais utilizado pela população local.

**Figura 08 – Trajeto Fortaleza – Acarape Via CE-060. (A) Rodoviária de Fortaleza / (B) CEASA / (C) Rodoviária de Pacatuba / (D) Guaiúba / (E) Água Verde / (F) Acarape.**



**Fonte: GoogleMaps® (Acessado em 12/04/2011).**

A partir dos Côcos, não há mais serviço de transporte para chegar à Lagoa Grande: ou se percorre o trecho à pé, ou alguém "vai buscar" de carro, moto, bicicleta ou carroça, ou se espera ali mesmo por uma carona. São 3,2 quilômetros de estrada de terra (Fig. 09), ladeada pela vegetação da caatinga, que na época das chuvas se mostra como um "mato" alto, verde e denso, e na época das secas como um emaranhado de galhos quebradiços, marrons e cinzas (Fig. 10). O Riacho do Simeão (Fig. 11), que se encontra seco na maior parte do ano, é o limite entre as duas localidades. Ali só corre água nas épocas de "inverno bom". Em anos de pouca chuva, a própria lagoa que dá nome ao lugar seca.

**Figura 09 – Estrada de acesso Côcos – Lagoa Grande.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

**Figura 10 – A paisagem no período seco.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

**Figura 11 – Ponte do Riacho do Simeão.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

### 5.1.1 Zonas de moradia

Ao longo do trajeto, quase não se vê casas. Estas só começam a aparecer quando se chega à Vila do Justino (Fig. 12), uma das quatro localidades da Lagoa Grande, que tem esse nome por ser um agrupamento de moradias de famílias com relações de parentesco entre si, que tem como patriarca o Justino, já falecido. A origem desta localidade se deve, portanto, ao fracionamento de uma grande propriedade de terras, processo que se intensifica à medida em que são construídas novas casas. Desta forma, a evolução do processo de ocupação da Vila do Justino, ao invés de ampliar as fronteiras desta localidade, tende a reduzir o tamanho dos terrenos, inviabilizando a agricultura de subsistência e fazendo com que algumas famílias não morem mais no local, tendo se mudado para Fortaleza por conta de oportunidades de trabalho. Por conta disso, ao mesmo tempo em que há ali uma grande ocorrência de casas vazias (Fig. 13), algumas famílias que saíram acabam construindo novas casas, como forma de investimento e utilizando-as para veraneio (Fig. 14), por conta dos laços familiares existentes no local. Além das moradias, há ali um ponto de comércio (Fig. 15), localizado na extremidade da Vila do Justino, próximo à estrada principal que dá acesso ao centro da Lagoa Grande.

Figura 12 - Mapeamento da Vila do Justino.



Fonte: Produzido pela autora. Fotografia aérea: *GoogleEarth*® (Acessado em 12/04/2011).

**Figura 13 – Casa vazia na Vila do Justino.**



Fonte: Produzido pela autora.

**Figura 14 – Casa de veraneio na Vila do Justino.**



Fonte: Produzido pela autora.

**Figura 15 – Ponto de comércio na Vila do Justino.**



Fonte: Produzido pela autora.

Saindo da Vila do Justino, encontra-se mais adiante da estrada principal o acesso à localidade Cipó que, assim como naquela primeira, foi originada a partir do fracionamento de terras, neste caso não apenas de uma, mas de diversas famílias. Por este motivo, o Cipó (Fig. 16) passou pelo mesmo processo de esvaziamento enfrentado pela Vila do Justino. No entanto, ao invés da construção de casas de veraneio, as famílias que saíram acabaram vendendo suas casas (ora para parentes, ora para pessoas de outras localidades), fazendo com que ali exista tanto um incipiente mercado imobiliário (Fig. 17), como uma menor ocorrência de casas vazias, tendo em vista que a tendência é que estas sejam vendidas. No Cipó, além das moradias e de alguns pontos de comércio (Fig. 18), há ainda uma igreja católica (Fig. 19), frequentada aos domingos tanto pela população local como de localidades próximas, como da própria Vila do Justino.

**Figura 16 – Mapeamento do Cipó.**



Fonte: Produzido pela autora. Fotografia aérea: *GoogleEarth*® (Acessado em 12/04/2011).

**Figura 17 – Casa à venda no Cipó.**



Fonte: Produzido pela autora.

**Figura 18 – Ponto de comércio no Cipó.**



Fonte: Produzido pela autora.

**Figura 19 – Igreja católica do Cipó.**



Fonte: Produzido pela autora.

Retornando à estrada principal, após o acesso ao Cipó podem ser vistas as primeiras casas do Centro e os únicos equipamentos públicos da Lagoa Grande: a Unidade Básica de Saúde da Família Zacarias Ancelmo e Lima (Fig. 20), e a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Pedro Alexandrino de Lima (Fig. 21), na qual estudam crianças do ensino infantil pela manhã, e do ensino fundamental pela tarde<sup>77</sup>.

**Figura 20 – Unidade Básica de Saúde da Família da Lagoa Grande.**



Fonte: Produzido pela autora.

**Figura 21 – Escola de Ensino Infantil e Fundamental da Lagoa Grande.**



Fonte: Produzido pela autora.

A escola é motivo de orgulho entre os moradores da Lagoa Grande, por ser considerada "a melhor da região", atendendo a população da Lagoa Grande, e de localidades próximas. Para se deslocarem, os alunos utilizam o transporte escolar fornecido pela prefeitura, sendo este comumente utilizado pelos demais moradores como transporte entre as localidades. Já o Posto de Saúde é alvo de muitas críticas, não por conta da sua estrutura física, já que recentemente foi construído um novo posto (Fig. 22 e 23), mas pela falta dos seus principais profissionais: o médico e o dentista. O atendimento básico<sup>78</sup> é feito pela agente de saúde nas moradias. Os casos de doença são encaminhados para o Posto de Saúde e, dependendo da gravidade, para o Hospital Municipal de Barreira.

<sup>77</sup> Quando atingem o ensino médio, os estudantes são transferidos para a escola na sede do município.

<sup>78</sup> O atendimento básico consiste no acompanhamento da condição de saúde de cada habitante, recebendo atenção especial gestantes, idosos, crianças e pessoas em tratamento constante, como diabéticos e hipertensos. Todo mês, cada família recebe pelo menos uma visita.

**Figura 22 – Unidade Básica de Saúde da Família, à época da construção (Nov/2010).**



Fonte: Produzida pela autora.

**Figura 23 – Unidade Básica de Saúde da Família, no dia da inauguração (Abr/2011).**



Fonte: [www.prefeituradebarreira.com.br](http://www.prefeituradebarreira.com.br).

No entorno da escola existem diversos pontos de comércio (Fig. 24) que só funcionam no horário do recreio da tarde, quando os estudantes podem sair da escola por conta do calor: a escola é pequena, sem espaços sombreados onde os alunos possam ficar na hora do intervalo. Quando saem, acabam utilizando os comércios próximos para "merendar", se acomodando nos alpendres das casas vizinhas<sup>79</sup>. Tais comércios se caracterizam como "bodegas", com a venda de lanches, alimentos industrializados e produtos de limpeza e higiene, sendo utilizado também pelas donas-de-casa para pequenas compras.

**Figura 24 – Pontos de comércio localizados no entorno da escola.**



Fonte: Produzida pela autora.

Seguindo adiante pela estrada principal, se localizam as casas do Centro. A ocupação não acontece de forma contínua, se configurando em três zonas de moradias (ZM), entre as quais se localizam terrenos destinados ao plantio de milho (Fig. 25) e feijão, ao cultivo de cajueiros (Fig. 26) ou às pastagens (Fig. 27).

**Figura 25 – Milharal.**



Fonte: Produzida pela autora.

**Figura 26 – Cajueiral.**



Fonte: Produzida pela autora.

**Figura 27 – Pasto.**



Fonte: Produzida pela autora.

<sup>79</sup> Os alpendres também são utilizados pelos alunos nos momentos antes e depois da aula.

A 1ª ZM (Fig. 28) se inicia no núcleo central, onde se encontram os equipamentos públicos e os comércios citados anteriormente. É também ali que as pessoas "pegam carona" no transporte escolar, no início e fim das aulas da manhã e da tarde. Por conta dos serviços ali presentes, é onde se encontra a maior concentração de casas, havendo também um mercado imobiliário incipiente, principalmente para aluguel. Corresponde à ocupação mais antiga, responsável pela transformação da localidade em distrito.

**Figura 28 - Mapeamento do Centro - 1ª. Zona de Moradias.**



1 - Escola / 2 - Quadra da Escola / 3 - Antigo Posto de Saúde / 4 - Atual Posto de Saúde

**Fonte: Produzido pela autora. Fotografia aérea: GoogleEarth® (Acessado em 12/04/2011).**

Na 2ª ZM (Fig. 29) está localizada a igreja católica da Lagoa Grande (Figs. 30 e 31), onde ocorrem as missas uma vez por mês e os terços dos homens às terças-feiras e das mulheres e crianças às quartas-feiras. No entorno da igreja, a população organiza festividades religiosas e eventos sociais, como "quermesses", almoços, etc. Também é nesta segunda zona que se encontra o "acesso" à lagoa (Fig. 32). Acesso entre aspás, por se tratar de uma grade de ferro trancada com cadeado. A lagoa é considerada no lugar como propriedade privada por estar totalmente dentro das terras de determinada família, impossibilitando à população o usufruto deste recurso hídrico (Figs. 33 e 34).

**Figura 29 – Mapeamento do Centro – 2ª. Zona de Moradias.**



1 - Igreja Católica

Fonte: Produzida pela autora. Fotografia aérea: *GoogleEarth*® (Acessado em 12/04/2011).

**Figura 30 – Igreja católica da Lagoa Grande (Vista externa).**



Fonte: Produzida pela autora.

**Figura 31 – Igreja católica da Lagoa Grande (Vista interna).**



Fonte: Produzida pela autora.

**Figura 32 – Portão que dá "acesso" à lagoa.**



Fonte: Produzida pela autora.

**Figura 33 – A lagoa no período seco.**



Fonte: Produzida pela autora.

**Figura 34 – A lagoa no período de chuva.**



Fonte: Produzida pela autora.

Na 3ª ZM (Fig. 35), encontra-se o campo de futebol utilizado pelos homens nos finais de semana e, eventualmente, na semana à noite. O campo é de terra batida e foi providenciado pela própria população: uma família cedeu parte do seu terreno que foi "destocado" pelos homens da localidade. Ali também se concentram alguns pontos

comerciais, principalmente bares (Fig. 36), voltados para o público masculino. Um deles possui uma quadra onde acontecem os forrós nos finais de semana (Fig. 37). Na 3ª ZM há ainda uma igreja evangélica (Fig. 38), onde ocorrem os cultos nas noites de domingo.

**Figura 35 – Mapeamento do Centro – 3ª. Zona de Moradias.**



1 - Igreja Evangélica / 2 - Campo de Futebol

Fonte: Produzido pela autora. Fotografia aérea: *GoogleEarth*®(Acessado em 12/04/2011).

**Figura 36 – Bar nas proximidades do campo.**



Fonte: Produzida pela autora.

**Figura 37 – Quadra do Forró.**



Fonte: Produzida pela autora.

**Figura 38 – Igreja evangélica.**



Fonte: Produzida pela autora.

Mais à frente, pela estrada principal, chega-se à Vila das Flores (Fig. 39), outra localidade da Lagoa Grande que tem a particularidade de estar passando por um processo de ocupação acelerado. Poucas famílias moravam no local, até que, em 2009, um proprietário de terras "daquelas bandas" que, diga-se de passagem, é o mesmo "dono" da lagoa, doou parte do seu terreno para que algumas famílias, principalmente jovens casais, construíssem as suas casas naquele lugar. Ninguém sabe explicar direito os termos desta doação. O fato é que os lotes foram demarcados pelo doador e as famílias

estão construindo suas casas (Figs. 40 e 41). Além das moradias, antigas e novas, há também na Vila das Flores alguns pontos comerciais, principalmente bares (Fig. 42).

**Figura 39 - Mapeamento da Vila das Flores.**



Fonte: Produzido pela autora. Fotografia aérea: *GoogleEarth*®(Acessado em 12/04/2011).

**Figura 40 - Casa em construção na Vila das Flores.**



Fonte: Produzida pela autora.

**Figura 41 - Casa em construção na Vila das Flores.**



Fonte: Produzida pela autora.

**Figura 42 - Bar na Vila das Flores.**



Fonte: Produzida pela autora.

### 5.1.2 As Famílias

As famílias da Lagoa Grande são compostas por uma, duas ou três gerações. A primeira corresponde aos casos de pessoas que moram sozinhas, geralmente homens, ou que já perderam os pais, ou idosos viúvos cujos filhos estão casados e possuem moradia própria. As famílias com duas gerações são as mais recorrentes e correspondem à formação pais e filhos, podendo se tratar tanto de casal com filhos, quando os pais são os responsáveis pela moradia, como casal com pais idosos, sendo neste caso, os filhos

responsáveis pela casa. Em raros casos, há ainda a formação mãe com filhos. As famílias com duas gerações variam de três a onze membros, sendo mais comum aquelas com três a cinco pessoas. Já as famílias compostas por três gerações têm geralmente de cinco a oito membros, e são formadas por pais, filhos e netos, podendo se tratar tanto de casal com filhos e netos, como de casal com filhos e pais idosos. No primeiro caso, as moradias são sempre co-habitadas, mas já não se pode dizer o mesmo das ocorrências de casal com filhos e pais idosos, já que estes últimos geralmente possuem casa, mas devido à idade avançada, são trazidos para a casa dos filhos para que possam ter melhor assistência da família.

Geralmente, o homem é o responsável pela família. São na maioria agricultores que trabalham principalmente com a cultura do caju, havendo alguns aposentados e trabalhadores rurais. Na mesma proporção destes últimos, encontram-se os que trabalham no setor público, seja na escola e no posto de saúde da Lagoa Grande, seja em instituições na sede do município. Há ainda aqueles que trabalham no setor privado, tanto na sede do município como em Fortaleza. Neste último caso, o homem passa a semana na capital, e retorna para casa nos finais de semana. Nesta situação, é comum que a mulher seja a responsável pela família, por ser ela quem está sempre presente. A noção de responsabilidade deixa de estar relacionada ao provedor para se referir a quem cuida. Também nas famílias com formação do tipo mãe e filhos é a mulher a responsável, desta vez tanto pela provisão como pelo cuidado. Assim como ocorre na população masculina, as mulheres trabalham principalmente na agricultura, e em menor proporção, no setor público. O trabalho feminino no setor privado ocorre de forma mais rara e sempre com jovens que ainda não constituíram família e moram com os pais.

Ainda que a maioria das famílias tenha "nascido e se criado" na Lagoa Grande, é representativa a quantidade de casos de famílias "vindas de fora", seja de outros municípios cearenses, como Aracoiaba, Aratuba, Canindé, e Itapiúna, seja de outras localidades do próprio Município de Barreira, como Mearim. Também são comuns os casos em que os membros de uma mesma família tenham origens diferentes: "Eu nasci e me criei aqui, agora ele (o esposo) já é do Quixadá." (Martinha).

As famílias "vindas de fora" são geralmente de trabalhadores rurais que moram em casas cedidas pelos patrões, assumindo a condição de "morador". Por não possuir uma moradia própria, mudam de casa na medida em que mudam de patrão:

Quando o meu pai era vivo, ele era morador das pessoas, né? Aí [...] onde ele achava um canto que dava pra ele, ele saía e ia trabalhar, ia morar, né? Aí saímos de Aracoiaba e morava uns tempos nuns cantos, depois noutro... Moramos lá no Maranguape, bem sete anos, [...] depois voltamos e viemos morar ali no riacho, e do riacho viemos aqui pra um terreno do Mauro que tem ali, aí de lá ele foi-se embora pra Barreira. Aí foi no tempo que eu me apartei dele e vim pra cá (Lagoa Grande). Fui morar ali no Zezim Vital. (Seu Geraldo)

Tal fato faz com que as famílias nesta condição estejam mais dependentes dos patrões, devendo a estes uma maior dedicação e exclusividade. Nesta realidade, a necessidade da casa própria está relacionada à segurança e à estabilidade de um abrigo, já que quando a realiza, a família assume a responsabilidade pela provisão da sua moradia, tornando-se independente do patrão neste aspecto. Isso, por sua vez, acarreta na maior autonomia destas famílias com relação ao trabalho, ficando livres da exclusividade anteriormente exigida e ampliando as possibilidades de oportunidades.

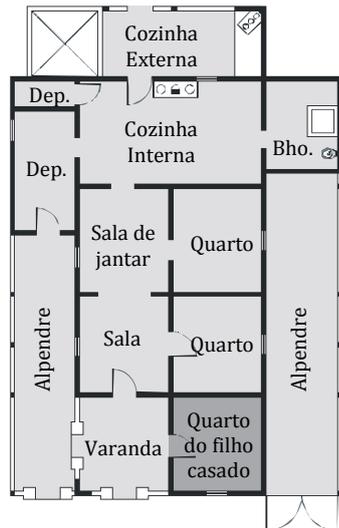
É uma casa boa que é minha, né? Ruim era se fosse dos outros, né? Aí sendo minha, de todo jeito ela é boa. Num tô levando nem chuva nem sol debaixo dela... (Seu Geraldo)

Dentre as famílias "nativas", encontram-se tanto as que sempre permaneceram no local, como aquelas que saíram e depois retornaram. No caso das primeiras, a necessidade de moradia se relaciona com a evolução do ciclo familiar. No casamento está implícita culturalmente a necessidade de moradia. No entanto, quando não há condições para a realização desta, o jovem casal pode passar um período morando na casa dos pais, geralmente do homem. Nestes casos, o casal ocupa um cômodo sem abertura para o interior da casa, sendo acessado ou por um espaço de transição (um alpendre, uma varanda), ou pelo exterior da edificação (Fig. 43). Em alguns casos, é construído um banheiro para o jovem casal. Neste modo de agir está implícito o fato de que os pais não são responsáveis por aquela nova família, ainda que auxiliem quando necessário. Logo que possível em termos de recursos, a moradia é providenciada.

Já o nascimento de um filho, intensifica esta necessidade da casa, fazendo com que, nestes casos, toda a família se mobilize – tanto com relação aos recursos como no que diz respeito ao trabalho – para a realização da moradia. Há sempre o auxílio dos pais, seja doando um pedaço do terreno (quando há), seja cedendo parte da sua própria

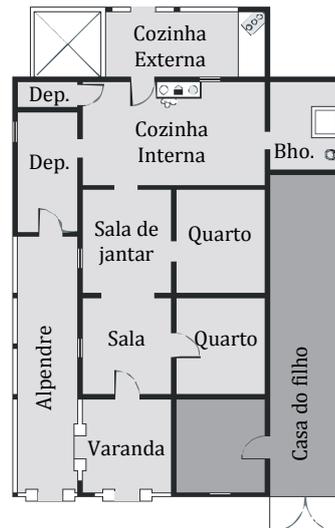
moradia. Quando isto ocorre, as condições de iluminação e ventilação das duas residências ficam bastante comprometidas, por conta da geminação das casas (Fig. 44). A doação do terreno, por sua vez, acaba formando pequenos núcleos familiares, em que em uma mesma terra são construídas as casas dos pais e dos filhos.

**Figura 43 – Casa do Seu José: quarto do filho casado com acesso pela varanda.**



Fonte: Produzida pela autora.

**Figura 44 – Casa do Seu José: espaço doado para casa do filho, após o nascimento do neto.**



Fonte: Produzida pela autora.

No caso das famílias que saíram da localidade e retornaram, a necessidade de moradia está relacionada com uma vontade de retorno à terra natal e ao desejo de ficar próximo dos parentes. Nesta vontade encontra-se uma busca de identidade, de retorno a si mesmo, por meio de uma volta às origens:

Eu era daqui, e me considerava um matuto, que eu num tive estudo, aí eu achava que bom era morar aqui na minha terra. E pedia muito a Deus que quando eu tivesse com cinquenta anos eu pudesse comprar uma propriedade aqui, um terrenozinho [...] (Seu Manoel)

Eu morava em Fortaleza, era empregado lá e... quando eu saí do emprego, eu recebi um pedacinho de dinheiro, né? [...] Aí vim de lá pra fazer essa casinha aqui, que era na minha terra mesmo, né? Meu pedacinho de chão. Que é herança da finada minha mãe que deixou pra nós, né? (Seu Manuel)

### 5.1.3 Apropriação da Terra e Implantação da Moradia

Com relação ao modo como as famílias autopromovem a sua moradia, identificamos três tipos: aquisição de casa construída, moradia emprestada e construção da casa. A aquisição de casa construída ocorre em raros casos, sendo geralmente adotada por famílias que não possuem terreno nem recursos suficientes para empreenderem a compra da terra e a construção. O terreno das casas é bastante reduzido, e por conta

disso esta modalidade é adotada ou por famílias cujas atividades econômicas não estão ligadas à terra, ou por aquelas na condição de meeiros<sup>80</sup>, ocorrendo, neste último caso, a desagregação espacial entre casa e roçado, ainda que estes mantenham suas características fundamentais de consumo e produção, respectivamente. No entanto, por conta de uma tradição cultural de utilizar os recursos da terra, é comum que se pratique nestas casas a criação de pequenos animais, como galinhas, e o cultivo de pequenas hortas e árvores frutíferas, ainda que em espaço reduzido. Isto é feito inclusive pelas famílias cujas atividades econômicas principais não estão ligadas à terra (Figs. 45 e 46).

**Figura 45 – Quintal da casa da Dona Marcleide (vendedora autônoma): criação de galinhas.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

**Figura 46 – Quintal da casa da Dona Isa (enfermeira): árvores frutíferas.**



**Fonte: Produzida pela Dona Isa.**

Nesta modalidade, a escolha da casa se deve mais à sua localização do que ao seu tamanho ou desenho, sendo considerado como fator decisório a proximidade com as casas dos parentes. Sua aquisição se dá por meio de compra, troca ou doação, sendo estas transações feitas geralmente entre parentes. Aliás, devido à escassez de recursos das famílias que adotam esta modalidade, a realização da moradia só é possível com o apoio dos parentes:

*Essa casa aqui era dum cunhado meu e eu tinha outra do outro lado ali, num sabe? Só que era de taipa. Aí eu fui e troquei nessa aqui mais ele, porque ele ia vender, né? Aí aqui é mais perto da família, né? Aí ele vendeu a outra. (Seu Ivan)*

*A minha casa de lá, foi num tempo que o inverno foi muito grande, aí caíram duas paredes. Aí a minha irmã, que a minha vó tinha dado esse quarto pra ela, aí ela deu pra mim. (Dona Marcleide)*

Logo que possível, a família empreende uma modificação na casa existente para adequá-la às suas necessidades. Pode se tratar de uma reforma, quando há apenas a modificação

---

<sup>80</sup> Os meeiros são agricultores que arrendam a terra de outros para produzir, pagando-a com parte desta produção.

na divisão interna dos ambientes e uma reorganização do uso dos cômodos (Figs. 47 e 48), ou de uma ampliação, na qual ocorre a construção de novos cômodos (Figs. 49 e 50).

**Figura 47 - Planta da casa da D. Isa conforme adquirida.**



Fonte: Produzida pela autora.

**Figura 48 - Planta da casa da D. Isa após reforma: transformação do corredor em quarto e reorganização de cômodos.**



Fonte: Produzida pela autora.

**Figura 49 - Planta da casa da Dona Marcleide conforme adquirida.**



Fonte: Produzida pela autora.

**Figura 50 - Planta da casa da Dona Marcleide após ampliação: construção de novos cômodos.**



Fonte: Produzida pela autora.

A moradia emprestada corresponde àqueles casos em que a família do trabalhador rural mora em casa cedida pelo patrão. Aqui, as famílias também que não possuem terreno nem recursos para a construção e, além disso, são "vindas de fora", não possuindo parentes na localidade para lhes dar suporte. Por ser emprestada, a família não tem a possibilidade de escolher a sua moradia, sendo esta decisão tomada pelo proprietário. Conforme citado anteriormente, o fato de não serem donos da casa trás à família uma sensação de insegurança com relação à sua moradia, ainda que desenvolvam boas relações com o dono. Apesar disso, a família pode empreender reformas para adequar a casa às suas necessidades, acordando tudo previamente com o dono. Os recursos são

sempre mobilizados pelos moradores. Caso haja desavença ou necessidade de sair da casa, reclama-se aquilo que foi empregado.

Esse terreno aqui num é nosso, tá entendendo? Num é nosso! [...] Quando eu ia construir um compartimento desse, eu ia lá [...] no dono da terra. [...] Aí só fazia uma coisa aqui com a autorização dele. Que eu num ia fazer uma coisa no terreno dos outros pra... sem autorização do dono, né? (Seu Francimar)

Ele (o dono) mesmo num bota boneco não mas tem a família, né? Um dia [...] se eles entender de querer [...] entrar em questão com a casa, a gente mesmo já falou pra ele, em questão não, a gente procura o direito só daquilo que a gente gastou. Do que é dele, do que ele fez ninguém vai atrás. (Dona Nilce).

A construção da casa, por sua vez, é a modalidade mais empregada de autopromoção de moradias, sendo adotadas tanto por famílias "nativas" como por famílias "vindas de fora". O terreno pode ser adquirido por meio de herança, compra de familiares ou de terceiros, troca por serviços ou por outra propriedade, ou de doação de familiares, não havendo um modo predominante, sendo estas formas de transação bem distribuídas. Somente nos casos de compra e troca a família tem a possibilidade de escolher o terreno. Esta escolha, assim como no caso de aquisição de casa construída, é fundamentada nas características locacionais, sendo importantes, além da proximidade com casas de parentes, as condições de acesso e centralidade.

Eu fui olhar outro terreno, muito bonzinho também, lá... Mas aí depois outra pessoa me informou esse e eu comprei mais esse porquê? Porque pra começar o outro não tinha muito acesso, não tinha muita comunicação, não ia carro lá [...] era sem acesso! Aí esse aqui eu achei o terreno mais central, com acesso à cidade, com acesso mais ao movimento, né? E aí eu fui e comprei. (Seu João).

A doação de terreno por familiares é mais frequente entre pais e filhos. Quando envolve outros graus de parentesco, se prefere efetuar a compra ou a troca, como modo de garantir a propriedade da terra para os filhos no futuro. A doação de terra entre outros graus de parentesco, só ocorre nos casos em que não há outra possibilidade de promoção da moradia. Quando doado, a escolha do terreno é feita pelo doador, que pode indicar inclusive o local de implantação da casa quando esta for construída na mesma porção onde se localizam outras moradias da família.

Aquele (terreno) ali era do meu irmão. Ele queria me dá, mas eu num quis. Disse 'Não, você tem filho, eu também, eu prefiro comprar.'. (Seu César).

Porque ela (a mãe) que decidiu ser nesse cantinho aqui. Porque aqui era o início do terreno, né? Aí pra começar a fazer as casas, começar na linha reta. Mas aí num foi (feito) porque (os irmãos) fizeram tudo dividido, né, cada casa num canto. Primeiro foi a minha, aí foi feita nesse ponto. (Dona Martinha).

O terreno foi doado, da minha tia. Ela me deu o cantinho p'reu fazer, mandou marcar onde ela queria me dá, marquei, construí a minha casa. (Seu Alex).

Os *tipos* de autopromoção das moradias possuem uma hierarquia de preferência para as famílias, sendo a construção da casa, seja em terra própria, seja em terreno doado por familiares, a situação considerada ideal, uma vez que permite à família maior autonomia na definição da sua moradia. Além disso, o esforço empreendido para a sua realização intensifica o sentimento de pertencimento e o grau de identidade entre morador e moradia, contribuindo para uma maior sensação de segurança com relação à casa:

Foi um sacrifício grande que eu tive [...] pra hoje a gente ter a casa da gente. Eu sofri muito aqui, amanhecia aqui no serviço. Num podia botar um servente, né? Quem fazia era eu. Eu sinto assim que foi uma batalha e Deus protegeu a gente, né? [...] Eu sinto alegria, de ter uma casa própria. Mesmo a gente no interior não é tão fácil de ter uma casa pra gente morar [...] e a casa da gente é pro resto da vida da gente, né? Me casei em 75, em quantas casas num morei de um e de outro? E hoje a gente tem a casa da gente, é pro resto da vida da gente, né? Se sente bem, satisfeito de ter uma casinha própria da gente, né? (Seu César)

Esta sensação de segurança também ocorre na aquisição da casa construída. Aqui, o esforço não mais se relaciona com o trabalho na construção, mas com a mobilização dos recursos. Por outro lado, a autonomia na definição da casa é diminuída, e ainda que se possa modificar a estrutura existente, o tamanho reduzido do terreno e o modo de implantação da edificação acabam limitando as possibilidades. Por isso, esta modalidade de autopromoção ocupa o segundo lugar na hierarquia de preferência pelas famílias.

Finalmente, em terceiro, encontra-se a casa emprestada, modalidade na qual não há nem as relações de identidade e segurança, nem a autonomia da família na definição da forma e dos espaços da moradia, uma vez que, ainda que empreenda modificações, estas sempre têm de ser autorizadas pelo dono da casa.

#### **5.1.4 A Economia da Construção**

Os recursos utilizados para a autopromoção de moradias são mobilizados a partir de diversas estratégias e origens. No momento em que surge a necessidade de construção da casa, tudo que se possui é considerado como recurso: uma propriedade, um meio de transporte, outros tipos de bens, a renda proveniente do trabalho e a própria força de trabalho. Os recursos são aplicados em compra de terreno e de materiais de construção e em pagamento de mão-de-obra, em quaisquer das modalidades de autopromoção, e seja para a construção da casa como para a realização de reformas e ampliações.

Eu tinha três telefones [...] e os telefones eram muito dinheiro naquelas épocas (em 1980). E eu juntei os dinheirinhos da bodega que eu tinha e vendi essa casa (de Fortaleza), aí vim pra cá e aqui eu construí essa casa. (Seu Manoel)

Aqui quem afiançava as coisas pra nós comprar, pra ir pagando, é o [...] Zezim Vital. Ele quem afiançava. Aí eu tirava um menino (um filho) só pra trabalhar, só pra pagar ele, a compra (de material) que ele fazia. Ia até pagar, enquanto num pagava ia... ficava lá trabalhando. (Seu Francimar)

Eu tinha uma moto, aí vendi a moto. Aí peguei o dinheiro e começamos a construir, né? (Seu Francisco)

(O terreno) Não foi comprado, mas eu fiz o negócio mais ele, fiz a casa que ele pediu aí eu fiquei com o chão. (Seu Geraldo)

A gente recebia o dinheiro do mês, corria e comprava o material. Deixava só [...] o de comer, né? O que sobrava eu empregava, botava material. (Seu César)

Ao mesmo tempo, a casa é considerada como um investimento, e quando surge um dinheiro extra, seja uma indenização pela saída de um emprego, seja um benefício, este é sempre empregado na melhoria da moradia.

Eu fui tirei o dinheiro do menino, do auxílio maternidade, né? E fiz esse outro (cômodo). (Dona Marcleide)

O meu terreno lá (em Aracoiaba) era pequeno, era cinco hectares. Aí eu fui indenizado a metade, né? E a outra metade eu vendi [...] e comprei esse aqui. A parte que eu fiquei eu vendi, comprei esse aqui e comecei a construir. Quando eu recebi a indenização aí eu terminei de construir aqui, né? Terminei de fazer a reforma aqui, e aí [...] foi preciso fazer cerca que num tinha, e o resto do dinheiro eu apliquei no terreno. (Seu João).

Geralmente, mais de um tipo de recurso é empregado, sendo que suas aplicações ocorrem de forma hierárquica. Primeiramente, são utilizados os recursos próprios da família que se configuram como uma renda extra, sem comprometer o orçamento familiar: a venda de um bem ou propriedade, indenizações, benefícios ou a própria força de trabalho. Não sendo suficientes ou não havendo esta disponibilidade, utiliza-se a renda proveniente do trabalho dos membros da família. Havendo ainda a necessidade de complementação, parte-se para a obtenção de empréstimos, primeiramente informais, adquiridos com parentes ou amigos, e depois formais, em bancos.

É claro que os tipos de recursos utilizados dependem das condições econômicas das famílias, e dos laços sociais que desfrutam na localidade. No entanto, o que se percebe é que as famílias tentam realizar a sua moradia a partir de seus próprios recursos, e causando o mínimo de impacto na regularidade do orçamento familiar mensal. Por conta

disso, os empréstimos formais são utilizados apenas em último caso, ou quando não há outra possibilidade de mobilização de recursos.

O modo como os recursos estão disponíveis acaba por interferir nas atividades que antecedem a obra. Quando já se tem o dinheiro a empregar, como por exemplo, nos casos de venda de bens ou propriedades e de recebimento de indenização ou benefício, e quando há mão-de-obra contratada, é comum as famílias "contratarem" um pedreiro antes de comprar o material. Isto porque este profissional acaba auxiliando no processo de compra, indicando quantidades, um depósito que vende mais barato, uma marca mais adequada, etc.

O papai já tinha uma base, mas aí ele foi e perguntou pro pedreiro pra comprar o tanto certo (de material). (Dona Marcleide)

Este "contrato" inicial é mais um acerto do serviço – do que vai ser feito, de quando começar a obra –, não envolvendo pagamentos. Estes são realizados ou por diária, ou por semana, à medida que a construção avança. Por conta disso, as famílias se organizam para quando da entrada do pedreiro na obra, a produtividade dele seja máxima. Para isso, adiantam alguns serviços, como a arrumação do material, o preparo de argamassa e a escavação do alicerce.

Eu botei eles (os pedreiros) pra trabalhar por minha conta mesmo. Trabalhava lá e eu pagava... a semana todinha. (Seu José)

Ele (o pedreiro) veio aí fez pra gente pagar a ele por dia. (Dona Isa)

Nós trabalhamos dois dias só fazendo logo a massa, né? Pra quando fosse começar já tá mais... encaminhado, né? Trabalhamos dois dias fazendo a massa, encostando material, a areia, né? Pra quando fosse começar já tá tudo no ponto, né? (Seu Francisco)

Primeiro o meu esposo cavou o alicerce, né? Só, cavou o alicerce só, com o meu filho mais velho. Aí veio o irmão dele de Fortaleza, que ele é pedreiro, aí começou a construção, né? (Dona Socorro)

Em outros casos, quando os recursos são obtidos mês a mês, como por exemplo, quando se utiliza a renda proveniente do trabalho, as famílias passam um período comprando e estocando material, e somente após terem juntado uma quantidade suficiente é que procedem à contratação de um pedreiro e à construção da casa.

Eu comecei a comprar material pra construir essa casa. Fui comprando, né? Tijolo, cimento e tal, fui comprando, fui comprando, aí com um ano, mais de ano que eu tinha começado a comprar material foi que eu fui começar a construir. (Seu César).

As relações com a mão-de-obra, por sua vez, variam de acordo com o sistema construtivo adotado. Nas construções de alvenaria cerâmica, a estabilidade estrutural da edificação é dependente do emprego de técnicas especializadas, como o esquadro e o prumo das paredes, que fogem do conhecimento construtivo das famílias. Por conta disso, quando se adota esse sistema, é comum a contratação de um pedreiro, sendo este auxiliado pelos membros da família, geralmente pai e filhos homens, que trabalham como servente, dando suporte ao profissional contratado. Às mulheres, cabe a alimentação dos trabalhadores, e vez por outra também trabalham na construção.

O problema do tijolo é que é complicado, né? Tem que ter um prumo, tem que ter um negócio dum quadrado, né? Nem sei o que mais, tem que ter um alicerce debaixo, né? Tem que ter a profundidade de... da fundura do alicerce, né? Tem que ser fundo, baixo... num sei como é não... Isso aí num é comigo não, isso é pra mestre de obra... (risos)." (Seu Francisco, esposo da Martinha).

Quem trabalhou na construção da casa foi eu, o Arizo (vizinho), e um rapaz lá de Aracoíaba, ele. É pedreiro, ele. Aí foi nós dois de servente e ele de pedreiro, só nós três trabalhemos aqui. [...] Ele (o pedreiro) é amigo, mas veio contratado também, num sabe? Trabalhava na diária, ele, por dia. (Seu Francisco).

Eu tava (trabalhando) no canto do servente porque eu num podia pagar um servente e eu fui servente, todo tempo. Porque sai mais barato pra mim, né? Eu tinha tempo, pelo menos até o meio dia tava aqui. (Seu César).

Quem trabalhou foi só eu e os meus meninos aqui. Contratamos só o pedreiro. Nós ficava fazendo a massa, pegando as coisas [...] (Seu Ivan).

Eu também (trabalhava), até tijolo encostava, né? Foi assim. (Dona Socorro).

Nós fazia a comida [...] (Dona Fátima).

Quando se trata das casas de taipa ou de adobe, as técnicas construtivas empregadas são bastante conhecidas pela população, fazendo com que, nestes casos, não haja pessoal contratado. A própria família se encarrega da construção, sendo auxiliada por parentes.

O que botar pra gente fazer duma casa dessa aqui (de taipa), agente sabe fazer. Agora já uma de tijolo, diz 'Martinha, coloca um tijolo ali!' Eu boto, agora porque cai. (risos). Uma dessa aqui não, uma dessa aqui eu sei fazer... (Dona Martinha)

Fizemos o tijolo (de adobe) e levantemos a casa. Eu o meu pai... meu cunhado. Foi só eu mesmo meu pai e meu cunhado. Pra construir mesmo assim, pra levantar a casa foi só eu e meu pai. E o meu cunhado era... carregando tijolo, né? Ajudando, né? Entregando... o material pra gente. Mas pra construir mesmo, pra levantar quem levantava era só eu e meu pai. (Seu Manoel)

### 5.1.5 As Técnicas Construtivas e os Materiais

Outro aspecto que varia de acordo com o sistema construtivo adotado é o motivo da sua escolha. A alvenaria de tijolos cerâmicos é vista como o sistema mais prático, no sentido de que se compra o material todo pronto e se paga uma pessoa pra fazer, ainda que pessoas da família trabalhem como servente.

A facilidade, né? Porque hoje... acho que 99% das casas são construídas desse modo aqui, de tijolo. Aí... facilidade de encontrar material. Porque tem umas casas que são feitas por aí de palha, né? Só de madeira e outras são... que nem ainda tão fazendo, muito pouca gente mas faz, de taipa, né? No enxame, né? Mas hoje... Tão fazendo de tijolo mesmo por causa da facilidade de encontrar material, né? Porque... tem vários depósitos, né? O cara procura, num é caro, mas noutra é barato... é isso aí. (Seu Francisco)

O tijolo hoje é o que tá mais... mais fácil, né? Porque pra se fazer uma casa de... vamos supor, de barro, vai pegar muita madeira. E hoje, as madeiras pra você construir uma casa antiga, tá mais difícil a gente encontrar madeira, de que fazer uma casa de tijolo, né, porque... casa de tijolo economiza madeira, é menos madeira e mais fácil, né, porque... o material, por exemplo, a mão de obra também é menos, porque a casa de madeira, a gente tem que arranjar madeira, pra enxamear, lá vem toco, arranjar vara, pra envarar, tem que arranjar cipó, arame pra amarrar, depois tem que ajuntá uma multidão de gente pra encher, botar o barro de molho, pra fazer aquele enchimento do enxameamento, né? Depois do enxameamento aí vem o reboco, o reboco é muito difícil que nunca fica que nem uma casa de tijolo, fica sempre... e aí o mais fácil é o tijolo mesmo, né? (Seu João).

Na fala do Seu João, percebe-se que há implícito também a questão da estética da "casa de tijolo", quando se refere aos rebocos. Essa valorização estética aparece inclusive na fala de pessoas que moram em casas de barro.

Fiz os tijolos de barro cru, e levantei a casa toda de barro cru, pra fazer essa daqui. Se olhar a gente num sabe. Mas... é barro no barro! Tudo de barro! Taí... agora num sei... quem vê diz que é de tijolo. (Seu José).

A casa de taipa é muito segura! Já a de tijolo, ela só tem boniteza, mas não tem segurança. (Dona Suzana)

A valorização dessa estética se deve ao significado de *status* social da casa de alvenaria cerâmica: porque se compra o material, e se paga uma pessoa para fazer, se pressupõe que as famílias que possuem uma "casa de tijolo" se encontram em uma condição econômica melhor do que as famílias que moram em casa de barro, seja essa de taipa ou de adobe. Por sua vez, ao adquirir o significado de *status* social, e conseqüentemente a sua valorização estética, o sistema construtivo de alvenaria de tijolos cerâmicos acaba sendo visto como "o certo" e "o melhor", ainda que não se saiba explicar as razões disso.

Do meu conhecimento, que a gente entende um pouco, o melhor jeito era fazer de tijolo, né? (Seu Manoel)

É que é o certo, né? Aí a gente fez de tijolo... (Dona Socorro)

A taipa, por sua vez, é vista como um sistema construtivo com melhor estabilidade estrutural e condições de conforto do que a alvenaria de tijolos cerâmicos, sendo por estes motivos adotada. Tais características são reconhecidas inclusive por pessoas que moram em "casa de tijolo".

Eu decidi porque toda vida eu pensei que se eu fosse levantar uma casa pra mim eu queria de taipa, né? Que é uma casa fresca, é uma casa segura, aí eu achei que toda vida eu disse: 'Se for levantar uma casa pra mim, eu quero de taipa.' Uma casa dessa daqui, num canto, o quente e frio se torna um canto fresco, de noite se torna mais quente que uma casa de tijolo. Casa de tijolo se ela num for bem rebocada, ave maria... (Seu Geraldo)

Eu vivo debaixo da minha tão tranquila... passo inverno debaixo, chuva, relâmpago, trovão... acredita que eu num tenho medo! Acho que a minha casa é segura, viu? (Dona Suzana)

Eu mesmo, quando pensava em fazer uma casa... Houve um tremor de terra aqui numa época, em 82, e eu pensava: 'Rapaz, quando eu for fazer uma casa pra mim eu vou fazer de taipa.' Que é mais seguro, né? Na realidade é mais seguro. Mas num depende só da gente, né? Tem a família... Aí o pessoal acha que uma casa de taipa é coisa feia mas... eu mesmo achava mais seguro taipa. Eu morei numa casa de tijolo numa tia minha, rachou todinha naquele tremor de terra, eu fiquei morrendo de medo." (Seu César)

Na fala do Seu César, percebemos que a taipa sofre um preconceito por conta da valorização estética da "casa de tijolo". Isto acarreta em uma desvalorização imobiliária da casa de taipa, fazendo com que esta não cumpra a função de investimento.

Eu acho mais seguro de taipa. Só que hoje num existe, né? Casa de taipa hoje num é mais casa, às vezes chama é... bolão de barro, uma casa de taipa num terreno... Num vale nada. Se for vender o terreno, tem uma casa, 'É de tijolo ou é de taipa?' 'Não, é de taipa.' Num bota nem no papel. Mas de primeiro, casa tinha muito era de taipa. Mas a de tijolo é mais comum... (Seu César).

Ninguém dá valor a casa de taipa, só dá a gente que tá nela, né? Você veja, uma casa dessa daqui hoje se for de tijolo, se eu fosse vender eu achava uns cinco ou seis mil contos numa casa dessa. Mesmo sendo num canto desse aqui. Hoje como ela é de taipa se eu fosse vender eu num achava quinhentos contos numa casa dessa. Negra da só ia dar valor à telha. E o local dela, o chão. O resto num tem valor. Por isso que ninguém dá valor uma casa de taipa, né? (Seu Geraldo)

Por causa deste preconceito, e apesar das suas características de segurança e estabilidade estrutural, a taipa às vezes é adotada por ser economicamente mais acessível já que, como visto anteriormente, as técnicas construtivas são conhecidas pela população, dispensando a contratação de mão de obra e facilitando a participação de

vizinhos e parentes. Além disso, nas construções de taipa, predomina o emprego de materiais retirados do meio ambiente, diminuindo os custos também neste aspecto.

Porque as condições era pouca, pra fazer uma casa de tijolo que você sabe que o gasto é grande. Aí foi que meu irmão chegou e disse: 'Porque vocês num faz uma de taipa?' Aí eu disse 'É, então vamos ver se nós compra as telha.' Aí daí foi. Nós juntamos dinheiro, compremos as telhas, aí ele veio, começou a tirar madeira aí nós começamos a construir. (Dona Martinha)

O que foi comprado mesmo, é só os pregos, foi comprado cimento pra fazer... o piso, pra botar né, a camada... e só! (Dona Martinha)

As casas de adobe não sofrem o mesmo preconceito das casas de taipa, uma vez que sua estética se aproxima à da "casa de tijolos". Comparado à taipa, o adobe possui as mesmas condições de conforto, já que utiliza o mesmo material, e pelos mesmos motivos que naquela, também é economicamente mais acessível, sendo por isso adotado.

Essa foi a razão deu ter feito ela porque... na época num tinha mesmo onde morar mesmo não, tava morando lá... era alugado, num sabe? Já tinha saído do emprego né, aí num tinha condições... (Seu Manoel)

De acordo com os motivos de escolha do sistema construtivo, percebemos que, para a população, a taipa tanto é mais econômica, como possui um melhor desempenho estrutural e de conforto do que a alvenaria cerâmica, enquanto que as vantagens desta última se relacionam com a praticidade da construção, a estética e o significado de *status* social. Já o adobe se constitui como um "meio termo", uma vez que é tão econômico e confortável quanto à taipa e esteticamente semelhante à alvenaria cerâmica.

Obviamente, tanto os subsistemas como as etapas da construção também variam de acordo com o sistema construtivo. Nas casas de alvenaria, a construção se inicia com o alicerce de pedra e cimento, sobre o qual é feito o baldrame utilizando o tijolo comum (maciço) ou furado, dependendo do que for empregado nas paredes. Em seguida, é levantada a alvenaria, que exerce as funções de sustentação e vedação. Os tijolos são assentados com uma argamassa de cimento e areia. Depois, é feito o madeiramento da cobertura, no qual são sustentadas as telhas cerâmicas do tipo capa e canal.

Cava o alicerce, depois encher os alicerce, né? Aí depois foi que começou a alvenaria, né? De tijolo furado. Aí fomos madeirar, cobrir... Aí depois vem o reboco... Aí depois fez o piso. (Seu César)

Depois de cobertura, a casa recebe as instalações elétricas, as esquadrias e os equipamentos, principalmente sanitários e pia da cozinha. Dependendo da

disponibilidade de recursos, os acabamentos – reboco, piso, pintura – são feitos na construção inicial da casa, deixando ela "toda prontinha" (Fig. 51), ou em momento posterior, ficando a casa sem acabamentos durante algum tempo (Fig. 52).

**Figura 51 - Interior de casas de alvenaria cerâmica, com acabamentos.**



Fonte: Produzida pela autora.

**Figura 52 - Interior de casas de alvenaria cerâmica, sem acabamentos.**



Fonte: Produzida pela autora.

O reboco das casas de alvenaria cerâmica é feito com cimento e areia, recebendo uma pintura geralmente à base de cal. Inicialmente, adota-se o piso de cimento queimado. Quando há piso cerâmico, este é feito sempre em momento posterior, devido ao elevado custo deste material. Do mesmo modo, nas áreas molhadas internas (banheiro e cozinha), o acabamento é feito inicialmente no mesmo padrão do restante da construção – piso de cimento queimado e pintura à base de cal. Quando, posteriormente, surge uma disponibilidade de recursos, é providenciado o revestimento cerâmico do piso dessas áreas, podendo haver também revestimento vertical, nos banheiros, até certa altura das paredes (Fig.53), e nas cozinhas, principalmente sobre a pia (Fig. 54).

**Figura 53 - Banheiros com revestimento cerâmico.**



Fonte: Produzida pela autora.

**Figura 54 - Cozinhas com revestimento cerâmico sobre a pia.**



Fonte: Produzida pela autora.

As casas de adobe são construídas de forma similar. No entanto, antes mesmo da escavação do alicerce, os tijolos são produzidos de forma artesanal, com uma massa de barro e água e secos ao sol. Enquanto estes secam, é construído o alicerce com pedra e areia, sobre o qual é feito o baldrame, geralmente de tijolo comum<sup>81</sup>. Em seguida, as paredes são levantadas, também aqui com função estrutural e de vedação, assentando os tijolos produzidos com uma argamassa de cal e areia. Sobre as paredes, é colocado o madeiramento da cobertura que, por sua vez, sustenta as telhas cerâmicas do tipo capa e canal. Em seguida, providencia-se o reboco das paredes que, neste tipo de construção, além da função estética de acabamento, protege a alvenaria da umidade e das chuvas.

Reboquei logo que era de tijolo cru né? Aí se tivesse chuva desmanchava os tijolo (risos). Aí reboquei logo. (Seu Manoel)

O reboco é feito com o mesmo barro da produção dos tijolos, acrescido de cal. Como os tijolos crus não permitem a quebra, as instalações elétricas são embutidas no reboco, sendo estes dois subsistemas executados ao mesmo tempo. Após rebocadas, as paredes recebem uma pintura à base de cal (Fig. 55). Em seguida, é feito o piso de cimento queimado, são instaladas as esquadrias e os equipamentos (sanitário e pia da cozinha). Do mesmo modo que nas casas de alvenaria cerâmica, as áreas molhadas das casas de adobe recebem o mesmo tipo de acabamento do restante da construção (piso de cimento queimado, reboco e pintura à base de cal), ficando o reboco e a pintura responsáveis pela proteção das paredes, frágeis à água (Fig. 56). Como não utiliza cimento em sua composição, o reboco dessas áreas tem de passar por manutenções frequentes, sendo constantemente "remendado".

**Figura 55 – Casas de adobe, com acabamentos.**



Fonte: Produzida pela autora.



**Figura 56 – Banheiros de casas de adobe.**



Fonte: Produzida pela autora.



<sup>81</sup> Não se emprega o tijolo de adobe no baldrame por ser frágil à umidade.

A construção em taipa, por sua vez, se inicia com a escavação dos buracos onde são enterradas as forquilhas que se localizam nos encontros de paredes, a uma profundidade de 40 a 60 cm. Em seguida, às forquilhas são unidas varas de madeira, que são enterradas a uma profundidade de 20 cm e formam uma trama nos locais onde serão as paredes. Esta trama faz a função de fundação e de estrutura da edificação. Quando pronta, sobre ela é colocado o madeiramento da cobertura, onde se sustentam as telhas cerâmicas do tipo capa e canal. O madeiramento é preso à estrutura tramada por meio de pregos ou amarrações com cipós e arames. Em seguida, providencia-se a vedação, enchendo a trama de madeira com uma massa de barro e água, trabalhando sob a sombra da cobertura.

Primeiro tiramos as forquilhas, ajeita, depois bota as linhas, depois bota os caibros e vai bota as telhas. Depois vai e termina o resto. Desse jeito, vai pros matos, tira madeira, cava os buraco, enxameia depois vai e tampa o barro. (Seu Francisco)

Por conta da baixa disponibilidade de recursos das famílias que adotam a taipa como sistema construtivo, geralmente os acabamentos são feitos em momentos posteriores. Desta forma, as casas ficam algum tempo sem reboco, pintura e piso, deixando as paredes de barro expostas à umidade, tendo de ser constantemente reparadas. Por conta disso, evita-se o uso de água no interior da casa, sendo a lavagem de louças e roupas realizada no espaço externo (Fig. 57). O banheiro ou é construído somente quando se tem a possibilidade de empreender o seu acabamento<sup>82</sup>, ou é construído com alvenaria de tijolos cerâmicos<sup>83</sup> (Fig. 58).

Depois foi que a gente começou a rebocar, aí pintou, aí depois foi que a gente aumentou. Mas num... logo no início era só no barro mesmo. (Dona Martinha)

**Figura 57 - Pia externa em casa de taipa.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

**Figura 58 - Banheiro em alvenaria cerâmica em casa de taipa.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

<sup>82</sup> Na sua ausência, a família utiliza o banheiro de algum parente próximo.

<sup>83</sup> Utilizando os mesmos processos e acabamentos explicitados anteriormente.

Devido à fragilidade das paredes com relação à água, os primeiros acabamentos realizados são o reboco e a pintura. Ambos são similares aos utilizados nas construções em adobe, utilizando o mesmo barro empregado no preenchimento das paredes e cal, com pintura à base de cal. O piso é geralmente de cimento queimado. As instalações elétricas ficam aparentes, sem eletrodutos, com fios presos ao madeiramento da cobertura, descendo nos pontos onde se localizam os aparelhos eletrônicos e eletrodomésticos.

Em qualquer dos sistemas construtivos adotados, os materiais industrializados<sup>84</sup> são adquiridos principalmente através da compra<sup>85</sup>, com raros casos de doação e troca. Já os materiais naturais<sup>86</sup> são geralmente retirados do meio ambiente<sup>87</sup>, de locais próximos da construção<sup>88</sup>. Dependendo da disponibilidade financeira da família, utiliza-se a madeira serrada para a cobertura. Quando não é possível, utiliza-se "madeira do mato", principalmente marmeleiro e sabiá. Na trama da taipa, no entanto, utiliza-se sempre "madeira do mato". Antes do uso, sua casca é retirada e para facilitar esse processo, a madeira é deixada de molho de uma a duas semanas. No entanto, com o tempo, uma nova casca se forma, fazendo com que o madeiramento comece a acumular sujeira dificultar a limpeza. Além disso, a madeira do mato é frágil ao ataque de insetos, principalmente cupins. Por tais motivos, logo que possível em termos financeiros, empreende-se a troca da "madeira do mato" da cobertura pela madeira serrada, isto podendo ser feito para toda a casa de uma vez, ou aos poucos, cômodo a cômodo.

[...] arisco ninguém compra, porque só quem compra arisco é na rua. Tem gente que compra arisco, compra... a pedra... Aqui é diferente, né? Ninguém nem compra a pedra, nem arisco, nem areia. Só o cimento e o cal e o tijolo e as telhas. E as ripas e os caibros. E as linhas, também, né? (Seu Francimar)

Antes de construir, até chegar o ponto de madeirar, a gente foi tirar madeira no mato. [...] a gente levou pro açude que é aqui perto, e colocamos lá pra ficar mais facilitado pra gente descascá ela todinha. E ela ter mais durabilidade, num sabe? Evitar o cupim, também... Isso... protege muito a madeira. (Seu Alex)

[...] antes era madeira do mato, roliça, mas com o tempo... depois eu pude comprar a madeira serrada, pelo menos uns quatro compartimento. Pra lá ainda é madeira do mato. Roliça. Que num deu pra continuar até o final. (Seu Alex)

<sup>84</sup> Tijolo cerâmico, cimento, telha, madeira serrada, cal.

<sup>85</sup> Os materiais novos são adquiridos nos depósitos na sede do município, sendo estas responsáveis pela entrega no local da obra. Quando de segunda mão, as transações são feitas com vizinhos ou parentes, na própria localidade, ficando a família responsável pelo transporte, feito geralmente com carroça.

<sup>86</sup> Areia fina, areia grossa (chamada pela população local de arisco), pedra e "madeira do mato".

<sup>87</sup> A coleta é feita pela família, às vezes ajudada por parentes e vizinhos, e a carroça também é utilizada para o transporte do local de coleta à obra.

<sup>88</sup> A areia grossa, por ter de ser retirada em riachos, é o que se vai buscar mais longe.

Até a madeira foi tirada do mato, lá daquele alto acolá. Agora depois com um tempo foi que a gente mudou, né? Botou madeira serrada. (Teve) Umas condições, aí comprei a madeira serrada e mudei a madeira dela todinha. Também o cupim já tava acabando com a outra, né? As telhas só faltava cair em cima da gente (risos). (Seu Manoel)

[...] (a "madeira do mato") no decorrer do tempo vai soltando uma pelezinha, aí vai acumulando umas poeiras. E é ruim, você passa a vassoura e não tira! É difícil, viu? (Dona Socorro)

### 5.1.6 A execução

As obras, seja de construção ou de reforma, geralmente ficam sob a responsabilidade do pai de família, que toma as providências necessárias para garantir o andamento dos trabalhos – contratação de mão-de-obra, compra de materiais, atribuição de tarefas entre os membros da família, etc. As decisões ao longo do processo, no entanto, dificilmente ficam centralizadas no responsável, sendo compartilhadas tanto com os demais membros da família (esposa e filhos crescidos), como com o pedreiro<sup>89</sup>. Quando se está construindo pela primeira vez, também é comum pedir a opinião para parentes mais velhos (pais e irmãos), mais experientes em construção. Outras vezes, quando o marido está ausente e os filhos são pequenos, é a mulher que fica responsável pela obra, inclusive trabalhando na construção. Nestes casos, também é ela quem toma as decisões, às vezes com o auxílio do pedreiro ou de parentes próximos.

Sempre era nós mesmos (quem tomava as decisões), né? Que quando a gente queria fazer uma coisa conversava com ele (o pai), quando era ele que queria conversava com a gente... Sempre era nós mesmo. (Seu Geraldo)

A definição da implantação da casa é feita a partir da observação de alguns aspectos. Quando existem outras casas (geralmente de parentes) no mesmo terreno, prefere-se localizar a moradia com certa distância entre as edificações, preservando a privacidade das famílias e garantindo um espaço livre ao redor de cada moradia. Quando os parentes moram não mais no mesmo terreno, mas na vizinhança próxima, a lógica se inverte e busca-se localizar a casa de modo que esta fique aproximadamente equidistante das casas dos parentes, o que ocorre principalmente com relação às moradias dos pais. As casas são sempre recuadas pelo menos três metros com relação à via de acesso. Quando o tamanho do terreno permite, este recuo pode chegar a vinte metros. Em raros casos se

---

<sup>89</sup> As decisões em família se relacionam com a definição do desenho da casa, com os aspectos formais e espaciais (tipo, tamanho e distribuição dos cômodos, por exemplo). O envolvimento do pedreiro nos aspectos decisórios se configura como uma assessoria técnica, colocando questões a respeito da estabilidade e da viabilidade do que se quer construir, relacionados com os processos construtivos.

localiza a moradia a uma distância da via maior do que esta, por uma questão de acessibilidade e para ficar "perto do movimento". Também por este motivo, na grande maioria dos casos as moradias são orientadas de modo a ficarem com as suas frentes voltadas para a estrada, possibilitando "ver quem chega", ou seja, uma melhor vigilância da família sobre quem adentra em seu terreno e se aproxima da sua casa. Quando o terreno possui duas frentes, a orientação é definida tendo como referência os pontos cardeais, buscando a posição que propicia a melhor condição de conforto térmico.

Todo movimento é aí (na estrada). A casa [...] a gente sempre deixa mais à frente, pra ficar com mais acesso ao movimento, né? Porque a gente vê quem vai chegando, vê quem vai saindo, vê quem vai passando, né? Porque a gente mora nos cantos tem que tá sempre com cuidado. E aí pra gente modificar a frente, [...] a pessoa que chegasse na casa, ia chegar se escondendo, né? Porque já vinha por trás da casa. (Seu João)

Toda casa que você constrói ela assim (com a frente para Leste ou Oeste) ela fica muito quente, né? Se ela fosse a frente ou os fundos aí, de qualquer jeito um ia ficar quente demais. Quarto não, você vai dormir, é pra noite, uma janela na frente, qualquer coisa, se torna mais fresco. Mas se deixar pra frente, né? Se deixar nascente à poente, aí num tem sombra. (Seu Geraldo)

À exemplo das tomadas de decisão ao longo do processo, o desenho da casa também é definido de forma coletiva. Geralmente, o responsável pela obra elabora uma idéia e discute com os demais membros da família a respeito. A elaboração do desenho é influenciada por uma diversidade de aspectos, dentre os quais se destacam a existência de alguma estrutura no terreno (o alicerce de uma casa antiga, por exemplo), a quantidade de material disponível e o desenho da moradia anterior. Neste último caso, as insatisfações são tomadas como referência daquilo que não se quer na casa, sendo o desenho feito a partir desta negação.

A minha ansiedade era ajeitar a casa pra vir pra dentro, não pensei em como ela ia ficar! A minha preocupação era só ajeitar o canto pra botar tudinho dentro de casa, pronto! Num tive idéia, porque praticamente... eu já peguei o alicerce feito, né? Num tinha como dizer 'não, eu vou derrubar essa parte, vou botar pra ali...' Não, do jeito que tava... eu vim reformar agora. (Seu João)

Era o tanto que meu irmão via que dava pra cobrir, esses três vãos. Então só foi feito esses três porque era o total das telhas. Tanto que ainda faltou um pouco, ainda foi preciso arranjar por fora pra poder terminar. Aí num tinha como aumentar mais pra frente porque não tinha como cobrir. Aí esses três que a gente sabia que dava. Então foi por causa das telha. (Dona Martinha)

A casa que eu morava lá eu não gostava. Era muito grande, né? Tinha um alpendre, a sala e o corredor enorme. Pra gente entrar com um móvel era horrível. Aí eu disse 'Quando eu for ter minha casa, eu vou desenhar minha casa, num quero nada de corredor!' (risos) Quero uma casa bem espaçosa! Aí eu

desenhei, né? Fiz esse desenho, passei pro irmão dele (do esposo), ele aprovou, gostou, aí deram andamento ao alicerce. (Dona Socorro)

Por outro lado, quando a moradia anterior é considerada satisfatória, esta é tomada como referência positiva, podendo inclusive ser copiada.

Já sabia como é que eu ia fazer porque eu fiz do jeito de uma que eu morava lá na Pajuçara. Eu morava numa alugada e então eu fiz no mesmo modelo da de lá, num sabe? Mesmo modelo. Já tinha essa idéia na cabeça já né? Que eu ia construir do jeito da que eu tava morando. (Seu Manoel)

Ainda que à época da construção o Seu Manoel considerasse a casa em que morava na Pajuçara satisfatória, a ponto de fazer uma "*do mesmo modelo*" no interior, ao longo do tempo se percebeu a ineficiência desta transferência de desenho, fazendo com que a família empreendesse diversas reformas. Apesar destas, ainda hoje Dona Maria, esposa do Seu Manoel, se ressentida com o tamanho dos cômodos.

Minha casa eu num gosto muito dela porque tem uns cômodos muito pequenos. Principalmente o quarto, que nem o guarda-roupa dá pra botar. A casa se torna grande, né, porque tem muito cômodo, mas são pequenos demais... Parece aquelas casinhas apertadinhas de conjunto... Que casinha de conjunto é que é apertada, pequena... (Dona Maria)

A representação negativa das "casas de conjunto" não é uma opinião particular da Dona Maria, mas aparece constantemente nas falas dos demais moradores com relação às casas promovidas pelo poder público.

Do tamanho das casa que eu vejo que eles faz, [...] Num cabe, Ana Paula, eu com a minha família. Só se for morar só nós, sem nada dentro. Mas com as minhas coisas num tem condição. (Dona Martinha, sobre as casas feitas pela FUNASA para substituição das casas de taipa).

Aquelas casas de vila que a prefeitura faz, ave maria... Num tem lugar nem pro cabra botar... encostar uma cangalha num dá! (Seu João, sobre as casas feitas nas vilas agrícolas).

Era uma casinha simplesinha, imendada as casas... num era boa também... num era boa! Muito ruinzinha ali... pequenininha... o que tinha era um banheiro dentro de casa! O piso era mosaico. Na frente dessa aqui, num vale nada a casa! (Seu Manuel, sobre a casa da COHAB que morava em Fortaleza).

A opinião negativa a respeito do tamanho dessas casas está mais direcionada ao tamanho dos cômodos do que à quantidade destes ou à área total. Isto é percebido tanto na fala da Dona Maria, citada anteriormente, como no fato de que a própria população, ao empreender a construção da moradia com escassos recursos, prefere construir uma casa com poucos cômodos de tamanhos satisfatórios do que muitos cômodos de tamanhos reduzidos. Isto porque, em seu modo de fazer, a autopromoção da moradia

não corresponde a um processo temporalmente definido, com início, meio e fim, mas a um acontecimento constante na vida das famílias, chegando a fazer parte do seu cotidiano. As casas são realizadas a cada dia, e isto pôde ser percebido ao longo da pesquisa de campo. Por diversas vezes, entre uma visita e outra, as casas já haviam sido modificadas, seja com o fechamento de um cômodo, seja com a realização de algum tipo de acabamento (Figs. 59 e 60). Assim, a feição das moradias é mais mutante, dinâmica, do que a uma estrutura rígida, engessada ao longo do tempo.

**Figura 59 – Casa do S. Francisco, em Out/2010.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

**Figura 60 – Casa do S. Francisco, em Fev/2011**

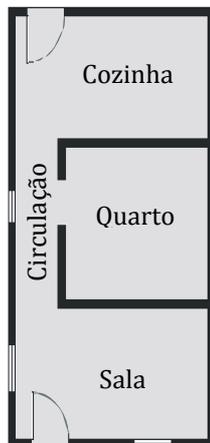


**Fonte: Produzida pelo Seu Francisco.**

No momento inicial deste processo evolutivo, geralmente são construídos três ou quatro cômodos, sendo estes um ou dois quartos, sala e cozinha interna. Em raros casos o banheiro é construído no momento inicial e, na sua ausência, a família fica utilizando o banheiro da casa de algum parente próximo.

Nas construções de três cômodos, estes são dispostos de forma consecutiva, no sentido da profundidade do terreno, na ordem sala – quarto – cozinha, sendo sala e cozinha interligadas por uma circulação em forma de corredor (Fig. 62). Nas construções iniciais de quatro cômodos, estes são dispostos geralmente em uma planta quadrada, localizando em uma lateral os quartos, e em outra a sala e a cozinha. Neste esquema, os cômodos são acessados de forma direta, inexistindo espaços cuja única função seja a de circulação, como hall e corredor (Fig. 63). Ainda que menos frequentes, ocorrem ainda situações em que são construídos inicialmente apenas dois cômodos, correspondentes à sala e cozinha, dispostas de forma consecutiva, no sentido da profundidade, e acessadas de forma direta, sem presença de hall ou corredor (Fig. 64). Este caso corresponde a um fracionamento do tipo de construção inicial de quatro cômodos, e é adotado nos casos de extrema limitação de recursos. Na ausência dos quartos, a sala serve de dormitório para toda a família.

**Figura 61 – Planta embrionária de três cômodos.**



Fonte: Produzida pela autora.

**Figura 62 – Planta embrionária de quatro cômodos.**



Fonte: Produzida pela autora.

**Figura 63 – Planta embrionária de dois cômodos.**



Fonte: Produzida pela autora.

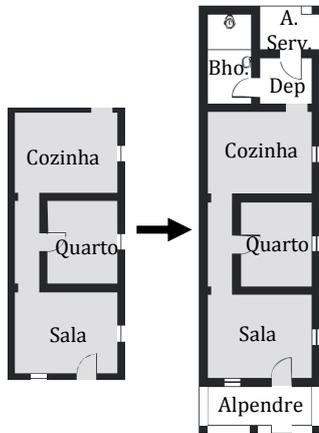
Basicamente, é a partir desses dois tipos de planta<sup>90</sup> que as moradias da Lagoa Grande se desenvolvem de forma evolutiva, gerando uma diversidade de esquemas e distribuições espaciais. No entanto, é possível perceber tanto uma regularidade nessa evolução, como certas características comuns na diversidade dos arranjos.

Nas plantas embrionárias de três cômodos, a ampliação da casa se dá tanto para os fundos como para a sua frente. No primeiro caso, são acrescentados os cômodos relacionados aos serviços – depósitos, local para lavagem de roupa, cozinha externa, etc. Ainda que já exista na casa inicial uma cozinha interna, é comum, no processo evolutivo, a construção de uma nova, geralmente mais espaçosa do que a anterior. Quando isso ocorre, a cozinha inicial passa a ser utilizada como sala de jantar. O banheiro também é construído nesta parte posterior da edificação, com acesso pela nova cozinha. Já nas ampliações para frente da casa, ocorre o acréscimo de cômodos sociais (sala, alpendre, varanda) e/ou íntimos (quartos). Neste tipo de planta embrionária, o corredor permanece ao longo da sua evolução, havendo inclusive uma tendência de aumento de sua área, na medida em que são acrescentados quartos. Além disso, intensifica-se o formato retangular da planta original. As figuras de 64a e 64b apresentam casos de ampliações para a planta inicial de três cômodos.

<sup>90</sup> De três e quatro cômodos, considerando que a de dois cômodos é uma decomposição da de quatro.

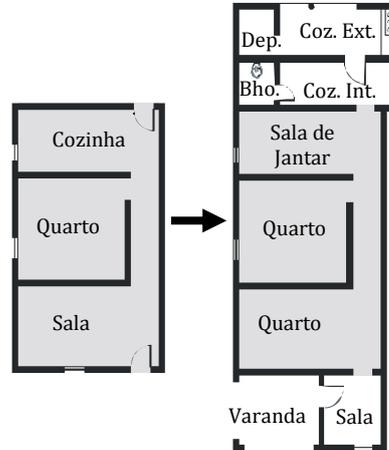
**Figura 64 – Exemplos de ampliações da planta embrionária de três cômodos.**

a) Casa da D. Maria: construção do alpendre à frente e de depósito, banheiro e área de serviço ao fundo.



Fonte: Produzida pela autora.

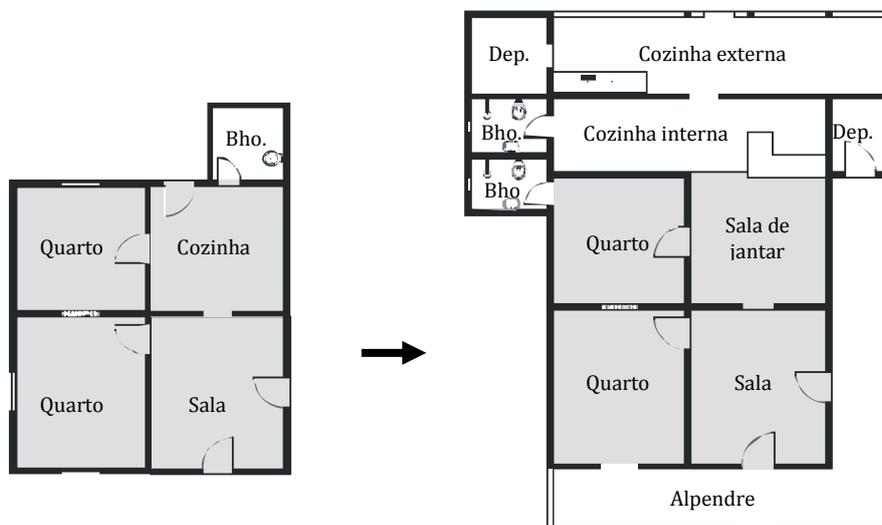
b) Casa da Martinha: construção de sala e varanda à frente, reorganização dos cômodos sala/quarto e cozinha/sala de jantar, e construção das cozinhas interna e externa, do banheiro e do depósito ao fundo.



Fonte: Produzida pela autora.

Nas plantas embrionárias de quatro cômodos, as ampliações também ocorrem para frente e fundo da casa, mas neste caso, tendem a manter a setorização preexistente, que consiste na localização dos cômodos íntimos de um lado, e dos sociais e de serviços do outro. De forma mais rara, há casos em que a ampliação não dá continuidade à organização em eixos longitudinais, sendo todo o fundo da casa ocupado pelos cômodos de serviço, e toda a frente pelos cômodos sociais. Em qualquer dos casos, as ampliações realizadas nas plantas embrionárias de quatro cômodos tendem a transformar a sua forma original quadrada em retangular. A figura 65 mostra um caso da evolução da planta embrionária de quatro cômodos.

**Figura 65 – Exemplo de evolução da planta embrionária de quatro cômodos.**



Fonte: Produzida pela autora.

Tanto a planta embrionária de três como a de quatro cômodos podem passar ainda por ampliações nas laterais, onde são construídos pequenos compartimentos, como depósitos e banheiro junto aos cômodos de serviço, e alpendres em paralelo aos cômodos sociais e íntimos. Este tipo de ampliação diminui a relação entre largura e profundidade das edificações, antes intensificadas pelas ampliações frente – fundo.

Também em qualquer dos casos, na medida em que as ampliações são empreendidas, há uma tendência de localização do núcleo inicial no centro da edificação. Isto ocorre porque é característico das construções evolutivas da Lagoa Grande realizar as ampliações sempre de modo a manter aquilo que já foi construído. Raros são os casos que envolvem demolição ou sub-divisão de um compartimento existente. O mais comum é que os cômodos permaneçam com a sua estrutura inicial, ainda que tenham seu uso transformado por conta das construção de novos.

### 5.1.7 Identidade formal

Por conta deste processo dinâmico, a forma da casa também adquire um caráter evolutivo, e por conta disso, não é possível estabelecer uma relação entre as suas dimensões de largura e profundidade. Dependendo do estágio de desenvolvimento da planta, sua feição volumétrica assume formas de cubo ou paralelepípedo, com a maior dimensão no sentido da profundidade da edificação (Figs. 66 e 67).

**Figura 66 – Casa em forma de cubo.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

**Figura 67 – Casa em forma de paralelepípedo.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

Dois elementos, no entanto, contribuem para que a casa adquira uma identidade formal: o telhado e os espaços de transição. O telhado das casas da Lagoa Grande é predominantemente de duas águas, com caimento para as laterais. Este desenho facilita as ampliações para frente e fundo da casa, e, quando estas são realizadas, ocorre apenas uma continuidade da cobertura (Fig. 68).

**Figura 68 – Casas com telhados de duas águas com caimentos laterais.**



Fonte: Produzida pela autora.

Nessas casas, as cobertas dos alpendres laterais dão continuidade às águas do telhado do corpo principal, fazendo com que as águas da cobertura dos alpendres de frente e fundo fiquem em sentido perpendicular ao telhado do corpo principal (Fig. 69).

**Figura 69 – Casas com telhados de duas águas laterais e alpendres lateral e frontal.**



Fonte: Produzida pela autora.

Esta linguagem, do alpendre frontal com cobertura perpendicular à do corpo principal da casa, é adotada mesmo nos casos em que os alpendres laterais inexistem (Fig. 70), por conta da função essencial do alpendre, como espaço de sombra, já que tal perpendicularidade faz com que o pé-direito do alpendre frontal seja mais baixo do que o do corpo principal, garantindo melhor sombreamento neste espaço.

**Figura 70 – Casas com telhados de duas águas laterais e alpendre frontal.**



Fonte: Produzida pela autora.

Em outros casos, as duas águas da cobertura possuem caimento para a frente e para os fundos da casa (Fig. 71). Nesta situação, quando da ampliação nestes sentidos, duas estratégias podem ser adotadas: o rebaixamento dos novos cômodos, fazendo surgir os "batentes" dentro de casa; e a elevação da cobertura, aumentando a altura das paredes de

sustentação. Seja qual for a estratégia adotada, a adequação deste tipo de telhado às ampliações é sempre mais complexa, e com custo mais elevado.

**Figura 71 – Casas com telhados de duas águas com caimentos frente-fundo.**



Fonte: Produzida pela autora.

Diferente do que ocorre nas casas cujos telhados possuem caimentos laterais, são os alpendres frontal e de fundo que continuam o desenho da cobertura, enquanto que os laterais se tornam perpendiculares ao corpo principal da edificação. No entanto, dependendo da altura do pé-direito interno, as cobertas dos alpendres de frente e de fundo sejam rebaixadas com relação à cobertura principal (Fig. 72).

**Figura 72 – Casas com telhados de duas águas com caimentos frente-fundo, com alpendres.**



Fonte: Produzida pela autora.

Com relação aos espaços de transição, estes podem estar ou não presentes nas edificações, e quando há, assumem diversas configurações que acompanham as etapas evolutivas da moradia. Tanto nas plantas embrionárias de três cômodos como de quatro, este elemento não está presente, conferindo à casa, nesse estágio inicial, uma feição do tipo "porta e janela" (Fig. 73) nas quais, quando se está em casa, se está dentro.

**Figura 73 – Casas do tipo "porta e janela"**



Fonte: Produzida pela autora.

Na medida em que são feitas as ampliações, os espaços de transição vão surgindo, primeiramente como varanda, ocupando o espaço de um cômodo onde inexistem as paredes externas (Fig. 74), sempre localizadas na parte da frente da casa que, antes totalmente "cheia", de aparência maciça por conta do seu perímetro fechado, agora é composta também de "vazios" nos quais nem se está dentro, nem se está fora.

**Figura 74 - Casas do tipo "com varanda".**



**Fonte: Produzida pela autora.**

O terceiro estágio evolutivo destes espaços corresponde ao surgimento dos alpendres, que, assim como a varanda, se constituem como um meio termo entre dentro e fora. No entanto, diferente daquela, os alpendres podem estar localizados de diversas formas na edificação, ainda que sempre contíguos às fachadas. Os alpendres de fundo (Fig. 75) são utilizados como área de serviço ou cozinha externa, podendo conter fogão à lenha, pia e tanque para lavagem de louças e roupas. Também é comum a construção de depósitos neste espaço. Os laterais (Fig. 76) podem assumir funções de serviço (garagem, depósito) ou sociais, onde a família se reúne para um almoço no final de semana e recebe os amigos. Os frontais (Fig. 77), por sua vez, sempre assumem funções sociais.

**Figura 75 - Alpendre de fundo.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

**Figura 76 - Alpendre lateral.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

**Figura 77 - Alpendre frontal.**



**Fonte: Produzida pelo S. João.**

Independente da sua localização, o alpendre está sempre relacionado ao conforto térmico da moradia e ao abrigo das intempéries: protege as paredes externas de insolação e chuva diretas, e nele se fica "fora" de casa sem se expor ao sol ou à chuva.

Quando é numa época dessa que nós estamos de chuva, se não tiver um alpendre aí a gente tem que tá todo tempo trancado dentro de casa. Aí o

alpendre já dá mais um espaço, né? Vem uma pessoa passando de bicicleta ou de moto, encosta e pronto, pra passar a chuva, e o sol, né? (Seu João)

À tarde bate o sol nas portas, ficava muito quente a sala aqui por causa do sol, aí foi preciso fazer esse alpendre. Agora o outro, não, o outro eu fiz depois. Serve até de garagem, né? Guardar o carro lá. (Seu César)

Com relação às suas configurações, os alpendres podem estar presentes tanto em uma, como em duas, três, ou quatro fachadas (Fig. 78). No seu processo evolutivo, não há uma regra ou ordem de surgimento com relação nem à localização, nem à configuração. São feitos a partir da necessidade e das condições financeiras das famílias. Por conta dessas particularidades, as casas com alpendre são mais diversificadas nas suas feições, dependendo da forma como estes se encontram dispostos na moradia.

**Figura 78 – Casas do tipo "com alpendre", estando este em diversas configurações e localizações.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

Ainda com relação à forma, um fato peculiar acontece quando há a doação de espaços da moradia de pais para filhos já que, ainda que divididas internamente em duas casas, a forma se mantém original e, por conta disso, externamente identifica-se apenas uma. É o que acontece, por exemplo, com a casa do Seu José, anteriormente mostrada nas figuras 43 e 44 e cuja fachada principal é apresentada na figura 79.

**Figura 79 – Fachada principal da casa do Seu José, internamente dividida com a casa do filho.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

### 5.1.8 A casa em suas partes

O processo evolutivo da moradia acarreta também na dinâmica de uso dos seus espaços, que nas casas rurais, não se encerram na edificação, mas se expandem para o seu entorno imediato. Conforme explicitado anteriormente, a parte interna a casa pode ser

composta por sala, cozinha, quartos, sala de jantar, banheiros e depósitos, podendo haver ainda, em alguns casos, a presença de corredor ou hall.

A sala (fig. 80) é fundamentalmente social<sup>91</sup>. Nas casas de "porta e janela" qualquer pessoa que ali chega é recebida neste cômodo, por não haver outro para tal fim. Naquelas que dispõe de varanda ou alpendre, no entanto, somente são recebidas na sala pessoas já conhecidas da família, mas que ainda não são íntimas. Em qualquer dos casos, a sala é o lugar de receber, é o primeiro cômodo que se abre para aquele que é "*de fora da casa*", correspondendo, portanto, ao que vai ser visto pelo outro. Desta forma, o que está na sala é o que se quer que o outro veja, ou porque é bonito, ou porque tem valor simbólico: quadros, bibelôs, retratos, arranjos de flores artificiais, santos. A sala é também local de entretenimento familiar, estando ali os aparelhos eletrônicos utilizados por todos os membros da família: televisão, som, DVD *player* e, por vezes, videogame. Por conta disso, este cômodo tem pelo menos um móvel, onde são dispostos tanto os aparelhos eletrônicos como os adornos, e sofás ou cadeiras.

**Figura 80 - Salas de casas da Lagoa Grande.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

Além disso, nas casas de dois cômodos, é na sala que a família dorme. Nestes casos, comumente não há ali sofás, mas camas e redes, sobre as quais pendem do teto os "mosqueteiros" utilizados principalmente nas épocas de chuva. Além disso, ali fica também o guarda-roupa, às vezes um só para toda a família e roupa de cama e banho. Nessas salas (fig.81) são mais escassos tanto os adornos como os aparelhos eletrônicos. Destes últimos, a televisão sempre está presente. Porque todos têm, não se percebe mais aquele antigo costume da vizinhança se reunir à noite na casa de alguém que tem televisão, alguns adentrando na sala, outros permanecendo no alpendre, de onde se assistia pela janela. Por conta disso, também não é mais regra a TV estar voltada para fora de casa, ocorrendo casos em que está voltada para dentro.

<sup>91</sup> Daí ainda ser comumente chamada pela população local de "sala de visitas".

**Figura 81 – Sala de casa de dois cômodos.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

Os quartos (figs. 82 e 83) são essencialmente locais de descanso, principalmente noturno, sendo por isso equipados com camas, redes e mosquiteiros. Se constituem como o espaço particular daqueles membros que os usufruem, porque ali estão guardados os seus objetos de uso pessoal, em cômodas e guarda-roupas. É o lugar da moradia que tem dono: a casa é de todos, mas o quarto é do "fulano". Conforme visto, a quantidade de quartos na casa varia segundo a sua evolução, sendo considerado como ideal pelas famílias a quantidade de pelo menos três: um para o casal, um para as filhas e outro para os filhos. Essa necessidade, no entanto, varia de acordo com a evolução do próprio ciclo familiar: um filho que casa, os pais idosos que vêm morar junto, etc. Também é a partir do ciclo familiar que esses cômodos vão surgindo na casa: quando os filhos são pequenos, independente dos sexos, podem tanto dormir com os pais, como juntos em um mesmo quarto. À medida que vão crescendo, sente-se a necessidade de separação tanto entre pais e filhos, como entre meninos e meninas. Quando isto ocorre, enquanto não há disponibilidade de recursos para construir um novo quarto, os meninos passam a dormir na sala, sendo seus objetos pessoais guardados no quarto dos pais. Também é neste que são guardados tanto alguns itens de uso cotidiano da família, como roupas de cama, toalhas de banho, etc., como objetos de maior valor, como uma louça mais "chique", por exemplo. O quarto individual raramente acontece, e quando ocorre, às vezes é por acaso: a família tem apenas dois filhos, um de cada sexo, por exemplo. Desta forma, ainda que como espaço particular, é quase sempre espaço compartilhado. Nos quartos também há uma preocupação com a ornamentação, aqui de caráter mais pessoal, de acordo com as personalidades dos seus usuários: *posters* de ídolos nas paredes, adesivos nas portas dos guarda-roupas, uma roupa de cama florida ou com carros e super-heróis, etc.

**Figura 82 – Quartos de casal de casas da Lagoa Grande.**



Fonte: Produzida pela autora.

**Figura 83 – Quartos de filhos(as) de casas da Lagoa Grande.**



Fonte: Produzida pela autora.

As cozinhas, assim como as salas, estão presentes na casa desde o início da construção, o que demonstra a sua importância para as famílias. Conforme visto anteriormente, podem ser internas ou externas, ou ainda, estar presentes das duas formas em uma mesma moradia. Em qualquer dos casos, a cozinha é fundamentalmente local de preparo de alimentos. Quando interna (Fig. 84), ali está o fogão à gás, a geladeira, e os eletroportáteis, como liquidificador, batedeira, etc. Nas casas em que não há nem sala de jantar, nem cozinha externa, é neste cômodo que se guardam as panelas, as louças, os utensílios domésticos em móveis tipo *buffet* ou cristaleira, estando ainda presentes os potes ou filtros com água potável. A mesa, geralmente presente nas cozinhas internas, é utilizada tanto para o preparo de alimentos como para realizar refeições, no caso de não haver sala de jantar. Nesta mesma mesa, enquanto a mãe trabalha nos afazeres domésticos, os filhos realizam suas tarefas de escola. Além disso, na ausência de depósitos, também é na cozinha interna que são armazenados os alimentos, geralmente nos mesmos móveis destinados às louças.

**Figura 84 – Cozinhas internas de casas da Lagoa Grande.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

Nas casas que possuem instalação hidráulica, é na cozinha interna que a pia para lavagem de louças se localiza (Fig. 85). Quando não há encanamentos internos, ao contrário, é comum que a pia esteja fora da edificação (Fig. 86), ou em uma cozinha externa, quando há, ou ao relento, no quintal. Isto, no entanto, não acontece de forma unânime: também há casos em que, mesmo com instalações hidráulicas, a pia esteja fora (Fig. 87), como aqueles em que, mesmo sem o encanamento interno, a pia esteja neste cômodo (Fig. 88). Neste último caso, ali são colocados baldes, vasilhas, potes e tambores com água para a lavagem de louças. A tubulação de esgotamento dessas pias atravessa a parede na qual estão instaladas, levando a água utilizada para fora da edificação.

**Figura 85 – Pia interna c/ instalação.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

**Figura 86 – Pia externa s/ instalação.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

**Figura 87 – Pia interna s/ instalação.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

**Figura 88 – Pia externa c/ instalação.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

A cozinha externa (fig. 89), por sua vez, é o local da fumaça, da "molhadeira" e da sujeira, onde se cozinha no fogão à lenha, se abate pequenos animais e se prefere lavar a louça. Quando não há uso de água no interior da casa, também é aqui que ficam os recipientes com água. É comum que nesta cozinha estejam panelas e utensílios domésticos, organizados em "baterias" ou pendurados na parede. Neste cômodo pode haver uma mesa, tendo aqui a mesma finalidade que na cozinha interna, e ainda, conversar com os

amigos, pois pessoas íntimas geralmente são recebidas neste espaço. Quando não há um espaço destinado para este fim, as roupas são lavadas nesta cozinha, utilizando em muitos casos a mesma pia para lavagem de louças.

**Figura 89 – Cozinhas externas de casas da Lagoa Grande.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

A sala de jantar (fig. 90) é essencialmente o lugar onde são realizadas as refeições, sendo por isso, local de reunião familiar. Está sempre equipada com mesa e cadeiras, sendo ali guardadas as louças, e não mais na cozinha interna. Em alguns casos, a geladeira também está neste cômodo, assim como o pote ou filtro de água potável e os copos de alumínio. Por ser um local mais tranquilo do que a cozinha, e porque tem uma mesa, a sala de jantar é utilizada também para a realização de atividades que exigem certo grau de concentração: é onde crianças e jovens estudam, e os pais "fazem as contas". No primeiro caso, os objetos necessários, como livros, cadernos, estojos, etc., são sempre guardados nos respectivos quartos. No segundo, é comum que documentos, cadernetas, canetas e contas ocupem uma das gavetas do móvel destinado à guarda de louças. A sala de jantar é também um local para receber pessoas, sendo estas agora mais próximas da família do que aquelas recebidas na sala, e menos íntima do que as recepcionadas na cozinha. No entanto, quando a sala de visitas não oferece condições para desempenhar tal função, mesmo aquela pessoa menos próxima pode ser recebida na sala de jantar.

**Figura 90 – Salas de jantar de casas da Lagoa Grande.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

Os banheiros (fig.91) das casas com instalações hidráulicas, estão equipados com sanitário, chuveiro e pia, se realizando ali todas as atividades de higiene pessoal: tomar banho, escovar os dentes, lavar as mãos, etc. Quando a casa não possui encanamento interno, é comum que o único equipamento do banheiro seja o sanitário que, em qualquer dos casos, tem o esgotamento feito por fossa séptica. Neste último caso, são colocados no banheiro os recipientes com água, que se destinam tanto jogar no sanitário como para tomar banho. Há casos em que se chega a construir um tanque no interior deste recinto. As águas cinzas escoam para fora da edificação, onde são absorvidas pelo terreno. Ainda nas casas sem encanamento interno, utiliza-se a pia externa para lavar as mãos ou escovar os dentes. Por conta disso, é comum que escovas e pastas de dentes fiquem guardados na cozinha interna.

**Figura 91 – Banheiros de casas da Lagoa Grande.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

O depósito (Fig. 92), por sua vez, é onde se guarda ferramentas, instrumentos de trabalho, "bregueços" e coisas que não são de uso cotidiano e que se caracterizam como feias, pesadas e sujas. O que está no depósito é o que fica escondido, o que não se quer que o outro veja. Geralmente, aquilo que é guardado no depósito é de uso masculino e, por isso, o homem é o responsável pela arrumação e limpeza deste recinto. Muitas vezes, apenas ele consegue localizar as coisas que ali se encontram. Podem estar localizados tanto nos alpendres laterais como na parte dos fundos da casa, junto à cozinha externa. Quando na casa há mais de um depósito, pelo menos um é destinado para armazenar alimentos. Nestes, é a mulher que guarda, arruma e limpa as coisas que ali se encontram, sendo ela, portanto, a responsável pela sua organização. Nestes casos, podem estar tanto dentro de casa, se ligando com cozinha interna ou com sala de jantar, como fora, localizado na cozinha externa. Tanto no depósito de ferramentas como no de alimentos, as coisas que ali se guardam podem estar dispostas em baús e prateleiras e penduradas nas paredes e no próprio madeiramento da cobertura.

**Figura 92 – Depósitos de casas da Lagoa Grande.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

Os *halls* e os corredores possuem a única função de circulação interna e integração entre cômodos (Fig. 93). Os corredores aparecem nas casas cuja evolução se deu a partir da planta embrionária de três cômodos, e fazem a ligação entre espaços sociais e de serviços, estando entre estes os acessos aos quartos. Os *halls*, por sua vez, tendem a concentrar ali os acessos aos quartos e ao banheiro.

**Figura 93 – Corredores de casas da Lagoa Grande.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

Com relação aos espaços de transição<sup>92</sup>, já foi dito que a utilização dos alpendres varia conforme a sua localização na casa. Quando com função serviço, este é utilizado tanto para a realização dos trabalhos pesados como para aquelas atividades citadas para a cozinha externa. Pode ainda servir de garagem, seja para carro, moto, carroça ou bicicleta. Por conta disso, é comum que sejam colocadas rampas do exterior para o interior destes espaços. Quando com função social, no alpendre são recebidas as visitas com qualquer grau de intimidade, e realizadas festas e almoços em família. Como além de sombreados são bastante ventilados por serem totalmente abertos, também é ali que se descansa na rede, principalmente nos períodos mais quentes do dia. Animais domésticos, como gatos e cachorros, também ali ficam abrigados do sol. As varandas,

<sup>92</sup> Ver figuras 73 à 78.

por outro lado, possuem uma função estritamente social, e esta se resume a receber pessoas, sendo utilizada também em dias de festa. Mas na varanda, não se dorme, nem se come, como no alpendre. Ambos são utilizados ainda para "passar o tempo", sentando em cadeiras ou no seu parapeito, de onde se "observa o movimento".

Os espaços externos no entorno imediato da edificação (fig. 94) são intensamente utilizados no cotidiano da família, se constituindo como uma extensão da casa. Nos dias de festa, a parte da frente se torna uma ampliação do alpendre social, sendo colocadas ali mesas e cadeiras. No mês de junho, é na frente da casa que se monta a fogueira de São João. Também é nessa parte da frente que as crianças se reúnem para brincadeiras que precisam de um amplo espaço para acontecer: pega-pega, esconde-esconde, jogar bola, etc. Por conta da cultura do caju predominante no local, na frente de algumas casas existe uma "faxina", um piso cimentado onde as castanhas são colocadas para secar. A parte de trás da casa é mais intensamente utilizada no dia-a-dia, sendo ali realizadas atividades de serviços que complementam as que ocorrem nas cozinhas interna e externa. Nos fundos são construídos equipamentos e anexos (cisternas, galinheiros, pocilgas e currais) e uma coberta para realização de atividades que não se quer próximo de casa, como abate de animais e armazenamento de lenha. Também nos fundos da casa estão os varais de roupas, as árvores frutíferas e pequenas hortas.

**Figura 94 – Espaços externos.**



**Fonte: Produzida pela autora.**

Considerando a casa na sua totalidade, além da função essencial de moradia, em alguns casos é ainda local de trabalho, deixando de ser um espaço somente de consumo, para se constituir como espaço também de produção, possuindo aqui um uso misto. É o que acontece tanto nos casos em que há uma junção casa-comércio (Fig. 95), ou casa-minifábrica (Fig. 96), nestas se realizando o trabalho de beneficiamento da castanha. No primeiro caso, os espaços de trabalho se localizam na frente da casa, ficando mais visíveis e acessíveis ao público consumidor. No segundo caso, os espaços produtivos estão localizados nos fundos das casas, se confundindo com os espaços de serviço.

**Figura 95 – Casa-Comércio.**



Fonte: Produzida pela autora.

**Figura 96 – Casa-Minifábrica.**



Fonte: Produzida pela autora.

Com relação à infra-estrutura, as casas da Lagoa Grande apresentam pouca variação. Todas possuem energia elétrica, lixo coletado e fossa séptica para as águas negras. As águas cinzas geralmente escoam diretamente para o terreno, sendo levadas por um cano para longe da casa. Também em todas as casas as famílias providenciam a coleta de águas pluviais, através da colocação de calhas nas cobertas que direcionam as águas ou para cisternas, ou para tambores (Fig. 97).

**Figura 97 – Coleta de água da chuva: calhas e cisternas.**



Fonte: Produzida pela autora.

Esta água é utilizada principalmente para beber e para o preparo de alimentos, sendo geralmente tratada através da decantação e da filtragem. No geral, há ainda o abastecimento de água pela CAGECE, sendo esta utilizada para as demais atividades cotidianas – lavagem de roupas, de louça, higiene pessoal, aguar plantas e dar de beber aos animais. No entanto, o abastecimento ocorre de forma ineficiente, com constantes interrupções. Quando isto ocorre, a água da chuva é utilizada para todos os fins. Nem sempre as casas possuem encanamento interno para a distribuição da água. Quando possuem, normalmente a água abastecida pela CAGECE é armazenada em uma caixa d'água, de onde parte a sua distribuição pelas tubulações. Na inexistência de caixas d'água, a água que chega na casa é diretamente distribuída nas tubulações. Nas casas que não possuem encanamento interno, a água chega numa torneira localizada no exterior, onde são cheios tambores, baldes, vasilha, etc., que se distribuem nos cômodos em que a água é utilizada – banheiros e cozinhas. A água "de beber", por sua vez, quando retiradas das cisternas (quando há), é sempre colocada em potes de barro, que a deixam

fria. Com relação às comunicações, a maioria das famílias possui telefones celulares e utilizam a televisão e o rádio como fontes de informação. Para as primeiras, sempre são instaladas antenas externas, sejam parabólicas ou não.

### 5.1.9 Juntando as partes

Por tudo que foi dito até aqui, percebemos que de uma rede de relações entre os diversos aspectos do *contexto* das famílias – local de origem, atividades econômicas, disponibilidades de recursos, etc. – resulta um *modo de fazer* que tem como característica principal o desenvolvimento de estratégias para possibilitar a autopromoção da moradia – seja o uso de materiais provenientes do meio, seja o emprego da força de trabalho, seja a realização da casa de forma evolutiva, etc. Portanto, neste processo, e com relação ao *modo de fazer*, as moradias continuam a ser um resultado dos contextos ambiental, social e econômico nos quais está inserida, conforme haviam afirmado tanto Diegues Júnior (1968), como Costa e Mesquita (1970). No entanto, tais *contextos* sofreram transformações ao longo do tempo, a partir das quais as moradias são hoje produzidas. A principal delas diz respeito à influência do modo de vida urbano sobre as zonas rurais: da mesma forma que o animal foi substituído pela moto, é cada vez mais crescente o uso de materiais de construção industrializados. Desta forma, pelo menos no que diz respeito ao uso dos materiais, é também crescente uma ruptura com a característica de adaptação ao meio natural, apontada pelos referidos autores. Como consequência de tais fatos, a moradia rural da Lagoa Grande é muito mais *espontânea*, na acepção de Coelho (2007), do que *vernacular*, e aqui encontramos uma nova ruptura entre as moradias estudadas e àquela identificada na literatura científica.

Ainda com relação à noção de moradia rural em Diegues Júnior (1968) e Costa e Mesquita (1970), as moradias atuais continuam a conter impressões das condições sociais dos seus habitantes, que pode ser percebida no sistema construtivo adotado, na qualidade dos acabamentos empregados, no tamanho ou no estágio evolutivo em que se encontra a casa, e na forma como estão dispostos os elementos espaciais de transição. Por outro lado, no atual contexto de pluriatividade nas zonas rurais, agora se percebe a influência, na organização espacial da casa, não do sistema econômico em uma ampla escala, mas daquela atividade econômica em particular, desenvolvida pela família.

Com relação à organização espacial da casa, é possível perceber resquícios das dicotomias masculino-feminino, produção-consumo e casa-roçado, apontadas por Heredia (1979). Porém, também por conta tanto da pluriatividade como da influência do modo de vida urbano, tais dicotomias não se constituem mais como uma regra geral. A diminuição da oposição masculino-feminino é percebida naqueles casos em que a mulher assume o papel de responsável pela família, enquanto que a quebra da dicotomia produção-consumo ocorre nas junções casa-comércio e casa-minifábrica. Além disso, vimos também que, para os trabalhadores rurais, a casa própria diminui a dependência ao patrão, aumentando a autonomia da família com relação ao trabalho, ampliando as oportunidades. Em todos esses casos, a moradia deixa de ser espaço estritamente de consumo, para assumir um importante papel na subsistência das famílias. A ruptura da dicotomia casa-roçado, por sua vez, é representada pela desagregação espacial entre estes dois elementos, que ocorre tanto no caso dos "*meeiros*" como por conta da evolução do processo de fragmentação de terras. Além disso, esta dicotomia desaparece naqueles casos em que as atividades econômicas desenvolvidas pelas famílias não estão mais ligadas à terra.

Por outro lado, a relação da casa com o seu entorno imediato permanece como exposto por Heredia (1979) e por Piccini (1996), havendo os terreiros de frente e fundo que correspondem à extensão dos ambientes imediatos, de social e de serviço, respectivamente. Também permanece, no processo de autopromoção de moradias da Lagoa Grande, a formação dos "núcleos de parentesco" apontados por este último autor, ocorrendo por meio da doação de porções do terreno dos pais para os filhos, quando da ocasião de um casamento ou do nascimento de um filho. No início deste processo, permanecem em tais núcleos as características apontadas por Piccini (1996), como a existência de edificações comunitárias: depósitos, galinheiros, etc. No entanto, o estudo na Lagoa Grande permitiu perceber que, quando as dimensões territoriais permitem, a evolução deste processo pode acarretar na formação de uma nova localidade, como no caso da Vila do Justino. Quando isto ocorre, intensificam-se os limites dos terrenos de cada família, havendo a demarcação destes e nos quais são construídos, agora de forma particular, os equipamentos antes comunitários.

Nas moradias da Lagoa Grande, há ainda uma continuidade no que diz respeito aos espaços de transição, na forma de alpendre ou varanda, conforme exposto por Piccini

(1996), tanto no que diz respeito às suas formas, como com relação aos seus usos e significados. Com relação ao espaço interno, no entanto, a comparação entre as moradias da Lagoa Grande e aquelas tipologias identificadas pelo referido autor se dá de forma mais complexa. Piccini (1996) identifica as tipologias a partir da sua evolução ao longo do tempo: aquelas que permanecem, aquelas que se modificam e aquelas mais recentes. Conforme visto, no entanto, no caso da Lagoa Grande dificilmente uma moradia permanece com a sua configuração inicial, se identificando, portanto, com o segundo *tipo* apontado por Piccini (1996), correspondendo àquelas que permanecem com seu corpo principal, mas passando por modificações ao longo do tempo. No entanto, todas as características apontadas pelo autor para cada tipologia em separado podem ser percebidas nas moradias da Lagoa Grande: na maioria dos casos, a planta quadrada, o espaço mutante e o uso de novos elementos e acabamentos pré-fabricados. Desta forma, no atual processo de autopromoção de moradias da Lagoa Grande, do ponto de vista da evolução ao longo do tempo, estas correspondem à apenas uma das três tipologias apontadas por Piccini (1996), mas em tais casas encontram-se reunidas todas as características das três tipologias identificadas pelo autor.

Com relação ao que é recomendado para as moradias rurais nos estudos propositivos, percebemos que tanto a autoconstrução como a construção evolutiva predominam como estratégias para a autopromoção de moradias na Lagoa Grande, sendo adequado que tais estudos as considerem, tal como em Camurça e Lima (2010), Medeiros (2010) e Borges, Medeiros e Cerqueira (2010). Também é possível observar uma correspondência, em termos espaciais, entre as moradias da Lagoa Grande e aquelas propostas por Adeodato (2004) e Camurça e Lima (2010), nas quais a moradia não se encerra na edificação da casa, mas contempla seu entorno imediato e anexos de apoio à subsistência e às atividades cotidianas. Também é possível perceber, a partir das moradias da Lagoa Grande, a importância dos fatores locais, tanto no que diz respeito às condições de mobilidade como da presença de equipamentos públicos, tal como considerado nas propostas de Cruz et al. (2004) Ferreira (2004) Adeodato e Lima (2004), Coletti et al. (2010), Camurça e Lima (2010) Medeiros (2010), e Borges, Medeiros e Cerqueira (2010).

É no que se refere ao uso dos materiais que a análise deve ser feita com um pouco mais de cuidado. Conforme visto anteriormente, ainda que a população local perceba a

superioridade das técnicas construtivas tradicionais em relação à alvenaria de tijolos cerâmicos, tanto no que diz respeito ao desempenho estrutural e de conforto térmico, como em relação à viabilidade financeira, o que se percebe é uma diminuição gradativa do emprego das primeiras, e o aumento na utilização da segunda. Isto principalmente por conta da praticidade da construção, da valorização da estética e do significado de *status* social, aspectos que estão sendo priorizados pela população local quando da escolha do sistema construtivo, tendo como consequência a desvalorização das casas de taipa e de adobe, ao ponto de fazer inclusive com que estas não cumpram a função de investimento. Desta forma, além das dimensões da sustentabilidade, os estudos propositivos relacionados aos materiais e às técnicas construtivas para o meio rural, tais como os desenvolvidos por Lessa e Silva (2003), Ramos e Cunha Jr. (2006), Bohadana e Sattler (2007), Soares, Silva e Pinheiro (2008), e Medeiros (2010), devem considerar tais aspectos, buscando compreender os limites da aceitação social de determinados sistemas.

Diante destes paralelos, percebemos que, sob a ótica do *tipo como design*, as rupturas entre as moradias rurais da Lagoa Grande e ao *tipo* identificado no Capítulo 2, estão mais relacionados ao *modo de fazer*, por conta das transformações ocorridas nos *contextos*, principalmente no que diz respeito à influência do modo de vida urbano e à pluriatividade.

Por outro lado, tais transformações não exerceram interferências significativas na *feição*, ou seja, nos aspectos espaciais e formais da moradia, havendo aqui uma continuidade. Isto porque as mudanças na vida das famílias, influenciadas pelo modo de vida urbano, estão relacionadas mais às questões de trabalho, das relações de consumo e das atividades econômicas desenvolvidas pela população, agora não mais necessariamente ligadas à terra. Em contra-partida, o modo de morar permanece, sendo este resultado mais da cultura e dos costumes do que das condições de trabalho e das atividades econômicas desenvolvidas pela família. Em consequência, há aqui uma continuidade relacionada ao *uso* dos espaços, que neste processo, não surge apenas *a posteriori*, uma vez que nele estão implícitas as necessidades espaciais sentidas pela família, sendo estas, por sua vez, fatores determinantes na definição do que vai ser feito, em cada etapa do processo evolutivo. Além disso, a experiência de *uso* das moradias anteriores acaba servindo de referência, positiva ou negativa, para o desenho da moradia atual. Do

mesmo modo, os aspectos subjetivos também estão presentes desde os momentos iniciais. Mesmo quando a casa ainda não existe, ela já possui um significado que varia, conforme vimos, de acordo com o *contexto* de cada família.

Deste fato, surge aqui uma última ruptura entre as casas da Lagoa Grande e àquele tipo identificado na literatura: a *feição* da casa deixa de ser resultado das atividades econômicas vigentes, como apontado por Diegues Júnior (1968) e Costa e Mesquita (1970), para ser resultante da cultura e dos costumes, de um *uso* que está presente no processo de autopromoção de moradias desde o seu início, de um modo de morar que permanece frente às modificações nos contextos sociais e econômicos.

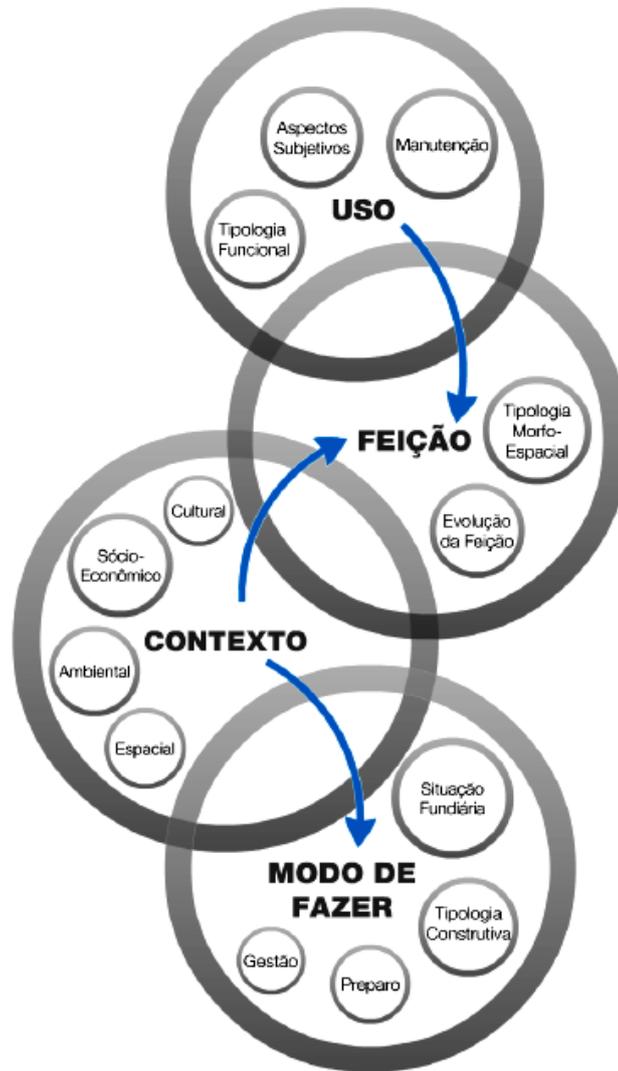
Diante de tais compreensões acerca das moradias rurais da Lagoa Grande, possibilitadas a partir da aplicação do arranjo metodológico desenvolvido, é possível empreender a análise deste, no que diz respeito à sua abrangência não somente com relação às informações obtidas, mas também ao estabelecimento das relações entre estas.

## 5.2 A Abrangência

Já foi dito que o arranjo metodológico possibilitou uma compreensão das moradias rurais que se caracteriza pela complexidade de relações entre os diversos aspectos. De fato, por meio da compreensão apresentada anteriormente, podemos perceber não somente a diversidade dos aspectos abrangidos pela metodologia, mas também o modo como estão intimamente relacionados. Desta forma, faz-se necessário neste momento a análise do próprio método proposto, no que diz respeito não somente ao conjunto dos aspectos que contempla, mas também à rede de relações que os integra.

No tópico anterior, concluímos que, nas moradias da Lagoa Grande, o *modo de fazer* é resultante dos *contextos* ambiental, e econômico, enquanto que a *feição* é decorrente tanto do *uso* como do *contexto cultural*. Diante destas constatações, e considerando tais relações a nível dos "truncos", o diagrama elaborado no tópico 2.4 pode ser redesenhado, adquirindo a seguinte forma (fig. 98)

Figura 98 – Diagrama das relações predominantes entre os "troncos".

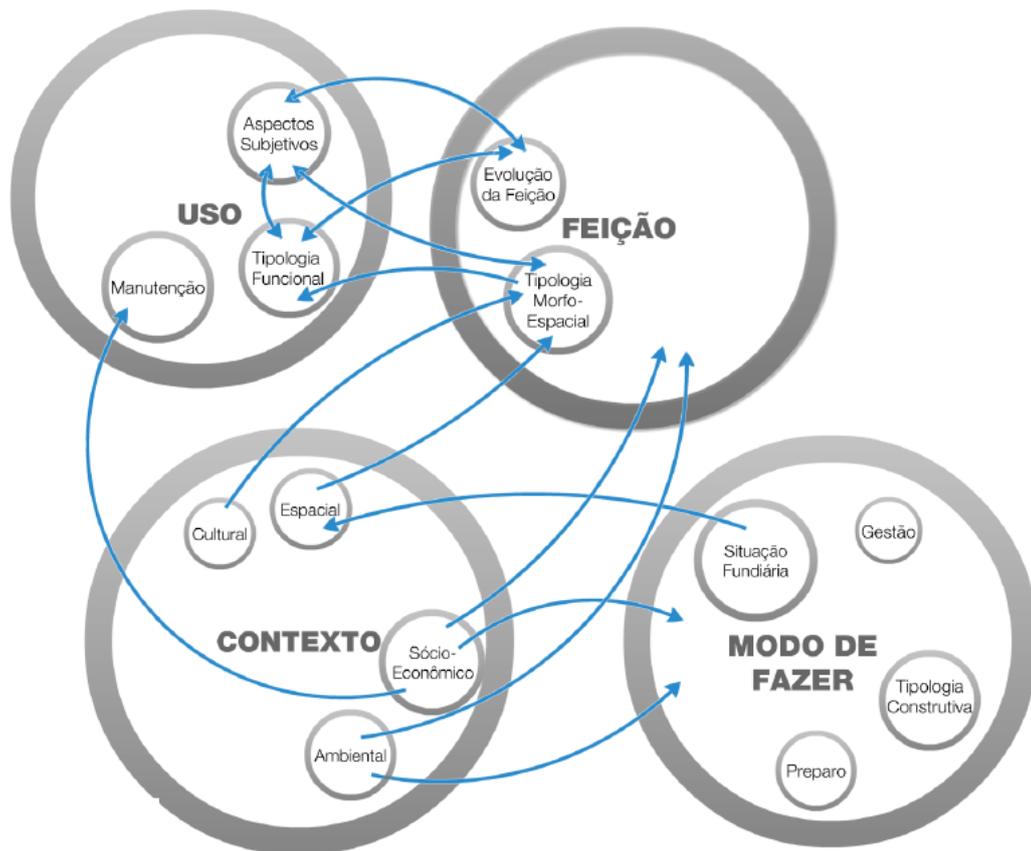


Fonte: Elaborado pela autora.

No entanto, com base na compreensão das moradias da Lagoa Grande, percebemos que em suas ramificações, os aspectos se relacionam de forma mais complexa. Conforme explicitado anteriormente, no tronco contexto, as ramificações *ambiental* e *sócio-econômico* exercem uma influência no *modo de fazer*, em todas as suas ramificações. Ainda no tronco *contexto*, o "galho" *cultural* exerce uma influência na *feição*, especificamente na sua ramificação *tipologia morfo-espacial*, sendo esta influenciada também pelo *contexto espacial*, uma vez que a implantação da casa no terreno se dá a partir da disposição das vias. Este último, por sua vez, sofre interferência da ramificação *situação fundiária* do tronco *modo de fazer*, uma vez que o modo de aquisição dos terrenos ora na fragmentação das terras, ora na permanência da sua estrutura original, modificando ou mantendo a estrutura de uso e ocupação do solo.

No tronco *feição*, a ramificação *evolução da feição* é dependente das condições oferecidas pelos *contextos ambiental e sócio-econômico*, e sofre influência da *tipologia funcional*, relacionada ao surgimento de novas necessidades espaciais. Esta última ramificação, do tronco *uso*, é resultante tanto da *tipologia morfo-espacial* como da *evolução da feição*, já que os espaços serão usados de acordo com a estrutura espacial disponível em cada estágio do processo evolutivo. Ainda no tronco *uso*, a ramificação *manutenção* é dependente do *contexto sócio-econômico*, enquanto que a *subjetividade* tanto interfere como sofre interferência das ramificações *evolução da feição*, *tipologia morfo-espacial*, *tipologia funcional*. Desta rede de relações, resulta o seguinte desenho do diagrama de sistematização dos aspectos da moradia (Fig. 99).

**Figura 99 – Diagrama da sistematização dos aspectos da moradia, considerando as relações predominantes entre os "troncos".**



**Fonte: Elaborado pela autora.**

O diagrama ilustrado acima, com toda a complexidade de relações que apresenta, foi elaborado a partir da compreensão das moradias da Lagoa Grande, por sua vez obtida por meio da aplicação do arranjo metodológico desenvolvido. Ainda que tal fato seja representativo da ampla abrangência da metodologia com relação não somente à diversidade de aspectos, mas também à rede de relações que lhes integra, é preciso

considerar que a aplicação do arranjo não foi realizada tal qual planejado, sendo necessária uma análise mais cuidadosa dessas diferenças como forma de contribuir para uma melhor aplicação do método em futuros estudos.

### 5.3 A Síntese

No arranjo planejado, cada técnica era responsável, de acordo com a sua natureza, pela compreensão de certos aspectos da moradia, conforme sintetizado no Quadro 17.

**Quadro 17 - Relação entre técnicas de pesquisa e aspectos da moradia.**

Técnica de pesquisa	Aspectos da moradia a serem compreendidos	
	Troncos	Ramificações
Leitura Espacial na Escala da Comunidade	Contexto	Espacial Ambiental
Formulário e/ou Levantamento de Dados	Contexto	Sócio-Econômico
	Modo de Fazer	Tipologia Construtiva
Entrevista Narrativa	Contexto	Cultural
	Modo de Fazer	Situação Fundiária Preparo Gestão Tipologia Construtiva
	Feição	Evolução da Feição
	Uso	Manutenção Subjetividade
Levantamento Físico	Modo de Fazer	Tipologia Construtiva
	Feição	Evolução da Feição Tipologia Morfo-Espacial
Vestígios Ambientais	Contexto	Cultural
	Uso	Tipologia Funcional
Mapeamento Comportamental	Contexto	Cultural
	Uso	Tipologia Funcional
Leitura Espacial na Escala da Unidade Habitacional	Feição	Tipologia Morfo-Espacial Tipologia Funcional
	Uso	Tipologia Funcional
Mapa Afetivo	Uso	Subjetividade
Entrevista Semi-Estruturada	Contexto	Cultural Sócio-Econômico
	Modo de Fazer	Situação Fundiária Preparo Gestão Tipologia Construtiva
	Feição	Evolução da Feição
	Uso	Manutenção Tipologia Funcional

**Fonte: Elaborado pela autora.**

Na prática, a partir dos documentos produzidos pelo tratamento dos dados, pudemos perceber que, com relação ao tronco *contexto*, as informações referentes às ramificações *ambiental* e *sócio-econômico* foram de fato obtidas predominantemente a partir das observações feitas quando da realização da leitura espacial na escala da comunidade, enquanto que aquelas relacionadas ao *contexto sócio econômico* foram conseguidas por meio da realização do levantamento de dados a partir dos registros do Programa de Saúde da Família, e complementadas através da aplicação da entrevista semi-estruturada, principalmente no que diz respeito às questões relacionadas ao trabalho e à origem da família. O *contexto cultural*, por sua vez, pôde ser percebido tanto por meio da entrevista narrativa como da entrevista semi-estruturada, mas também nas ocasiões de realização do levantamento físico e de ambas as leituras espaciais, por meio de observações. No entanto, a percepção do *contexto cultural* se deu principalmente pela vivência da pesquisadora na comunidade, durante o período de realização da pesquisa de campo, o que lhe forneceu uma experiência prática do que é viver na Lagoa Grande.

Com relação ao *modo de fazer*, este foi compreendido, de fato, por meio da realização das entrevistas narrativas, ainda que tenha havido uma complementação dos dados pela entrevista semi-estruturada, principalmente no que diz respeito às informações de caráter mais objetivo, como aquelas relacionadas à infra-estrutura da moradia. Antes, no entanto, algumas informações puderam ser obtidas por meio do levantamento de dados, como o número de cômodos e o tipo de construção das moradias, fornecendo uma idéia inicial da diversidade destas no universo da Lagoa Grande.

Por outro lado, se a entrevista narrativa pode ser caracterizada pela percepção do *modo de fazer*, esta mesma relação ocorre entre o levantamento físico e a *feição*. Esta foi a técnica responsável tanto pela obtenção da maior quantidade de informações referentes à tipologia morfo-espacial, como pela percepção dos diversos estágios evolutivos da casa, em termos de espaço e de forma. Esta última, no entanto, não tem como ser identificada simplesmente por meio do levantamento físico, mas somente quando, além deste, se obteve do participante a história desta evolução que, no caso do arranjo metodológico, foi possível por meio da entrevista narrativa.

Com relação ao tronco *uso*, a ramificação *tipologia funcional* pôde ser percebida tanto por meio das observações realizadas em ambas as leituras espaciais, como através das

fotografias geradas tanto nestas como nos levantamentos físicos e nos mapas afetivos. No entanto, do mesmo modo que para o *contexto cultural*, a permanência da pesquisadora em campo permitiu uma compreensão desses usos de forma mais aprofundada, tendo possibilitado a sua participação no dia-a-dia da moradia na qual ficou hospedada. Os aspectos referentes à *manutenção*, por sua vez, emergiram por meio da entrevista narrativa, tendo sido complementados na entrevista semi-estruturada. Já as questões relacionadas à subjetividade foram percebidas principalmente nos mapas afetivos, ainda que nas entrevistas narrativas tenham emergido algumas informações relacionadas aos significados e às relações de identidade.

Conforme explicitado anteriormente, nem os vestígios ambientais, nem os mapeamentos comportamentais produziram dados substanciais, por conta não das técnicas em si, mas do modo como foram utilizados no arranjo metodológico desenvolvido. A falta de uma sistematização na aplicação destas técnicas, no que diz respeito ao tempo de aplicação e, principalmente, às condições em que ocorriam, que variavam de moradia para moradia, fizeram perceber a fragilidade da forma como as técnicas haviam sido utilizadas, acarretando na decisão de não utilizar os dados provenientes destas, que correspondiam muito mais à disposição do mobiliário naquele ambiente particular da moradia, e a certos vestígios de uso dos espaços do que aos aspectos referentes aos comportamentos. A supressão destes dados só foi possível porque estes se encontravam registrados principalmente nas fotografias, enquanto que a permanência da pesquisadora em campo permitiu uma visão muito mais apurada dos comportamentos. Desta forma, tais técnicas mostraram-se irrelevantes para o arranjo metodológico proposto, podendo ser excluídas nas futuras aplicações desta metodologia. À parte tais fatos relacionados aos mapeamentos comportamentais e aos vestígios ambientais, a aplicação do arranjo metodológico confirmou, de um modo geral, a capacidade de cada técnica na obtenção de certos tipos de dados, conforme havia sido planejado.

Uma das diferenças mais significativas entre o arranjo planejado e o executado, diz respeito à leitura espacial na escala da unidade habitacional, na qual não foi realizado o mapeamento dos elementos construídos no interior do lote, havendo sido feitos apenas os registros fotográficos e as observações. De acordo com o arranjo estruturado, esta técnica deveria ter sido aplicada na visita 2, após a realização dos acordos. No entanto, conforme explicitado anteriormente, isto não foi feito, pois se percebeu ser aquele um

momento inadequado para a realização destes procedimentos. Por conta disso, houve uma tentativa de realizar a leitura espacial na escala da unidade habitacional na ocasião da Visita 3, mas, conforme explicitado, a longa duração desta visita acarretou na necessidade de agilizar os procedimentos, tendo sido realizados apenas o registro fotográfico e as observações, não ocorrendo o mapeamento dos elementos presentes no terreno. Isto impossibilitou a elaboração do produto previsto para esta técnica de pesquisa, que corresponde ao mapeamento das unidades familiares, onde deveriam constar os usos, os fluxos e as infra-estruturas presentes nesta. Disto, se percebe tanto a importância das leituras espaciais na escala da unidade habitacional para a compreensão da moradia na escala do lote, como a sobrecarga da Visita 3, por conta não somente da quantidade de técnicas nela aplicadas, como ainda do tempo de duração destas. Recomenda-se que nas replicações do arranjo, a leitura espacial na escala da unidade habitacional seja realizada na visita 4, cujo tempo de duração foi inferior ao da visita 3.

Outra modificação relevante diz respeito aos mapas afetivos, nos quais, segundo planejado, deveria ter havido a elaboração de uma *escala likert* a partir de dimensões emergidas por meio da entrevista narrativa. No entanto, tal procedimento não foi possível de ser realizado, pois em nem todas as entrevistas narrativas era possível identificar dimensões afetivas. Por conta disso, a elaboração da escala estaria baseada na representação dos significados da moradia para parte da amostra, podendo haver aqui uma imposição dos significados identificados para a outra parte, que não havia demonstrado tais dimensões. Desta forma, optou-se por não inserir a escala na aplicação dos mapas afetivos, tendo sido realizados nestes apenas as questões abertas.

A solução para este problema seria a aplicação de um pré-teste do mapa afetivo, conforme proposto por Bomfim. No entanto, no contexto deste arranjo metodológico, não se recomenda tal feito, uma vez que isto resultaria na realização de uma nova visita, já que a Visita 3, conforme exposto anteriormente, já possui uma sobrecarga de técnicas. Tendo em vista que a inexistência de tal escala não impossibilitou a compreensão das dimensões subjetivas, recomenda-se a supressão desta nas futuras aplicações do método. Somando esta modificação no mapa afetivo àquelas adequações realizadas ainda quando do planejamento do arranjo metodológico, percebe-se que a técnica aplicada é muito diferente daquela proposta por Bomfim (2008): ao invés do desenho,

se utilizam fotografias; ao invés de apenas uma imagem, são produzidas várias; ao invés da aplicação de um questionário, é feita uma entrevista semi-estruturada; ao invés da elaboração e aplicação de uma escala *likert*, esta é suprimida. No entanto, mesmo diante deste grande volume de adequações, percebemos que a técnica tal qual foi aplicada possibilitou a apreensão das dimensões subjetivas dos sujeitos, sendo este o objetivo do instrumento original proposto por Bomfim (2008), não tendo havido prejuízos para a compreensão intentada pelo arranjo metodológico.

Dos diversos ajustes realizados na metodologia, explicitados acima, surge um novo desenho de arranjo metodológico, conforme apresentado no quadro 18.

**Quadro 18 – Arranjo metodológico redesenhado.**

<b>Etapas</b>	<b>Atividades</b>	<b>Visitas</b>	<b>Instrumentos Investigativos</b>
<b>Etapa 1</b> <b>Escala da Comunidade</b>	Coleta de Dados	Visita 1 Contactar	Leitura Espacial (LEC)
			Formulário e/ou Levantamento de Dados
	Tratamento e Análise dos Dados da Visita 1		
<b>Seleção dos Entrevistados</b>			
<b>Etapa 2</b> <b>Escala da Unidade Habitacional</b>	Coleta de Dados	Visita 2 Aproximar	Report ou Acordo Inicial
		Visita 3 Conhecer	Entrevista Narrativa
			Levantamento Físico da Edificação
	Tratamento e Análise dos Dados da Visita 3		
	Coleta de Dados	Visita 4 Aprofundar	Leitura Espacial (LEUH)
Entrevista Semi-Estruturada com Uso de Fotografias. Entrevista Semi-Estruturada de Fechamento			
Tratamento e Análise dos Dados da Visita 4			

**Fonte: Elaborado pela autora.**

Conforme pode ser observado, além do ajuste das técnicas de coleta de dados, houve uma adequação na ordem dos procedimentos de tratamento e análise dos dados, agora realizados visita a visita. Recomenda-se que para tais procedimentos em futuros estudos, sejam seguidas as ações realizadas na experiência desta pesquisa, explicitadas nos tópicos 4.2 e 4.4, por meio das quais puderam ser elaborados os produtos previstos para cada técnica.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo que foi explicitado ao longo deste trabalho, acredita-se na eficácia do arranjo metodológico produzido, como metodologia capaz de possibilitar a compreensão das moradias rurais, abrangendo o conjunto dos aspectos que lhes são inerentes e a complexa rede de relações que lhes integra. A utilização deste método em futuros estudos possibilitará o estabelecimento de análises comparativas entre as moradias rurais das diversas regiões brasileiras, uma vez que a compreensão destas tenha se dado a partir de procedimentos padronizados, elaborados nesta pesquisa. Este quadro, por sua vez, da diversidade dos contextos, dos modos de fazer, das feições e dos usos, contribuirá para que as futuras políticas voltadas para a moradia rural possam considerar tal heterogeneidade, desenvolvendo estratégias mais adequadas aos meios.

Ao mesmo tempo, ainda que o desenvolvimento do arranjo apresentado nesta pesquisa, tenha tido como foco as moradias das zonas rurais, futuros estudos poderão experimentá-lo em outros contextos, como o urbano e o litorâneo, observando a sua eficácia para tais casos e, se necessário, promovendo os devidos ajustes. Caso se confirme como um padrão metodológico, a contribuição desta pesquisa terá se dado para além das suas pretensões, uma vez que os estudos que busquem a compreensão da moradia, em qualquer contexto, poderão ser desenvolvidos por meio dos mesmos procedimentos. E isto poderá ser feito independente da delimitação do objeto de estudo: seja moradias de determinada classe social, de certa categoria profissional, de determinado lugar. Seja a moradia de mercado, ou a moradia autoconstruída. Isto, relembrando, caso futuros estudos detectem a eficácia do método aqui desenvolvido para outros contextos.

Considerando as partes do arranjo desenvolvido, por meio deste trabalho pôde-se perceber ainda a contribuição de cada técnica de pesquisa para a compreensão de determinados aspectos da moradia. Desta forma, estudos de caráter mais específicos poderão se basear neste trabalho para definir os modos como serão empreendidos.

Em relação à sistematização dos aspectos da moradia, deve ser ressaltado que o diagrama das relações teve como base o caso estudado nesta pesquisa. Tais relações não se constituem, *a priori*, como uma regra: em outros contextos, em outros casos, os

aspectos da moradia podem estar inter-relacionados de modos diferentes. Por conta disso, recomenda-se que os futuros estudos que utilizem o arranjo metodológico aqui desenvolvido empreendam o redesenho do diagrama de relações tendo como base as realidades estudadas em cada caso. Se isto for feito, posteriormente poderão ser percebidas aquelas relações que se constituem como um padrão, e aquelas que variam de acordo com os contextos.

No que diz respeito à compreensão das moradias da Lagoa Grande, consequência da aplicação do método desenvolvido, puderam ser percebidas as rupturas e as continuidades entre estas e a compreensão da moradia presente na literatura científica de até então. Tais rupturas devem ser investigadas, com o intuito de aprofundar as suas causas e características, para que a partir disso possam ser desenvolvidas as propostas para as moradias rurais. Apesar de tudo isso, é preciso ressaltar que o arranjo metodológico aqui desenvolvido não corresponde a um objeto fechado, e encontra-se aberto a contribuições.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADEODATO, Marise Tissyana Parente Carneiro; LIMA, Marcondes Araújo. Comunidade rural sustentável no sertão nordestino. Caso: Barra do Bento-CE. In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, X, 2004, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANTAC, 2004.
- ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário ilustrado de arquitetura.** São Paulo: ProEditores, 1997-1998. Vol. 1 (A à I). 1ª Reimpressão. 316p.
- ARGAN, Giulio Carlo. **El concepto de espacio arquitectónico del barroco à nuestros días.** Buenos Aires: Nueva Vision, 1966.
- ARRUDA, Andréa Figueiredo. **O espaço concebido e o espaço vivido da moradia rural: políticas públicas x modo de vida camponês.** São Paulo: FAUUSP, 2007.
- AYMONINO, Carlo. **O significado das cidades.** Lisboa: Presença, 1984.
- BAKER, Geoffrey H. **Análisis de la forma: Urbanismo e Arquitetura.** Nalcapan: Gustavo Gili, 1989.
- BAPTISTA FILHO, Olavo. **A fazenda de café em São Paulo.** Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1952. (Documentário da vida rural, 2).
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George (editores). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2002.
- BOHADANA, Ingrid; SATTLER, Miguel Aloysio. Avaliação ambiental de protótipo de habitação de interesse social rural, construído com fardos de palha, terra e cobertura verde. In: Encontro Latino-Americano sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis, 2, 2007, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: ANTAC, 2007.
- BOMFIM, Zulmira Áurea. Afetividade e Ambiente Urbano: Uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. In: PINHEIRO, J. Q; GUNTHER, H. (Orgs.). **Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.
- BONDUKI, Nabil Georges. **Origens da Habitação Social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria.** São Paulo: Estação Liberdade ; FAPESP, 1998. 342p.
- BORGES, Amadja Henrique; MEDEIROS, Cecília Marilaine Rego de Medeiros; CERQUEIRA, Maria Cândida Texeira de. Redesenhando com o MST o habitat da Reforma Agrária. In: Congresso Internacional Sustentabilidade e Habitação de Interesse Social, 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: [s.n], 2010.
- BRASIL. Ministério das Cidades. **Caracterização dos Tipos de Municípios.** Brasília, DF, 2008. (a).
- BRASIL. Ministério das Cidades. **Déficit Habitacional no Brasil 2006.** Brasília, DF, 2008. (b).

BRASIL. Ministério da Integração. Secretaria de Políticas de Desenvolvimento Regional. **Nova Delimitação do Semi-Árido Brasileiro**. Brasília, DF, [2005?]

CALDEIRA, Clóvis. **Fazendas de cacau na Bahia**. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1954. (Documentário da vida rural, 7).

CAMURÇA, Ana Paula Sales Andrade; LIMA, Marcondes Araújo. Habitação rural sustentável na caatinga. In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, 13, 2010, Canela. **Anais...** Canela: ANTAC, 2010.

CARDOSO, Daniel Ribeiro. **Desenho de uma poiesis**: comunicação de um processo coletivo de criação na arquitetura. São Paulo: PUC-SP, 2008.

CASTELNOU, Antonio Manuel Nunes. Sentindo o espaço arquitetônico. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 7, p. 145-154, jan/jun 2003.

COELHO, Antenor. **Habitação popular**: para refletir e agir. Sobral: UVA, 2007.

COLETTI, Mariana Nogueira Barbosa Franco; REZENDE, Taully Mayara Tonatto; YUBA, Andrea Naguissa; MILANI, Ana Paula da Silva. Adequação do projeto de habitação rural ao perfil de seus moradores em assentamentos de ocupação recente. In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, 13, 2010, Canela. **Anais...** Canela: ANTAC, 2010.

CONSIGLIERE, Victor. **As significações da arquitectura - 1920-1990**. Lisboa: Estampa, 2000.

COSTA, Írio Barbosa da; MESQUITA, Helena Maria. **Tipos de habitação rural no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1978.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa Qualitativa**: métodos qualitativos, quantitativos e misto. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2001.

CRUZ, Andrea Borges de Souza; AMIM, Rodrigo Rosa; FERREIRA, Thiago Lopes; CECCHETTI, Mariana. Estudos para implantação de assentamentos rurais sustentáveis: Alvorada do Gurguéia e Canto do Buriti - Piauí. In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, X, 2004, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANTAC, 2004.

CRUZ, Carla; RIBEIRO, Uirá. **Metodologia Científica: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: Axcel Books, 2004.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. Alguns aspectos sociais da habitação rural no Brasil. In: **PROBLEMAS de Habitação Rural**. Rio de Janeiro: Serviços de Informação Agrícola, 1960. (Estudos Brasileiros, 13).

EGAS, Leonardo; INO, Akemi. Avaliação do ciclo de vida de um sistema de cobertura alternativo em madeira de Pinus mais sustentável para habitação social. Caso assentamento rural Pirituba II. In: Encontro Latino-Americano sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis, 2, 2007, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: ANTAC, 2007.

EGAS, Leonardo; FARIA, Obede Borges; SIMÕES, Diego Balcom. Processo de mecanização parcial da produção de adobe para construção de habitações sociais em assentamento rural. In: Encontro Latino-Americano sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis, 2, 2007, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: ANTAC, 2007.

ELALI, Gleice Azambuja. Mais do que paredes: algumas considerações sobre aspectos subjetivos da habitação. In: Congresso Ibero-Americano de Habitação Social, 1, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, [s.n.], 2006.

FARIA, Obede Borges; SILVA, Fernando; INO, Akemi. Arquitetura e construção com terra, como alternativa mais sustentável para produção de habitação de interesse social rural. In: Congresso Iberoamericano de Habitação Social, 1, 2006, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: [s.n], 2006.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Olhar Periférico: Informação, linguagem e percepção ambiental.** São Paulo: USP, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa.** Curitiba: Positivo, 2004a.

FERREIRA, Thiago Lopes. Planejamento espacial em um assentamento rural. In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, X, 2004, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANTAC, 2004b.

FLICK, Uwe. **Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa.** Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 3.Ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GODOI, C. K.; MATTOS, P. L. C. L. Entrevista Qualitativa: Instrumento de pesquisa e evento dialógico. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. **A Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos.** São Paulo: Saraiva, 2007. (cap. 10).

GODOY, Arilda Schmidt. Estudo de Caso Qualitativo. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. **A Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos.** São Paulo: Saraiva, 2007. (cap. 4).

HEREDIA, Beatriz Maria Alasia de. **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Estudos sobre o Nordeste, 7).

HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; KUHNEN, Ariane. **Percepção e Representação Ambiental - Métodos e técnicas de investigação para a educação ambiental.** In: PINHEIRO, José de Queiroz; GÜNTHER, Hartmut. (org). *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. (p. 181-216).

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LEMOS, Carlos. **História da casa brasileira**. Repensando a história. São Paulo: Contexto, 1996.

LESSA, Edna Maria de Matos; SILVA, Ricardo Dias. Desenvolvimento de Sistema Construtivo para Habitação Rural em Madeira de Reflorestamento. **Akrópolis**, Umuarama, v.11, no. 3, p. 180-183, jul/set., 2003.

MALARD, Maria Lúcia (coord.). **Avaliação pós-ocupação, participação de usuários e melhoria da qualidade dos projetos habitacionais**: uma abordagem fenomenológica com apoio do Estúdio Virtual de Arquitetura – EVA. Belo Horizonte: UFMG / HABITARE / FINEP, 2002. Relatório de Pesquisa.

MALARD, Maria Lúcia. **A árvore da habitação**. In: Colóquio Pesquisas em Habitação, 2, 2005, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: EAUFMG, 2005. Disponível em: <<http://www.mom.arq.ufmg.br/>>. Acesso em: 09/06/2011.

MARQUES, Caroline Salgueiro da Purificação; AZUMA, Maurício Hidemi; SOARES, Paulo Fernando. A importância da conservação da arquitetura vernacular. In: SIMPÓSIO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA URBANA, 2009, Maringá. **Anais...** Maringá: [s.n.], 2009. Não paginado.

MATEUS, Luis. **Conservação, Restauro e Reabilitação**: Princípios e métodos de levantamento. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa / Faculdade de Arquitetura, 2009.

MATOS, Fátima Loureiro de. **A habitação no Grande Porto**: Uma perspectiva geográfica da evolução do mercado e da qualidade habitacional desde finais do séc. XIX até ao final do milénio. Lisboa: Faculdade de Letras, 2001.

MEDEIROS, Cecília Marilaine Rego de. Arquitetura da terra e a transformação das referências de morada do MST. In: Congresso Internacional Sustentabilidade e Habitação de Interesse Social, 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: [s.n.], 2010.

MONTANER, Josep Maria. **A modernidade superada**: Arquitetura, arte e pensamento do Séc. XX. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

MOURA, Rosa; WERNECK, Débora Zlotnik. Ocupação Contínua Litorânea do Paraná: uma leitura do espaço. In: **Revista Paraná Desenvolvimento**. No. 99, p. 61-82, Curitiba, jul/dez 2000.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius loci**: Towards a phenomenology of architecture. Londres, Academy Editions, 1980.

PEREIRA, Renata Baesso. **Arquitetura, imitação e tipo em Quatremère de Quincy**. São Paulo: FAUUSP, 2008.

PICCINI, Andrea. **A casa de Babilônia**: estudo de habitação rural no interior paulista. São Paulo: Annablume, 1996. (Selo Universidade, 46).

PINA, Silvia Mikami; KOWALTOWSKI, Doris C.C.K.; SILVA, Daniel Rocha C.; FRANCISCO, Fernando Gavinelli. Rotinas e orientações para autoconstrução: em busca da

sustentabilidade social. In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, X, 2004, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANTAC, 2004.

PINHEIRO, José Q.; ELALI, Gleice A.; FERNANDES, Odara S. Observando a interação pessoa-ambiente: vestígios ambientais e mapeamento comportamental. In: PINHEIRO, José Q.; GÜNTHER, Hartmut. (org.). **Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

PIRES, Amílcar de Gil e. **Vilegiatura e lugar na arquitectura portuguesa**. Lisboa: FAUTL, 2008.

RAMOS, Maria Estela R.; CUNHA JR., Henrique. Taipa como processo construtivo: O ensino cooperativo entre comunidades, arquitetos e engenheiros. In: Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia, 34, 2006, Passo Fundo. **Anais...** Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2006.

RAPOPORT, Amos. **House, form and culture**. New Jersey, Prentice Hall, 1969. 146p.

RIPPER, Lucas Alves; SILVA, Augusto César Pinheiro da. Por políticas públicas habitacionais sustentáveis no Rio de Janeiro: materiais não convencionais em interatividade com as particularidades socioambientais do território carioca. **Terr@ Plural**, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p. 55-65, jan/jul 2009.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. Barcelona: Gustavo Gili, Barcelona, 1982.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985. (Coleção Espaços).

SCHMIDT, Carlos Borges. **Habitação rural na região do Paraitinga**. São Paulo, BPG, nº 3, outubro, 1949, p. 34-50.

SOARES, Raquel Nascimento; SILVA, Adeildo Cabral; PINHEIRO, José César. Tijolos de terra crua estabilizados com fibras de coco verde: Alternativa para habitação de interesse social. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 46, 2008, Rio Branco. **Anais...** Rio Branco: SOBER, 2008.

TREVISAN, Rosana (Coord.). **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2007.

VARGAS, Milton. **Metodologia da pesquisa tecnológica**. Rio de Janeiro: Globo, 1985.

VASCONCELOS, Ana Cecília Serpa Braga. **Casas cearenses** – estudo de caso: um lugar para sustentabilidade e identidade. Fortaleza: UFC, 2008.

VAZ, Lilian fessler. **Modernidade e moradia**: habitação coletiva no Rio de Janeiro séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

WEIMER, Gunter. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

**APÊNDICE A**  
**Material de Apoio**

## ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DA VISITA 1

### MOMENTO 1: Leitura Espacial na Escala da Comunidade (LEC)

Para realização da LEC, o pesquisador deverá estar de posse de fotografia aérea da localidade, GPS, câmera fotográfica, caderno de campo e tabela de coordenadas geográficas.

As observações deverão ser realizadas com o intuito de perceber:

- Os pontos de referência da localização da comunidade;
- Os elementos (naturais e construídos) da paisagem – relevo, recursos hídricos, campos de cultivo, edificações, etc.;
- Os usos e suas localizações, atividades e comportamentos desenvolvidos pelos moradores na ocasião da LEC, padrões de ocupação – aglomerado; disperso;
- As infra-estruturas presentes – vias, iluminação pública, pontos públicos de abastecimento de água, telefones públicos, pontos de acesso a transportes, etc.

À medida em que se observa, deve-se comparar o existente com o presente na foto aérea, apontando nesta aquilo que nela não consta.

Além disso, edificações, pontos de referência e infra-estruturas que não estejam presentes na fotografia aérea deverão ser mapeados com GPS, tendo suas coordenadas anotadas na tabela de coordenadas geográficas.

TUDO deverá ser registrado por meio de fotografias, e cada foto tirada deverá ser referenciada com o GPS, anotando os dados na tabela de coordenadas geográficas.

### MOMENTO 2: Formulário

Antes da aplicação do formulário, deve ser realizada uma breve apresentação do pesquisador e da pesquisa, perguntando ao participante se ele poderá responder algumas perguntas.

Caso haja a aceitação, iniciar os questionamentos tendo como base o formulário, anotando os dados neste.

Deve-se buscar a aplicação do formulário com o responsável pela moradia. Caso isso não seja possível, deverá ser indicada a posição na família do respondente (esposa, esposo, filho, pai, etc.), tendo como referência o responsável pela moradia.

Após a aplicação do formulário, o pesquisador deve agradecer ao respondente pela sua colaboração.

## ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DA VISITA 2

### MOMENTO 1: Acordo Principal (AP)

#### 1. APRESENTAÇÃO DA EQUIPE DE PESQUISADORES

- Nome, Formação e Ocupação dos membros da equipe pesquisadora.

#### 2. EXPLICAÇÃO SOBRE O MOTIVO DA VISITA

- Falar da pesquisa e da necessidade de saber do interesse do entrevistado de participar;
- Explicar que inicialmente, iremos informar a respeito da pesquisa e dos procedimentos para que, em seguida, o entrevistado possa decidir se deseja participar ou não da investigação;
- Explicar que, a qualquer momento da fala do pesquisador, o entrevistado poderá interromper para fazer perguntas e comentários.

#### 3. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

- Objeto de Estudo: Moradias rurais de agricultores familiares e camponeses.
- Motivo: São escassos os estudos que abordam a moradia popular rural; Compreensão necessária para que políticas públicas possam produzir moradias mais adequadas à realidade do campo e ao modo de vida das pessoas que ali moram.
- Intenção: Conhecer as casas da comunidade; Aprender com os moradores sobre as suas casas.
- Motivo da escolha da comunidade: municípios com algumas características importantes para a pesquisa; conversa com o articulador regional do Território Rural do Maciço de Baturité.

#### 4. APRESENTAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS

- Explicar que, além da atual, serão necessárias outras 2 visitas – 2 outros momentos em que os pesquisadores precisarão estar conversando com o entrevistado.
- Explicar **visita em curso (V2)**:
  - Apresentação da Pesquisa: conversa em curso
  - Leitura Espacial: será solicitado que o entrevistado mostre o seu terreno e a sua moradia.
- Explicar **próxima visita (V3)**:
  - Entrevista Narrativa: será solicitado que o entrevistado conte a história da sua casa.
  - Vestígios Ambientais e Mapeamento Comportamental: será preciso que o pesquisador observe por um momento as coisas que acontecem na casa do entrevistado.
  - Levantamento Físico da Edificação: será preciso que o pesquisador entre na casa do entrevistado, quando irá medir os cômodos e desenhar a moradia.

- Mapas Afetivos: será solicitado ao participante que tire fotografias da sua moradia.
- Explicar **última visita (V4)**:
  - Mapas Afetivos: conversa sobre as fotografias
  - Entrevista semi-estruturada: conversa sobre pontos que não ficaram claros ao pesquisador para tirar as dúvidas do pesquisador.

## 5. APRESENTAÇÃO DOS DIREITOS DO ENTREVISTADO

- Explicar que as informações obtidas, as conversas e os fatos presenciados pelos pesquisadores não serão compartilhados com outros participantes, e que a identidade do entrevistado será preservada.
- Explicar que o entrevistado não é obrigado a participar da pesquisa, sendo a participação voluntária e de livre e espontânea vontade.
- Explicar a importância da participação contínua (uma vez iniciada, que prossiga até o final da coleta de dados), mas colocar o direito do entrevistado de, a qualquer momento, interromper a sua participação.
- Explicar que o entrevistado poderá, a qualquer momento, interromper o pesquisado para fazer perguntas e dar opiniões.

## 6. SOLICITAR A PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

- Perguntar se o entrevistado compreendeu as informações fornecidas, se há alguma dúvida e se ele gostaria de fazer alguma pergunta ou algum comentário.
- Perguntar se o entrevistado concorda em participar da pesquisa.
- Se não: tentar perceber, sem a aplicação de perguntas diretas, o motivo da não aceitação; agradecer a conversa, o tempo disponibilizado e pelo fato de o entrevistado ter recebido a equipe de pesquisadores.
- Se sim: tentar perceber, sem a aplicação de perguntas diretas, o motivo da aceitação; agradecer o fato do entrevistado ter concordado em participar da pesquisa; passar para o Momento 2: Realização da Leitura Espacial.

## MOMENTO 2: Realização da Leitura Espacial, dos Vestígios Ambientais e do Mapeamento Comportamental

- Leitura Espacial:
  - Solicitar ao participante que mostre aos pesquisadores o terreno da sua casa;
  - Deixar que o participante mostre espontaneamente os elementos do terreno;
  - Registrar as informações fornecidas pelo participante no caderno de campo;
  - Observar:
    - A paisagem do terreno e do seu entorno: vegetação, relevo, sombras e insolações, edificações, equipamentos de trabalho, caminhos, demarcações de território, acessos, etc.;
    - Usos e atividades que estejam ocorrendo no momento da Leitura Espacial;
    - Usuários presentes no momento da Leitura Espacial: da família, de fora, trabalhadores, faixa etária e sexo;

- Edificações existentes: funções, distribuição no espaço, materiais, etc.;
  - Mapear com GPS os principais elementos do espaço;
  - Registrar tudo com anotações, fotografias e/ou croquis.
  - Terminadas as explicações feitas pelo participante, indagar a respeito de outros elementos presentes no espaço, por ele não mencionados.
- Vestígios Ambientais:
  - Elaborar croqui do espaço observado na folha de croqui, identificando unidade habitacional, dia da semana e horário de observação;
  - Observar indícios de ocupação humana (caminhos, pegadas, resquícios de atividades desenvolvidas, disposição de objetos e mobílias, etc.)
  - Observar estado de conservação da edificação (acabamentos, patologias, etc.)
  - Registrar os vestígios em notas na folha de croqui, relacionando, através de código alfabético, com o croqui elaborado.
- Mapeamento Comportamental:
  - Elaborar croqui do espaço observado na folha de croqui, identificando unidade habitacional, dia da semana e horário de observação; (pode ser utilizado o mesmo croqui dos vestígios ambientais);
  - Observar atividades que estejam acontecendo no momento e quem as realiza (pessoas da casa, pessoas de fora, faixa etária, sexo, papel na família, etc.);
  - Registrar as informações em notas na folha de croqui, relacionando, através de código numérico, com o croqui elaborado.
- Encaminhar para o Momento 3: Confirmação Final de Acordo.

### **MOMENTO 3: Confirmação Final de Acordo V2 (CFA.V2)**

#### **1. ENCAMINHAR PARA A PRÓXIMA VISITA**

- Informar que na visita seguinte será solicitado que o entrevistado mostre o seu terreno e a sua moradia, e que os pesquisadores desejam entrar na casa, medir os cômodos e desenhar a moradia.
- Agendar com o entrevistado o momento para a realização da visita seguinte (dia e hora).
- Agradecer a participação do entrevistado na pesquisa e a recepção da equipe de pesquisadores.

## ROTEIRO PARA A REALIZAÇÃO DA VISITA 3

### MOMENTO 1: Confirmação de Acordo Inicial V3 (CAI.V3)

#### 1. PROCEDIMENTOS DA VISITA

- Entrevista Narrativa: explicar que, inicialmente, será realizada uma entrevista a respeito da construção da casa.
- Vestígios Ambientais e Mapeamento Comportamental: explicar que, enquanto a entrevista estiver sendo realizada, os apoios estarão fazendo observações e anotações sobre atividades que estejam acontecendo na moradia.
- Levantamento Físico da Edificação: explicar que, após a entrevista, será solicitado ao participante que apresente a sua moradia aos pesquisadores, e que estes desejarão desenhar, medir e fotografar a sua moradia.
- Mapas Afetivos: explicar que, em seguida, será solicitado ao participante que tire fotografias da sua moradia.
- Perguntar ao participante se ele autoriza a realização de tais procedimentos.
- Solicitar autorização para permanecer com o gravador ligado, lembrando ao participante que este tem a liberdade de solicitar, a qualquer momento, a interrupção da gravação.
- Iniciar os procedimentos para a entrevista narrativa.

### MOMENTO 2: Realização da Entrevista Narrativa, dos Vestígios Ambientais e do Mapeamento Comportamental

- Os três procedimentos são aplicados em paralelo. O pesquisador principal conduz a entrevista narrativa, enquanto que o(s) pesquisador(e)s auxiliar(e)s conduz(em) o mapeamento comportamental e os vestígios ambientais.
- Entrevista Narrativa:
  - Iniciação: Inserir o tópico inicial. “Gostaria que o Sr. Me contasse a história da sua casa”;
  - Narrativa Central:
    - Acompanhar a narrativa com atenção, emitindo apenas sinais de encorajamento (“hum”, “sei”, “sim”).
    - Marcar, na ficha da entrevista narrativa a ser elaborada após a etapa de preparação, as questões abordadas pelo pesquisado.
    - Quando o narrador indicar que terminou a história, perguntar “O Sr. Gostaria de falar mais alguma coisa a respeito?”;
  - Questionamentos: conversar com o pesquisado a respeito dos tópicos presentes na ficha de entrevista narrativa, que não tenham sido abordados durante a fala do participante.
  - Fala Conclusiva: desligar o gravador. Anotar possíveis comentários informais emitidos pelo participante.

- Vestígios Ambientais:
  - Elaborar croqui do espaço observado na folha de croqui, identificando unidade habitacional, dia da semana e horário de observação;
  - Observar indícios de ocupação humana (caminhos, pegadas, resquícios de atividades desenvolvidas, disposição de objetos e móveis, etc.)
  - Observar estado de conservação da edificação (acabamentos, patologias, etc.)
  - Registrar os vestígios em notas na folha de croqui, relacionando, através de código alfabético, com o croqui elaborado.
- Mapeamento Comportamental:
  - Elaborar croqui do espaço observado na folha de croqui, identificando unidade habitacional, dia da semana e horário de observação; (pode ser utilizado o mesmo croqui dos vestígios ambientais);
  - Observar atividades que estejam acontecendo no momento e quem as realiza (pessoas da casa, pessoas de fora, faixa etária, sexo, papel na família, etc.);
  - Registrar as informações em notas na folha de croqui, relacionando, através de código numérico, com o croqui elaborado.
- O tempo de realização dos vestígios ambientais e do mapeamento comportamental será definido pelo tempo de duração da Entrevista Narrativa.
- Findada a entrevista narrativa, encaminhar para a realização do levantamento físico.

### **MOMENTO 3: Realização do Levantamento Físico da Edificação, dos Vestígios Ambientais e do Mapeamento Comportamental**

- Levantamento Físico:
  - Solicitar ao participante que mostre a sua casa e pedir autorização para tirar fotografias. Informar que os pesquisadores irão desenhar e medir a casa.
  - À medida em que o pesquisado mostra a sua casa, o gravador deverá permanecer ligado, com o intuito de captar comentários informais que possam ser emitidos neste momento.
  - Elaborar croquis de planta baixa da casa e do seu entorno imediato, e de elevações, vistas e cortes, na folha de croqui, identificando a unidade habitacional levantada.
  - Realizar as medições horizontais e verticais dos cômodos;
  - Localizar equipamentos e componentes nos croquis elaborados, conforme o caso;
  - Registrar, para cada cômodo, a disposição do mobiliário no croqui da planta baixa;
  - Registrar as características das esquadrias, dos vãos e dos elementos vazados no quadro de esquadrias, codificando-as no croqui da planta-baixa.
  - Registrar, para cada cômodo, os materiais e acabamentos no quadro de materiais.
  - Elaborar croquis das fachadas, realizando as medições horizontais e verticais.
  - Registrar fotograficamente a moradia, de modo que se possa perceber nas fotos:
    - A disposição do mobiliário;

- Componentes e equipamentos;
- Esquadrias, vãos, aberturas e elementos vazados;
- Materiais e acabamentos;
- Composição das fachadas.
- Mapear elementos existentes na área externa, com uso do GPS;
- Realizar levantamento dos anexos da moradia, quando houver.
- Vestígios Ambientais:
  - Repetir os procedimentos descritos no Momento 2.
- Mapeamento Comportamental:
  - Repetir os procedimentos descritos no Momento 2.
- O tempo de realização dos vestígios ambientais e do mapeamento comportamental será definido pelo tempo de duração do levantamento físico.
- Findados o levantamento físico, encaminhar para a introdução do mapa afetivo.

#### **MOMENTO 4: Introdução ao Mapa Afetivo**

- Solicitar ao participante que tire dez fotografias da sua moradia.
- Apresentar a câmera fotográfica ao participante, fornecendo instruções sobre o seu uso.
- Pedir para o participante testar o equipamento, batendo uma fotografia do que quiser.
- Explicar ao participante que a fotografia tem como tema a sua moradia, e que dentro deste tema, ele poderá fotografar o que quiser.
- Perguntar ao participante se ele tem alguma dúvida a respeito das fotografias ou do uso do equipamento.
- Agendar o momento de recolhimento do material, registrando esta informação no diário de campo.
- Encaminhar para a Confirmação Final de Acordo.

#### **MOMENTO 5: Confirmação de Acordo Final V3 (CAF.V3)**

- Findada a introdução ao mapa afetivo, informar ao participante sobre a realização da visita seguinte (*a priori*, a última), na qual pesquisador e pesquisado conversarão a respeito das fotografias tiradas pelo participante, e quando será realizada uma entrevista de encerramento.
- Em seguida, agendar com o entrevistado o momento para a realização da visita seguinte – dia e hora, registrando esta informação no diário de campo.
- Agradecer a participação do entrevistado na pesquisa e a recepção da equipe de pesquisadores.

## ROTEIRO PARA A REALIZAÇÃO DA VISITA 4

### MOMENTO 1: Confirmação De Acordo Inicial V4 (CAI.V4)

#### 1. PROCEDIMENTOS DA VISITA

- Mapas Afetivos: explicar que, inicialmente, será realizada uma conversa a respeito das fotografias tiradas pelo participante e que, na ocasião, o pesquisador fará algumas perguntas a respeito.
- Entrevista Narrativa: explicar que, após a conversa sobre as fotografias, o pesquisador fará uma entrevista com o pesquisado, para que o primeiro possa saber mais a respeito de alguns pontos.
- Perguntar ao participante se ele autoriza a realização de tais procedimentos.
- Solicitar autorização para permanecer com o gravador ligado, lembrando ao participante que este pode solicitar, a qualquer momento, a interrupção da gravação.
- Iniciar os procedimentos para o mapa afetivo.

### MOMENTO 2: Realização do Mapa Afetivo

- Apresentar ao participante as fotografias da sua moradia, por ele produzidas.
- Solicitar ao participante que escolha uma foto para falar a respeito. Marcar a foto escolhida em seu verso.
- Solicitar ao participante que ordene as demais fotos, da que mais gosta à que menos gosta. Registrar a ordem no verso de cada foto (1 = mais gosta / 9 = menos gosta).
- Solicitar ao participante que dê um nome à foto que escolheu.
- Perguntar o que ele quis mostrar na foto. Incentivar a fala do pesquisado, pedindo que fale mais a respeito.
- Perguntar ao participante o que ele sente quando observa a imagem produzida, que sentimentos a fotografia lhe transmite.
- Solicitar que o participante resuma o que sente em uma palavra.
- Perguntar ao pesquisado o que ele pensa a respeito da sua moradia.
- Aplicar as categorias na escala Likert.
- Pedir ao participante que compare a sua moradia com algo. Solicitar que explique a respeito desta comparação.
- Pedir que fale a respeito dos trajetos que realiza nas suas atividades cotidianas.
- Perguntar se o pesquisado participa de associações, movimentos, etc.
- Perguntar ao participante há quanto tempo mora naquela residência, qual o seu local de origem, quando chegou na localidade, o motivo da mudança e a renda familiar.
- Perguntar ao participante o que ele quis mostrar nas demais fotos, registrando a informação no verso de cada foto.
- Encaminhar para a entrevista semi-estruturada.

### **MOMENTO 3: Realização da Entrevista Semi-Estruturada**

Este roteiro é apenas preliminar, tendo em vista que o tópico-guia deverá ser elaborado após a realização da Visita 3. Os tópicos se referem aos dados que se deseja que o participante informe ao longo da coleta de dados. Desta forma, o tópico-guia definitivo será composto por aqueles tópicos que não tenham sido abordados ao longo da aplicação dos instrumentos anteriores.

- Histórico da moradia: Tempo de moradia na residência atual; Moradia anterior.
- Relações com localidades vizinhas: Em quais localidades são feitas quais atividades e com que frequência.
- Aspectos positivos e negativos da moradia, do ponto de vista do habitante;
- Fatores determinantes da localização e da orientação da moradia;
- Infra-estrutura: abastecimento e armazenamento de água, energia elétrica, destino de lixo e esgoto;
- Materiais construtivos: características; (fundação, estrutura, coberta, vedações, esquadrias, acabamentos, instalações); local de origem; modo de aquisição.
- Componentes: características; local de origem, modo de aquisição.
- Equipamentos: características; localização na casa;
- Evolução da construção: modificações realizadas e motivos; materiais utilizados;
- Condição fundiária: relação de posse / modo de aquisição; fatores determinantes da escolha do terreno;
- Planejamento da construção: responsável pela construção; como se deu a decisão do “desenho” da casa (foi imaginada antes?); ações que antecederam a construção;
- Gestão da construção: atores envolvidos, mão-de-obra; modo de tomada de decisões; alojamento da família durante a obra; relações de trabalho; origem dos recursos;
- Execução da construção: etapas de construção; atores envolvidos em cada etapa; tempo de construção;
- Manutenção da edificação: tipos e frequências das manutenções; modo de aquisição dos materiais; mão-de-obra utilizada; relações de trabalho;
- Encaminhar para a Confirmação Final de Acordo.

### **MOMENTO 4: Confirmação de Acordo Final V4 (CAF.V4)**

- Findada a realização da entrevista semi-estruturada, informar ao participante sobre a conclusão da realização das visitas.
- Relembrar ao pesquisado do seu direito de privacidade.
- Perguntar ao participante se gostaria de falar alguma coisa a mais sobre a moradia, fazer algum comentário ou pergunta.
- Agradecer, de modo enfático, a participação do entrevistado na pesquisa e a recepção da equipe de pesquisadores.



**FORMULÁRIO (verso)**

**V1**

**5. (Nome da pessoa) sempre trabalhou como (nome da profissão)? E (nome de outra pessoa)?**

Cód.	Sim	Não	5.1 O que era antes?	5.2 Quando foi isso?	5.3 Como foi que ele(a) deixou de trabalhar com (nome da atividade econômica antiga) para trabalhar com (nome da atividade econômica atual)?

**Roteiro para aplicação e preenchimento do formulário:**

- a) Deve-se buscar aplicar o formulário com o responsável pela moradia.
- b) Na questão 1.1, deve ser colocado um No. antes do nome do membro da família. Esse número corresponderá ao código a ser utilizado nas questões 4 e 5.
- c) Ainda na questão 1.1, o respondente do formulário deverá ser indicado com um asterisco, após o nome.
- d) no caso de impossibilidade de realizar o formulário com o responsável pela moradia, indicar o responsável conforme b) e o responsável na questão 1.4.
- e) A questão 1.4 deverá ser respondida da seguinte forma: neto, filho, pai, mãe, avó, avó, irmão, irmã, cunhado, cunhada, etc., em relação aos respondente.
- f) Em caso de desemprego, na questão 1.6 deverá constar a atividade econômica anterior e indicar (D)

**Observações:**





## FICHA DE VESTÍGIOS AMBIENTAIS E MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL

VESTÍGIOS AMBIENTAIS E MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL (fl. 1)

Folha de Croqui

# V3

Pesquisador:		Procedimento:	
UH:	Data:	Horário:	Visita:



## FICHA DE LEVANTAMENTO FÍSICO

LEVANTAMENTO FÍSICO (fl. 1)

**V3**

Folha de Croqui

Pesquisador:		Procedimento:	
UH:	Data:	Horário:	Visita:



# V3

## LEVANTAMENTO FÍSICO (fl. 3)

### Quadro de Materiais

#### FUNDAÇÃO

---

---

---

---

---

#### ABERTURAS

---

---

---

---

---

#### ESTRUTURA

---

---

---

---

---

#### ACABAMENTOS

---

---

---

---

---

#### VEDAÇÕES

---

---

---

---

---

#### EQUIPAMENTOS

---

---

---

---

---

#### COBERTA

---

---

---

---

---

#### OUTROS

---

---

---

---

---



## SÍNTESE DO PLANEJAMENTO PARA APLICAÇÃO DO ARRANJO METODOLÓGICO

### VISITA 1 – CONTACTAR (Escala da Comunidade)

TÉCNICAS DE PESQUISA	REGISTRO DE DADOS	INSTRUMENTOS / RECURSOS	PRODUTO GERADO PELO TRATAMENTO DOS DADOS
Roteiro para Visita 1			
Leitura Espacial na Escala da Comunidade	Croquis Fotografias Notas de Campo Coordenadas Geográficas	Roteiro para Leitura Espacial Tabela de Coordenadas Geográficas Foto satélite do local GPS Máquina Fotográfica Digital Caderno de Campo, Papel vegetal, Papel A4, Prancheta, Lápis, Trena, Nanquim	Masterplan da Comunidade Registro Fotográfico
Formulário / Levantamento de Dados	Formulário específico Notas de campo Pen drive Máquina Fotográfica	Roteiro para formulário Caderno de Campo	Banco de dados cruzados Famílias/Moradias

### VISITA 2 – APROXIMAR (Escala da Unidade Habitacional)

TÉCNICAS DE PESQUISA	REGISTRO DE DADOS	INSTRUMENTOS / RECURSOS	PRODUTO GERADO PELO TRATAMENTO DOS DADOS
Roteiro para Visita 2			
Reports	Notas de Campo	Roteiro para Report Caderno de Campo Prancheta Lápis	Aceite para participar da pesquisa Autorização para realização da pesquisa
Leitura Espacial 2	Croquis Fotografias Notas de Campo Coordenadas Geográficas	Roteiro para Leitura Espacial Tabela de Coordenadas Geográficas GPS Máquina Fotográfica Digital Caderno de Campo, Papel vegetal, Papel A4, Prancheta, Lápis, Trena, Nanquim	Masterplan dos Lotes

**VISITA 3 – CONHECER (Escala da Unidade Habitacional)**

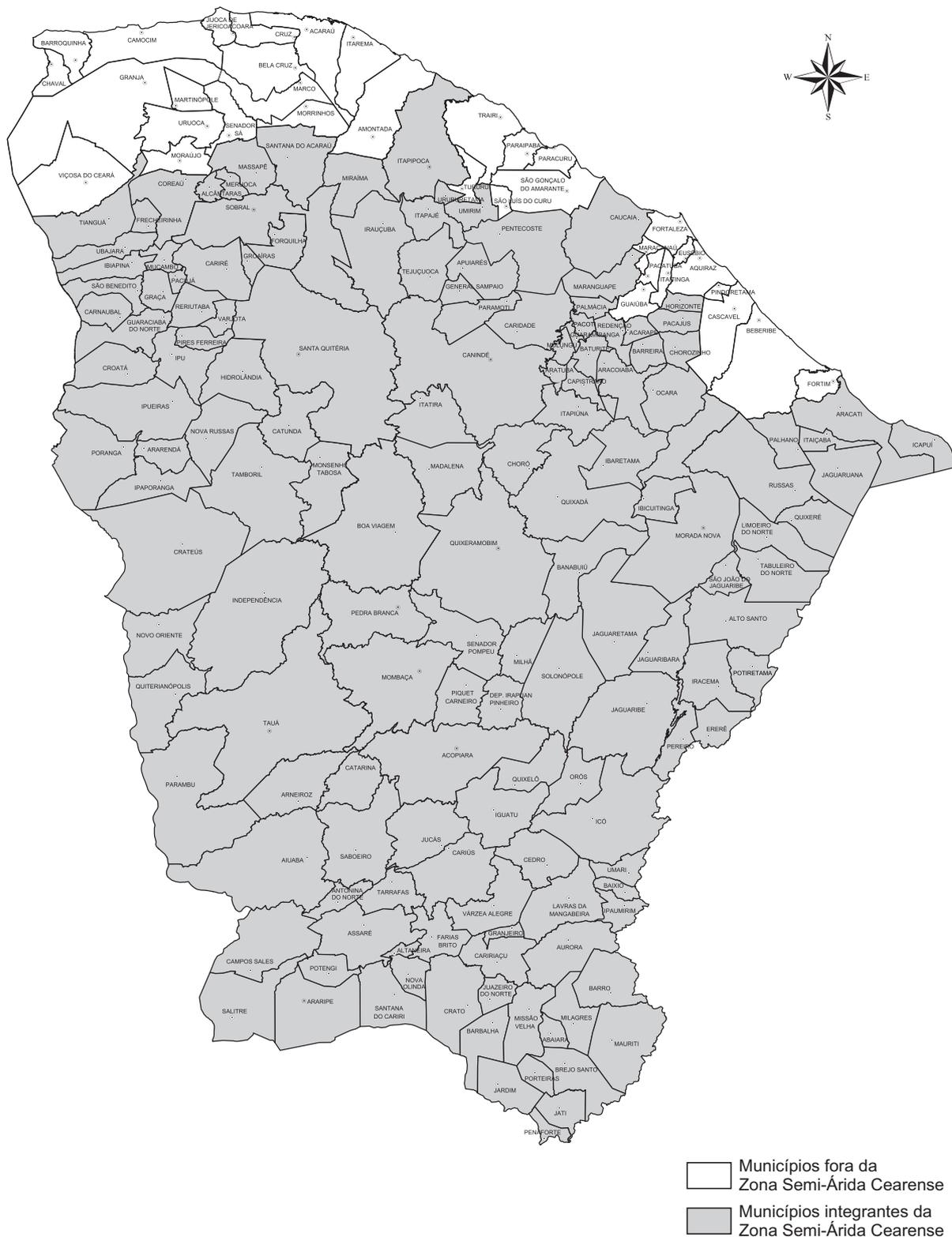
<b>TÉCNICAS DE PESQUISA</b>	<b>REGISTRO DE DADOS</b>	<b>INSTRUMENTOS / RECURSOS</b>	<b>PRODUTO GERADO PELO TRATAMENTO DOS DADOS</b>
Roteiro para Visita 3			
Entrevista Narrativa	Gravação Notas de Campo	Roteiro para Entrevista Narrativa Gravador Digital Caderno de Campo	Transcrição das Entrevistas Estrutura das narrativas
Vestígios Ambientais	Fotografias Notas de Campo	Quadro de Materiais, Equipamentos e Instalações Máquina Fotográfica Digital Caderno de Campo, Papel vegetal, Papel A4, Prancheta, Lápis, Trena, Nanquim	Mapa de atividades
Mapeamento Comportamental	Fotografias Notas de Campo	Máquina Fotográfica Digital Caderno de Campo, Papel vegetal, Papel A4, Prancheta, Lápis, Trena, Nanquim	
Levantamento Constr. e Arq.	Croquis Fotografias Notas de Campo	Roteiro para Levantamento Construtivo e Arquitetônico Quadro de materiais Quadro de equipamentos	Pranchas de Levantamento Físico (plantas baixas, quadros de áreas e modelação 3D) Registro do processo evolutivo
Introdução aos Mapas Afetivos	Fotografias	Instruções para fotos Máquina Fotográfica Digital	Fotografias tiradas pelos participantes

**VISITA 4 - APROFUNDAR (Escala da Unidade Habitacional)**

<b>TÉCNICAS DE PESQUISA</b>	<b>REGISTRO DE DADOS</b>	<b>INSTRUMENTOS / RECURSOS</b>	<b>PRODUTO GERADO PELO TRATAMENTO DOS DADOS</b>
Roteiro para Visita 4			
Mapas Afetivos	Fotografias Gravação Notas de Campo	Ficha de Entrevista Semi-Estruturada de Mapa Afetivo Fotografias tiradas pelos participantes Gravador Digital Caderno de Campo	Pranchas de Mapas Afetivos
Entrevista Semi-Estruturada	Gravação Notas de Campo	Ficha personalizada de Entrevista Semi-Estruturada Gravador Digital Caderno de Campo, Papel vegetal, Papel A4, Prancheta, Lápis, Trena, Nanquim	Transcrição das Entrevistas

**APÊNDICE B:**  
**Mapas gerados na**  
**delimitação do caso**

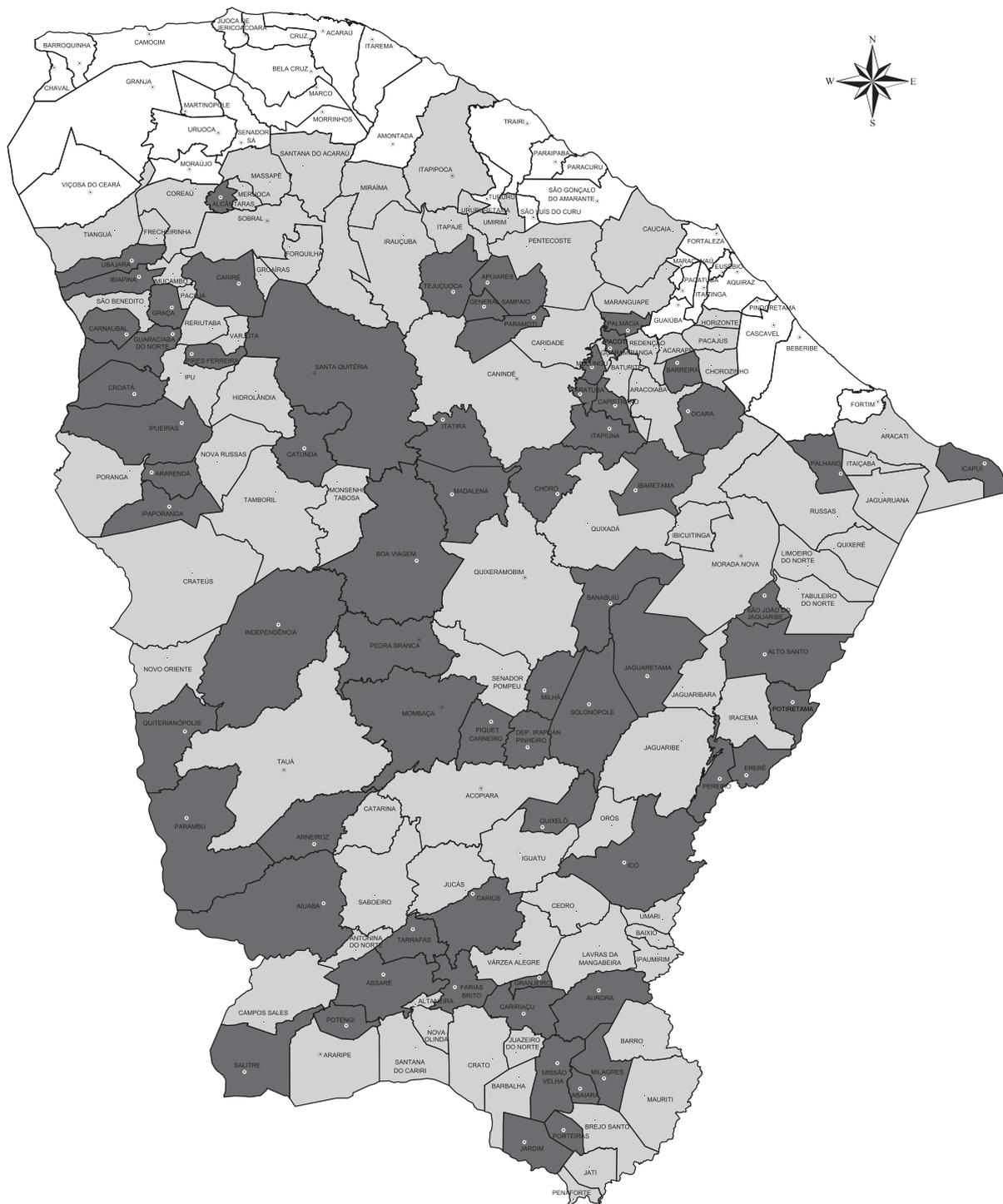
## Municípios integrantes da Zona Semi-Árida Cearense (ZSA)



**Fonte:** BRASIL / MI. Nova Delimitação do Semi-Árido Brasileiro. Brasília: MI, 2005.  
**Base de Dados:** IPECE. Ceará em Mapas. Disponível em: [www2.ipece.ce.gov.br/atlas](http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas). Acessado em 04.03.2010.  
**Base Cartográfica:** IPECE. Ceará em Mapas.

50 0 50 km  
 PROJEÇÃO UTM, ZONA 24 SUL, DATUM SAD 69.

## Municípios Rurais da Zona Semi-Árida Cearense (ZSA)



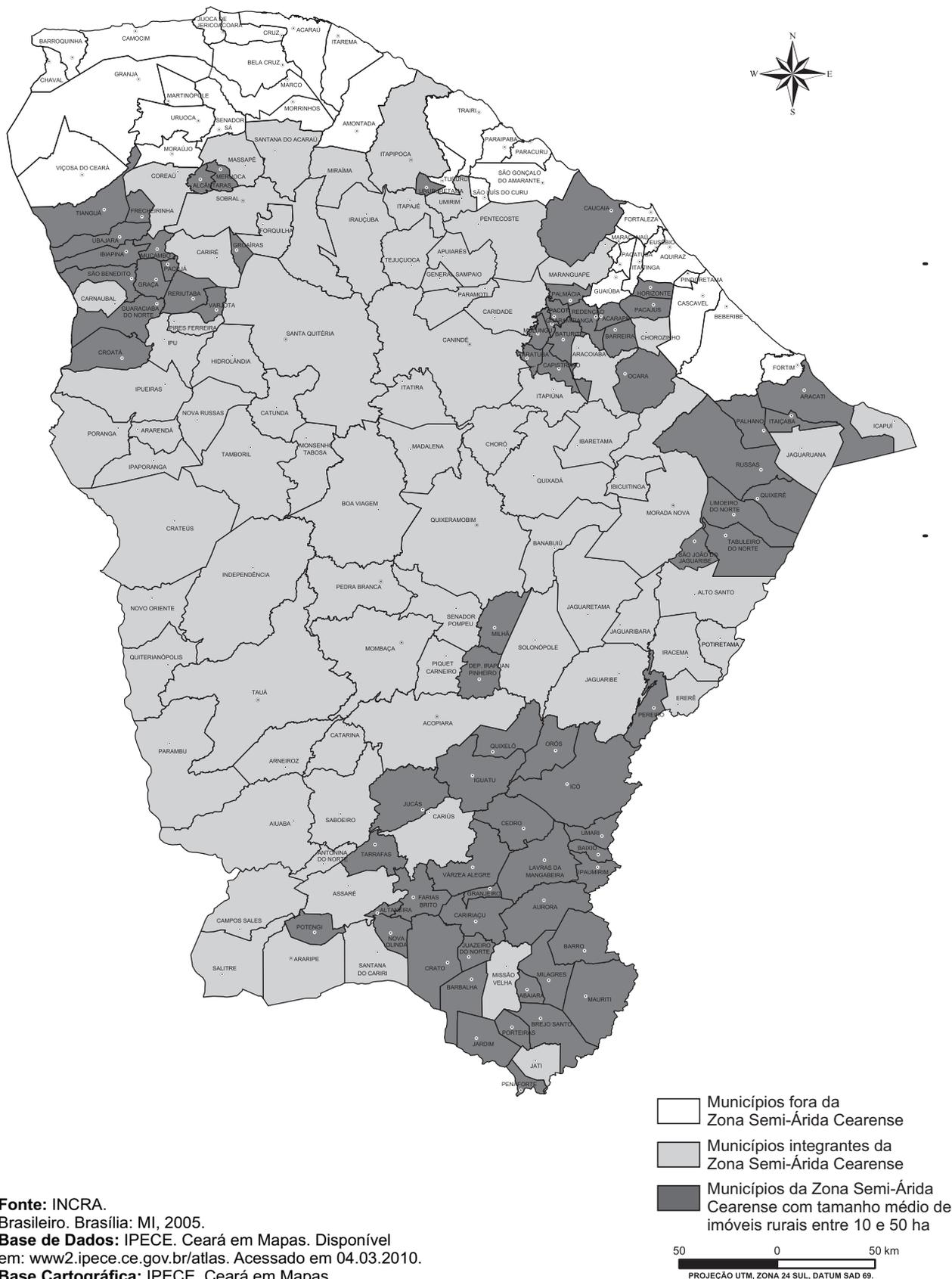
- Municípios fora da Zona Semi-Árida Cearense
- Municípios integrantes da Zona Semi-Árida Cearense
- Municípios Rurais da Zona Semi-Árida Cearense

Fonte: IBGE. Contagem da População. 2007.  
 Base de Dados: IPECE. Ceará em Mapas. Disponível em: [www2.ipece.ce.gov.br/atlas](http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas). Acessado em 04.03.2010.  
 Base Cartográfica: IPECE. Ceará em Mapas.

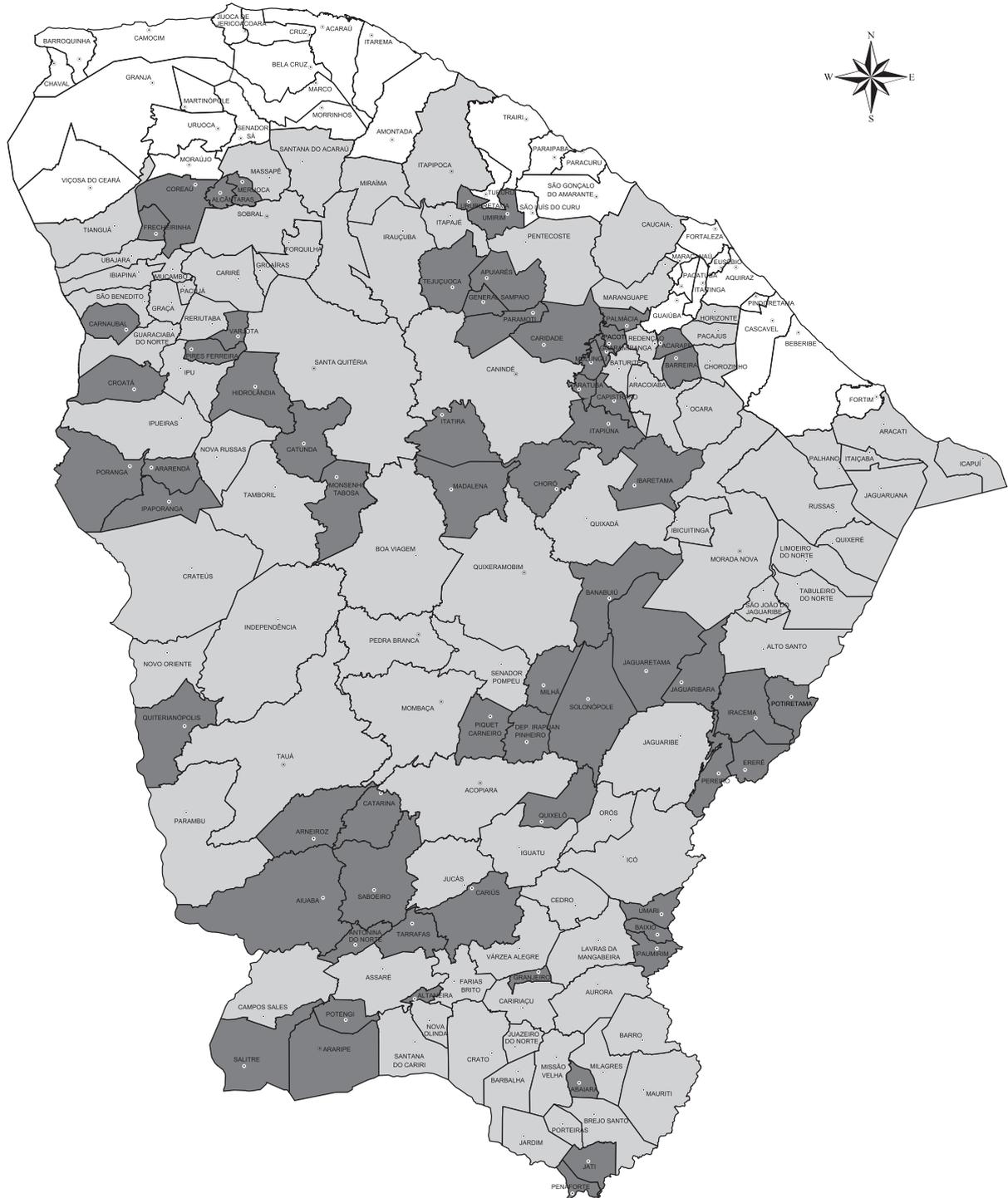
50 0 50 km  
 PROJEÇÃO UTM, ZONA 24 SUL, DATUM SAD 69.

## Tamanho Médio de Imóveis Rurais (2005)

### Municípios com menor tamanho médio de imóveis rurais (10 a 50 ha)



## Tipologia dos Municípios Municípios Tipo K

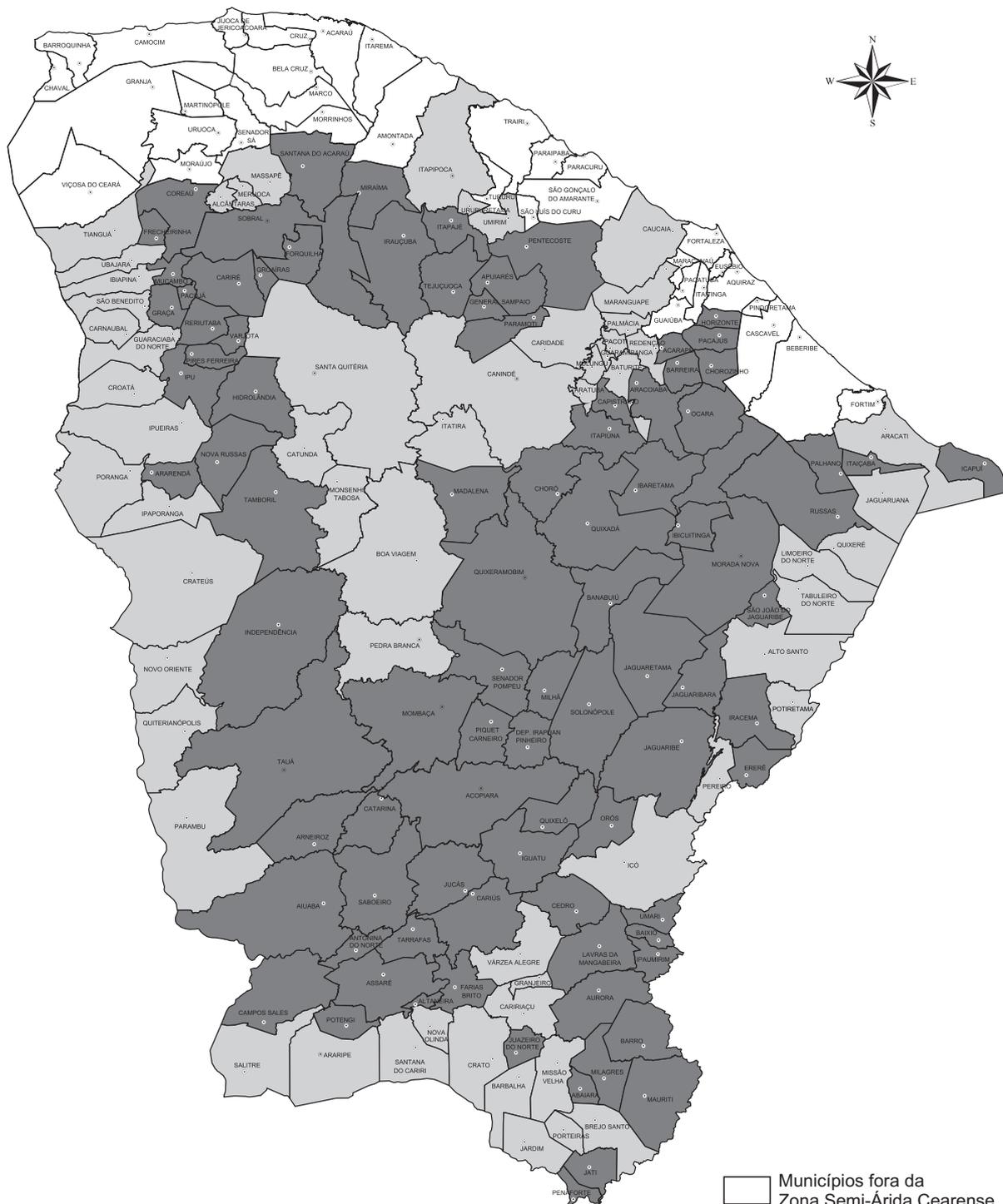


- Municípios fora da Zona Semi-Árida Cearense
- Municípios integrantes da Zona Semi-Árida Cearense
- Municípios da Zona Semi-Árida Cearense, do tipo K

**Fonte:** BRASIL / MCIDADES. Caracterização dos tipos de municípios. 2008.  
**Base de Dados:** IPECE. Ceará em Mapas. Disponível em: [www2.ipece.ce.gov.br/atlas](http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas). Acessado em 04.03.2010.  
**Base Cartográfica:** IPECE. Ceará em Mapas.



## Compartimentação Geo-Ambiental Municípios totalmente inseridos nas zonas de tabuleiros ou sertões

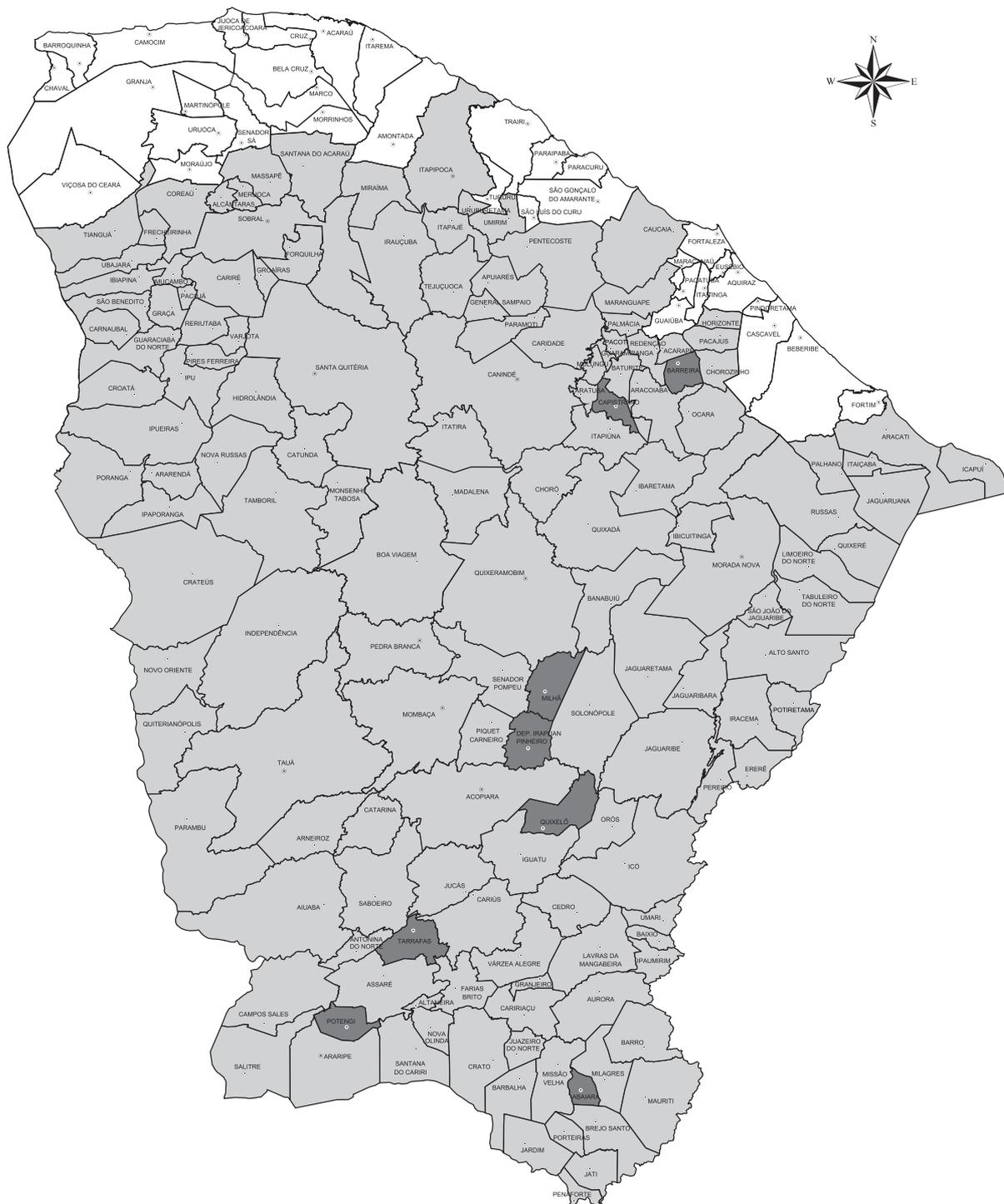


- Municípios fora da Zona Semi-Árida Cearense
- Municípios integrantes da Zona Semi-Árida Cearense
- Municípios da Zona Semi-Árida Cearense, totalmente inseridos nas zonas de sertões ou tabuleiros

Fonte: FUNCEME.  
 Base de Dados: IPECE. Ceará em Mapas. Disponível em: [www2.ipece.ce.gov.br/atlas](http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas). Acessado em 04.03.2010.  
 Base Cartográfica: IPECE. Ceará em Mapas.



## Interseção entre critérios



- Municípios fora da Zona Semi-Árida Cearense
- Municípios integrantes da Zona Semi-Árida Cearense
- Municípios que atendem aos critérios adotados

Fonte: Elaborado pela autora.  
 Base Cartográfica: IPECE. Ceará em Mapas.

50 0 50 km  
 PROJEÇÃO UTM, ZONA 24 SUL, DATUM SAD 69.

**APÊNDICE C**  
**Produtos gerados pelo tratamento e**  
**análise dos dados da Etapa 2**

## MAPEAMENTO DA LAGOA GRANDE



**Centro - Zona 1**



1 - Escola / 2 - Quadra da Escola / 3 - Antigo Posto de Saúde / 4 - Atual Posto de Saúde

**Centro - Zona 2**



1 - Igreja Católica

**Centro - Zona 3**



1 - Igreja Evangélica / 2 - Campo de Futebol

**Cipó**



**Vila das Flores**



**Vila do Justino**



Equip. Prod. Particulares	Comércios	Equip. Sociais	Casas Pesquisadas	Casas Habitadas	Casas Vazias
---------------------------	-----------	----------------	-------------------	-----------------	--------------

## EXEMPLO DE TRANSCRIÇÃO CATEGORIZADA DA ENTREVISTA NARRATIVA

### CONTEXTO

#### SÓCIO-ECONÔMICO

##### perfis familiares

"eu nasci em Aracoiaba sô fí de lá, me criei lá, morei a vida toda lá."

##### trabalho e renda

"Eu já tô com cinquenta e oito anos de idade, toda vida eu trabalhei na agricultura."

#### AMBIENTAL

##### Relevo

##### Recursos hídricos

##### Clima

##### Vegetação

##### Paisagem

#### CULTURAL

##### hábitos e costumes

##### história de moradia

"eu nasci em Aracoiaba sô fí de lá, me criei lá, morei a vida toda lá."

"quando foi na gestão de 2000, iniciaram um açude lá, e a minha propriedade ficava na região do açude, né? E aí eu tive que sair de lá, fui indenizado por uma parte da terra, peguei a outra vendi..."

"A casa lá era tipo chalé, dessas que espalha a água... essa aqui é do tipo oitão, a gente chama oitão porque... se eu quiser levar essa casa até lá a extrema lá eu levo, né? e a chalé não, cê só vai pra frente ou pra trás, né? Aí lá era chalé. A primeira casa que eu construí foi um chalezinho. uma casinha de... oito milheiros de tijolo. Tijolo comum, num é desse tijolo hoje que a gente chama de tijolo furado, tijolo antigo, né? Lá era uma sala, um quarto, um corredor e uma cozinha. A primeira que eu construí, já a segunda, que essa aqui é a terceira, a segunda casa também era chalé. Era dois quarto, uma sala grande, dois quarto, uma área, sala de janta, uma cozinha e... um banheiro, e uma areazinha, e um quarto, uma dispensa onde eu tinha a forrageira. Lá era... oito compartimento, fora o banheiro. Lá também foi feito uma reforma. Quando eu peguei ela, ela só tinha... cinco compartimento. Aí eu aumentei mais três."

##### modo de vida

##### saber popular

#### ESPACIAL

##### Localização

##### Relação com entornos

##### Uso, ocupação e parcelamento do solo

##### Infraestrutura da localidade

### MODO DE FAZER

#### SITUAÇÃO FUNDIÁRIA

##### Relação de posse

"Eu tinha uma menina que já tava trabalhando aqui em Barreira, aí sempre eu passando aqui... fui... aí descobri esse terreno, aí fui... comprei"

"Porque foi assim, eu fui indenizado uma parte e a

**F027** Entrevista Narrativa 31.01.2011 09:00  
 Respondente: Seu João segunda-feira

outra eu vendi. A parte que eu vendi eu comprei o terreno..."

### Modo de aquisição

"Eu tinha uma menina que já tava trabalhando aqui em Barreira, aí sempre eu passando aqui... fui... aí descobri esse terreno, aí fui... comprei"

"Porque foi assim, eu fui indenizado uma parte e a outra eu vendi. A parte que eu vendi eu comprei o terreno..."

### Fatores de escolha

## PREPARO

### Decisão da construção

#### Definição do desenho

"A minha ansiedade era ajeitar a casa pra vir pra dentro, não pensei em como ela ia ficar! A minha preocupação era só ajeitar o canto pra botar tudinho dentro de casa, pronto! Num tive idéia, porque praticamente já tava tudo... eu já peguei o alicerce feito, né? Num tinha como dizer 'não, eu vou derrubar essa parte, vou botar prali' não, do jeito que tava, eu vim reformar agora"

"Naquele tempo eu aproveitei o principal que tinha e construí, o que foi feito foi que foi aumentada a altura dela, porque ela era baixa, debaixo desse piso aqui tem outro, né? Aí foi aumentado mais 30 centímetros, em cima, e fez um aterro em cima do outro cimento porque a água que vinha... entrava, batia lá na porta de trás"

"Ela foi definida porquê ela já estava, né? já estava em andamento, quer dizer que foi praticamente só uma reforma, não foi levantado 'vô levantá o alicerce, bora medir pra ver' não, chegemos aqui já tava, e agora? vô só reformar! Taí rachada que tem, foi tudo cortado, tudo emendado com cimento e ferro, foi feito o aumento e pronto, né? foi tudo piso, reboco e as porta..."

#### Atividades precedentes

"Botemo um bocado de móvel debaixo desse cajueiro e fiquemo hospedado ali na casa do vizinho."

"Primeiramente, eu contratei os operários, né, o pedreiro e o servente. Contratei e aí marquei o dia de começar 'rapaz vamo começar lá tal dia que eu vou encostar o material.' Aí em segundo eu comprei o material. Aí a casa veio deixar o depósito, veio deixar o material, e depois no dia que nós chegamos pra começar o material já tinha chegado também, né? Aí pronto, aí daí pra frente foi faltando um material, e a gente voltando de novo, né? Porque nunca a gente compra material pra num faltar 'rapaz, vai faltar telha, compra mais tanto! rapaz, vai faltar cimento, compra mais tantos sacos!' E assim foi, né?"

#### Recursos

"tudo foi com muito sacrifício... num tive ajuda de nada, num recebi nem um tijolo de prefeito nem de nada, tudo foi... com meu esforço, meu próprio esforço..."

"a indenização foi uma coisa, aí o restante do terreno eu vendi, né? Por exemplo, o meu terreno lá era pequeno, era cinco hectares. Aí eu fui indenizado a metade, né? a metade do terreno. E a outra metade eu vendi. Exatamente na outra metade é onde tinha os bens, que tinha uma casa quer dizer, tinha duas casas lá, que era a minha e a da menina. E tinha um cajueiral... Aí lá eu vendi e comprei esse aqui. Vendi, a parte que eu fiquei eu vendi, comprei esse aqui e comecei a construir. Quando eu recebi a indenização aí eu terminei de construir aqui, né, terminei de fazer a reforma aqui, e aí... foi preciso fazer cerca que num tinha e o resto do dinheiro eu apliquei no terreno."

## GESTÃO

### Tomada de decisões

#### Atores

"foi praticamente tudo, porque uns trabalhava na construção outros faziam a... tudo trabalhou, né, tudo... quando precisava comprar uma coisa ia na rua de qualquer maneira tudo cooperou, né?"

"Nós fazia a comida..." (Dona Fátima)

"o vizinho deu um... apoio, né? ajudou porque ele deu todo apoio a nós"

"fiquemos lá, ficou cozinhando lá... dormir, aquele quarto lá separado da casa a gente dormia lá... aí depois que nós cobrimos aqui, mesmo sem poste, na construção, ela as mulher dormia lá e nós vinha dormir aqui, os homens. Eu e o meu menino e os dois pedreiros nós dormia aqui."

#### Etapas da construção

"Botemo um bocado de móvel debaixo desse cajueiro e

fiqemos hospedados ali na casa do vizinho, fazendo a comida ali e eu trabalhando aqui mais o mestre, né?"

"Primeiramente, eu contratei os operários, né, o pedreiro e o servente. Contratei e aí marquei o dia de começar 'rapaz vamo começar lá tal dia. Que eu vou encostar o material.' Aí em segundo foi que eu fiz, comprei o material. Aí a casa veio deixar o depósito, veio deixar o material, e depois no dia que nós chegamos pra começar o material já tinha chegado também, né? Aí pronto, aí daí pra frente foi faltando um material, e a gente voltando de novo, né? Porque nunca a gente compra material pra num faltar 'rapaz, vai faltar telha, compra mais tanto! rapaz, vai faltar cimento, compra mais tantos sacos!' E assim foi."

### Tempo da construção

## TIPOLOGIA CONSTRUTIVA

### Materiais

"eu peguei já a alvenaria já de tijolo, né? mas embaixo, o alicerce mesmo era cheio de pedra."

"barro, somente. foi usado no reboco, misturado com cimento, foi usado na alvenaria que foi aumentada, né? somente, isso."

"foi o barro e a areia, a areia era mais longe, era do riacho que tem ali. mas o barro foi daqui pertinho. trazia de carroça."

### Técnicas

"Ela foi definida porquê ela já estava, né? já estava em andamento, quer dizer que foi praticamente só uma reforma, não foi levantado 'vô levantá o alicerce, bora medir pra ver' não, chegamos aqui já tava, e agora? vô só reformar! Taí rachada que tem, foi tudo cortado, tudo emendado com cimento e ferro, foi feito o aumento e pronto, né? foi tudo piso, reboco e as porta..."

"agora só que o que ficou em cima dela do que tinha... foi somente só o tijolo. O resto foi... o tijolo... só o tijolo! O resto tudo foi botado, viu? Que foi mudada a madeira todinha, a telha foi toda nova, telha velha foi toda tirada, madeira velha, tudo foi... pra num dizer que num foi usada madeira velha tem só essa linha aqui. Que era boa, só ela ficou, mas o resto foi tudo novo."

"A primeira coisa que foi feita foi tirada a coberta."

### Infraestruturas da UH

## FEIÇÃO

## EVOLUÇÃO DA FEIÇÃO

### Modificações

"banheiro, nós praticamente num tinha banheiro, tinha um banheirozinho... simples mesmo.. aí agora foi que... com dez anos foi que eu vim fazer uma reforma... vim fazer banheiro... e inda num tá nem pronto, não, inda tá em construção, né? inda num tá... como se diz realizada a reforma"

"agora eu reformei, porque eu tirei uma parede, modifiquei um banheiro, fiz o outro banheiro, tirei o banheiro dum canto e botei no outro, fiz uma alpendragem que não tinha lá fora,, fiz uma dispensa, aí agora houve uma modificação mas naquele tempo eu aproveitei o principal que tinha e construí"

"essa daqui quando eu construí ela tinha... cinco compartimento. Hoje tem... praticamente tem cinco, né, porque o que aumentou foi os alpendres. Eu num sei se pode botar, né, porque os alpendre num tinha. esse e o outro lá. E esse quartinho também não tinha, foi feito. e o outro lá, quer dizer que aumentou os dois alpendres, aumentou quatro! Né? e aumentou os dois banheiros que num tinha. Praticamente num tinha. Tinha um mas, praticamente num tinha."

"Eu já tô com cinquenta e oito anos de idade, toda vida eu trabalhei na agricultura. E aí a gente fica é uma vida difícil porque a gente peleja pra melhorar a casa da gente, porquê? Você mora numa casa num tem banheiro, chega uma visita, uma pessoa... como nós aqui mora em frente uma igreja, quando é dia de missa, noite de missa, quando dá fé chega um cordão de gente aqui 'Dona Fátima! Dá licença aí o banheiro!' Aí o jeito que tinha era o banheiro que a gente tinha. 'Pode entrar!' Mas sabendo que num tinha um banheiro apropriado pra pessoa... chega uma visita na casa da gente, a gente ficava acanhado, né? porque... não tinha um banheiro... era o que a gente tinha, tinha que servir, aí a gente tinha a idéia né, de melhorar pra quando chegar uma pessoa na casa da gente, a gente pelo menos... tá des preocupado com banheiro, né? que é o principal numa casa, né? E outra, o espaço também muito apertado... Porque a sala de janta aqui nossa, se chegar quando chegava gente assim... duas ou três pessoas mais a gente... se preocupava porque é tudo apertado, a cozinha também bem apertadinha aí eu... né? O alpendre, essa área aqui pega muito sol, né? Quer dizer, lá a outra área ali é uma área de sombra... quer dizer, a chuva, quando é numa época dessa que nós tamos de chuva, se não tiver um

alpendre aí a gente tem que tá todo tempo trancado dentro de casa, aí o alpendre já dá mais um espaço, né? pra por exemplo a gente se achar mais... confortável, né? Num é como aquele conforto... mas é mais ou menos, do interior é mais ou menos, né? que a gente chega, vem uma pessoa passando de bicicleta ou de moto, encosta e pronto pra passar a chuva, e o sol, né?"

**Linha do tempo**

"quando foi no dia 5 de julho... de 2001 aí nós entremos pra dentro dela. Aí de lá pra cá, trabalhamos, aí eu vim fazer outra reforma nela agora, com dez anos"

**Razão das modificações**

**TIPOLOGIA MORFO-ESPACIAL**

Implantação

Morfologia

Distribuição espacial

Setorização

Hierarquização

Interno / externo

Anexos

Preocupação estética

**USO**

**TIPOLOGIA FUNCIONAL**

Funções da moradia

Uso dos espaços

Domínios

Conforto

Flexibilidade

Disposição de mobília e objetos

Público / privado

**MANUTENÇÃO**

Preventiva

Corretiva

**SUBJETIVIDADE**

Afetos

Significados

Percepções

## EXEMPLO DE ESTRUTURA DA NARRATIVA

### TEXTURA DETALHADA

#### Tempo

Antes: moradia em Fortaleza

1984: Retorno à Lagoa Grande; retorno ao trabalho na roça; início da construção da casa.

2009 – Aposentadoria.

#### Lugar

Fortaleza – Pajuçara – Lagoa Grande

#### Motivos

Saída do emprego; Terra de herança;

#### Estratégias

Venda de produtos para comprar telhas;

Autoconstrução;

Construção evolutiva;

#### Habilidades

Construção em adobe

Produção de tijolos de adobe

### FIXAÇÃO DE RELEVÂNCIA

#### Acontecimentos Relevantes

O retorno à comunidade;

A herança da mãe: a terra;

A produção dos componentes;

O fato de ter construído a casa somente com a ajuda de parentes, sem contratação de mão de obra;

A ajuda do pai para conclusão da casa;

As modificações ao longo do tempo. A evolução da casa;

A condição de dormida do filho (em um quarto com acesso por fora da casa).

#### Centros Temáticos

O trabalho anterior (em Fortaleza) e o atual (na Lagoa Grande)

A história da família (os filhos que casaram, etc.)

### FECHAMENTO DA GESTALT

#### Começo

Condição anterior de moradia e de trabalho. Motivo de retorno à comunidade. Modo de aquisição da terra.

#### Meio

O processo construtivo: materiais, técnicas e atores. Problemas – incapacidade financeira de concluir a obra – e soluções – venda de produtos.

#### Fim

Confirmação do motivo da construção da casa e do retorno à comunidade.





## EXEMPLO DE PRANCHA DO MAPA AFETIVO

### IMAGEM ESCOLHIDA



### ESTRUTURA DA IMAGEM PRODUZIDA

Mapa Cognitivo (Estrutura da Moradia)

Mapa Metafórico (Expressão por analogia – objetos, por exemplo)

### SIGNIFICADO

#### Nome da foto

"Pode ser qualquer nome, né? Pronto, pois eu vou lhe dizer, pra mim é o nome de paz."

#### O que quis mostrar

"Eu quis mostrar que aqui num tava praticamente... terminado, pronto, né? O trabalho num tava concluído, né? É um canto que eu fiz, com muito gosto, porque atrai a sombra mas é uma sombra mais adequada, é uma parte onde a gente trabalha mais na casa, né? Sempre a gente tá mais presente lá porque é o canto onde a gente se envolve mais, né? No correr do dia, né?"

#### O que pensa da moradia

"Eu penso que, a nossa casa tá... por exemplo, pra localidade que nós mora e as nossas condições, eu acho que a minha casa tá superior à mim, né? Tá entendendo? Eu penso assim que eu... num merecia. A casa tá além de mim, né, porque... Pelas minhas condições, né? Eu me acho que minha casa, pra mim, é boa demais! Né?"

### QUALIDADE

#### Aspectos positivos e negativos

"Pra mim hoje ela tem tudo de bom! E o que tem de ruim nela é porque a frente dela, que é a entrada da casa, ficou do lado do sol, e aí quando é assim de dez pra onze horas, pra tarde, aí a frente aqui a alpendragem é meio desconfortável porque é sol direto, né? E outra também, fica num baixio, quando chove muito, se a gente num tiver cuidado a água vem muito e procurando a casa, né, só isso mesmo."

#### O que pensa da moradia

"Eu penso que, a nossa casa tá... por exemplo, pra localidade que nós mora e as nossas condições, eu acho que a minha casa tá superior à mim, né? Tá entendendo? Eu penso assim que eu... num merecia. A casa tá além de mim, né, porque... Pelas minhas condições, né? Eu me acho que minha casa, pra mim, é boa demais! Né?"

#### O que é a sua casa pro senhor?

"A minha casa pra mim é... é a continuidade da minha vida, é o meu conforto, né? Eu ando por todo canto, mas... aonde eu vou, se eu saio daqui e vou lá pra Aracoiaba, ou pra qualquer localidade, vou passar lá um mês ou dois, mas quando eu chego lá, de manhã quando é a tarde já tô pensando em voltar

pra casa. Né? Já tô pensando em voltar pra minha casa, aí..."

### SENTIMENTO

#### O que sente quando olha a imagem

"Quando eu olho pressa foto, (risos), agora eu vou lhe contar a verdade, quando eu olho pra ela, o que eu sinto, é assim um... porque... pra começar, eu fui reformar a casa por dentro, aí quando eu tava pensando em reformar por dentro, aí eu fui e imaginei 'ora, se eu for reformar por dentro e não fizer aqui uma alpendragem, uma área de serviço, num vai valer a pena porque fica sempre uma coisa apertada, que a gente nunca vai ter uma saída com conforto, toda vida é... pode ser a noite, pode ser no decorrer do dia, vai ser sempre uma coisa privada. Aí eu vou fazer porque qualquer maneira fica melhor, ficou melhor pra assentar as pilas pra ela... pro trabalho dela, lavar a roupa dela, né, que... era tudo... desorganizado, tudo desorganizado, e aí, eu pensei mas, praticamente na... na época que eu pensei em fazer eu num tava em condições, né? Mas aí eu fui e me submeti a uma coisa que me deixou feliz, sem poder eu fiz, e aí toda vida que eu olho, eu me lembro que... do arrocho que eu passei pra resumir esse trabalho, né? Graças à Deus tá resolvido!"

#### Síntese dos sentimentos

"Só com boa vontade, né?"

### METÁFORA

"Eu compararia minha casa com um ambiente de muita paz, muita alegria... muita... muito conforto, né?"

### SENTIDO

Interpretação dada pelo investigador à articulação de

sentidos entre as metáforas da moradia e as outras dimensões atribuídas pelo respondente – significado, qualidade e sentimentos.

### ORDENAMENTO DAS DEMAIS FOTOS

"Fica difícil, porque... eu praticamente em casa num tem nenhum canto assim que eu diga que eu num gosto. Tá entendendo? Mas tem sempre um né, que a gente usa mais pouco. Eu vou tirar o que eu gosto de usar mais... O alpendre... Os quarto das moças eu num gosto muito de tá lá não, viu?"

Foto 1: "Nessa daqui eu quis mostrar a alpendragem, né? A frente-da casa."



Foto 2: "É essa aqui eu quis mostrar a traseira da casa, né?"





## EXEMPLO DE TRANSCRIÇÃO CATEGORIZADA DO MAPA AFETIVO

### CONTEXTO

#### SÓCIO-ECONÔMICO

Perfis familiares

Trabalho e renda

#### AMBIENTAL

Relevo

Recursos hídricos

Clima

Vegetação

Paisagem

#### CULTURAL

##### Hábitos e costumes

"Participo do terço dos homens. Aqui só desse. Lá na Barreira eu participo da reunião da EMATERCE, né? Já assisti reunião no CENTREC, na EMATERCE, na EMBRAPA, já fui fazer visita na COOPERCaju, e aí... ai igreja a gente sempre vai também na missa lá na sede, né? E... segundo é o mercado, né? Aonde a gente faz as compras, casa veterinária, é assim."

##### História de moradia

##### Modo de vida

"Praticamente aonde eu visito mais é praticamente a igreja e o posto de saúde, somente."

"Eu sempre visito a sede do município, Barreira. É onde eu ando mais. Saindo de casa, é o canto que eu mais frequento é a sede do município, é Barreira, a cidade."

##### Saber popular

#### ESPACIAL

##### Localização

##### Relação com entornos

"Participo do terço dos homens. Aqui só desse. Lá na Barreira eu participo da reunião da EMATERCE, né? Já assisti reunião no CENTREC, na EMATERCE, na EMBRAPA, já fui fazer visita na COOPERCaju, e aí... ai igreja a gente sempre vai também na missa lá na sede, né? E... segundo é o mercado, né? Aonde a gente faz as compras, casa veterinária, é assim."

##### Uso, ocupação e parcelamento do solo

##### Infraestrutura da localidade

### MODO DE FAZER

#### SITUAÇÃO FUNDIÁRIA

Relação de posse

Modo de aquisição

Fatores de escolha

#### PREPARO

Decisão da construção

Definição do desenho

Atividades precedentes

Recursos

## GESTÃO

Tomada de decisões

Atores

Etapas da construção

Tempo da construção

## TIPOLOGIA CONSTRUTIVA

Materiais

Técnicas

Infraestruturas da unidade habitacional

## FEIÇÃO

### EVOLUÇÃO DA FEIÇÃO

#### Modificações

"Eu quis mostrar que aqui num tava praticamente... terminado, pronto, né? O trabalho num tava concluído, né? É um canto que eu fiz, com muito gosto, porque atrai a sombra mas é uma sombra mais adequada, é uma parte onde a gente trabalha mais na casa, né? Sempre a gente tá mais presente lá porquê é o canto onde a gente se envolve mais, né? No correr do dia, né?"

Linha do tempo

Razão das modificações

### TIPOLOGIA MORFO-ESPACIAL

#### Implantação

a frente dela, que é a entrada da casa, ficou do lado do sol, e aí quando é assim de dez pra onze horas, pra tarde, aí a frente aqui a alpendragem é meio desconfortável porque é sol direto, né?

Morfologia

Distribuição espacial

Setorização

Hierarquização

Interno / externo

Anexos

Preocupação estética

## USO

### TIPOLOGIA FUNCIONAL

Funções da moradia

#### Uso dos espaços

"Eu quis mostrar que aqui num tava praticamente... terminado, pronto, né? O trabalho num tava concluído, né? É um canto que eu fiz, com muito gosto, porque atrai a sombra mas é uma sombra mais adequada, é uma parte onde a gente trabalha mais na casa, né? Sempre a gente tá mais presente lá porquê é o canto onde a gente se envolve mais, né? No correr do dia, né?"

eu fui reformar a casa por dentro, aí quando eu tava pensando em reformar por dentro, aí eu fui e imaginei 'ora, se eu for reformar por dentro e não fizer aqui uma alpendragem, uma área de serviço, num vai valer a pena porque fica sempre uma coisa apertada, que a gente nunca vai ter uma saída com conforto, toda vida é...

pode ser a noite, pode ser no decorrer do dia, vai ser sempre uma coisa privada. Aí eu vou fazer porque qualquer maneira fica melhor, ficou melhor pra assentar as pias pra ela... pro trabalho dela, lavar a roupa dela, né, que... era tudo... desorganizado, tudo desorganizado, e aí, eu pensei mas, praticamente na... na época que eu pensei em fazer eu num tava em condições, né? Mas aí eu fui e me submeti a uma coisa que me deixou feliz, sem puder eu fiz, e aí toda vida que eu olho, eu me lembro que... do arrocho que eu passei pra resumir esse trabalho, né? Graças à Deus tá resolvido!"

**Domínios**

eu fui reformar a casa por dentro, aí quando eu tava pensando em reformar por dentro, aí eu fui e imaginei 'ora, se eu for reformar por dentro e não fizer aqui uma alpendragem, uma área de serviço, num vai valer a pena porque fica sempre uma coisa apertada, que a gente nunca vai ter uma saída com conforto, toda vida é... pode ser a noite, pode ser no decorrer do dia, vai ser sempre uma coisa privada. Aí eu vou fazer porque qualquer maneira fica melhor, ficou melhor pra assentar as pias pra ela... pro trabalho dela, lavar a roupa dela, né, que... era tudo... desorganizado, tudo desorganizado, e aí, eu pensei mas, praticamente na... na época que eu pensei em fazer eu num tava em condições, né? Mas aí eu fui e me submeti a uma coisa que me deixou feliz, sem puder eu fiz, e aí toda vida que eu olho, eu me lembro que... do arrocho que eu passei pra resumir esse trabalho, né? Graças à Deus tá resolvido!"

eu praticamente em casa num tem nenhum canto assim que eu diga que eu num gosto. Tá entendendo? Mas tem sempre um né, que a gente usa mais pouco. Eu vou tirar o que eu gosto de usar mais... O alpendre... Os quarto das moças eu num gosto muito de tá lá não, viu?"

**Conforto**

eu fui reformar a casa por dentro, aí quando eu tava pensando em reformar por dentro, aí eu fui e imaginei 'ora, se eu for reformar por dentro e não fizer aqui uma alpendragem, uma área de serviço, num vai valer a pena porque fica sempre uma coisa apertada, que a gente nunca vai ter uma saída com conforto, toda vida é... pode ser a noite, pode ser no decorrer do dia, vai ser sempre uma coisa privada. Aí eu vou fazer porque qualquer maneira fica melhor, ficou melhor pra assentar as pias pra ela... pro trabalho dela, lavar a roupa dela, né, que... era tudo... desorganizado, tudo desorganizado, e aí, eu pensei mas, praticamente na... na época que eu pensei em fazer eu num tava em condições, né? Mas aí eu fui e me submeti a uma coisa que me deixou feliz, sem puder eu fiz, e aí toda vida que eu olho, eu me lembro que... do arrocho que eu passei pra resumir esse trabalho, né? Graças à Deus tá resolvido!"

**Flexibilidade**

**Disposição de mobília e objetos**

**Público / privado**

**MANUTENÇÃO**

**Preventiva**

**Corretiva**

**SUBJETIVIDADE**

**Afetos**

eu praticamente em casa num tem nenhum canto assim que eu diga que eu num gosto. Tá entendendo? Mas tem sempre um né, que a gente usa mais pouco. Eu vou tirar o que eu gosto de usar mais... O alpendre... Os quarto das moças eu num gosto muito de tá lá não, viu?"

"Eu compararia minha casa com um ambiente de muita paz, muita alegria... muita... muito conforto, né?"

**Significados**

"A minha casa pra mim é... é a continuidade da minha vida, é o meu conforto, né? Eu ando por todo canto, mas... aonde eu vou, se eu saio daqui e vou lá pra Aracoiaba, ou pra qualquer localidade, vou passar lá um mês ou dois, mas quando eu chego lá, de manhã quando é a tarde já tô pensando em voltar pra casa. Né? Já tô pensando em voltar pra minha casa, aí..."

**Percepções**

"Eu penso que, a nossa casa tá... por exemplo, pra localidade que nós mora e as nossas condições, eu acho que a minha casa tá superior à mim, né? Tá entendendo? Eu penso assim que eu... num merecia. A casa tá além de mim, né, porque... Pelas minhas condições, né? Eu me acho que minha casa, pra mim, é boa demais! Né?"

## EXEMPLO DE TRANSCRIÇÃO CATEGORIZADA DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

### CONTEXTO

#### SÓCIO-ECONÔMICO

Perfis familiares

Trabalho e renda

#### AMBIENTAL

Relevo

#### Recursos hídricos

"A água da cisterna a gente usa somente pra tomar, só mesmo pra beber. E cozinhar. Ela tanto a gente bebe como cozinha, pronto. E a água da CAGECE aí é água pro banho, pra lavar louça, pra lavar roupa, pra consumo também de animais que aqui no nosso terreno nós num temos água, a água que a gente tem é essa, né? E aí... nós temos uma lagoa aqui mas a lagoa é privada, é dos proprietário maior, eles, praticamente usa a água só eles mesmo, a população pouco usa ela porque pouco... quase ninguém! Só serve pra eles mesmo! Que é sem acesso, né? A lagoa, então nossa água da CAGECE é pra tudo, é pra animal beber, é pra gente tomar banho, é pra lavar roupa, é pra lavar louça, muitas vezes até aguar um pé de planta que tem perto de casa, um canterio, uma coisa, né?"

Clima

Vegetação

Paisagem

#### CULTURAL

#### Hábitos e costumes

"A frente dessa casa, até eu hoje num tô, inda num sei qual é a frente que eu diga porque pra mim... por exemplo, a fogueira, toda vida que eu vou fazer uma fogueira de São João aqui que sempre a fogueira a gente faz em frente à porta da casa, né? Aí eu teimo mais ela que ela diz 'Cê faça a fogueira ali' eu digo 'eu faço aqui' pra mim a frente dela é aqui, né? Pra mim a frente dela é aqui, né? Eu considero que a frente dela seja aqui e aqui seja uma lateral, vamos supor um oitão, né?"

#### História de moradia

"quando eu me casei, em setenta e três, eu num tinha um canto pra morar, fui ser morador, fui morar mais o sogro, e aí depois fui morar num terreno arrendado, passei seis anos nesse terreno arrendado, graças à Deus desse terreno arrendado quando eu saí foi pra debaixo duma casinha minha mesmo, primeira que eu construí, e daí pra cá graças à Deus não precisou mais de ser morador de ninguém e vem só crescendo, né?"

Modo de vida

Saber popular

#### ESPACIAL

Localização

#### Relação com entornos

"Eu vou resolver outros problemas, eu vou resolver o negócio do banco, né? Aí tem que ir pra Barreira. Aí a gente vai, por exemplo, procurar uma correspondência, no correio, alguma carta que vem pra gente vai pro correio, vai pra Barreira. Eu vou assim comprar um medicamento, ou uma ração pra animal, eu vou pra casa veterinária. E aí eu tenho também um problema na justiça, num é graças à Deus problema criminal, é os documentos desse terreno, que eu comprei, fui enganado, tá com sete anos durante esses sete anos, praticamente agora nesse ano de dois mil e dez a minha ida na Barreira mais quase é por conta de resolver esse problema, né? A minha ida mais lá é essa, é só resolver esse problema."

"Baturité e Redenção, sempre vou mas é pouco. É mais uma passagem, né? Raramente eu vou em Redenção fazer assim... é mais é uma passagem, é difícil. Fui, na época que a EMATERCE não tinha escritório aqui na Barreira, aí não, eu ia pra Redenção, né? Mas aí depois

eles vieram atender aqui no município aí eu... minimizou a viagem da Redenção, né?"

Sobre Fortaleza: "Não, nunca tenho que ir pra lá não. Mas já houve, viu, uma vez que o médico mandou um exame pra mim fazer, uma perícia, no INSS de Fortaleza. Aí eu fui. Depois fui fazer um eletrograma, né? Em Fortaleza... três vezes que eu fui... a saúde, né?"

"Daqui de casa eu saio, eu vou no meu animal, no meu burro, na charrete, deixo no Antônio Diogo, de lá pego topic ou ônibus vou pra Baturité, volto, pego de novo e venho pra casa. Do contrário eu vou ali pros Côcos, o menino vai me deixar de moto, ali eu pego um ônibus, e vou."

"Barreira eu vou quase toda semana. Quase toda semana eu vou uma vez por semana. Baturité sempre é de mês e meio, passa dois meses, três meses..."

### Uso, ocupação e parcelamento do solo

#### Infraestrutura da localidade

## MODO DE FAZER

### SITUAÇÃO FUNDIÁRIA

#### Relação de posse

"E aí eu tenho também um problema na justiça, num é graças à Deus problema criminal, é os documentos desse terreno, que eu comprei, fui enganado, tá com sete anos durante esses sete anos, praticamente agora nesse ano de dois mil e dez a minha ida na Barreira mais quase é por conta de resolver esse problema, né? A minha ida mais lá é essa, é só resolver esse problema."

#### Modo de aquisição

"eu tô muito feliz mas sempre eu tenho uma preocupação, porque na época que eu comprei esse terreno, eu comprei muito vexado porque nós tinha que sair de lá que tava sendo desapropriado, e tinha um prazo determinado pra gente entregar, né? Porque já tava começando as obras e num tinha como ficar ninguém lá, tinha que sair. E aí eu quando foi pra mim comprar isso aqui foi um negócio assim muito aferventado, muito corrido, porque é aquele negócio, 'vamo olhar acolá!' 'não num gostei.' 'não, acolá é bom mas é assim.' E aí o que veio que eu gostei foi esse. E eu comprei, paguei logo, né, me avexei, paguei logo, o principal que era o documento eu num corri logo, conversei com o homem que me vendeu e ele disse que o documento num era no nome dele, tava no nome duma pessoa, mas que todo tempo que eu quisesse passar pro meu nome era aceito, e aí eu disse 'Doutor, mas eu quero lhe pagar, como é que eu faço?' Aí ele disse 'Não, sobre o pagamento, eu garanto o pagamento, eu faço um documento garantindo o pagamento.' Aí ele fez um documento garantindo o pagamento, eu vim exatamente construir a casa, passei 2011, 2002 mais ou menos organizando o terreno quando foi em 2003 eu fui pra passar a escritura. Aí ele foi e mandou disse que eu fosse no rapaz anterior que tinha sido o dono do terreno, que a escritura tava com ele, e já passava direto do nome do rapaz pra mim, eu fui, quando cheguei aí disse 'não tem escritura.' Aí eu 'e agora, rapaz, como é que é feito/' Aí ele disse 'não lá tem que ser feito pedido de usucapião.' E aí eu voltei pro doutor e disse 'Doutor lá não tem escritura.' 'Né possível, rapaz.' 'Tem não. Tem que ser feito pedido de usucapião.' 'O que é que precisa?' 'Precisa de dinheiro, advogado...' 'Aí o doutor me deu o advogado, o advogado pegou os dados tudinho, então eu tô na justiça de 2003, agosto de 2003, e até hoje eu tô esperando essa decisão, e eles num me dão decisão de nada, pronto, e aí eu venho sofrendo muito porque através do terreno eu vou procurar fazer um investimento no banco, o banco exige avalista. Aí avalista hoje é muito difícil porque quase todo mundo hoje é pendente, né? Aí fica aquela burocracia. E se eu tivesse pegado o meu documento eu fazia, num precisava de eu tá ocupando ninguém eu mesmo me responsabilizava, e aí o que eu venho sentindo mais é só isso. Porque hoje tá com sete anos e eles ficam prometendo, prometendo e num dão essa decisão nem decide."

#### Fatores de escolha

"Tinha outro que na verdade quando eu vim olhar terreno pra comprar aqui na Barreira, não foi esse. A dita pessoa que me informou um terreno, que sabia que tinha também esse pra vender, não me informou esse. Aí eu fui olhar outro terreno, muito bonzinho também, bom, lá... mas aí depois outra pessoa me informou esse e eu comprei mais esse porquê? Porque pra começar o outro não tinha muito acesso. Aí a minha mulher já é uma pessoa que num tem saúde, e lá no outro terreno não tinha muita comunicação, não ia carro lá, pra sair de lá na época do inverno tinha que sair dentro d'água, tinha que ter um... ou por dentro do mato, era sem acesso aí esse aqui eu achei o terreno mais central, com acesso à cidade, com acesso mais ao movimento, né? E aí eu fui e comprei."

### PREPARO

#### Decisão da construção

#### Definição do desenho

#### Atividades precedentes

## Recursos

### GESTÃO

#### Tomada de decisões

"Aqui eu tomei a decisão juntamente com o mestre porque o mestre que construiu essa casa, praticamente eu considero ele quase como um filho porque desde pequeno que ele trabalhou, começou a trabalhar comigo, trabalhou muito tempo aí cresceu, aí casou aí, como diz aquele ditado, ganhou o mundo, e aí aprendeu, aí por exemplo, até hoje o meu pedreiro que faz as minhas construções é ele, e aí eu discuto entre eu e ele. 'Rapaz, como é que nós vamos fazer isso?' Aí às vezes sai uma opinião minha, sai uma opinião dele também, né?"

#### Atores

Mesmas pessoas tanto na construção como na reforma.

"A instalação elétrica foi feita por outro, a pintura, parte de caiamento, de pintura, também não foi ele já foi outra pessoa, né?"

"Foi, foi contratado, foi pago."

#### Etapas da construção

##### Tempo da construção

Sobre a construção: "Aqui é o seguinte: foi mais ou menos um mês, ou mais, mas num foi, foi um mês, dentro do período de trinta dias."

"A reforma nós fizemos agora com dez anos depois, né? Não nove anos, porque a casa foi construída em 2001 e nós viemos fazer a reforma em dois mil e dez, né? Foi nove anos."

"A reforma foi quase um mês também, né? Foi quase um mês."

## TIPOLOGIA CONSTRUTIVA

### Materiais

"O que levou foi a gente... o tijolo hoje é o que tá mais... mais fácil, né? Porque pra se fazer uma casa de... vamos supor, de barro, a falha como a gente chama de madeira vai pegar muita madeira. E hoje, as madeiras pra você construir uma casa antiga, tá mais difícil a gente encontrar madeira, de que fazer uma casa de tijolo, né, porque... casa de tijolo economiza madeira, é menos madeira e mais fácil, né, porque... o material, por exemplo, a mão de obra também é menos, porque a casa de madeira, a gente tem que arranjar madeira, pra enxamear, lá vem toco, arranjar vara, pra envarar, tem que arranjar cipó, arame pra amarrar, depois tem que ajuntá uma multidão de gente pra encher, botar o barro de molho, pra fazer aquele enchimento do enxamiamento, né? Depois do enxamiamento aí vem o reboco, o reboco é muito difícil que nunca fica que nem uma casa de tijolo, fica sempre... e aí o mais fácil é o tijolo mesmo, né?"

### Técnicas

#### Infraestruturas da UH

Tem abastecimento de água, tem encanamento interno, tem caixa d'água, tem energia elétrica, tem fossa pro sanitário.

"A água da cisterna a gente usa somente pra tomar, só mesmo pra beber. E cozinhar. Ela tanto a gente bebe como cozinha, pronto. E a água da CAGECE aí é água pro banho, pra lavar louça, pra lavar roupa, pra consumo também de animais que aqui no nosso terreno nós num temos água, a água que a gente tem é essa, né? E aí... nós temos uma lagoa aqui mas a lagoa é privada, é dos proprietário maior, eles, praticamente usa a água só eles mesmo, a população pouco usa ela porque pouco... quase ninguém! Só serve pra eles mesmo! Que é sem acesso, né? À lagoa, então nossa água da CAGECE é pra tudo, é pro animal beber, é pra gente tomar banho, é pra lavar roupa, é pra lavar louça, muitas vezes até aguar um pé de planta que tem perto de casa, um canteiro, uma coisa, né?"

"Chega e já vai pra caixa, da caixa vai distribuir nas torneiras, né?"

"O lixo aqui a gente ajunta numa vasilha, toda segunda-feira tá passando um carro da prefeitura, né? O carro leva, né?"

"O esgoto, que é da água, tá saindo praticamente num encanamento pra fora, aí ela num tá... tá saindo como se diz avulso, ela sai lá na bica do cano e lá mesmo ela se consome a água no chão, né? O do sanitário tem o bojo da privada. O sumidor, né? A fossa."

## EVOLUÇÃO DA FEIÇÃO

### Modificações

#### Linha do tempo

Sobre a construção: "Aqui é o seguinte: foi mais ou menos um mês, ou mais, mas num foi, foi um mês, dentro do período de trinta dias."

"A reforma nós fizemos agora com dez anos depois, né? Não nove anos, porque a casa foi construída em 2001 e nós viemos fazer a reforma em dois mil e dez, né? Foi nove anos."

"A reforma foi quase um mês também, né? Foi quase um mês."

### Razão das modificações

## TIPOLOGIA MORFO-ESPACIAL

### Implantação

"Por causa do movimentado povo, né, movimento da estrada. Todo movimento é aí a casa da gente a gente sempre deixa ela mais à frente, pra ficar mais... com mais acesso ao movimento, né, porque a gente vê quem vai chegando, vê quem vai saindo, vê quem vai passando, né? Porque a gente mora nos cantos tem que tá sempre com cuidado quem é que tá chegando? Quem foi que chegou aí? Né? E aí pra gente modificar a frente, quer dizer, a pessoa que chegasse na casa, vamos dizer que ia chegar se escondendo, né? Porque já vinha por trás da casa, quer dizer num momento podia..."

"A frente dessa casa, até eu hoje num tô, inda num sei qual é a frente que eu diga porque pra mim... por exemplo, a fogueira, toda vida que eu vou fazer uma fogueira de São João aqui que sempre a fogueira a gente faz em frente à porta da casa, né? Aí eu teimo mais ela que ela diz 'Cê faça a fogueira ali' eu digo 'eu faço aqui' pra mim a frente dela é aqui, né? Pra mim a frente dela é aqui, né? Eu considero que a frente dela seja aqui e aqui seja uma lateral, vamos supor um oitão, né?"

### Morfologia

#### Distribuição espacial

#### Setorização

#### Hierarquização

#### Interno / externo

#### Anexos

#### Preocupação estética

## USO

## TIPOLOGIA FUNCIONAL

### Funções da moradia

#### Uso dos espaços

#### Domínios

#### Conforto

#### Flexibilidade

#### Disposição de mobília e objetos

#### Público / privado

## MANUTENÇÃO

### Preventiva

### Corretiva

## SUBJETIVIDADE

### Afetos

## Significados

### Percepções

"Eu tô muito satisfeito de ter concluído o sonho que eu tinha, que era... quando eu me casei, em setenta e três, eu num tinha um canto pra morar, fui ser morador, fui morar mais o sogro, e aí depois fui morar num terreno arrendado, passei seis anos nesse terreno arrendado, graças à Deus desse terreno arrendado quando eu saí foi pra debaixo duma casinha minha mesmo, primeira que eu construí, e daí pra cá graças à Deus não precisou mais de ser morador de ninguém e vem só crescendo, né? Aí sempre como na vida da gente nunca no mundo... tá tudo bom, porque também a gente num pode dizer 'não, a minha vida tá toda boa!' Não, por mais que eu possa ter as coisas sempre falta uma coisa, né? E eu tô muito feliz mas sempre eu tenho uma preocupação, porque na época que eu comprei esse terreno, eu comprei muito vexado porque nós tinha que sair de lá que tava sendo desapropriado, e tinha um prazo determinado pra gente entregar, né? Porque já tava começando as obras e num tinha como ficar ninguém lá, tinha que sair. E aí eu quando foi pra mim comprar isso aqui foi um negócio assim muito aferventado, muito corrido, porque é aquele negócio, 'vamos olhar acolá!' 'não num gostei.' 'não, acolá é bom mas é assim.' E aí o que veio que eu gostei foi esse. E eu comprei, paguei logo, né, me avexei, paguei logo, o principal que era o documento eu num corri logo, conversei com o homem que me vendeu e ele disse que o documento num era no nome dele, tava no nome duma pessoa, mas que todo tempo que eu quisesse passar pro meu nome era aceito, e aí eu disse 'Doutor, mas eu quero lhe pagar, como é que eu faço?' Aí ele disse 'Não, sobre o pagamento, eu garanto o pagamento, eu faço um documento garantindo o pagamento.' Aí ele fez um documento garantindo o pagamento, eu vim exatamente construir a casa, passei 2011, 2002 mais ou menos organizando o terreno quando foi em 2003 eu fui pra passar a escritura. Aí ele foi e mandou disse que eu fosse no rapaz anterior que tinha sido o dono do terreno, que a escritura tava com ele, e já passava direto do nome do rapaz pra mim, eu fui, quando cheguei aí disse 'não tem escritura.' Aí eu 'e agora, rapaz, como é que é feito/' Aí ele disse 'não lá tem que ser feito pedido de usucapião.' E aí eu voltei pro doutro e disse 'Doutor lá não tem escritura.' 'Né possível, rapaz.' 'Tem não. Tem que ser feito pedido de usucapião.' 'O que é que precisa?' 'Precisa de dinheiro, advogado...' 'Aí o doutor me deu o advogado, o advogado pegou os dados tudinho, então eu tô na justiça de 2003, agosto de 2003, e até hoje eu tô esperando essa decisão, e eles num me dão decisão de nada, pronto, e aí eu venho sofrendo muito porque através do terreno eu vou procurar fazer um investimento no banco, o banco exige avalista. Aí avalista hoje é muito difícil porque quase todo mundo hoje é pendente, né? Aí fica aquela burocracia. E se eu tivesse pegado o meu documento eu fazia, num precisava de eu tá ocupando ninguém eu mesmo me responsabilizava, e aí o que eu venho sentindo mais é só isso. Porque hoje tá com sete anos e eles ficam prometendo, prometendo e num dão essa decisão nem decide."

## TRECHO DO QUADRO-SÍNTESE DOS DADOS

	CENTRO					VILA DO JUSTINO			CIPÓ			VILA DAS FLORES			
	F027	F111	F006	F028	F107	F125	F081	F082	F056	F047	F093	F036	F008	F042	F010
<b>Etapas da construção</b>															
Aquisição do terreno	1				2										
Alojamento da família	2														
Limpeza do terreno					3										1
Contratação de mão de obra	3	2	2	1	4	1			3	2					7
Compra / Coleta de material	4	1	1	3	1	2	1	1	1	1		1	1	1	3
Produção de componentes							2	2	2						
Escavação do alicerce				2					1			2	1	2	2
Alicerce	5	3	3	4	5	3	3	3	4					3	4
Estrutura	6	4	4	5	6	4	4	4	5			3	3	4	5
Vedação	6	4	4	5	6	4	4	4	5	3		5	5	4	5
Coberta	7	5	5	6	7	5	5	5	6			4	4	5	6
Instalações	8	6		7	8	6	6	6	7			7	6	6	8
Acabamento	9	7		8	9		7	7	8	4		6		5	
<b>Tempo da construção</b>															
Dois dias									1						
Duas semanas						1									
Um Mês	1														
Dois meses										1		1	1	1	
Três meses							1								
Cinco meses		1		1			1		1						
Oito Meses					1										
Um ano												1			
Em processo			1												
<b>TIPOLOGIA CONSTRUTIVA</b>															
<b>Sistema Construtivo</b>															
<b>Tipo</b>															
Alvenaria estrutural de tijolo furado	1		1	1	1	1				1			1	1	
Alvenaria estrutural de tijolo comum		1								1					
Alvenaria estrutural de tijolo cru							1	1	1						
Taipa												1	1		
<b>Motivo de escolha</b>															
É mais prático	1			1											
É melhor		1													
Preconceito da família com taipa					1										
Conforto							1		1				1		
É o que sabia construir							1	1				1			
É mais fácil								1	1			1	1		
É segura												1	1		
<b>Sub-Sistemas</b>															
Fundação de pedra / baldrame de pedra							1								
Fundação de pedra / baldrame de tijolo furado			1	1	1	1	1			1				1	1
Fundação de pedra / baldrame de tijolo comum	1	1						1	1						
Fundação de estaca de madeira												1	1		
Coberta de telha cerâmica	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Laje de forro de cimento e ferro		1													

MODO DE FAZER

Formatado conforme NBR-14724/2011 (ABNT).

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial do corpo da dissertação, por qualquer meio, seja convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Fortaleza, 23 de Agosto de 2011.

Ana Paula Sales Camurça Pinheiro  
arquiteturasocial@gmail.com